dispõe sôbre a criação da Casa «Vital Brasil».

1.ª discussão do Projeto n. 1.365|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Raul Soares.

1.ª discussão do Projeto n. 1.366|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual modifica o Estatuto do Instituto de Previdencia dos Servidores do Estado de Minas Gerais.

1.ª discussão do Projeto n. 1.368|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Cataguases.

1.ª discussão do Projeto n. 1.369|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Campo Belo.

1.ª discussão do Projeto n. 1.369|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Campo Belo.

1.ª discussão do Projeto n. 1.377|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Manhumirim.

1.ª discussão do Projeto n. 1.378|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Leopoldina.

1.ª discussão do Projeto n. 1.379|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Dôres do Indaiá.

1.ª discussão do Projeto n. 1.380|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Curvelo.

1.ª discussão do Projeto n. 1.381|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Diamantina.

1.ª discussão do Projeto n. 1.386|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Visconde do Rio Branco.

1.ª discussão do Projeto n. 1.415|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Carmo do Cajuru.

1.ª discussão do Projeto n. 1.518|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria um Conservatório Estadual de Musica em Ituiutaba.

1.ª discussão do Projeto n. 1.536|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Várzea da Palma, com a denominação de «Joseph Heln».

1.ª discussão do Projeto n. 1.606|65, do Sr. Wilson Alvarenga, o qual cria a Cidade Industrial do Município de Rio Piracicaba.

1.ª discussão do Projeto n. 1.607|65, do Sr. Wilson Alvarenga, o qual cria a Cidade Industrial do Município de Mesquita — distrito de Santana do Paraíso, próximo da USIMINAS.

2.ª discussão do Projeto n. 1.189|64, do Sr. Mário Hugo Ladeira, o qual acrescenta parágrafo ao Artigo 156 da Lei n. 869, de 5 de julho de 1952.

2.ª discussão do Projeto n. 1.260|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria Ginásio Estadual na cidade de Salinas.

— Levanta-se a Reunião.

422.ª Reunião Ordinária da Assembléia Legislativa, aos 10 de junho de 1965

PRESIDENCIA DOS SRS. JORGE VARGAS, CLAUDIO PINHEIRO LIMA E WILSON CHAVES

SUMÁRIO: Comparecimento — Ata — Expediente: Ofícios ns. 752 e 753 e s.n. — Leitura e Apresentação de Proposições — Pareceres: Para 2ª discussão dos Projetos ns. 1.191, 1.313 e 1.319; para 3ª discussão dos Projetos ns. 1.243 e 1.246 — Projetos ns. 1.637, do sr. João Navarro e 1.638 a 1.644, do sr. Hilo Andrade — Requerimentos n. 948 e s.n., do sr. Spártaco Pompeu — Discurso e Requerimento s.n., do sr. Manoel Costa — Requerimento s.n. do sr. Wilson de Paiva — Indicações n. 884, do sr. Altair Chagas e ds ns. 885 a 887 do sr. Spártaco Pompeu — Discurso e Indicação n. 888, do sr. Wilson Alvarenga — Indicações de ns. 889 a 893, do sr. Hilo Andrade — Comunicações dos srs. Hilo Andrade, Wilson de Paiva (2), José Maria Magalhães, João Navarro e Dalton Canabrava — Discursos dos srs. Nicanor Armando, Valdomiro Lôbo, Feliciano Oliveira e Hilo Andrade — Discussão e votação de Proposições — Comunicações dos srs. Hilo Andrade, Wilson de Paiva, José Maria Magalhães e João Navarro — Projetos de Resolução ns. 1.634 e 1.635 — Requerimento s.n. dos srs. Wilson de Paiva e Spártaco Pompeu — Discurso do sr. Spártaco Pompeu (Requerimento s.n.) — Requerimento s.n. do sr. Manoel Costa — Discursos dos srs. Ibrahim Abi-Ackel, Carlos Eloy, Paulino Cicero e Feliciano Oliveira — Substitutivo do sr. Gerardo Grossi, a Requerimento do sr. Manoel Costa — Discursos dos srs. Manoel Costa e Jairo Magalhães — Questão de Ordem — Rejeição do Substitutivo — Verificação — Aprovação do Substitutivo — Questões de Ordem — 2ª Verificação — Falta de «quorum» — Chamada — 2ª Parte da Ordem do Dia — Requerimentos (inversões da pauta) dos srs. Mário Hugo Ladeira, Wilson Alvarenga, Leão Borges e Jairo Magalhães, respectivamente — Votação em 2ª discussão, do Projeto n. 1.241 — Requerimento de adiamento da votação, do sr. Hélio Garcia — Prosesguimento da 1ª discussão do Projeto n. 1.352 — Discursos dos srs. Hélio Garcia e Delson Scarano — Aprovação — Verificação — Falta de «quorum» para votação — Questões de Ordem — Chamada — 1ª discussão do Projeto n. 1.576 — Discurso do sr. Pinto Coelho — Encerramento — Ordem do Dia.

COMPARECIMENTO

— A's 14,13 horas, comparecem os Senhores:

Jorge Vargas — Cláudio Pinheiro Lima — Agostinho Campos Neto — João Navarro — Wilson de Paiva — Wilson Chaves — Anuar Fares — Altair Chagas — Alvimar Mourão — Antonino Fonseca — Artur Fagundes — Ataliba Mendes — Athos Vieira de Andrade — Augusto Zenun — Bonifácio de Andrada — Carlos Eloi — Carlos Megale — Cicero Dumont — Delson Scarano — Domingos Jório — Euclides Cintra — Expedito Tavares — Feliciano Oliveira — Florivaldo Dias — Geraldo Quintão — Gerardo Grossi — Gilberto Almeida — Hélio Garcia — Hermelindo Paixão — Hilo Andrade — Hugo Aguiar — Hugo Castelo Branco — Ibrahim Abi-Ackel — Jairo Magalhães — João Bello — João Luiz de Carvalho — Joaquim de Melo Freire — José Maria Magalhães — Ladislau Salez — Leão Borges — Lélis Chaves — Lourival Brasil — Manoel Costa — Maria Pena — Mário Hugo Ladeira — Marta Nair Monteiro — Martins Silveira — Maurilio Cambraia — Nicanor Armando — Nunes Coelho — Otelino Sol — Paulino Cicero — Pinto Coelho — Raimundo Albergaria — Said Arges — Salim Nacur — Sebastião Nascimento — Sette de Barros — Sinval Boaventura — Sousa e Silva — Spártaco Pompeu — Ulisses Escobar — Valdir Morato — Valdomiro Lobo — Walthon Goulart — Wilson Alvarenga — Wilson Modesto.

— Com a presença de 69 Srs. Deputados, o sr. Presidente declara aberta a Reunião.

ATA

O SR. ANUAR FARES (4º Secretário, nas funções de 2º) — Procede á leitura da Ata da Reunião anterior, a qual, sem observações, é aprovada.

ENCERRAMENTO

O SR. PRESIDENTE (Wilson Chaves) — Esgotada a hora destinada á presente Reunião, a Mesa declara-a nária, para amanhã, ás 14 horas, com a seguinte Ordem do dia: (Lê)

ORDEM DO DIA — 11|6|65

1ª Parte

Das 14 ás 15 horas:

Leitura e aprovação da Ata.

Expediente, inclusive leitura e apresentação de pareceres, projetos, comunicações, requerimentos e indicações.

Das 15 ás 16 horas:

Discussão e votação de pareceres, requerimentos, comunicações e indicações.

Discussão e votação de redações finais.

2ª Parte

Das 16 ás 18 horas:

Votação, em 1ª discussão, do Projeto n. 1.352|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Andradas.

Prosseguimento da 1ª discussão do Projeto n. 1.576|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Pirauba.

1ª discussão do Projeto n. 1.607|65, do sr. Wilson Alvarenga, o qual cria a Cidade Industrial do município de Mesquita — distrito de Santana do Paraíso, próximo á USIMINAS.

2ª discussão do Projeto n. 1.261|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Sêrro.

1ª discussão do Projeto n. 1.354|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria Ginásio Estadual na cidade de São Sebastião do Paraíso.

1ª discussão do Projeto n. 1.357|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria Ginásio Estadual na cidade de Joaíma.

1ª discussão do Projeto n. 1.359|65, do sr. Governador do Estado, o qual eleva a subvenção anual concedida á Academia Mineira de Letras.

1ª discussão do Projeto n. 1.367|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Barbacena.

1ª discussão do Projeto n. 1.372|65, do sr. Governador do Estado, o qual concede pensão vitalicia á ex-professôra d. Virginia de Figueiredo Niza.

1ª discussão do Projeto n. 1.383|65, do sr. Hilo Andrade, o qual autoriza o Poder Executivo a asfaltar a ligação rodoviária Sabará—Caeté, MG-25.

1ª discussão do Projeto n. 1.400|65 (Resolução), da Comissão de Justiça, o qual aprova convênio celebrado eitre o Estado de Minas Gerais, o Instituto de Açucar e do Alcool, a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais e entidades de classe de usineiros e fornecedores de cana.

1ª discusão do Projeto n. 1.419|65, do sr. Governador do Estado, o qual altera o valorda pensão mensal vitalicia concedida ao Pro. Nicolas Marie Donnard.

65, do sr. Lourival Brasil, o qual cria a Cidade Industrial de Monte Carmelo.

1ª discussão do Projeto n. 1.474|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Abaeté.

1ª discussão do Projeto n. 1.450|65, da sra. Marta Nair Monteiro, o qual altera a Lei n. 3.214, de 16 de outubro de 1964.

1ª discussão do Projeto n. 1.454|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Serra do Salitre.

1ª discussão do Projeto n. 1.455|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria um Colégio Estadual na cidade de Luz.

1ª discussão do Projeto n. 1.459|65, do sr. Governador do Estado, o qual autoriza a elevação do capital do Banco do Desenvolvimento de Minas Gerais.

1ª discusão do Projeto n. 1.466|65, do sr. Hilo Andrade, o qual modifica a Lei n. 3.345, de 19 de janeiro de 1965.

1ª discussão do Projeto n. 1.479|65, do sr. Maurilio Cambraia, o qual cria a Cidade Industrial de Campo Belo.

1ª discussão do Projeto n. 1.483|65, do sr. Hilo Andrade, o qual autoriza o Govêrno do Estado a criar, nesta Capital, um Asilo de Amparo á Velhice.

1ª discussão do Projeto n. 1.485|65, do sr. Hilo Andrade, o qual autoriza a criação de pavilhões para tuberculosos nas cidades que enumera.

1ª discussão do Projeto n. 1.487|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria a Cidade Industrial de Raul Soares.

1ª discussão do Projeto n. 1.494|65, do sr. Bonifácio de Andrada, o qual autoriza o Govêrno do Estado a pôr servidores á disposição de entidades de Direito Publico.

1ª discussão do Projeto n. 1.495|65, do sr. Murilo Badaró, o qual concede pensão mensal equivalente ao salário minimo vigente em Belo Horizonte, á sra. Maria de Jesus Costa.

1ª discussão do Projeto n. 1.505|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual concede ao General Dióscolo Gonçalves Vale o titulo de «Cidadão Honorário» do Estado de Minas Gerais.

1ª discussão do Projeto n. 1.510|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Perdigão.

1ª discussão do Projeto n. 1.517|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria o Colégio Normal Oficial anexo ao Colégio Estadual de Cataguases.

1ª discussão do Projeto n. 1.528|65, do Sr. Bonifácio de Andrade, o qual autoriza o Executivo a criar Curso de Altos Estudos — CDAE.

1ª discussão do Projeto n. 1.531|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Papagaio.

1ª discussão do Projeto n. 1.540|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria o curso secundário de 2º ciclo no Ginásio Estadual «João XXIII» de Itajubá.

1ª discussão do Projeto n. 1.549|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria Ginásio Estadual na cidade de Montalvania.

1ª discussão do Projeto n. 1.552|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria um Colégio Estadual na cidade de Presidente Soares.

1ª discussão do Projeto n. 1.533|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria Ginásio Estadual na cidade de Rubim.

1ª discussão do Projeto n. 1.554|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria Ginásio Estadual na cidade de Medina.

1ª discussão do Projeto n. 1.555|65, do Sr. Governador do Estado, o qual institui a Universidade do Trabalho de Minas Gerais e dá outras providências.

2ª discussão do Projeto n. 800|64, do Sr. Leão Borges, o qual reconhece de utilidade publica o Asilo Pio XII da cidade de Frutal.

2ª discussão do Projeto n. 801|64, do Sr. Jorge Ferraz, o qual modifica o art. 111, da Lei n. 869, de 5 de julho de 1952.

2ª discussão do Projeto n. 1.070|64, do Sr. Euclides Cintra, o qual cria o 3º subdistrito de Delfim Moreira.

2ª discussão do Projeto n. 1.075|64, do Sr. Jorge Ferraz, o qual declara de utilidade publica a "Escola de Tradutores e Intérpretes de Minas Gerais».

2ª discussão do Projeto n. 1.136|64, do Sr. Florivaldo Dias, o qual concede pensão especial e vitalicia ao cidadão José Alves Paixão.

2ª discussão do Projeto n. 1.148|64, do Sr. Mário Hugo Ladeira, o qual consigna verba anual, no orçamento do Estado, em nome da Faculdade de Ciências Medicas de Minas Gerais.

2ª discussão do Projeto n. 1.152|64, do Sr. Governador do Estado, o qual cria uma Escola de Auxiliar de Enfermagem na cidade de Araguari.

2ª discussão do Projeto n. 1.204|64, do Sr. Manoel Costa, o qual concede pensão á viuva do Coronel Antônio Augusto de Oliveira.

2ª discussão do Projeto n. 1.239|64, do Sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Iturama.

2ª discussão do Projeto n. 1.239|64, do Sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Iturama.

2ª discussão do Projeto n. 1.244|64, do Sr. Governador do Estado, o qual abre ao Poder Judiciário o credito especial de Cr$ 142.240,40.

2ª discussão do Projeto n. 1.248|65, do Sr. Governador do Estado, o qual abre ao Poder Judiciário o credito especial de Cr$ 100.032,00.

2ª discussão do Projeto n. 1.251|65, do Sr. Governador do Estado, o qual abre á Secretaria de Estado da Saude o credito especial de Cr$ 141.383,10.

2ª discussão do Projeto n. 1.252|65, do Sr. Governador do Estado, o qual abre á Policia Militar o credito especial de Cr$ 73.585,00.

2ª discussão do Projeto n. 1.257|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria Ginásio Estadual na cidade de Jacinto.

2ª discussão do Projeto n. 1.276|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Presidente Olegário.

2ª discussão do Projeto n. 1.286|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria um Colégio Normal anexo ao Colégio Comercial Estadual de Sete Lagoas.

2ª discussão do Projeto n. 1.294|65 (resolução), da Comissão de Justiça, o qual retifica o aval concedido pelo Govêrno do Estado á Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

2ª discussão do Projeto n. 1.295|65, do Sr. Jehovah Santos, o qual declara de utilidade publica a Instituição Cristã de Assistência Social de Araguari — ICASA.

2ª discussão do Projeto n. 1.305|65, do Sr. Altair Chagas, o qual dá a denominação de «Alberto Azevedo» ao Colégio Normal Oficial de Inhapim.

2ª discussão do Projeto n. 1.311|65, do Sr. Hilo Andrade, o qual concede pensão especial e vitalicia a d. Maria do Carmo Tôrres.

2ª discussão do Projeto n. 1.328|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Tiros.

2ª discussão do Projeto n. 1.330|65, do Sr. Governador do Estado, o qual cria Colégio Normal Oficial anexo ao Colégio Estadual de Caratinga.

3ª discussão do Projeto n. 795|64, do Sr. Sinval Boaventura, o qual divide em dois subdistritos o Distrito de Muriaé, município do mesmo nome.

3ª discussão do Projeto n. 1.034|64, do Sr. Murilo Badaró, o qual declara de utilidade publica a Santa Casa de Caridade, com sede na cidade de Diamantina.

3.ª discussão do Projeto n. 1.168|64, do sr. Governador do Estado, o qual cria Ginásio Estadual na cidade de Boa Esperança, com a denominação de Presidente Kennedy.

3.ª discussão do Projeto n. 1.245|64, do sr. Governador do Estado, o qual abre ao Poder Judiciário o crédito especial de Cr$ 116.956,20.

3.ª discussão do Projeto n. 1.299|65, do sr. Governador do Estado, o qual autoriza a aquisição dos imóveis que menciona.

3.ª discusão do Projeto n. 1.304|65, do sr. Jarbas Medeiros, o qual dispõe sobre a criação da Casa Vital Brasil.

1.ª discussão do Projeto n. 1.365|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Raul Soares.

1.ª discussão do Projeto n. 1.366|65, do sr. Hilo Andrade, o qual modifica o Estatuto do Instituto de Previdencia dos Servidores do Estado de Minas Gerais.

1.ª discusão do Projeto n. 1.368|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letrasc em Cataguases.

1.ª discussão do Projeto n. 1.369|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras e Campo Belo.

1.ª discussão do Projeto n. 1.377|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras, em Manhumirim.

1.ª discussão do Projeto n. 1.378|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Leopoldina.

1.ª discussão do Projeto n. 1.379|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Dores do Indaí.

1.ª discussão do Projeto n. 1.380|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Curvelo.

1.ª discusão do Projeto n. 1.381|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Diamantina.

1.ª discussão do Projeto n. 1.386|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Visconde do Rio Branco.

1.ª discussão do Proáeto n. 1.415|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Carmo do Cajuru.

1.ª discussão do Projeto n. 1.518|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria um Conservatório Estadual de Musica em Ituiutaba.

1.ª discussão do Projeto n. 1.536|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Várzea da Palma, com a denominação de Joseph Hein.

2.ª discussão do Projeto n. 1.189|64, do sr. Mario Hugo Ladeira, o qual acrescenta parágrafo ao Artigo 156 da Lei n. 869, de 5 de julho de 1952.

2.ª discussão do Projeto n. 1.260|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria Ginásio Estadual na cidade de Salinas.

1.ª discussão do Projeto n. 1.387|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Mariana.

1.ª discussão do Projeto n. 1.388|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Ubá.

1.ª discussão do Projeto n. 1.389|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Sete Lagoas.

1.ª discussão do Projeto n. 1.390|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Ouro Preto.

1.ª discussão do Projeto n. 1.391|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras, em Três Corações.

1.ª discussão do Projeto n. 1.392|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Pouso Alegre.

1.ª discussão do Projeto n. 1.395|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Pará de Minas.

1.ª discussão do Projeto n. 1.396|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Araxá.

1.ª discussão do Projeto n. 1.397|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em São João del Rei.

1.ª discussão do Projeto n. 1.398|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras em Santos Dumont.

1.ª discussão do Projeto n. 1.401|65, do sr. Hilo Andrade, o qual dá nova denominação á Fundação Universitária da Mantiqueira, sediada em Barbacena.

1.ª discussão do Projeto n. 1.402|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras, em Teófilo Otoni.

1.ª discussão do Projeto n. 1.403|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras, em Machado.

1.ª discussão do Projeto n. 1.404|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras, em Itauna.

1.ª discussão do Projeto n. 1.405|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras, em Coronel Fabriciano.

1.ª discussão do Projeto n. 1.406|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras, em Patrocinio.

1.ª discussão do Projeto n. 1.407|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras, em Ouro Fino.

1.ª discussão do Projeto n. 1.420|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Pará de Minas.

1.ª discussão do Projeto n. 1.421|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Visconde do Rio Branco.

1.ª discussão do Projeto n. 1.422|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Cel. Fabriciano.

1.ª discussão do Projeto n. 1.424|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Campo Belo.

1.ª discussão do Projeto n. 1.425|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria as Faculdades de Ciencias Médicas, de Ciencias Econômicas, de Filosofia, Ciencias e Letras e uma Escola de Enfermagem em Alfenas.

1.ª discussão do Projeto n. 1.426|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Itauna.

1.ª discussão do Projeto n. 1.427|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Manhumirim.

1.ª discussão do Projeto n. 1.435|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Guaxupé.

1.ª csidssu

1.ª discussão do Projeto n. 1.436|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Machado.

1.ª discussão do Projeto n. 1.437|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Patrocinio.

1.ª discussão do Projeto n. 1.438|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em São João del Rei.

1.ª discussão do Projeto n. 1.439|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Araxá.

1.ª discussão do Projeto n. 1.440|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Ouro Fino.

1.ª discussão do Projeto n. 1.441|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia em Cataguases.

1.ª discussão do Projeto n. 1.442|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Curvelo.

1.ª discussão do Projeto n. 1.443|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Barbacena.

1.ª discussão do Projeto n. 1.444|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Diamantina.

1.ª discussão do Projeto n. 1.445|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Leopoldina.

1.ª discussão do Projeto n. 1.446|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Ouro Preto.

1.ª discussão do Projeto n. 1.464|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras, em Carangola.

1.ª discusão do Projeto n. 1.465|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Sete Lagoas.

1.ª discussão do Projeto n. 1.469|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Ubá.

1.ª discussão do Projeto n. 1.470|65, do sr. Hilo Andrade, o qual cria uma Escola de Enfermagem em Três Corações.

1.ª discussão do Projeto n. 1.515|65, do sr. Governador do Estado, o qual cria um Ginásio Estadual na cidade de Candeias.

1.ª discussão do Projeto n. 1.556|65, do sr. Governador d m m 65, do sr. Antonino Fonseca, o qual cria a Cidade Industrial de Nova Lima.

2.ª discussão do Projeto n. 1.285|65, do sr. Florivaldo Dias, o qual dispõe sôbre auxilio financeiro á municipalidade de Almorés.

2.ª discussão do Projeto n. 1.324|65, do sr. Reni Rabelo, o qual estabelece em favor dos Ex-Combatentes inválidos a gratuidade nas casas de diversão e nos transportes coletivos.

— Levanta-se a Reunião.

417.ª REUNIÃO ORDINARIA

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. HILO ANDRADE NA 417ª REUNIÃO ORDINARIA, REALIZADA EM 3|6|65

O SR HILO ANDRADE — Sr. Presidente, srs. Deputados.

Queremos prestar, hoje, desta Tribuna, uma homenagem á próspera cidade de Ituiutaba, nos confins do Triangulo Mineiro, terra de gente ordeira e trabalhadora, em franca e inexorável arrancada para o progresso, mercê principalmente do dinamismo e da larga visão de seu povo.

Ituiutaba, de uma passado histórico dignificante e exemplar, recebeu especial incremento e vigoroso impulso desenvolvimentista, graças á marcha para o Oeste, obra pioneira que foi um dos marcos de grandeza e da evolução nacional. Pais imenso o Brasil, mas sempre prêso ao litoral, a grande aspiração de seus governantes, no atendimento dos anseios do povo, era a obra bandeirante do desbravamento, levando o progresso, a cultura, a civilização, enfim, ao vasto e esquecido centro-oeste.

E, por sua situação geográfica, Ituiutaba é uma das cidades beneficiadas pela ação desbravadora do Oeste. Só mesmo quem anda por aquelas paragens dia a dia pode avaliar como se transforma a promissora cidade triangulina, situada no vale do rio Paranaiba, bacia do rio da Prata. Seu solo é fértil, agricultura e pecuária altamente desenvolvidas, industrialização ascendente.

Este ano, comemora-se o cinquentenário da criação do têrmo de Ituiutaba (antiga Vila Platina), então pertencendo a comarca do Prata, esta constituido de dois têrmos: Prata e Ituiutaba, conforme preceituava a Lei n. 638, de 18 de setembro de 1915.

Oportuno, pois, que se registrem nos Anais desta Casa alguns dados sôbre a vida e a atividade do povo tijucano, bem como um levantamento de sua história. A propósito, a Revista Acaiaca, desta Capital, numa primorosa edição de 1953, dedicou ao município de Ituiutaba um numero especial, apresentado com a seguinte «Nota Preliminar:

Após árdua tarefa de elaboração, temos o prazer de entregar aos nossos leitores o numero especial da Revista Acaiaca, dedicada ao Município de Ituiutaba, próspero rincão do pontal do triangulo mineiro.

Nêle, registramos com fidelidade, numa sintese recapitulativa que abrange dos seus primórdios aos dias atuais, dados tão completos quanto possiveis, até então jamais reunidos, que dizem alto e bom som da riqueza e prosperidade daquela futurosa região.

As falhas e senões porventura existentes, e até mesmo inevitáveis em trabalhos desta natureza, hão de merecer, por certo, a benevolência de todos, pois não poucas foram as dificuldades com que deparamos para organizar a presente edição.

Velhos amigos e admiradores daquela dadivosa terra e de sua boa gente, fica, pois, nesta síntese monográfica, a nossa homenagem sincera a um dos mais férteis recantos do solo de Minas.

Cabe-nos, por ultimo, deixar aqui consignados os nossos melhores agradecimentos a quantos, por qualquer modo, prestigiaram, cooperaram e contribuiram para a realização dêste trabalho, cujo escôpo principal é focalizar a grandeza do município de Ituiutaba e enaltecer a operosidade da gente tijucana.

— 1963 —

Colaboraram na edição referida personalidades as mais ilustres da vida de Ituiutaba, com valiósos artigos abrangendo os variados aspectos daquela comunidade, como se pode aferir do sumário da obra, que é o seguinte:

Ituiutaba: A Terra e o Homem — Dr. Camilo Chaves.

Galeria dos Agentes Executivos e Prefeitos de Ituiutaba — Serrano Augusto.

História Judiciária de Ituiutaba — Dr. Erotides Diniz, então Juiz de Direito e hoje Juiz Presidente do Tribunal de Alçada de Minas Gerais.

Evolução Agrária do Município de Ituiutaba — Dr. Petrônio Rodrigues Chaves.

Reminiscências de Ituiutaba — Desembargador Newton Ribeiro da Luz;

Aspectos Médico-Sociais da Clinica em Ituiutaba — Dr. José Zóccoli de Andrade;

A Paróquia de São José — Padre João Avi;

Cônego Angelo Tardio Bruno — Dr. Hélio Benicio de Paiva;

O Grave Problema da Erosão — Dr. Faribaldi de Oliveira Diniz;

A Economia de Ituiutaba nos seus Diversos Aspectos — Dr. Hélio Chaves;

Ituiutaba — Neyde Moreira;

A Colônia Sirio-Libanesa em Ituiutaba — Humberto Teodoro Gomes;

Um Pioneiro da Industria Ituiutabana

Mário Natal Guimarães;

Aciapi em Marcha — Manoel Agostinho;

Ituiutaba Clube;
Guarujá — Tamara Lira;
O Aero-Clube de Ituiutaba — Pedro da Fonseca e Silva;
A Colônia Italiana em Ituiutaba — João Petraglia;
Caminhos e Estradas do Triangulo — Dr. Nicodemus de Macedo;
Ginásio São José;
Colégio Santa Teresa;
Palavras aos Meus Filhos — Cicero de Freitas Barros;
Vida Pitoresca de Ituiutaba — Italo Terêncio José Gentil;
Emprêsa Luz e Fôrça Ituiutabana — Ercilio Domingues da Silva;
Jornais e Jornalistas de Ituiutaba S.A.;
Ituiutaba: Cidade do Futuro — Dr. Ariovaldo Alves de Figueiredo;
Versos a Ituiutaba — Gutenberg Rôlo;
Fôlha de Ituiutaba;
Cantemos Ituiutaba — Maria Elias Esperidião;
Panorama Atual da Odontologia em Ituiutaba — Dr. Ithamar de Carvalho;
Vida Contemporanea — Tamara Lira;
União Estudantil de Ituiutaba — Cicero Gomes da Silva;
Momentos de Angustia — Cicero de Freitas Barros;
Vida Radiofônica de Ituiutaba — José Maria Costa;
O Homem que a Ventura Esqueceu — Arthur Barros;
O Futebol em Ituiutaba — Geraldo Séptimo Moreira;
Dados Estatisticos de Ituiutaba;
Evolução Histórica de Ituiutaba (1810|1902) — Dr. Edelweiss Teixeira.

São os seguintes os artigos publicados na mencionada edição histórica da Revista Acalaca, que passamos a ler para que constem dos Anais:

«ITUIUTABA: A TERRA E O HOMEM

Camilo Chaves

Ao rever o céu amigo, cujo sol fecundo me tisnou a epiderme, ao contemplar as paragens que me gravaram na memória deleitosas recordações de um pretérito que lentamente se afasta, sinto na imaginação a miragem ampla do que foi, do que é, do que será esta predestinada terra de Ituiutaba.

Primeiramente, a visagem da região inospita, frequentada por hordas nômades, mal iniciadas no itinerário da civilização. Campos verdejantes, desertos de ruminantes; mataria intacta á ação do trabalho; raros nucleos de construções efêmeras e toscas, dispostas em arruamento desigual, no seu rudimentarismo.

Assim, encontraram a região os primeiros colonos, há pouco mais de um século. Chegaram êles aos magotes apossear terras. Joaquim Antônio de Morais surgiu com a sua gente. José da Silva Ramos veio acompanhado de peões. O primeiro aranchou á margem do ribeirão São Lourenço, este ultimo acampou no córrego Campo Alegre. E muitos outros adventicios aportaram á terra.

E o gentio declarou guerra aos posseiros. Houve luta, armaram-se tocaias, irromperam inopinados assaltos com morticinios. Concentraram-se os colonos para a defesa, que o agressôr não dava quartel. Construiram ranchos ao longo do Córrego Sujo, sob a orientação dos dois citados posseiros. Dali iradiou-se a contra-ofensiva, que havia de afastar os incômodos calapos. Foram incendiados os aldeiamentos mais próximos, o da Aldeã Velha, no Salto da Prata e o do Salto do Gambá, no rio Tijuco, o da queda, hoje conhecida por Salto dos Morais.

O espirito comunitário estava lançado e aquele arraial, improvisado, assumiu caráter definitivo.

Os dois confrontantes das fazendas São Lourenço e Carmo, em cumprimento á promessa, no momento de aflição e de guerra, delimitaram a área do patrimônio de uma capela construida sob invocação de São José.

São José do Tijuco...

Pobre era a igrejinha, como a rancharia de capim ao longo do rêgo dágua, derivado da vertente próxima. Não se onerava de tôrres, nem ostentava artisticas colunas, mas, sob o teto de capim, acolhia as preces dos tribulados e lhes vazava nos corações o confôrto do céu.

Duro era o noviciado do sertão e na vagabundagem dos vaqueiros ou na rotina encarvoada das colvaras, temperou-se a fibra dos primeiros povoadores.

Degredados, por renuncia própria, no coração deserto do Continente, comprimidos e asesdiados nesse ambito estreito de uma natureza bravia, chumbados no seu isolamento, cumpriá-lhes, unicamente a tarefa ingente de debelar a terra. Esta se afeiçoava gradativamente ás caricias do trabalho e os homens de amoldavam á doçura do panorama, retribuindo á dádiva ubertosa das colheitas com o devotamento construtivo dos entusiastas.

As primeiras entradas movidas, especialmente por lances de aventura, se compunham de elementos masculinos, que iam buscar nas malocas dos calapós as companheiras, de cujo conubio ilicito ou natural originou-se larga mestiçagem, a caracterizar o tipo técnico dêste e de outros trechos do território da Calapônia.

Os posseiros e compradores de terras, geralmente mais abastados, ao deixarem os centros populosos de São Paulo ou de Minas, conduziam consigo as suas familias, de raça semipura.

Mas o lastro sanguineo do povo sertanejo se baseia no indigena mestiçado com o branco e, frequentemente, tisnado com a infusão de sangue africano da escravatura das fazendas. Este o processo inelutável da formação do povo brasileiro.

Ee grande era a excelência convidativa da terra, muito de animo e de espirito aventuroso era mistér para a emprêsa do povoamento.

O meio geográfico era excessivo na vracidade destruidora do elemento humano. Dai uma importante elaboração antropo-geográfica a aprimorar qualidades de caráter, a plasmar as linhas esculturais dos fortes.

Há leis imanentes que modelam os corpos, desde a cristalização dos elementosgasosos, até a estruturação das plantas, dos continentes, dos mundos... Há mágicos laboratórios ao pé de cada tronco, a produzirem anilinas e essências para as flores e os frutos. O mesmo se dá na diferenciação das espécies. Outras leis, que não a forma substancial, de diversa complexidade, ditam a formação moral do homem. Leis de natureza externa, a atuar sôbre a sensibilidade, na luta permanente com o meio geográfico, com o ambiente psicológico. O indio em sua vida de constante solércia contra a hostilidade do meio e dos elementos, apura os sentidos, assim como o jovem, que se devota ao estudo, aprimora a sensibilidade do espirito.

Leis semelhantes regem as comunidades e as próprias nações ou raças. Atente-se á diferencia do tipo humano dos diversos povos. Conhecido é o caracteristico contenho ou a semelhança fisica dos habitantes convales das cordilheiras. Os filhos dos diversos estados brasileiros, a despeito das linhas largas da unificação, têm particularidades que os diversificam. Um cearense não se confunde com um gaucho; um mineiro é antitese de um paulista. Note-se que o mineiro, no a mineração do ouro, ao passo que o paulista atual é o mineiro, que, fufundo, é umpaulista emigrado para gindo á ruina das lavras, se envaidece com a selva da terra massapé e com a opulência das searas da abundancia.

O homem da serra se restringe ao vale, devido á locomoção dificil nos aclives. O seu horizonte é barrado pela penedia e o seu céu velado pelos nevoeiros.

E' triste e egoista, ao passo que o habitante da planicie é como um centauro. Desabala-se em correrias, como a querer tocar o fim das lindes horizontinas, onde a terra circular se cose ao séuinfinito . Tem a visão do sem fim, mas sente no coração o indômito entusiasmo das conquistas e da onipotência.

O ituiutabano é um fascinado pela sua paisagem. Originalissimas linhas particularizam o panorama grandioso da terra. Voltado para o poente, na incontida vocação de marchar nos caminhos apontados pela luz do sol, êle tem diante de si uma visão grandiloquente. Vasta miragem se lhe descerra na retina, á guisa de ampla enseada, levemente ondulada, a ressaltar a tapeçaria verda das campinas, sôbre as quais se alteiam, gravemente, as construções geológicas dos baus, semelhantes a tumulos gigantescos na pré-história.

Mais ao fundo do quadro maravilta do Paranaiba, maravilhosa promesilhoso, o sombrio esbatimento da masa de uma nova Canaã, em cujo solo trabalhado do futuro as seáras se transformarão na dádiva das floradas das colheitas. Mais além, nos termos do horizonte, serpeia o majestoso Paranaiba, a ensaiar o primeiro salto, em Cachoeira Dourada, no seu descenso para o mar.

Já tive ocasião de salientar a importancia econômica do vale do Paranaiba e do Paraná em relação ao futuro do Brasil. Neste vale ocupa o primeiro lugar o municipio de Ituiutaba, com o acervo potencial de mais de um milhão de quolowatts, em quedas dágua e mais de um milhão de hectares de terras feracissimas. Isto resume uma glória porvindoura, confiantemente esperada..

Se é verdade que o habitante define o homem, a excelência da terra ituiutabana tem que produzir um belo, bravo e vitorioso tipo humano. As côres vistosas têm a influência, por reflexo, na formosura dos produtos em gestação. Assim, a beleza ambiente se transforma em felicidade para os seres que nela habitam.

Há mais de quarenta anos deixei-me enfeitiçar pela louçania da terra ituiutabana. Então, esta cidade, embrionária, era pouco diferente do rudimentarismo dos primeiros tempos.

Venho, hoje, revê-la na glória do seu prestigio. Quisera eu muitos anos de vida para poder contemplá-la em plena glorificação do seu radioso futuro. Aí está, senhores, o que fizeram, em ignorada contribuição, os primeirospovoadores e as gerações subsequentes. Eles amaram enraigadamente este torrão do qual nos orgulhamos.

Não somente aos filhosde Ituiutaba rendo esta homenagem, mas a todos os vindouhos que aqui se radicaram. A todos os que no seu solo verteram uma gota de suor, a todos que nela deixaram filhos, a todos que a adotaram como sua. Abençoados os que, no futuro, vierem a amá-la!

Se grande foi a contribuição dos advenas para esta criação, benemérito é o concurso dos que vêm glorificá-la com o seu trabalho.

Muitos dos que me ouvem são enamorados de Ituiutaba, ainda que filhos de outras parágens. Todos os adventicios que aqui labutam, têm pêsa a alma e o coração a êste solo bendito, regado com seu suor, santificado pelos sofrimentosda vida, sagrado na dileção da espôsa e dos filhos.

Beneméritos pró-homens do passado foram ituiutabanos adotivos: Padre Angelo, Jerônimo Martins, José Esteves, José Martins Ferreira de Andrade, José de Andrade Sousa, Padre Antônio Dias, Padre Tristão Carneiro, Antônio Pedro Guimarães, Pedro Alves Vilela, Augusto Alves Vilela, Pio Goulart Brum e multissimos outros.

Viver e trabalhar aqui constitui titulo legitimo de cidadania. E' um direito que invoco para mim, que dei a esta terra tôda a vibração patriótica da minha vida e sinto-me autenticado cidad o de Ituiutaba no amor de meus filhos que aqui nasceram.

Este é um excelente trato de terra brasileira, destinado a receber o concurso de todo o munod, para que possa lograr a sua finalidade histórica e econômica. Longe de nossas mentes a idéia de preferência aos filhos do lugar e de menoscabo á colaboração dos que nasceram alhures! Fora de nossos corações qualquer sentimento inferior de ciume ou jacobinismo!

E' mistér que venham muitos outros obreiros desta magnifica edificação. Que venham de outros municipios, de outros estados, de outras nacionalidades.

Abramos os braços a todos os que elegerem a nossa terra e queiram acrescentar-lhe a riqueza com o seu trabalho.

Lembro aos possuidores de terras, próprias para a lavoura, a oportunidade da introdução do imigrante estrangeiro. Os infelizes de outras pátrias destruidasestão a pedir, no mundo, um canto onde possam viver tranquilos. Ajunte-se ao crisol, onde popoca a ebulição do nosso complexo racial, maisum pouco de miscigenação de sanguebranco, para a elaboração daquela raça que no futuro há de ilustrar a nação brasileira com justos titulos de glória e de civilização.

O Brasil tem a forma de um coração... A cruz emblemática — o Cruzeiro do Sul — que no céu lhe assinala a missão histórica, tem os braços encancarados, no festo cristão do acolhimento.

Ituiutaba está no coração do Brasil!.

Galeria dos Agentes Executivos e Prefeitos Municipais de Ituiutaba

Serrano Augusto

Criado o municipio de Vila Platina, separado do de Prata, pela Lei Estadual n. 319, de 16 de setembro de 1901, teve a nossa edilidade até a presente data 9 agentes executivos e 12 Prefeitos Municipais, desde sua instalação em janeiro de 1902.

Repassando um olhar retrospectivo nesse cinquentenário de vida independente, dificil para o ituiutabano justiceiro assinalar todos os fatos que caracterizaram cada uma de suas administrações pregressas.

Todavia, em largas pinceladas tentaremos recordar para a geração atual alguns fatos marcantes dos nossos administradores, que, pondo pedra sôbre pedra, no rolar do tempo, construiram o edificio atual do nosso progresso.

Assim vejamos:

1 — Pio Augusto Goulart Brun — (1902—1905)

Natural de Estrêla do Sul (antiga Bagagem), onde nasceu em 1848, filho de Cirino Hortêncio Goulart Brun e de d. Maria Barbosa Goulart, casando-se em Campo Florido, vindo essa figura singular residir em São José do Tijuco a convite de Antônio Pedro Vitória. Já em 1890, quando se instalaram os Conselhos Distritais, no Guimarães, fundadores da Farmácia inicio da Republica, o de São José do Tijuco, teve a seguinte composição: Presidente: Pio Augusto Goulart Brun, Antônio Pedro Guimarães e Constancio Ferraz de Almeida, conselheiros.

Foi escolhido para compor a primeira Camara Municipal, sendo eleito seu 1º Presidente e Agente Executivo. Farmacêutico, poeta, jornalista, politico, administrador, elemento de projeção social, vulto de grande importanção social, vulto de grande evidência nos 3 periodos: São José do Tijuco, Vila Platina e Ituiutaba. Um ról de realizações asinalou a atividade desra primeira Camara, debuxando as primicias de nossa Ituiutaba. Fundador do primeiro jornal «Vila Platina», em 1908, jornal este de combate por ocasião da politica hermista e civilistica. E' de se notar que nesse periodo se instalou em nossa terra o primeiro serviço telefônico particular. As familias Carvalho e Alves de Oliveira estenderam uma linha telefônica ligando as fazendas do 2.º Salto ao 1º Salto (da Prata) á cidade, onde estavam as residências de D. América Carvalho e Dr. Fernando Vilela, ambas no largo da Matriz, no ano de 1905.

2 — Tobias da Costa Junqueira — (1905)

Naturaz de Ituiutaba, filho de Emerenciano Vilela Junqueira e D. Jerônima Clara de Jesus, nasceu no dia 17 de janeiro de 1871. Foi casado com dona Helena Rosa de Morais Pinheiro. Fazendeiro, eleito Vice-Presidente da Camara Municipal, por ausência de Pio Goulart, assumiu a direção do municipio, acompanhando as diretrizes traçadas por seu ilustre antecessor.

3 — Francisco Alves Vilela — 1905—1907)

Natural de Campo Belo (Oeste de Minas), onde nasceu a 28 de fevereiro de 1871, filho do Cel. Pedro Alves Vilela e D. Mariana Alves Garcia, tradicional familia mineira aqui radicada. Teve atuação benéfica nos diversos setores da administração. Fez a instalação da 1ª iluminação a gás acetileno nas ruas da cidade, em 1905, cujos lampeões tôdas as tardes eram acendidos por Joãozinho Garcia. Lembramos que, nessa época, uma comissão de jovens entusiastas, sob a direção de Tito Teixeira, construiu o primeiro jardim publico, no Largo da Matriz.

4 — Dr. Fernando Alexandre Vilela de Andrade — (1908—1911)

Natural do municipio de Canápolis nascido a 30 de outubro de 1873, é filho de Antônio Alexandre Vilela de Andrade e Rita Hermelinda Vilela de Andrade. Engenheiro pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, turma de 1895, casou-se com D. Umbelina de Oliveira Carvalho a 16 de junho de 1900. Recém-formado, passou a dirigir sua fazenda, quando os platinenses foram buscá-lo para formar na chapa do P.R.M. de Vila Platina, saindo eleitos: Agente Executivo e Presidente da Camara — Dr. Fernando Alexandre Vilela de Andrade; Vice-Presidente — Francisco Alves do Alexandre Vilela de Andrade; Vilela; Secretário — Francisco Antônio de Lorena; Vereadores: Dr. Nicodemus de Macedo, representante do distrito de Campo Belo (hoje C. Verde); João Martins de Anrade e Antônio da Costa Junqueira.

E' de se notar que a arrecadação municipal de 1908, foi de 30 contos de réis!

Dando largas a sua operosidade obteve um emprestimo estadual de 150 contos de réis destinado ao serviço de luz e força e água. Deve-se de-se tacar que o primeiro serviço municipal de captação e canalização de água em todo o Triangulo foi o de nossa Camara. Levantou-se a barragem na Vertente do Goiabal; construiu a caixa dágua na Praça João Pinheiro, atual Getulio Vargas, inaugurada em dezembro de 1910, por ocasião de uma sêca memorável. Seus planos com a Cia. Paulista de Eletricidade que se propunha a colocar aqui 150 KVA por 150 contos, em curto prazo, foram frustados.

Pioneiro da educação, tornou obrigatório no municipio o ensino primário, quer urbano quer rural, conseguindo assim frequência necessária para funcionamento do Grupo Escolar João Pinheiro, recém-criado.

Além de instalar algumas escolas rurais, vencendo a tremenda dificuldade da falta de um corpo docente idôneo, aqui no sertão, criou ainda a taxa escolar. Devemos frisar que o primeiro Grupo Escolar que se criou no Triangulo foi o de Vila Platina, pelo então Presidente do Estado, Senador Bueno Brandão.

Apesar da grande luta politica de ambito nacional, na campanha de Hermes e Ruy, e consequente agitação municipal, conseguiu ainda realizar entre outras coisas:

a) — a ponte do Tijuco, então sob o regime de pedágio, foi encampada p elaquantia de um conto e quinhentos mil réis a João Pedro Malta;

b) — compra do Patrimônio Municipal da Fábrica de D

cipal da Fábrica da Matriz de São José, por dez contos de réis, pagáveis em duas prestações (1911);

c) — elaboração do Código de Posturas Municipais;

d) — telefone para Uberlandia acompanhando a rodovia feita pela Cia. Mineira Auto-Viação Intermunicipal;

e) — abriu mão do pedágio na ponte do Salto, sobre o Rio da Prata, de sua propriedade, construida anteriormente;

f) — legislação de tapumes e divisas, a primeira a ser elaborada por uma camara mineira;

g) — encampação do Jardim Publico na Praça da Matriz;

h) — delimitação e localização da area de uma futura «Fazenda Modêlo», no atual campo do Boa;

i) — o primeiro motor a explosão para acionar o cinema de sua propriedade, entrado na região.

5 — JOÃO MARTINS DE ANDRADE
1.º periodo: 1912-1918
2.º periodo: 1923-1925

Nasceu em Ituiutaba, no dia 24 de junho de 1874, filho do Cap. Jerônimo Martins de Andrade e d. Ana Rosa Martins de Andrade. Vindo a casar-se com D. Emerenciana Constança de Andrade. Considerado um dos maiores politicos da região, ocupando o cargo de agente executivo em dois periodos diversos. Entre outros fatos de sua administração, destacamos:

a) — Inauguração da rodovai Ituiutaba-Uberlandia, construida pela Cia. Mineira Auto-Viação Intermunicipal, dirigida pelos drs. Fernando Vilela e Inácio Pinheiro Pais Leme, ambos ainda vivos, com o capital de duzentos e cinquenta contos de réis. O primeiro automóvel chegou a Ituiutaba no dia .. de agôsto de 1914, conduziu em passeio, no dia seguinte, o Bispo Diocesano Dom Eduardo, que aqui se encontrava;

b) — Novo prédio do Grupo Escolar João Pinheiro, que veiu a se instalar em 1927;

c) — Criação do distrito de Santa Vitória (1923);

dp) — Estrada para a Cachoeira Dourada;

e) — Inauguração do serviço publico de telefone construido pela Emprêsa Teixeirinha;

f) — Sargeteamento de ruas;

g) — Construção do edificio do Forum (1925).

Queremos por em destaque, como ponto de referencia que a arrecadação municipal para 1915, foi de 81 contos de réis. Em março desse ano se reunia em Uberaba o 1.º Congresso das Municipalidades triangulinas do qual participou.

6 — ANTONIO DOMINGUES FRANCO
1.º periodo: 1919-1922
2.º periodo: 1925-1925

Natural de Ituiutaba, filho de Manuel Antônio de Gouveia da Costa e d. Emerenciana Maria de Nazaré Franco nasceu a 9 de maio de 1864. O se umaior galhardão foi o de grande impulsor do ensino primário no municipio. Com a novel empresa Luz e Fôrça Ituiutabana, realizou contrato a 27 de setembro de 1919, no objetivo d edotar a nossa urbis de iluminação elétrica, a qual foi festivamente inaugurada em junho de 1922. E' de seu periodo a construção e inauguração do novo Cemitério Municipal, localizado no Capão (hoje Vila Progresso).

7 — AUGUSTO MARTINS DE ANDRADE (1927-1931)

Natural de Ituiutaba, nascido no dia 25 de fevereiro de 1886, filho de Cap. Jerônimo Martins de Andrade e d. Ana Rosa Martins Andrade, foi casado com sua prima Herminia Martins de Sousa.

Entre outros pontos altos de seu periodo administrativo, podemos mencionar os seguintes:

a) Primeiro caminhão condutor de carne verde para os açougues;

b) Sargeteamento bueiros e encascalhamento das principais ruas da cidade;

c) Estrada ligando a sede a Capinópolis.

PERIODO DAS PREFEITURAS MUNICIPAIS

8 — DR. JAYME RIBEIRO DA LUZ (1931-1935)

Criação do Estado Novo após a revolução de outubro de 1930 o primeiro ocupante do cargo de Prefeito Municipal foi o dr. Jayme Ribeiro da Luz.

Natural de S. Tomé das Letras, Sul de Minas, onde nasceu a 22 de outubro de 1895, filho de Silvino Ribeiro da Luz e d. Maria Bernardes Ribeiro da Luz, Cirurgião-dentista pela Faculdade de Juiz de Fora, aqui veio clinicar a convite de seu irmão, então Juiz de Direito, dr. Newton Ribeiro da Luz, e onde casou com d. Iracema de Oliveira Carvalho.

Destacamos de sua atuação:

a) Extensão das linhas telegráficas, vindo a rêde da cidade de Monte Alegre de Minas e inauguração da agência do Télegrafo Nacional da cidade;

b) Ligação rodoviária da sede a Gurinhatã.

9 — DR. JOÃO ALBERTO DA FONSECA (1935)

Transferindo o dr. Jayme sua residência para Uberlandia, e solicitando exoneração do cargo como seu substituto foi nomeado bacharel João Alberto da Fonseca, antigo delegado de policia de carreira. Aqui permaneceu pouco tempo, continuando as diretrizes anteriores.

10 — ADELINO DE OLIVEIRA CARVALHO (1936-1940)

Natural de Ituiutaba, filho de Joaquim Teodoro de Carvalho e d. América Alves de Oliveira, nasceu no dia 22 de janeiro de 1883. Casou-se com d. Maria Umbelina Vilela de Andrade.

Podemos destacar em sua administração:

a) Adaptação para matadouro municipal, da antiga «Fábrica de Banha Triangulo» de Augusto Martins de Andrade, no Córrego Sujo;

b) Construção do jardim publico, defronte ao Forum, com iluminação subterranea;

c) Primeiro campo de aviação do municipio proximo ao Campo de Futebol do Boa;

d) Regulamentou a lei de arrendamentos e aforamentos dos terrenos do patrimônio municipal;

e) Ligação rodoviária com o Ipiaçu (Fundão);

f) Criação do distrito de Gurinhatã (São Jerônimo);

g) Instalação de várias escolas municipais, bem como a «Escola Machado de Assis», para adultos, na sede.

Teve como seu substituto o Vice-Prefeito dr. Durval Godinho, médico baiano aqui radicado.

11 — DR. JAYME VELOSO MEIMBERG (1940-1945)

Natural de Três Pontas, nascido no dia 9 de julho de 1911, filho de José Meimberg e d. Maria Veloso Meimberg, é bacharel pela U.M.G., turma de 1932. Nomeado promotor publico de Ituiutaba, em 1938, aqui veiu a se casar com d. Violeta Menezes.

Nomeado pelo então Interventor dr. Benedito Valadares Ribeiro para o cargo de Prefeito Municipal, entrou em exercicio em abril.

Suas realizações:

a) Novo serviço de água da cidade, com captação no Córrego Pirapetinga; nova caixa dágua no alto da Rua 22 e rêde de distribuição e consequente encampação da Vertente do Pirapetinga;

b) Grande área de calçamento a paralelepipedo e alvenaria polièdrica; colocação de meios-fios, sargeteamento, etc.;

c) Inicio da rêde de esgotos;

d) Construção do prédio onde atualmente funciona a Prefeitura e Correios e Telegrafos, na Av. 11.

12 — DR. CAMILO CHAVES JUNIOR
1.º periodo: 1945;
2.º periodo: 1946

Natural de Ituiutaba, filho do ex-Senador Camilo Chaves e de d. Damartina Teixeira Terra, nasceu no dia 20 de junho de 1912. Bacharel pela U.M.G., turma de 1933 e militante no fôro ituiutabano, onde reside, veio a se casar com d. Juracy de Andrade Furtado. Nomeado pela primeira vez Prefeito em principios de 1945. De suas gestões, podemos desctar:

a) Aumento da área de calçamento da cidade;

b) Substituição do tubos de brasilite por outros de ferro centrifugado no serviço de água da rua 22;

c) Instalação e localização de novas escolas rurais e reforma de prédios escolares;

d) Construção do prédio para Grupo Escolar de Santa Vitória «Governador Valadares»;

e) Nova pista do Campo de Aviação da cidade, terrenos adquiridos a Antonio Joaquim do Prado;

f) Construção do campo de Aviação da Cachoeira Dourada;

g) Subvenção ás associações de assistencia social;

h) Auxilio de 50 mil cruzeiros, através da LBA, ao Hospital São José;

i) Subvenção ao Instituto Mardem, Ginasio São José e Santa Tereza;

j) Maior extensão da rêde de esgôtos e distribuição da água;

k) Reforma da rêde rodoviaria municipal;

l) Reforma da ponte do Canal de São Simão;

m) Doação de terreno para as praças de esporte da A.E.I. e Palmeira Clube;

n) Extensão das linhas aéreas da LAB á nossa cidade em 1946;

o) Sede social do Palmeira Clube;

p) Serviço Radiotelegrafico Estadual.

Em sua gestão ocorreram, entre outros, 2 fatos: o surto de febre amarela em 1945 e o estudo do Triangulo para futura sede da Capital Federal.

13 — Dr. José Americo de Macedo (1945-1946)

Natural de Belo Horizonte, filho do Dr. Americo Macedo e de d. Adelina Maria de Macedo, é Bacharel pela UMG, turma de 1930. Na ocasião era Juiz de Direito da comarca, tendo assumido, por força de lei, o Governo Municipal após o golpe de deposição do Dr. Getulio Vargas em outubro de 1945. Devida á curta passagem pelo pôsto pouco pôde executar, porém, zelando energicamente pela higiene e limpeza publica e o bom aspeto da cidade.

14 — Dr. Adolfo Mario de Oliveira (1946)

Engenheiro e Funcionario da Secretaria da Viação, para aqui designado.

15 — Dr. James de Barros (1947)

Engenheiro do Estado, locado na cidade de Uberaba, aqui veio como Prefeito.

Ambos os ilustres profissionais aqui estiveram em curto periodo, continuando as atividades das administrações anteriores.

16 — Dr. Omar de Oliveira Diniz (1947-1948)

Natural de Ituiutaba, nascido no dia 27 de novembro de 1911, é filho de Melquiades Ferreira Diniz e d. Prudenciana Alves de Oliveira. Bacharel pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, turma 1932, casou-se em sua terra natal com d. Julia de Oliveira Diniz. E' advogado no fôro local. Nomeado pelo Governador Milton Campos, assumiu o governo a 21 de abril de 1947, governando até 31 de janeiro de 1948. Podemos destacar as suas realizações:

a) Calçamento a paralelepipedos do trecho da Av. 17 e outras ruas da cidade;

b) Reforma do predio onde veio se instalar o 2.º Grupo Escolar da cidade, denominado Dr. Ildefonso Mascarenhas da Silva;

c) Doação dos terrenos do campo de aviação ao Aero-Clube local;

d) Reforma de todos os mata-burros e pontilhões das rodovias municipais;

e) Construção do pavilhão do Mato Escuro e do pontilhão do Macaco;

f) Trabalho eficaz na debelação do surto de peste suina;

g) Aquisição do mobiliario para instalação da Camara Municipal, presidido o pleito eleitoral de 1947;

h) Instalação de escolas rurais na Caçada, Vila Nova (Gambá), Patuá e Furna do Machado; (4);

i) Construção de necroterio em Santa Vitoria;

j) Trabalho para aquisição de uma moto-niveladora;

k) Firmado o primeiro convenio estatistico municipal;

l) Demarche para aquisição de terrenos para instalação do Pôsto Agro Pecuario (8|5|1947);

m) Aquisição de novo caminhão para transporte de carne verde;

n) Doação de terrenos para construção do Ginasio São José e Colegio Santa Teresa;

o) Obteve o canal e é fundador da Radio Platina (ZYL-2).

17 — Mario Natal Guimarães (1948-1951)

Natural de Ituiutaba, nascido no dia 9 de setembro de 1891, filho de Antonio Pedro Guimarães e d. Amancia Alexandrina de Moura. Fazendeiro evoluido, industrial e por ultimo comerciante em Ituiutaba, onde reside, casado com d. Genoveva Alves de Moura. Assumiu a direção do municipio a 31 de janeiro de 1948 por escolha popular. Podemos salientar entre outras realizações:

a) Aquisição de uma moto niveladora;
b) Construção do trecho da Rodovia da Libertação, entre a Ponte do Salto e o cruzamento da São Paulo — Cuiabá;
c) Construção de um trecho da rodovia para o Prata, via S. Lourenço;
d) Aumento da área de calçamento e rêde de esgotos;
e) Compra do terreno para instalação do Pôsto Agropecuário (fase final) e construção de excelente rodovia para o mesmo;
f) Criação de várias escolas rurais;
g) Detetização e BHC da zona rural para o combate ao barbeiro.
h) Doação de terrenos para praças de esportes do I.E.C. e A.C.I.; bem como ampliação da A.E.I.;
i) Doação de duas quadras para construção da sede do Instituto Mardem na Rua 22;
j) Idem para o asilo de dementes «José Dias Machado»;
k) Doação de uma quadra na Rua 22 para torres da Rádio Platina;
l) Construção das Escolas Rurais de Gurinhatã e Ipiaçu (com auxílio federal);
m) Início da perfuração dos poços tubulares no alto da Lôba;
n) Construção da ponte da Avenida 17.

18 — Dr. David Ribeiro de Gouveia, 1951 (atual)

Nascido no município de Ituiutaba, no dia 4 de junho de 1910, filho de Joaquim Antônio de Gouveia e d. Olívia Candida de Azambuja. Médico pela Universidade do Rio de Janeiro, turma de 1939. Vindo para aqui clinicar, casou-se com d. Ruth Marquez.

Eleito e empossado em 31 de janeiro de 1951, logo se revelou administrador dinamico, um defensor intransigente do progresso e futuro de Ituiutaba. Ao observador imparcial, pode-se dizer que depois do dr. Fernando Alexandre Vilela, foi o maior administrador em plagas tijucanas. Podemos alinhavar, de momento, entre seus trabalhos:

a) Construção da «Rodovia da Libertação» que custou ao município a importancia de um milhão de cruzeiros com ajuda parcial do povo, na extensão de 51 quilômetros;
b) Renovação da rêde de distribuição dágua;
c) Construção da primeira rêde pluvial da cidade;
d) Ampliação da rêde esgotos e água;
e) Aquisição de um trator Caterpilar (D-6) e um compressor para estradas e calçamento;
f) Novas (Rodovias) para Capinópolis e Ipiaçu;
g) Reforma da maioria de pontes e pontilhões do nosso sistema rodoviário;
h) Duplicação da área de calçamento;
j) Construção da escola Rural da Baixadinha;
k) Perfuração de 12 poços tubulares;
l) Reformas do Forum, Grupo Escolar João Pinheiro, Ponte do Tijuco e da Prata e da Cadeia Publica.

Devemos destacar como uma das maiores realizações de um administrador inteligente, que se cerca de maior numero de elementos para decidir com acêrto a sua administração futura, está no levantamento da planta cadastral e de um plano diretor.

O Dr. David Ribeiro de Gouveia contratou os serviços técnicos de ilustres profissionais, como os engenheiros: Vinicius Vasconcelos, João Duarte de Macedo, Jerônimo Franco de Gouveia e A. Ruscoe, que, após afanosos trabalhos de campo e meses de cálculos, apresentaram á Camara Municipal de Ituiutaba um trabalho digno de encômios pela probidade e segurança dos rumos apontados ao administrador.

Conta agora a cidade com um plano urbanistico moderno, á altura de seu desenvolvimento atual e previsão de seu futuro.

Se o leitor nos acompanhou nesse rápido passeio, terá uma noção do evolver de Ituiutaba nos seus 52 anos de vida independente.

A História Judiciária de Ituiutaba

Erotides Diniz

A história de Ituiutaba abrange vários setores, cada qual mais sedutor. Dêles, o que me cumpre perlustrar, é o que se refere á sua vida jurídica. E êsse capitulo, escrito não apenas agora, mas desde há vários lustros, por cidadãos dedicados, conforma o nosso pensamento conforta o nosso espirito, facultando a nossa conclusão de que a caminhada desta comarca é daqueles que valorizam os individuos e enobrecem os homens que, nos vários misteres, contribuiram para o seu engrandecimento.

A matéria que versarei é árida, mas permiti que a detalhe com os elementos que pude reunir. Se alguma omissão ocorrer, releves a falta. A carência de dados circunstanciados empobreceria o meu trabalho, mas o objetivo que o caracteriza estará de pé — uma contribuição modesta e despretenciosa, mas de alto sentido cívico áqueles que procuram mostrar aos que nos visitam um setor de atividade que reflete a grandeza e a pujança dêste município.

Ituiutaba foi distrito criado desde 1839, indo a freguesia em 1866, pela Lei n. 1.360, recebendo então o nome de São José do Tijuco. Elevada á categoria de Vila em 16 de setembro de 1901, pela Lei n. 319, no Govêrno do saudoso Dr. Francisco Silviano de Almeida Brandão, com o nome de Vila Platina, composto dos distritos de São José do Tijuco e de Rio Verde, desmembrado do município de Prata, sendo a sede em São José, passou esta a denominar-se Vila Platina.

No Govêrno de Delfim Moreira, foi sancionada a Lei n. 663, de 18 de setembro de 1915, que alterou a divisão judiciária do Estado. Vila Platina foi, então, elevada a têrmo pertencente á comarca do Prata, passando a denominar-se Ituiutaba.

Sòmente em 25 de abril de 1917, foi marcada a data para a sua instalação pelo Decreto n. 4.759.

Surgiu, em consequência, para administração municipal daquela época, um problema sério a resolver. E' que a cidade, ainda pequenina, não dispunha de prédio que pudesse satisfazer as necessidades minimas de uma casa de Justiça. Mas, o saudoso agente executivo João Martins de Andrade sancionou a Lei n. 225, de 5 de maio de 1917, autorizando a administração a fazer «os serviços necessários para a adaptação do prédio municipal, para o forum inclusive prisões».

Integros juizes municipais passaram, então, a dirigr os destinos têrmos recém-instalado. O primeiro dêles foi Luis Jefferson Monteiro da Silva, empossado em 6.7.917, perante o agente executivo João Martins C. Andrade. Abandonou depois a magistratura, dedicando-se á advocacia. Hoje, é um dos mais brilhantes e dignos advogados da cidade de Lins, no Estado de São Paulo, onde reside. Sucedeu-lhe o Dr. Felipe Emidio de Medeiros que nomeado por ato de 16 de abril de 1921, assumiu o exercicio em 16 de agôsto, sendo exonerado, a pedido, em 11 de maio de 1922.

Essa data — 11 de maio de 1922, — marca, de modo indelével, o dia em que o têrmo passou a ser dirigido pelo meu prezado amigo e mestre, o eminente juiz que hoje ilustra, honra e dignifica o Colendo Tribunal de Justiça do Estado — o Dr. Newton Bernardes Ribeiro da Luz. Nomeado por ato de 11 de maio de 1922, assumiu o exercicio a 15 de julho, sendo exonerado, a pedido em 12 de dezembro dêsse mesmo ano. Mas, a 2 de janeiro de 1923, foi o Dr. Newton novamente nomeado. Assumiu o exercicio a 1.º de fevereiro de 1923. O ato de posse foi realizado perante a Camara Municipal de Ituiutaba, reunida na casa de residência do Cel. Antônio Domingues Franco, sob a presidência do Sr. José Rodrigues Furtado e presentes os vereadores Waterloo Reis, Antônio Domingues Franco, José Bernardes Carneiro, João Quirino Morais e José Christiano da Silva.

Poucos meses depois, seja, em 19 de outubro de 1923, perdia o têrmo o seu eminente juiz municipal, pois que o Dr. Newton fôra nomeado Juiz de Direito da Comarca de Piranga.

O Dr. Pio Pontes, figura hoje exponencial da magistratura mineira, foi o sucessor do Dr. Newton Luz. Nomeado por ato de 26 de fevereiro de 1924, assumiu o exercicio em 3 de julho data em que se empossou perante a Camara Municipal, reunida extraordinàriamente sob a presidencia de João Martins de Andrade.

Em 28 de abril de 1925, foi o Dr. Pio Pontes removido, a pedido, para Monte Alegre.

O têrmo sob a direção dêsses juizes, ganhara expressão e renome. O vulto dos seus serviços, a perspectiva de seu crescimento e a riqueza do município estavam a exigir fosse erigido á categoria de comarca.

Os homens mais eminentes da região, aquêles que detinham as rédeas do Govêrno do município e os que desfrutavam de prestigio junto ao Govêrno do Estado, começaram a trabalhar, com dedicação e amor á terra, visando conseguir fosse criada a comarca de Ituiutaba.

Foi notável o trabalho que, nesse sentido, desenvolveu o senador Camilo Rodrigues Chaves, coadjuvado, sucessivamente, pelos drs. Paulo de Morais Jardim e Francisco Franco de Almeida Junior, juizes de Monte Alegre, que encostados em região tão distante da capital do Estado, e em comarca, aquele tempo, de trabalho, pleitearam a supressão da comarca vizinha.

O dr. Paulo de Morais Jardim chegou a tirar fotografias dos prédios piores do lugar, para demonstrar que Monte Alegre quase nada significava, também, no quadro geografico Estado, tão pequeno era o numero de suas edificações, fazendo, ao lado disso, prova suficiente de que não havia la grande movimento forense.

O dr. Francisco Franco de Almeida Junior continuou o trabalho de sapa do dr. Jardim, chegando mesmo nas rodas de amigos, a dizer que não trazia a familia para Monte Alegre, porque tinha birra de sertão. Abandonou a comarca antes de chegar a noticia de sua transferencia.

Peço licença para deixar expressa, mais uma vez, de publico, a saudade que ainda me invade o coração, da grande figura de juiz e de cidadão que foi o dr. Francisco de Almeida Junior, falecido em Formiga há alguns anos passados. Com êle servi ao Estado, exercendo o cargo de Promotor Publico, por seis anos, em Santa Bárbara. Da sua experiencia, do seu saber e do seu grande amor a Justiça, muito recolhi e aprendi.

E' preciso notar que o trabalho dos drs. Paulo Jardim e Francisco Franco não era o primeiro que se fazia. Já em 1903 a comarca de Monte Alegre fora suprimida pela primeira vez. Era, então, juiz, o dr. Paulo Fleury. Em 1921, foi restaurada, ficando sob a jurisdição de dr. Paulo de Morais Jardim.

Em consequencia desse trabalho, nasceu a comarca de Ituiutaba. Não houve um ato que a criasse propriamente.

Ela resultou da transferencia de sede da comarca de Monte Alegre para esta cidade, pela Lei n. 879, de 24 de janeiro de 1925, sancionada pelo eminente homem publico que hoje é senador por Minas e que aquela época era o presidente do Estado — Fernando de Melo Viana. Era seu Secretário do Interior o dr. Sandoval Soares de Azevedo, recém-falecido.

O art. 7 Lei n 879 foi assim redigido:

«Fica transferida para Ituiutaba a sede da comarca de Monte Alegre, constituindo o atual territorio, de que se compõe êste município, têrmo pertencente a comarca de Uberabinha».

A noticia da transferencia estourou, como uma bomba, em Monte Alegre, quando ali chegou por via telegráfica, na tarde do dia 25 de janeiro de 1925, logo depois de terminada a procissão de São Sebastião.

Houve, na época, em Monte Alegre, tristezas, protestos, e, até, movimentos de rua.

O próspero município vizinho guardou mágua do presidente Melo Viana, tanto que mais tarde, quando Melo Viana foi candidato a vice-presidente da Republica, o povo daquele município se absteve de votar. Diz a cronica que Nicanor Parreira, prefeito de Monte Alegre, aquele tempo, inquerido sobre o resultado do pleito, teria respondido ao sr. Melo Viana:

«Povo de Monte Alegre, cuja ferida ainda sangra, se absteve de votar».

As manifestações de desagrado do povo de Monte Alegre quase tiveram consequencias graves, pois afirma-se que contra o senador Camilo Rodrigues Chaves, sem duvida grande benfeitor de Ituiutaba e de toda esta região, várias tentativas foram feitas para pegá-lo em Uberlandia ou nas suas passagens por Monte Alegre.

Naquela ocasião, eram advogados em Monte Alegre: dr. Antenor Airosa Machado, já falecido, e os solicitadores Major Olimpio de Vasconcelos, sogro do dr. Gustavo Maia de Menezes, e Felizardo Fontoura, ambos já falecidos.

Enquanto a repercussão do ato governamental era, assim, tão ma no município vizinho, em Ituiutaba, como era natural, festejavam-no por vários modos.

Antes da assinatura da Lei n. 879, já era conhecida nesta cidade, a deliberação do presidente Melo Viana, tanto que na sessão ordinaria da Camara Municipal deste município, em 15 de janeiro de 1925, João Martins de Andrade, seu presidente, levava «ao conhecimento da Camara a comunicação telegráfica da criação da comarca de Ituiutaba, expedida em data de ontem, de Belo Horizonte, pelo nosso deputado Camilo Chaves, congratulando-se com os vereadores presentes e com o povo de Ituiutaba por êste feliz acontecimento».

A sessão foi levantada, como homenagem á «agradabilissima» noticia e na ata foi consignado um voto de louvor ao deputado Camilo Chaves que, dizia a ata: «muito tem se esforçado para que se tornasse em realidade a justa aspiração do povo dêste município».

O ato do presidente Melo Viana lhe valeu, na sessão de 19 de janeiro de 1925, a seguinte moção, votada pela Camara, sob a presidencia de João Martins de Andrade e pretentes os vereadores Afonso Rodrigues Chaves, Antonio Domingues Franco, Agenor de Oliveira Carvalho, Francisco Vilela de Freitas e Waterloo Reis:

«A Camara Municipal de Ituiutaba, atendendo ás altas qualidades morais e intelectuais do ilustre dr. Fernando de Melo Viana, presidente dêste Estado, cujo tino politico e administrativo é uma esperança para o povo mineiro, resolve votar a presente moção de incondicional apoio e solidariedade á ação politica e administrativa de S. Excia. fazendo votos de completo sucesso ao seu govêrno».

Transferida de Monte Alegre para Ituiutaba a sede da comarca, vieram de lá o Dr. José Alipio, representante do Ministério Publico, e o escrivão do crime — João Barreto Maia. Este aqui ficou pouco tempo, passando o cartório logo para a frente.

Tiveram início, então, os preparativos para que a comarca tivesse instalação condigna.

João Martins de Andrade, presidente da Camara, sancionou a Lei n. 322, de 14 de abril de 1925, autorizando o Agente Executivo Municipal que era êle próprio, a promover os festejos para a instalação da comarca, despendendo para êsse fim o que fosse necessário.

Essa lei visava, apenas, a regularizar despesas já feitas com os festejos, pois que a instalação da comarca teve lugar dias antes, isto é, em 12 de abril de 1925. Lavrou-se, na ocasião, a seguinte ata:

«Ata da Sessão extraordinária da Camara Municipal de Ituiutaba, em 12 de abril de 1925.

Presidente — João Martins de Andrade.

Secretário — Afonso R. Chaves.

Aos doze dias do mês de abril de mil novecentos e vinte e cinco, nesta cidade, no Paço Municipal, a Camara Municipal, reunida em sessão extraordinária, solene, sob a presidência do senhor João Martins de Andrade, feita a chamada, accusaram-se presentes os vereadores — Affonso Chaves, Agenor Carvalho, João Quirino de Morais, José Christiano da Silva, Luiz de Freitas Costa e Waterloo Reis. Havendo numero legal, foi declarada aberta a sessão. Pelo seu presidente foi declarado que a sessão de hoje era solemne, especilissima, porquanto a Camara reunida la assistir a instalação da nossa Comarca de Ituiutaba, pelo Exmo. Sr. Dr. Newton Bernardes Ribeiro da Luz, M. D. Juiz de Direito nomeado para a mesma. Regosijou-se com a Camará e com tôda população do Municipio de Ituiutaba, por êsse melhoramento, há tantos anos e tão ardentemente desejado, fazendo sentir a gratidão e o reconhecimento de todos os ituiutabanos, para com o Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado — Fernando de Melo Viana e seus secretários e muito especialmente para com o nosso digno Deputado e querido conterraneo — Dr. Camilo B. Chaves a quem pelo seu esfôrço e dedicação, Ituiutaba tanto deve. Convidou em seguida aos senhores vereadores presentes para que apresentassem moções e que usasse da palavra aquele que desejasse. Pediu a palavra o vereador Affonso R. Chaves, que, do mesmo modo, congratulando-se com a Camara e com o povo de Ituiutaba pela instalação da nossa Comarca, era reconhecido ao Exmo. Sr. Presidente do Estado e seus Secretários e ao nosso ilustre Deputado Dr. Camilo R. Chaves, a quem devemos tantos melhoramentos, via entretanto, patente aos olhos de todos, que mão forte a vontade invencivel, a dedicação inexcedivel do nosso D.D. Presidente — Cel. João Martins de Andrade, eram o factor principal de todos os melhoramentos com que tem sido beneficiado o nosso Municipio. A elle, pois, muito principalmente, o nosso reconhecimento, os nossos louvores, a nossa eterna gratidão. Recebeu o ilustre vereador aprovação unanime da Camara e de todos os presentes. Em seguida, leu á Camara a moção n. 1 em a qual dava as boas vindas ao Dr. Newton Bernardes Ribeiro da Luz, M.D. Juiz de Direito da Comarca, congratulando-se com o mesmo pela sua acertada e merecida nomeação para presidir os destinos desta Comarca; leu ainda a moção n. 2, pela qual a Camara hypotheca ao Exmo. Sr. Fernando de Melo Viana, M.D. Presidente do Estado, incondicional apoio e solidariedade, pela orientação patriótica com que vem dirigindo a politica e a administração do Estado, congratulando-se com o mesmo pela creação e instalação da nossa Comarca. Pediu a palavra o vereador Waterloo Reis, que apresentou e leu as moções ns. 3 e 4. A primeira, ao Exmo. Sr. Dr. Camilio R. Chaves, M.D. e esforçado Deputado Estadual por êste distrito, hypothecando-lhe incondicional apoio e inteira solidariedade, pelos muitos e relevantes serviços que vem prestando a êste município, congratulando-se com o mesmo criação e instalação da nossa Comarca; a segunda, significando ao Exmo. Sr. Dr. Sandoval S. de Azevedo, D. Secretário do Interior, a sympathia e incondicional apoio do novo Ituiutabano, pela sua dedicação com que vem collaborando junto ao patriótico Govêrno do Estado. Tomou ainda a palavra o vereador Luiz de Freitas Costa, que apresentou e leu a moção n. 5, pela qual interpreta ao Exmo. Sr. Dr. Daniel de Carvalho, D. Secretário da Agricultura, o sincero reconhecimento do povo dêste município, pelo seu recente ato, mandando construir a ponte sôbre o rio Tijuco nesta cidade. Em seguida, a Camara assistiu a solemne instalação da Comarca, e, debaixo de vivas e acclamações do povo presente que em massa fremia de contentamento, o senhor presidente suspendeu os trabalhos, tendo sido antes aprovadas tôdas as moções acima descritas, unanimemente. Para constar lavrou-se esta que, lida e achada conforme vae assignada. Eu Affonso Rodrigues Chaves secretário subsrevo e assigno.

(a.) João Martins de Andrade.
(a.) Affonso Rodrigues Chaves».

Pela Lei n. 357, de 19 de janeiro de 1928, foi o Agente Executivo de Ituiutaba autorizado a doar ao Estado um terreno na Praça João Pinheiro, para construção do atual edificio do Fórum. A construção foi realizada em 1929.

A instalação da Comarca caberia ao Dr. Francisco Franco de Almeida Junior, que era o Juiz de Direito de Monte Alegre, á época da transferência da sede. Entretanto, removido para Ituiutaba, o Dr. Francisco Franco, o velho, bom e saudoso amigo Chico Franco, como o chamavamos na intimidade, não assumiu o exercicio nesta comarca.

Coube, assim, ao Dr. Newton Bernardes Ribeiro da Luz presidir a instalação da Comarca. Foi o Dr. Newton, hoje dos mais eminentes Desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado, removido da comarca de Piranga para esta cidade, em virtude dê ato do Governo, de 17 de março de 1925, aqui permanecendo durante quase seis anos, pois, a 9 de janeiro de 1931 foi promovido para a comarca de Santa Luzia.

O Dr. Newton foi, assim, o primeiro Juiz de Direito desta comarca, juiz que, presente a esta cerimônia, merece a homenagem de respeito e admiração que lhe prestamos.

Depois dêle, serviram á Justiça, nesta comarca, outros integros juizes, na seguinte ordem:

Dr. Alencar Alexandrino de Faria. Nomeado por ato de 9 de janeiro de 1931. Assumiu o exercicio a 8 de março do mesmo ano. Era juiz municipal de Belo Horizonte. Mais tarde, por ato de 24 de agôsto de 1931, foi declarado segundo as leis então vigentes juiz avulso.

Dr. Alcino Dantas Barbosa dos Santos. Nomeado por ato de 24 de agôsto de 1931. Assumiu o exercicio em 19 de setembro. Por ato de 24 de maio de 1932, obteve permissão para permutar com o juiz de Três Pontas, Dr. Pedro Leão de Sousa Guaracy. O Dr. Pedro Leão foi, no entanto, posto á disposição da Procuradoria Geral do Estado, a partir de 15 de agôsto de 1932, sendo logo depois aposentado.

Dr. Mucio de Abreu e Lima. Nomeado por ato de 4 de março de 1936. Assumiu o exercicio em 16 de março. Promovido, por merecimento, a comarca de Sabará, por ato de 1.º de junho de 1937.

Dr. Pio Pontes. Nomeado por ato de 16 de outubro de 1937. Assumiu o exercicio em 7 de novembro. Foi removido, a pedido, para a comarca de Rio Novo, por ato de 10 de junho de 1940.

Dr. Eduardo Ferreira Alves. Veio da comarca de Frutal, promovido, por ato de 20 de junho de 1940. Assumiu o exercicio em 11 de agôsto, e em 27 de março de 1941 foi aposentado.

Dr. José Américo de Macedo. Era Juiz em Alvinópolis, de onde veio para esta comarca, promovido, por merecimento, por ato de 31 de março de 1941. De 26 de janeiro a 25 de fevereiro de 1949 prestou serviços junto ao Tribunal Regional Eleitoral. Em 12 de outubro de 1949 foi promovido, por merecimento, para Ouro Fino.

Dr. Paulo Braulio de Vilhena. Veio da comarca de Carmo do Rio Claro, promovido por ato de 28 de janeiro 1950. Assumiu o exercicio em 1.º de março, mas, na realidade, não exerceu o cargo, pois foi logo aposentado, a pedido, em 17 de março de 1950.

Afinal coube a mim a honra de vir para esta comarca. Promovido, por ato de 31 de março de 1950, em 24 de abril entrei em exercicio.

Em épocas diferentes, juizes de comarcas vizinhas presidiram audiências nesta cidade, substituindo os titulares, a saber: José de França Oliveira, de Frutal; Gustavo Alberto Pena, Arnaldo de Alencar Araripe, Alberto de Sales Fonseca, do Prata; Arnaldo Orlando Teixeira de Moura, de Uberlandia e José de Castro, de Monte Alegre.

Dentre êsses juizes, alguns são falecidos, como os drs. Alencar Alexandrino de Faria, Francisco Palmério, Alberto de Sales Fonseca. Outros, ainda exercem a judicatura. Dentre todos permiti que destaque aqui os nomes de Pio Pontes e José Américo de Macedo, juizes, hoje, de Caratinga e Ouro Fino, respectivamente, Newton Ribeiro da Luz, Mucio de Abreu e Lima, Arnaldo Orlando Teixeira de Moura e Arnaldo de Alencar Araripe, êstes desembargadores do colendo Tribunal de Justiça do Estado, e todos legitimas expressões de cultura, integridade e amor á Justiça.

Todos os que por aqui passaram, tendo por sôbre os ombros a missão nobre e dificil de distribuir justiça, merecem as homenagens de nossa gratidão.

Colaborando com os juizes da comarca, vários e brilhantes promotores publicos teve Ituiutaba, a saber:

Dr. José Alipio Ferreira de Melo, promotor de Monte Alegre, que passou a exercer o cargo em Ituiutaba, quando transferida a sede da comarca.

Dr. João Ferreira da Luz, nomeado a 30 de julho de 1926.

Dr. Washington Floriano Ricardo, nomeado em 8 de novembro de 1927, exerceu o cargo durante alguns meses. Foi seu sucessor o Dr. Carlos Ribas de Melo Leitão, nomeado por ato de 1.º de setembro de 1928. E, posteriormente, o Dr. Tobias Figueira de Melo, nomeado em 12 de fevereiro de 1932.

O Dr. Alberto Cosse, nomeado em 30 de junho de 1934, teve como sucessor o Dr. Jaime Veloso Meimberg.

O Dr. Jaime foi nomeado em 11 de setembro de 1935, exercendo o cargo até 19 de novembro de 1940, quando foi exonerado, a pedido, e nomeado Prefeito dêste município, cargo em que demonstrou sua grande capacidade de trabalho, seu amor á terra e um alto espirito publico.

Sucedeu ao Dr. Jaime o Dr. Ciro Franco. Este, removido a pedido, de Januaria, por ato de 29 de novembro de 1940, foi designado, por ato de 30 de agôsto de 1949, á vista da representação do Procurador Geral do Estado, fundada em conveniência do serviço publico, para exercer, em comissão, o cargo de promotor em Uberlandia, durante o afastamento do respectivo titular — Dr. Agostinho Marciano de Oliveira Junior.

Em consequência disso, foi o Dr. Márcio Pereira da Silva, promotor do Prata designado para exercer, em comissão, o cargo em Ituiutaba, durante o afastamento do Dr. Ciro Franco.

O Dr. Márcio assumiu o exercicio da comissão em 7 de outubro de 1949, sendo da mesma dispensado em 14 de abril de 1950. Sucedeu-o, na comissão, por ato de 14 de abril de 1950, o Dr. Silvio Pélico, Pilô promotor de Lagoa Dourada.

O Dr. Silvio assumiu o exercicio em 3 de maio de 1950, e nêle se encontra, dando-lhe o brilho de sua inteligência e o calor de seu entusiasmo no trato das questões que lhe são afetas.

Outros representantes do Ministério Publico, exercendo o cargo na qualidade de adjunto, prestaram relevantes serviços á Justiça nesta comarca. A principio, o Dr. Antônio Alves da Cunha Campos, êsse médico ilustre que todos conhecemos e admiramos. O ato de sua nomeação foi lavrado a 22 de março de 1941. Depois o Dr. Zelson Medina, nomeado em 3 de junho de 1946, advogado que, por vários anos, militou no fôro local, emprestando-lhe a valiosa contribuição do seu saber, da sua experiência e da sua fidalguia.

Por fim, o Dr. Fábio Teixeira Rodrigues Chaves, nomeado em 7 de março de 1951, e em exercicio atual do cargo, acumulando-o com a profissão de advogado, a que tem imprimido, de longa data, alto discernimento e no qual tem pôsto á prova sua cultura e seu talento.

Há na comarca três cartórios — do 1º ofício, do 2º e do 3º. Os dois primeiros são os mais antigos, e têm como serventuários, competentes e probos, os Srs. Coleto de Paula e Antônio de Souza Martins, respectivamente.

O Sr. Coleto foi nomeado em 5 de junho de 1917. Está, ainda, afeto a seu cartório o Registro de Titulos e Documentos.

O Sr. Antônio de Souza Martins, que tem a seu cargo, também, o Registro de Imóveis, foi nomeado em 4 de janeiro de 1924, assumindo o exercicio a 31 de março, de 1924. Foram seus antecessores Odilon José Ferreira e Dermeval Campos do Amaral.

O outro cartório — 3º ofício, é o mais novo. Seu primeiro titular foi o Dr. Jaime Veloso Meimberg, nomeado a 10 de agôsto de 1946. Entrou em exercicio a 16 de agôsto. Demonstrou no exercicio do cargo, os mesmos atributos de seus colegas. Obrigado a afastar-se do cargo, por motivo de enfermidade, foi, por ato de 30 de junho de 1950, do Govêrno do Estado, declarado com direito a sucessor, de conformidade com o deposto no art. 4º da Lei nº 299, de 9 de dezembro de 1948. Deram-lhe como sucessor D. Violeta Menezes Meimberg, que assumiu o exercicio do cargo em 29 de julho de 1950, encontrando-se, hoje, licenciada. O cartório ficou então, sob a direção de Francisco de Paula, nomeado escrivão substituto e escrevente juramento em 14 de dezembro de 1950.

Além dêstes, há o cartório do crime, privativo das execuções fiscais, de que é zeloso titular o dinamico e competente escrivão Humberto Teodoro Gomes, nomeado interinamente em 2 de fevereiro de 1943 e tornado efetivo em 25 de março de 1943.

Esse cartório teve como escrivões, primitivamente, João Barreto Maia, que veio de Monte Alegre, quando foi transferida a sede da comarca, Laurindo José de Oliveira e, depois João Petraglia. Este, por mais de dois lustros pôs, no serviço a seu cargo, com inteligência, tôda a sua energia e capacidade de trabalho.

Exerce, com proficiência e zêlo, as atribuições de Contador, Partidor e Distribuidor, D. Maria Nery de Carvalho, desde 28 de janeiro de 1946, data de sua nomeação.

As funções de avaliador estão entregues aos Srs. Hildebrando Lamberto e Oliveiros Lisboa, ambos criteriosos e experimentados servidores do Estado e da Justiça.

No cargo de oficial de justiça se encontram Jerônimo Santana e João dos Santos Andrades, o primeiro nomeado a 3 de março de 1947 e o segundo, a 25 de agôsto de 1950. Ambos dão ao cargo tudo o que são capazes, sendo que João dos Santos Andrades é o oficial designado para zelador do Forum e porteiro dos auditórios.

Durante agum tempo também serviu como oficial de justiça interino, o Sr. Antônio Santana.

Está vago o cargo de depositário publico, porque João Martins de Andrade, apesar de duas vêzes nomeado, em 29 de abril de 1946 e em 2 de setembro de 1946, não tomou posse dentro do prazo legal.

Servidores leais, dignos e competentes, da justiça nesta comarca, são também os Srs. Walter Vieira, tabelião do 2º ofício, Idalécio Vilela Martins, escrevente juramentado do 2º ofício, Antônio Damião e Manoel Rocha, auxiliares de cartório do 2º ofício, Oswaldo Sampaio Oliveira, auxiliar do 1º ofício e Elon Carvalho, do 3º ofício.

As funções de oficial do Registro Civil no distrito da cidade são prificientemente desempenhadas pelo Sr. José dos Santos Vilela, nomeado em 25 de maio de 1936. E seu substituto a sua própria espôsa — D. Valentina Carvalho Vilela.

No distrito de Capinópolis exerceu o cargo de Escrivão de Paz o Sr. José de Andrade Santos, nomeado a 28 de março de 1944, sucedendo-o o Sr. Odovilho Alves Garcia, que está no exercicio dêsse cargo desde 21 de dezem-

bro de 1945, tendo sido nomeado a 22 de outubro de 1945.
meado a 9 de maio de 1944 é o Sr.
O Escrivão de Paz de Gurinhatã, no-Heli Menezes.

No município de Santa Vitória, antigo distrito de Ituiutaba, e que hoje pertence a esta comarca, exerce o cargo de Arjunto de Promotor de Justiça o Sr. José Paranaiba Filho, nomeado a 14 de janeiro de 1949.

As atribuições de Escrivão de Paz, naquele município vizinho, são desempenhadas por Laerte Ribeiro Martins, nomeado a 12 de março de 1946, e em exercício deste 11 de maio.

Aos que no passado serviram á Justiça nesta comarca, rendo minhas homenagens. E aos que hoje se encontram no exercício de seus cargos, deixo expresso o meu reconhecimento e a minha gratidão pela colaboração eficiente, proba e leal que prestam ao Juizo, cooperando para que vigore, nessa casa, um regime e um ambiente de trabalho constante, respeito e acatamento, a par da noção de responsabilidade que cada um deixa entrever no exercício de sua atribuições.

Advogados ilustres, combativos e cultos, militam no Fôro local. Aí estão os Drs. Gustavo Maia de Menezes, Omar de Oliveira Diniz, Camilo Craves Junior, Fábio Teixeira Rodrigues Chaves, Hélio Benicio de Paiva e Heráclito Nogueira de Sá, para referir-me apenas aos que residem nesta cidade. Todos êles cooperam, sem duvida, para maior projeção da comarca e exercem a profissão com inteira obediência dos seus deveres fundamentais que compreendem «além da defesa dos direitos e interêsses que lhe são confiados, o zêlo do prestigio de sua classe, da dignidade da magistratura, do aperfeiçoamento das instituições de Direito, e, em geral, do que interessa á ordem juridica».

Além dêstes, muitos outros aqui residiram. Dentre êles, Zelson Medina e José Maia de Menezes, mais recentemente. No passado, João Ferreira da Luz, Luiz Jefferson Monteiro da Silva, João Texeira de Carvalho Filho, José Soares Junior, Manoel Justo Fabiano, Cleanto Vieira Gonçalves, José Carvalho de Toledo, Afranio de Carvalho, Ildefonso Dutra Alvim, José Fernandes da Silva e prof. Alvaro Brandão de Andrade, êste emérito educador e a cuja figura impar Ituiutaba tanto deve.

Das comarcas vizinhas muitos advogados têm vindo a Ituiutaba, á serviço de sua profissão, todos êles contribuindo, sem o sentir, no engrandecimento da comarca.

A Justiça de Paz estêve entregue a cidadãos de notória integridade, pertencentes a familias tradicionais desta região. Antes de criada a comarca, exerceram essas funções nesta cidade: Cap. Jerônimo Martins de Andrade, Osória Martins de Souza e José Pereira da Fonseca. Depois, no período de 1931 a 1950, outros homens ilustres ocuparam êsse cargo, a saber, sucessivamente: José Martins de Andrade, Nicanor Alves Leite, Jerônimo Kruger de Andrade, Antônio Alves Garcia, Leônidas Martins de Souza, Fernando Vilela Filho, Alcides Gomes Junqueira, Lafayete Alves Vilela, João Martins de Andrade, Armando Fratari, Antônio Caetano de Novais e Adão Antônio da Silva.

São juizes de paz da cidade atualmente, eleitos pelo povo: Armando Fratari, Antôpio Caetano de Novais e Nicanor Alves Leite.

O juizado de paz está entregue, em Capinópolis, a Manoel Alvares, sendo suplentes Jesus da Cunha de Oliveira e Franklin Ferreira Fiabes, cidadãos eleitos, que sucederam a Jader Marciano Rodrigues, Avenir Borelli e Moacyr Dias de Andrade.

Em Guarinhatã são juizes de paz Roque Martins do Carmo, Orlandino Bernardes de Oliveira e Benedito Gonçalves Angelo, os dois ultimos suplentes, que sucederam a Adelino Carvalho de Azambuja.

Santa Vitória, municipio desta comarca, tem como juizes de paz: José Paranaiba Filho, Ari de Souza Oliveira e Antônio Teodósio Rodrigues.

A comarca, presentemente, se compõe dos municipios do mesmo nome e do de Santa Vitória, com uma população global de 61.781 habitantes.

A sede se acha ligada a todos os municipios vizinhos, por rodovias estaduais e municipais. Está, também, ligada ao Estado de Goiás, pelas pontes do Canal de São Simião e «Afonso Pena», no Rio Paraiba, e ao Estado de São Paulo, pela ponte «Mendonça Lima» e do «Cemitério», esta em construção, no Rio Grande.

A comarca é servida, ainda, por linha aérea das Companhias «Nacional» munícação com as capitais dos diver- e «Via Brás», que põe a cidade em cosos Estados e com o interior de Minas, Goiás e Mato Grosso.

Pelo Decreto Lei nº 667, de 14 de março de 1940, foi a comarca elevada á categoria de segunda entrancia. Essa promoção resultou de seu enorme serviço forense, de sua potencialidade econômica e do esforço de quantos militam no seu fôro, projetando-o, no Estado, como dos mais cultos e movimentados.

Concentremos nosso pensamento nos vultos que no passado assistiram os primeiros passos da comarca e a êles prestemos, reverentes, nossa homenagem, porque não se entibiaram antes as urzes do caminho, não tiveram o animo entorpecido ante as asperezas das primeiras lutas e não chegaram a ter o espirito obscurecido ante as ingratidões ou as criticas de que foram vitimas. A todos, nossa homenagem, nossa gratidão.

EVOLUÇÃO AGRÁRIA DO MUNICIPIO DE ITUIUTABA
(Nota Prévia)
Petrônio Rodrigues Chaves

Temos programado um trabalho de de pesquisas sôbre a evolução agrária do municipio de Ituiutaba. Estamos ainda na fase de colheita de matetanto quanto possivel, definitava. Para atendermos, entretanto, a uma solicitação de ACAIACA, que edita um numero especial sôbre nossa comuna, pensamos em redigir uma página sintética, quase esquemática, como nota prévia, da evolução agrária de Ituiutaba.

De inicio queremos ressaltar que nosso trabalho não terá nenhuma nota de erudição. A pesquisa estará acima de qualquer influência bibliográfica, com base na observação dos fatos históricos, situando o homem no seu meio e estudando a influência dos fatôres culturais e sócio-econômicos, responsáveis pela magnifica afirmação da capacidade do povo brasileiro no vale do Paranaiba, enfáticamente denominado Canaan do Brasil Central.

AÇÃO DO SERTANEJO

Foi o sertanejo o autor da façanha que conta vários séculos. De inicio, bandeirantes desabusados seguindo a trilha do Anhaguera, passearam por aqui requerendo sesmarias, que nos seculos XVIII e XXIX, se multiplicaram nas tipicas fazendas de criação do negro escravo nas árduas pelejas dos campos. Foi o homem, com sua familia, se sucedendo pelos anos afora, quem permaneceu na liderança da ação civilizadora, criando fazendas, subdividindo nos inventários os imensos latifundios, empurrando com seu o seu braço e seu sangue, em cada descendência, a linha divisória do sertão. A ação do homem é um poema epico que precisa ser revelado a mocidade de hoje para que, no exemplo de seus antepassados, ela encontre o caminho da honra e do dever.

A Adversidade do Meio

O meio foi sempre adverso. De inicio as imensas distancias de campos infindáveis e as matas agressivas propuseram problemas de dificil solução. Aproveitando as encostas das serras, os rios caudalosos, as veredas intransponiveis, conseguiram os fazendeiros criar o seu gado em vastas extensões de terra que não conheciam divisassas. Só mais tarde, com a introdução do arame farpado, cercaram a primitiva liberdade das rêses bravias, que nem os acidentes naturais e nem os «Vales» abertos por escravos conseguiram dominar. A rarefação humana, a criação extensiva, a falta de transporte, a ausencia de instituições de crédito, tôdas as condições adversas forçavam os fazendeiros a praticar uma exploração agricola incipiente desde o pioneirismo bandeirante, até o término da primeira guerra mundial. Poderiamos falar aqui, positivamente, no ciclo da criação do gado que se estende da conquista até a guerra de 1914, pouco depois da criação do municipio. Nas fazendas de criação, em que os campos naturais e os cerrados predominavam quase que totalmente sobre as pastagens artificiais, produzia-se de tudo, a exemplo dos primeiros povoadores, de que nos fala Oliveira Viana. Desde os veiculos de tração (predominantemente o carro de bois), as arreatas, materiais para habitações, até os mantimentos para sustento da familia: arroz, milho, feijão, rapadura, café. O algodão era cultivado para que, com a industria caseira da fiação nas rodas e a tecelagem dos teares primitivos, se fabricassem os tecidos de algodão com que se confeccionavam calças e camisas para homens, saias para mulheres, rêdes, mantas, e cobertas para as camas. Chapéus, alpercatas e perneiras de couro cru, tudo isso era utilizado no regime de economia da abastança em que as «casas de negócios» das vilas obtinham pouca vantagem.

REVOLUÇÃO DE MÉTODOS

Depois da primeira grande guerra, abertas as primeiras estradas de automóvel, iniciada a imigração, instalados os pioneiros bancos nas cidades pioneiras, intensificado o intercambio comercial, operou-se no vale do Paranaiba a grande revolução. Até então, amendrotados da mataria virgem do vale, refugio de animais bravios, incapazes de defrontá-la por carência limitavam ás fazendas de campo naturais onde se praticava, em beira do córrego, a agricultura suficiente para o consumo da familia e dos agregados.

Surgem os pioneiros das derrubadas. Velhos posseiros latifundiários, donos de milhares de alqueires de mata virgem improdutivas, refugiaram-se nos campos e alearam as extensas glebas de terra massapé, cobertas de magestosa e milenar floresta. Sangue novo circulou no velho organismo sertanejo. Mineiros, paulistas e nordestinos, corajosos e ávidos de lucros, levaram avante uma empreitado que durou quase meio século. Muitos milhares de alqueires de mata cairam sob o golpe do machado e em seu lugar surgiram as esplêndidas invernadas de jaraguá, graminea de alto poder nutritivo, base da riqueza pecuária que fêz do municipio o maior produtor de gado bovino de todo o Estado.

Era êsse sistema: derrubada a mata pelo agregado êste cultivava o terreno dois ou três anos, remunerando o patrão com uma percentagem ou simplesmente entregando o pasto formado de jaraguá.

EPOPÉIA DE GIGANTES

O que foi esta epopéia sòmente artista da pena poderia retratá-lo. Temos que considerar a hectombe vegetal, os velhos troncos seculares, madeiras de lei preciosas e raras, derrubadas impiedosamente, destruidas por queimadas implacáveis, perdidas abandonadas no desperdicio da fartura; a formação das pastagens de jaraguá que possibilitaram a criação de um gado de corte padrão, farturento de carne, precoce prolifero e ristico; o drama do cabloco, sua culturação, as migrações periódicas, suas caracteristicas fisicas e piscológicas em face da luta titanica contra o meio hostil, o seu abandono, a sua instabilidade, o seu nomadismo; o povoamento; a subdivisão progressiva da propriedade que proporcionou uma acentuada densidade da população, ao contrário das fazendas de campo, largas e de habitações rarefeitas.

A LIDERANÇA NA PECUARIA

As invernadas de jaraguá fizeram a riqueza do municipio. Para formá-las elevou-se enormemente a produção das chamadas culturas de transição tais como o arroz, feijão e o milho, êste ultimo utilizado na criação de engorda de suinos.

Derrubadas as matas do vale, intensificadas a criação e a recriação do gado bovino, enriquecendo êste com o sangue zebu e o poder nutritivo das pastagens novas, o municipio de Ituiutaba viu surgir uma nova éra na sua evolução agropecuária, passando a figurar nas estatisticas como o maior produtor da pecuária mineira. Parecia a muitos que o jaraguá finalizara essa evolução. Veio a guerra de 1939 e depois dela um novo ciclo se iniciou no vale prodigioso.

A MECANIZAÇÃO DA LAVOURA

As fertilissimas terras produzem de tudo; arroz nos espigões e nas baixadas, algodão, milho, feijão, gergelim, etc.. Com o milho se sustenta a maior criação de suinos do Estado e a sua consequente engorda, cuja industrialização é operada na própria cidade. O volume da produção de arroz, de há dois anos para cá, ultrapassa de um milhão de sacas, anualmente e de três máquinas de beneficiá-lo que havia há três anos atraz o seu numero em 1953, já atinge a casa dos trinta; duas máquinas de descaroçar algodão se encarregam de beneficiar a produção do municipio e uma fábrica de óleo e torta de caroço de algodão faz o seu aproveitamento integral. O gado bovino ocupa ainda o primeiro lugar nas estatisticas mineiras e fornece leite para duas fábricas de manteiga. Uma charqueada apate e industrializa a produção de bois engordados nas pastagens mais distantes do vale. Enfim, é a industria aliada á pecuária e á agricultura, é a industrialização «in-loco» de tôda a produção do municipio, obra de homens acostumados ao trabalho, longe das vistas protetoras do govêrno, num esforço de equipe que conquistou para Ituiutaba um elevado padrão de cultura e de riqueza.

EM SINTESE

Temos assim, em resumo, a exploração pastoril nos seculos passados e inicio de século XX, com base no latifundio e nas pastagens naturais; depois, a derrubada das matas, a agricultura transitória para a formação das invernadas de jaraguá; e, finalmente, a grande, moderna, mecanizada e motorizada agricultura, de parceria com a industrialização de tôda a matéria prima.

Realiza-se, assim, em Ituiutaba, uma verdadeira revolução na economia mineira, fruto do trabalho herculeo dos seus filhos, servido pela exuberancia de sua policultura, numa gleba uberrima, fadada a ser o Celeiro do Brasil Central.

REMINISCENCIAS DE ITUIUTABA
(Newton Ribeiro da Luz)

Tenho a impressão de que, errando pelo mundo, voltei, afinal, ao ponto de partida. E porque ou para que? Para ajustar, talvez, o que estava desajustado. E que estava ou poderia estar desajustado? Não sei. Algo de incompreendido ou de incompreensão, algo que se sente e não sabe, ou se sabe e não se pensa, ou se pensa e não se diz, ou se diz e não se vê, ou se vê, ou se vê e não se crê.

Nesta situação e com este pensamento, eu aqui me encontro, recordando o passado distante, tão distante já, dir-se-ia mesmo perdido na penumbra dos tempos.

Mas como é lisonjeiro e doce recordar!

E' que, chegado ao ápice da vida, o homem já não quer prosseguir, continuar a caminhada; sente que não pode mais, que é inutil insistir. Uma voz como que lhe brada aos ouvidos: «pára». E ele tem de parar. A ordem é de um comando estranho.

Volta-se então para o passado e começa a descida. Para o impio, para o increu, é um tortura a descida da montanha, uma grande angustia, porque, para esse, só vale a força, a exuberancia, a saude no seu vigor e na sua plenitude.

Mas para o espirito confiante e humilde, para quem o mundo não é o fim, para quem abomina o orgulho e detesta a soberba, para quem no mundo só a virtude vale, para esse a esperança não morre, a descida é suave e boa e a morte uma bênção de Deus.

Com estas palavras, quero dizer que me sinto, nesta altura da vida, mais ao lado de lá, mais além do que aquém, como dizia um bom português.

Não estou mais em idade de envaidecer-me, de alimentar vaidade. De resto, nunca, talvez, a tenha tido, porque a vida me foi sempre aspera e dura.

Nunca tive tempo para o ritornelo. Nunca nos meus calculos esteve ser aquilo que eu nunca poderia ser. Desde os tempos de rapaz, uma só cousa, uma unica cousa eu sempre quis e sempre desejei: viver na simplicidade da graça de Deus, buscá-lo em tudo e andar em verdade em sua presença.

Todavia e por isso mesmo, tenho um grande prazer, imensa satisfação em receber na terra onde passei uma quadra feliz de minha vida, esta homenagem, que representa aos meus olhos e traduz ao meu espirito um ajustamento ou reajustamento de contas de que não houve decisão com transito em julgado.

Na minha judicatura, aqui, como alhures, jamais procurei ou desejei agradar e nunca temi desagradar. Sabia qual foi minha atitude, meus colegas e amigos, quando de uma manifestação da magistratura mineira.

Compreendi o que me poderia suceder, a extensão que poderia ter o meu gesto na minha carreira, que corria o risco de ficar inteiramente prejudicada. Mas não trai a minha consciencia. E as palavras que então proferi á surpresa do convite para aderir á homenagem, ficaram assinaladas:

«Dicordo, reprovo, condeno e protesto».

Permaneci, em primeira instancia, na Capital, treze anos consecutivos, arcando com o mais árduo e mais volumoso trabalho de juiz no Estado de Minas Gerais, naquela época, e para dar conta da tarefa, para ter em dia o serviço, não vê-lo assoberbado, eu trabalhava, e muitas vezes doente, que muita saude eu não tenho, dez, doze e quatorze horas por dia. E mais o tempo teria ficado em primeira instancia, e sucumbido, talvez, ao peso do cargo, mais teria ali servido, mais «Servira, si pera tão longo amor»...

Não estou lembrando isto por gaudio ou vaidade. O meu proposito é tão somente mostrar que a minha norma de agir, de me conduzir no cargo, sempre foi uma e unica em toda parte. Não procurar agradar, nem temer desagradar.

E magistrado que não tem por principio esse ensinamento, que é da imitação de Cristo, foge á sua missão e sofrerá tortura de consciencia, acabando por perder a confiança dos homens e a graça de Deus.

Mede-se o grau de cultura e civilização, de um povo, pela conduta e pela idependencia de seus juizes, e pelo respeito e consideração de que são estes cercados nos seus julgamentos. Quando deixa de haver garantias, ou estas se enfraquecem para as decisões judiciarias, quando os juizes se tornam desgarantidos no exercicio da sua judicatura, estão abalados os alicerces da Patria.

E' facil ver que os paises mais bem organizados, que mais se impõem ao conceito e acatamento dos povos, são exatamente aqueles cuja justiça mais confiança inspira, aqueles cujos juizes decidem com independencia e contra os quais não podem os governos e os caprichos da prepotencia.

Conta-se — é da história — que Napoleão Bonaparte, quando mais impressionava o mundo, no auge do seu poderio, certa vez mandou um emissário de alta graduação ao presidente da Côrte de Cassação, para fazer sentir áquele a conveniência de ser reformada a jurisprudencia do Tribunal, em virtude da qual as constantes indenizações decretadas contra o Estado pesando muito no erário imperial. Muito surpreendeu ao graduado emissário de Napoleão a resposta de Henrion de Pansey, que era o presidente da Côrte de Cassação. «Mas sua Magestade o exige» — retrucou êle. E mais surpreendido ficou ainda com a segunda resposta de Henrion: «Diga a sua Magestade que mais vale perder o fisco milhões do que a nação ver diminuidade a consideração em que é tida essa Côrte».

Entre nós há o conhecimento caso dos treze generais presos por Floriano. Informado este de que o Supremo Tribunal Federal concederia aos generais «habeas corpus» no dia seguinte, perguntou Floriano ao informante: «mas quem depois concederá «haveas corpus» aos ministros do Supremo Tribunal Federal?

O «habeas corpus», impetrado por Rui Barbosa, não foi concedido, mas o ministro Piza e Almeida, imperturbável á ameaça, impávido, proferiu o seu voto pela concessão da medida, o que mereceu de Rui Barbosa, que lhe beijara as mãos, de joelhos, aquela expressão que ficou na história e nas crônicas judiciárias, cujos têrmos precisos não me lembro bem, mas diziam mais ou menos que estava salva a magistratura brasileira ou salva a justiça do Brasil.

Tinha Rui em altissima conta o Poder Judiciário, que considerava o «eixo» das democracias e cujo falseamento importaria bacharelandos da Faculdade de Direito de São Paulo, esmreveu:

«A ninguém importamais do que á magistratura figuir do médo, esquivar humilhações e não conhecer a cobardia. Todo o homem magistrado tem muito de heróico em si mescida rapidez que a nada e dobra, e mo, na pureza imaculada e na plâde nada se teme, senão de outra justiça, assente cá em baixo na consciencia das nações e culminante lá em cima, no juizo divino».

Isto posto, vou agora fazer o meu agaredcimento. Quando, em 1943, completava dez anos de judicatura na Capital do Estado, recebi dos advogados Belo Horizonte u'a homenagem a que aderiram a Ordem dos Advogados do Brasil (secção de Minas Gerais), o Instituto da Ordem dos Advogados, o Clube dos Advogados, a Associação Profissional dos Advogados e o Ministério Publico Federal.

Foi aquela homenagem para mim, naqueles rudes dias, um confôrto tão grande que a minha alma parecia banhada de orvalho do céu. Falando em nome da Ordem e do Instituto da Ordem e do Clube dos Advogados, o Dr. Milton Campos começou o seu discurso com a seguinte palavra de São Paulo aos Corintios:

«A nossa gloria é esta: o testemunho da nossa consciencia».

E o Dr. Marcelo Silviano Brandão, pelo Ministério Publico Federal, iniciou a sua oração com um prolóquio romano: Magistratum indicat virum — «o exercicio da magistrautra mostra quem é o homem que a exerce».

Pois bem. Aquela palavra de São Paulo, proferida há vinte séculos, tem com efeito aplicação exata e perfeita aos magistrados, cuja prece de todos instantes é a sua consciência elevada para Deus, e quem assim procede e assim vive, assim se retrata e se mostra no exercicio da profissão segundo a máxima romana.

Meus senhores, se procurardes em mim um ato, uma atitude, o quer que seja que resaia ou sobressaia, de alto, nada encontrareis: apenas vereis o que eu próprio vejo, reconheço e outra cousa não desejo: uma sombra que passa.

Senhores, eu quero agradecer-vos, mas, na verdade, não encontro, não me ocorre, não me vem ao pensamento. Queria dizer a cada um e a todos o que ainda na linguagem humana ninguém disse, uma coisa que yudesse ficar, que pudesse cada um guardar e sobretudo justificar a homenagem que seria menos a mim, ou nada a mim, mas a uma cousa abstrata que se quer e não se sabe, que se deseja e não se vê: um simbolo de que eu seria apenas o pretexto e a minha efigie a figura.

Mas... nada vejo, nada visiumbro, nada se me depara!

O que me resta é mesmo dirigir a cada um e a todos, meus colegas, meus companheiros de vinte anos atrás e a todos que me honram com a suap resença e a quantos se fizeram representar. A todos, pois, agradeço com a efusão de uma alma reconhecida e grata.

Ao nobre colega que hoje dirige os destinos judiciários da comarca, Dr. Erotides Diniz, figura consular de magistrado e a quem brilhante futuro está reservado na carreira. Substituiu na comarca o Dr. José Américo de Macedo, outro juiz que honra a magistratura mineira.

Ao Dr. Gustavo Maia de Menezes, o mais antigo advogado de Ituiutaba, hábil cansidico e hábil «timoneiro», que nas barrascas, em mar tempestuoso, quando se pensa que afundou, surge á-tona, maliciosamente sorrindo.

Aos demais advogados que hoje militam neste pretório, todos ainda cheios de ilusões e de esperanças, antevendo o futuro, com os olhos do espirito num encantamento de vida e juventude, de que ressoam hinos de fé e augurios de vitória. Entre êsses jovens causidicos, cumpre-me declinar o nome do Dr. Hélio Benicio, filho de um dos meus melhores amigos, e cujas palavras, saudando a mim e saudando minha esposa, que eu lamento não estar aqui a meu lado, tocaram-me profundamente ao coração. Minha espôsa foi sempre uma companheira dedicada e mais dedicada ainda no infortunio e no sacrificio (e quanto sacrificio, meu Deus, e quanto infortunio!) Sem a sua ajuda, o seu alento, a sua coragem, eu talvez sucumbisse em meio da jornada e aqui não estaria, ouvindo, como ouvi, a generosa palavra do dr. Hélio Benicio.

Os advogados são também juizes: são juizes dos juizes. E na sua fulgurante oração de paraninfo, em São Paulo, lida por Porchat, também falou Rui:

«Na missão do advogado também se desenvolve uma espécie de magistratura. As duas se entrelaçam, diversas nas funções, mas idênticas no objetivo e na resultante: a justiça. Com o advogado justiça militante, justiça impetrante no magistrado».

Aos meus antigos auxiliares, que me não saem, por mais que os dias andem e os anos passem, do espirito e do pensamento. Coleto de Paula, que fêz propósito e porfiou com o tempo de não contar senão primaveras, e dentro delas embirrou em ficar. Nicota, que lembra, na meticulosidade quando preceitua e fala, interpretando regulamentos, o mestre João das Regras, João Petraglia, o datilógrafo de 180 palavras por minutos, fazendo literatura nos processos e de tal como e ejito, e com tal arte, que do Procurador-geral ouvi que os processos mais bem preparados que passaram pela Procuradoria eram os que iam de Ituiutaba, isso também ouvindo de desembargadores, que examinavam com prazer os autos desta comarca, por não lhes oferecer dificuldade o manuseio, pelo asseio, pela ordem e pela correção de linguagem em tôdas as suas peças. Maria Lisboa, a escrevente assidua, bondosa e dedicada. Sempre igual.

E os mortos? Juvenal, o contador, sossegado e calmo, mas capaz de estoradas, de boi sonso. Laurindo, o professor Laurindo, adjunto do promotor e depois escrivão do crime. Tão bom e tão infeliz, tão sofredor e tão conformado com a sorte que Deus lhe deu. Francelino Cardoso, cujo nome evoco com emoção. Entusiasmado, alegre, prazenteiro e sempre pronto a discutir. Taboca (Joaquim Antônio da Silva,) folgazão, arguto e indagador, e que como Francelino Cardoso, divertia-se gostosamente, com boas risadas, em comentar as gafes e fraquezas alheias. E fique sabendo, doutor, disse-me uma vez, que o senhor também não escapa de nossa lingua quando escorrega ou se deixa escorregar. E de mim contou-me uma de que haviam gozado.

Antônio Lomonaco, meu compadre, coletor, falecido prematuramente em Belo Horizonte, já em pôsto mais elevado. Sucedeu-lhe na coletoria Rodolfo de Oliveira, nervoso com relação ás cousas fiscais, mas expansivo quando contava casos de Santo Antônio do Monte e São Gotardo, de onde veio para Ituiutaba. Também faleceu em Belo Horizonte, já aposentado.

Ainda exerceu a exatoria fiscal, no meu tempo, mas êsse ainda vivo, com a graça de Deus, vivo e vivendo, na capital, como rapaz, apezar de viuvo e de muitos filhos, o meu amigo João Chaves Junior. Uma pilha elétrica. Bravo e intransigente na defesa do erário.

E os oficiais de justiça? Jerônimo Branco, protegido dos Martins, orador perpétuo, com um só discurso todos os anos, em 13 de maio.

Muito bom, mas muito preguiçoso, e fazendo sempre praça de sua dedicação aos Martins, com entonação na voz: «nós da familia Martins» ... «Capivara», tristonho e humilde, de uma humildade nazarena, e a quem o cargo nobilitara, pondo-lhe prumo na vida, até então desregrada.

«Cozinheiro», que se gabava, perto do colega de saber preparar muito bem uma capivara ... E o outro, rindo, humilde, como se fôsse mesmo para fôrno, «deixe-se de história, João, você lá pode com «capivara»?...

De dois outros varões, amigos, eu quero recordar. Um dêles, o dr. Luiz Jeferson Monteiro da Silva, qupe eu aqui encontrei da primeira vez que estive e que saiu quando eu sai nomeado juiz de direito de Piranga. Foi para São Paulo, seu Estado, para Lins, onde triunfou na advocacia, fazendo fortuna, e onde vive ainda.

O outro, um dos meus melhores amigos desde o ginásio, em Juiz de Fora, o malogrado dr. Orlando Zobrist Tôrres. Um sonhador. Incapaz de querer mal, incapacissimo de um ato prejudicial a alguém ou que a alguém pudesse aborrecer, êle vivia para um ideal, por uma cousa que buscava e não encontrava. Dêle se poderia dizer como alguém disse de Castelar; um poteta sem nunca ter escrito um verso. Que saudade eu sinto dêsse amigo!

Devo também lembrar dois colegas que passaram por aqui, um meu sucessor imediato, o dr. Alexandrino Alencar, tão cedo desaparecido dos vivos, e o outro, o dr. Palmério, engenheiro e bacharel, que se fêz juiz depois de velho, por vocação, por uma tendência irreprimivel do seu espirito, havendo se aposentado por fôrça da idade e pouco vivendo após a aposentação.

Quero ainda recordar algumas figuras da terra, que se impuzeram ao apreço de seus conterraneos. José Furtado, homem de fé no trabalho. João Martins de Andrade, de quem Hilarião Chaves dizia que era a vara que enfeixava as outras e que sem êle o feixe estava destinado a ser todo quebrado. Capitão Jerônimo, ancião autero e chefe da familia Martins, que lhe honra o nome.

Pedro Rodrigues Chaves, cidadão progressista e de quem guardo grata recordação. Ia com frequência á minha casa e contava-me, com minucia, casos e fatos de sua vida e da sua luta desde criança. Padre Augusto Cesar Monteiro, falando muito, msa depressa pronto a esquecer as máguas e as ofensas. Joaquim Gonçalves de Azevedo, amigo do Pe. Monteiro e cujo apelido — Gafanhoto — contrastava com seu porte agigantado. Fernandino Vilela, polido e afável. E quantos outros. Isaias de Andrade, Antônio Junqueira, Joaquim Carvalho, Arquelau, Alfeu de Freitas, Pedro Fanelon, Napolião Andrade, Conceição Barbosa, Paulista, de pouco tempo na terra, mas que se impuzera logo á estima de todos pelos seus tributos de homem de bem, e, ultimamente, Horácio Martins de Andrade, de tôda gente nesta cidade conhecido como modelar varão.

O Cônego Angelo Tardio Bruno, grande benfeitor do Tijuco e Vila Platina, eu não cheguei a conhecer, como não conheci Pio Goulart, outro batalhador, que sacrificio não mediu pelo Tijuco e pela Vila Platina.

Quero me permitais agora uma palavra de saude para com a figura de um homem simples, mas bonissimo

na sua simplicidade; o meu tio Manuel Bernardes. Paciente, de uma paciência angélica, sentia, pensava e falava como Job, segundo êle próprio dizia: «sou uma sentinela que espera o dia de ser rendida».

Também dos vivos que ainda por aí andam, á espera da rendição, eu me lembro muito bem e os estou vendo, á proporção que escrevo, em épocas diversas, ora atravessando ruas, ora parados, em grupos, conversando, em vários ponto da cidade, ou em frente á Igreja, ou na casa comercial do Osório Martins ou ás portas das farmacias, ou nas festas, ou no trabalho, na luta que não cessa.

Figuras masculinas e figuras femininas. E pergunto a mim mesmo e a mim mesmo respondo: aquêle que por ali passa apressado, quem é? Horácio Siqueira. O outro, também á pressa? Heitor Fratari. O outro, ainda apressadamente? Clarindo, da fábrica de banha. O outro? Artur Bittencourt. Aquela? Minha comadre fulana. A outra? Minha comadre beltrana. Aquela senhorita, que está custando tanto a se casar? Clerana. A outra, que também não se casa?

Não quero dizer-lhe o nome. Aquêle alto, que está parado? Melquiades Diniz. Aquêles que estão em grupo ou em grupos? Altamiro Ribeiro, Augusto Martins, João Quirino, José Marciano, o jovem Cicero de Barros e outros que conheço, estou reconhecendo e cujos nomes não me ocorrem á memória. Outro grupo: Otávio Macedo, que foi meu colega em Ouro Prêto, Daniel de Barros, o estudante, quase formado, Petrônio Rodrigues Chaves. Outro grupo: Chico Alves, Clarimundo, Felicio, já falecido, o valente Felicio, mas de fala macia e branda. Um grupo de altos e baixos: Chiquinho Carvalho, Adelino Carvalho Chanico, Carlito, Nhonhô, Fanecredo Marquez. Outro grupo: meu compadre Libório, o Manoelito, Randolfo Rocha, Januário Bertoni, também meu compadre. De longe: Zequinha Goulart. Aproximando-sse do centro: João Moreno e Jorge Felix, Sangote, Tonico Franco e mais dois Francos cujos nomes não me vêm á memória. Aquêle alto, o mais alto de todos? Dr. Alvaro Modesto de Azevedo, o meu amigo Alvaro, conversando com o mais baixo de todos, o Orlando, dr. Orlando Torres, e com Juca Martins, José Martins de Andrade, o Juca Dentista, igualmente meu amigo. Chegam o Calixto, ainda muito moço, e o jovem Abdala, hoje um dos homens mais prósperos da terra. Outro grupo: Miguel João, José Dib e Joço Dib. Outro: João Diogo, já falecido, Tolendal Bittecourt e um cidadão de fora, da cidade do Prata. Aquêle menino que o dr. Costa Cruz vaticinava que ainda ia fazer muito barulho em Ituiutaba? Omar Diniz. E o outro, de pôse, com ar de príncipe nórdico? Garibaldi. Sentados: Camilo Chaves, com ar distraido, e Tito Teixeira, que chama Afonso Chaves, que vai passando. Falando com Lomonaco, triste, pensativo, Inocêncio Moreira.

A porta da loja dos Martins, o dr. Fernando Vilela (residente então em Uberlandia), grande cidadão e cuja administração, como um dos primeiros agentes executivos, na ordem cronológica, é até hoje lembrada. Outro, que aparece de vez em quando, de Campina Verde, um pouco brusco e estabanado de maneiras, de muito espirito e verve, não poupando nunca aquêle que julga aquém das posições que ocupam, de pé, no passeio, olhando ao alto. E' o dr. Nicodemos de Macedo. Engenheiro laureado da Escola de Minas, teve prêmio de passeio á Europa, onde porém, não foi. Fui seu aluno em Ouro Prêto e por sinal que me deu uma bomba, fazendo-me perder o ano, o que me custou grande transtôrno na vida. Atravessam a praça: Dr. Juquinha Vilela e Alcides Junqueira, lépido, e o dr. Alfranio de Carvalho, com ar triunfante. Aquêle que está á janela, olhando desconfiado? E' o Otaviano. Não sai de casa de dia, mas á noite anda pela cidade tôda e no dia seguinte dá notícias de tudo que se passou. Aquêle que não para de falar? E' o Tonico Morais. Morreu, coitado! Saindo do armazém, o Bazilino, Bazilino José Ferreira, que se dirige ao encontro do Valico. Do lado apôsto, João Guató e João Rocha, seguindo o Gerôncio e Toniquinho Chaves. Chama atenção um fagrinho, palrador. E' o Chiquinho das turcas, eo que se lhe segue, bamboleando o corpo, Epaminondas Morais. Aquêle sorridente, de fisionomia jovial? Tolstoi, o Barão, como é conhecido. Um grande lutador, que venceu pelo próprio esfôrço. Também sorridente, ligeiro, Ildefonso Alvim, em demanda do Forum, e atrás, de vagar, o meu irmão Jaime e o meu tio Oscar Bernardes. Em direção a um chamado Esau Carvalho e o dr. Saul recém-formado. Saindo do Hotel Aliança, circunspeto, grave, aprumado, o dr. Godinho. Vejo ainda, em épocas diversas, além de outros, que seria fastidioso enumerar, o Badu, o José Inácio e o dr. Vieira, que não vive mais, já de muito tempo. Era um homem muito inteligente. E em vários locais, impaciente: sobe, desce, torna a subir, torna a descer, fala com um fala com outro, atende a êste, zanga com aquêle, chama outro, fala recomenda: o mais popular de todos: vive no coração do povo: Lica Martins.

Se pudesse voltar atrás, viver de novo aqueles tempos, quando Ituiutaba não era a princesa que é hoje, mas uma virgem de pés descalços e vestidos rotos! Vivê-los sem resalbos e sem contradições!

Mas a verdade é que até dos resalbos e das contradições eu tenho saudades!

Até os riscos e perigos por que passei me acenam. Uma tarde, Alfeu de Freitas, pálido, depois de saltar uns dez quintais, com a boca aberta, a lingua de fora, olhos estalados, procura-me no chateau do Orlando: é preciso que o senhor vá lá. Os Vilelinhas estão sendo caçados pela policia, armas embaladas. O Pacifico também. Também eu. O proprio delegado. Estamos sem garantias.

Tive de ir e fui correndo, com receio de graves acontecimentos. Em caminho encontro um dos Vilelinhas, o João, se não desacerto o nome, com a mulher e os filhos, procurando fugir. No alto da Abadia, em frente ao quartel, uma multidão dividida: uns a favor da policia e contra os perseguidos e outros contra a policia e a favor dos perseguidos. O movel da questão eu nunca cheguei a saber ou compreender bem, mas percebi que provinha da atitude de um soldado de estatura alta e espigado, uma fera, que se indispôs com uma certa parte da população. Um soldado que não tinha medo, segundo o proprio Alfeu, e que havia jurado dar cabo aquela noite de seus desafetos. Compreendi a gravidade da situação. O sargento, um homem que fazia lembrar o Gigante Golias e com quem eu já havia tido um desentendimento. Não tive duvida, porém. Determinei ao comandante do destacamento, em voz alta, como de comando, dizendo que fazia em nome do Presidente do Estado e do Chefe de Policia, a prisão do soldado. E a prisão foi feita.

Pois bem. Até desse dia eu tenho saudade. Até de outro, em que tive de prender o proprio sargento, comandante do destacamento, que era outro e que me deu uma grande lição, quando já noite e ele preso desde o meio dia, eu me dispus a soltá-lo. O senhor viu, doutor? O senhor quando chegou para me prender, chegou apenas com dois nomens; o resto do povo vinha quase um quilometro atrás, e eu estava armado e com soldados também armados, doutor. Se eu não quisesse ser preso, o senhor me prenderia, doutor? E porque então — perguntei-lhe eu — você se deixou prender?

E ele, com ar de superioridade, apesar de falar de dentro das grades da prisão; eu quis ver, doutor, até onde ia a sua vaidade de querer prender um sargento, e um sargento que não tem medo, doutor...

Tempos depois vim a saber que esse sargento era um excentrico e que por mais de uma vez havia estado em observação no Instituto Raul Soares.

Tudo, pois, senhores e senhoras, tudo isso e mais e muito mais, que de coisa alguma no coração eu guardo o quer que punja, qualquer ressentimento, tudo me faz saudade, uma grande, uma infinita saudade, e hoje, agora em retrospectiva áqueles tempos que não voltam mais, eu «folha amarelecida, ainda presa ao galho, á espera de uma rajada que a faça desprender e cair», vos agradecendo, meus colegas, meus amigos, meus parentes, meus antigos companheiros e bons conhecidos de outrora, na plangencia da vida, com a alma presa na garganta e a voz embargada, cheio de gratidão e de reconhecimento, exclamo como o poeta:

«Quanto mais lanço os olhos do [passado,
Tanto mais me sinto distraído,
Por tanto bem tão mal compreen- [dido,
Por tanto mal tão bem recompen- [sado:»

(Discurso proferido pelo Des. Newton Ribeiro da Luz, ao ensejo de homenagem que lhe foi prestada em Ituiutaba).

ASPETOS MEDICO-SOCIAIS DA CLINICA EM ITUIUTABA

Dr. José Zoccoli de Andrade — Presidente da Seção de Ituiutaba da Associação Medica de Minas Gerais.

Antes do ano de 1890, o Arraial de São José do Tijuco não possuia ainda o seu medico residente. Até então os medicos que aqui apareciam, vinham somente quando solicitados das comarcas vizinhas de Monte Alegre, Uberaba e São Pedro de Uberabinha. Em 1890, porém, transfere-se da vizinha comarca de Monte Alegre, o Doutor José Petrágila, fixando definitivamente sua residencia no Arraial de São oJsé do Tijuco. Foi portanto o Dr. Petrágila, o primeiro clinico residente que tivemos. Nascido a 12 de janeiro de 1846, em Piaggine, Provincia de Salermo, na Italia, e tendo cursado a Régia Universidade de Medicina e Cirurgia de Nápolis, ai colou grau em Doutor em Medicina em 26 de abril de 1875. De 1890 até 9 de agosto de 1913, data de seu falecimento, exerceu o Dr. Petrágila, durante 23 anos, uma atividade abnegada e ininterrupta no setor medico e social de Ituiutaba. Durante 12 anos foi o Dr. Petrágila o unico medico residente de Ituiutaba, dado mais que suficiente para aquilatarmos da sobrecarga imensa que lhe cerceava suas responsabilidades de medico honesto. A medicina não o fez morrer rico, o mais certo é que lhe tenha abreviado a existencia. Foi italiano de nascimento, porém viveu e morreu como um heroico medico do sertão brasileiro. Foi somente em 1902 que tivemos o segundo medico residente, o Doutor Antonio Guimarães.

Em 1904, o Dr. Adolpho Marcondes, vindo do Rio de Janeiro.

Em 1909, o Dr. Joviano de Castro, homem dinamico, de cenho forte, porém cumpridor de seus deveres como medico. Chegou a fazer fortuna na medicina. Clinicou por duas temporadas em Ituiutaba. Já falecido.

Em 1915, o Dr. Antonio Gabinio. Foi um dos idealizadores da primeira hidreletrica de Ituiutaba. Exerceu a medicina em Ituiutaba, de 1915 a 1919.

Em 1916, o Dr. Vicente de Souza Neto, que aqui clinicou até 1922. Ainda em 1916, o Dr. Rocha Pitta pela primeira vez. Posteriormente veio novamente a exercer a medicina em Ituiutaba.

De 1917 a 1919, o Dr. Porfirio de Almeida Machado, natural de Araxá.

Em 1920, o Dr. Marco Tullo. Segundo pudemos apurar, realizou em Ituiutaba a primeira intervenção cirurgica.

Em 1921, o Dr. Emanuel Neri. De 1922 a 1924, o Dr. Raimundo Mariano de Matos.

Em 1923, o Dr. Adilon de Mendonça, clinicando em Ituiutaba até 1926 e atualmente residente em Monte Alegre de Minas. Ainda em 1923, o Dr. Durval Godinho, clinicando até 1952, transferindo sua residencia para Bala.

De 1924 a 1925, o Dr. Silvino da Silva Pontes.

De 1926 a 1927, o Dr. Mario Linhares, atualmente residente em Belo Horizonte.

De 1926 a 1934, o Dr. Alvaro Modesto, atualmente residente em Belo Horizonte.

De 1928 a 1933, o Dr. Laerte Vieira Gonçalves, atualmente residente em Uberlandia.

Em 1932, o Dr. Cid Ferreira Lopes, que aqui exerceu com grande brilho o cargo de Diretor do Pôsto de Saude. Atualmente reside em Belo Horizonte e constitui um dos nomes exponenciais da cultura medica especializada de Minas.

De 1932 a 1936, o Dr. Tobias Gomes Junqueira, atualmente residente em São Paulo.

De 1934 a 1936, o Dr. Oscar Gomes Moeira Junior, atualmente residente em Uberlandia. Ainda nesta mesma época, o Dr. Mizael Soares de Freitas, inteligencia brilhante e falecido prematuramente.

Em 1935, o Dr. Lauro de Castro Guimarães, colega distintissimo, de saudosa memoria, falecido também prematuramente em Novo Horizonte, Estado de São Paulo, vitima de um infarto cardiaco.

Em 1939, o Dr. Walter Bhler, atualmente residente no Rio de Janeiro.

Em 1940, o Dr. Galileu Lima, brilhante cirurgião, atualmente em franca atividade em Carangola, Estado de Minas.

De 1940 a 1942, o Dr. Altivo Teixeira Silva, atualmente cirurgião-chefe de equipe no Serviço de Pronto Socorro no Rio de Janeiro.

De 1942 a 1941 o Dr. Waldemar Soares, atualmente residente em Florianopolis.

Em 1943, o Dr. Diogenes Silva.

Em 1946, o Dr. Antonio Modesto, radiologista, atualmente residente em Florianopolis.

Perfazem portanto um total de 28 medicos que já passaram por Ituiutaba, e a população desta cidade é grata a todos eles, indistintamente, pois que durante o tempo que aqui clinicaram, não mediram esforços no bem servir aos seus clientes, quer nos dias tórridos, ou nas noites de trovoadas e cheias de precalços. Vimos em breves linhas o passado, vejamos agora o presente. Mas antes disso quero frisar bem, que alguns colegas atuais residentes, também fazem parte dos herois de velha ugarda. O Saul, o Cunha, o Petronio e o Garibaldi, — pois quando aqui chegaram recém-formados, não contava Ituiutaba com o teco-teco, com os modernos aviões de carreira, com os antibioticos, com as boas estradas e os confortaveis automoveis.

Tinham a seu favor, a proteção de Deus, o «lombo do burro», e ás vezes, o Fordinho de bigode. A estes quatro pois, o nosso preito de homenagem. O panorama atual da medicina em Ituiutaba, é o seguinte:

Contamos com quatro Casas de Saude, a saber: Casa de Saude São José — Casa de Saude São Joaquim — Casa de Saude N. S. das Graças e Casa de Saude Santa Cecilia. Esta ultima, uma magnifica construção hospitalar, á altura do progresso vertiginoso de Ituiutaba. Contamos ainda com o Hospital de Dementes José Dias Machado, e o Hospital São José, da Sociedade São Vicente de Paula. Este ultimo em carater provisorio, pois que já inicia grande obra orçada em seis milhões a construção do Hospital definitivo, de cruzeiros, somente comparavel aos modernos nosocomios das Capitais. Conta ainda Ituiutaba com um pôsto de Saude, já doado pelo Governo do Estado, e que em breve estará em funcionamento.

No presente momento dispomos em Ituiutaba de um total de 119 leitos, e os 16 medicos que somos, estamos agrupados na «Seção de Ituiutaba da Associação Medica de Minas Gerais».

Com recursos subsidiarios de diagnosticos contamos com 3 aparelhos de Raio X, um Laboratorio de Analises Clinicas, Eletrocardiografia e Metabolismo Basal. Como modernos recursos de terapeutica, contamos com Serviços de Oxigeniterapia, Anestesia Gasosa e Banco de Sangue. Fazendo parte deste arsenal terapeutico mencione-se ainda os recursos da Fisioterapia (Diatermia-Ultrasom-Infra-Vermelho, Ultravioleta, etc.). Cooperamos todos os medicos, gratuitamente, num plano local de assistencia social, prestando nossos serviços medicos — cirurgicos a todos os necessitados inscritos na Sociedade Beneficente São Vicente de Paula.

Finalmente, passo a citar o corpo medico atual, que se acha constituido pelos seguintes 16 facultativos:

Dr. Saul de Oliveira Carvalho — Dr. Walter Valentini — Dr. David Ribeiro de Gouveia — Dr. Renato Lansac Patrão — Dr. Alceu Ribeiro Franco — Dr. Thomé de Carvalho — Dr. Darci de Andrade Furtado — Dr. Garibaldi de Oliveira Diniz — Dr. José Zoccoli de Andrade — Dr. José Feres — Dr. Antonio Alves da Cunha Campos — Dr. Edelweiss Teixeira — Dr. Petronio Rodrigues Chaves — Dr. Antonio Cabral de Menezes — Dr. David Palis — Dr. Samir Palis.

A Paróquia de São José
Padre João Avi

Tarefa é, não muito fácil, fazer um apanhado sucinto, um quadro que represente uma paróquia em seus vários aspectos: natural, orográfico, moral ou população. Mas, quando a paróquia é de proporções tão vastas, quanto uma Diocese de tamanho regular, como é a de Ituiutaba, em que a natureza por si só, em suas surpreendentes maravilhas, bastaria como assunto e assunto cintilante á pena de qualquer grande literato; então tem-se que inferior, isso é de solução impossivel.

De fato, Ituiutaba que, com acêrto se pode denominar uma linda joia encastoada no sertão triangulino, oferece aspectos variados, panoramas encantadores que, só uma pena abalizada pode reproduzir tamanha riqueza de assuntos em apanhado geral.

Cidade faceira e exuberante de vida e de futuro glorioso, Ituiutaba é uma paróquia de aspectos e caráter de interior.

Limitrofe pelo norte com o estado goiano, de que é separada pelo Rio Paranaiba, apresenta nessa porção uma beleza natural, que para a classificar com justeza, devemos usar palavras de S. Exa. D. Alexandre G. Amaral: «O Canal de S. Simão é uma das maiores belezas de nossa pátria estremecida».

Outra portentosa obra da natureza é a Cachoeira Dourada, que, para não lhe empanar o brilho e suntuosidade, prefiro remeter o leitor á descrição que dela faz grande literato nacional: Bernardo Guimarães.

Sita numa região do planalto central brasileiro essa paróquia apresenta regiões fertilissimas de pura terra massapé, legitimo garimpo agricola. — As denominações de certas localidades de per si se revelam essa exuberancia: Fazenda Capão Rico, Fazenda das Flores, Fazenda S. Luiz do Prajão e outras tantas na zona da Mata extensão confinante com o Rio Paranaiba, ostentando matas luxuriantes. Grande porção do municipio é coberta de pastaria, onde campeia o legitimo gado zebu, que tanta riqueza trouxe ao municipio, esplendor que perdura, substituindo, talvez com mais vantagem pelo gado leiteiro: haja visto os melhores quilos de manteiga produzida atualmente, nas fábricas locais.

Mas há belezas mais surpreendentes para a alma religiosa ou sacerdotal: a fé e profundo sentimento religioso e apego á Igreja Católica do demente concorreram os membros da povo ituiutabano. Para tanto, gran-Congregação Estimatina, que há cerca d e18 anos, vêm aqui despendendo o melhor de suas energias, no mais certo e proveitoso progresso da gente desta terra: o progresso espiritual.

A cidade já denominada com acerto «cidade do futuro», em surpreendente impulso de progresso em todos os seus aspectos, teve origem nos remotos dias de 1820, em que um magote de sertanistas dotados de fé simples e sentida, aqui se estabeleceram, trataram de associar-se a um companheiro e guia espiritual, o sacerdote, católico Revmo. Pe. Antonio Dias de Gouveia, que aqui erigiu o primeiro templo católico: a Igreja de S. José do Tijuco.

Essa Igrejinha, foi substituida por imponente Matriz, obra levada a cabo em 1862; melhorada grandemente por outro sacerdote infatigável na região, cujo nome ainda revive e com provas de manifesta gratidão no coração de todos ituiutabanos, o inesquecivel Conego Angelo Tardio Bruno.

Substituindo-o com muita vantagem, devido ao acidente de incendio ocorrido a 1.º de novembro de 1938, foi levantada em 1920 a atual Matriz de S. José, que, no dizer de alguém, é um dos templos mais suntuosos de Minas Gerais, obra toda ela do esforço dos fiéis de Ituiutaba e dos Padres Estigmáticos que governam a parte espiritual da paróquia.

Daria assunto abundante para uma obra histórica do municipio da paróquia percorrermos os acontecimentos politicos e as façanhas de bravura dos antepassados da cidade ou os trabalhos ingentes dos sacerdotes que procederam aos membros da amada Congregação Estigmatina, isto é, antes de 1935. Pois foi em 1935 a 17 de fevereiro, segundo narra o cronista que aqui chegaram em seu primeiro contingente estigmatino o Pe. José Tondin, Vigário, — Pe. Julio Sief e Ir. Roberto Giovanni. — Pobremente alojados, como se infere da cronica paroquial, puseram-se com empenho na execução de seu programa. — O quanto se esforçaram e o que de bem realizaram, consulte-se a memória deles no bom povo da paróquia e as palavras consignadas em suas visitas pastorais, por D. Luis de Santana e D. Alexandre G. Amaral e ser-lhes-á de tudo feito justiça.

Cidade sertaneja, municipio extensissimo (dez mil duzentos e cinquenta quilometros quadrados), apresenta população perfeita, tendo, no nucleo central sede do municipio seus 12.000 habitantes e no distrito uns 45.000.

Bastante isolada por não possuir estrada de ferro é excessivamente próspera, mercê do trabalho incessante de caminhões e automóveis que aqui vêm realizando obra de progresso desde 1914 quando pela primeira vez percorreu as ruas da cidade, o primeiro automovel por iniciativa do Dr. Lemos, organizador da empresa e construtor da estrada.

Hoje é enorme o numero de caminhões, automóveis e jardineiras que transitam pelas estradas em sua maioria bem conservadas, ligando o municipio a outros centros movimentados.

Ituiutaba, em sua parte espiritual, foi sempre governada por almas muito grandes e depois que, por mercê de Deus, coube em partilha á Congregação Estigmatina, êsses Padres em 18 anos de trabalho verdadeiramente apostólico souberam conduzi-la no ritmo religioso de seus predecessores e alteá-la ao elevado nivel de hoje, ocupando o lugar de uma das paróquias mais florescentes do Triangulo Mineiro.

Apresenta um florido corpo de Associações: Apostolado da Oração, Filhas de Maria, Congregação Mariana e Irmandade do Rosário. Os homens agrupam-se na Associação Vicentina, sendo imenso o bem proporcionado á pobreza local pelos vicentinos. Nos dias de hoje socorrem semanalmente, com fartos donativos alimenticios e medicinais mais de 50 familias indigentes. Pelo Natal dos Pobres os vicentinos dispendem importancias fabulosas.

Façamos jus á Ação Católica local fundada em 1949 que, por um grupo de Senhoras vem realizando grandes obras de apostolado como demonstram os relatórios já arquivados em nossa paróquia.

As crianças também são assistidas religiosamente, quer na Cruzada Eucaristica, quer no catecismo dominical, com centenas de frequencias na Matriz e nas Escolas mantidas pelo Ação Católica, assim como nos grupos escolares.

Não s epode regatear merecido louvor ás virtuosas Irmãs de São Carlos Boromeu (Scalabrinianas), as quais desenvolvem missão benéfica de Fé e Instrução com sua Escola Santa Teresa desde os primórdios de 1939. As abnegadas Irmãs já levantam o futuro Ginásio Santa Teresa, prédio de linhas simples, mas grandioso, que se ergue para a formação da Juventude Feminina Ituiutabana.

Não se pense, todavia, que essa população seja capaz só de espalhafato vão e exterior. Ter-se-á certeza disso fazendo um curto balanço das Comunhões feitas nos varios periodos de existencia da paróquia; pois é sabido que o termometro de catolicidade de uma paróquia é o numero de suas comunhões anuais. O povo ituiutabano está capacitado disto? — A's provas: Em 1884, visitando a paróquia D. José Ponce de Leão, Bispo de Goiás, afirmou entusiasmado que no ano, as comunhões chegaram a 1.665. Em 1938 esta cifra estava transformada em 6.220 e em 1939 duplicava para 12.300.

Mas o ritmo subiu, acelerado sempre. E' assim que D. Alexandre G. Amaral, podia em sua primeira visita Pastoral, em 1940, afirmar: — «E' consolador verificar que a vida de piedade vai tomando terreno nesta cidade», palavras arrancadas pelo fato de ter havido só nos dias da visita 600 comunhões. Esse elogio teve éco correspondente ao que mais tarde teceu o mesmo Bispo Diocesano, quando da 2.ª Visita Pastoral em 1943, dizendo: — «Só no 1.º dia as comunhões superam as de toda a visita passada». As cifras subiram ainda atingindo a 39.000 em 1939, superaram os 45.000 em 1945 e assim por diante aos anos que se lhe seguiram.

O esboço seria incompleto se não mencionasse ao menos a construção da Igreja Matriz, em estilo neo-romano, trabalho portentoso pela suntuosidade (50 m x 22 m), pela solidez da construção e pelo dispendio de enormes somas. E essa moia de urdidura arquitetonica está absorvendo ainda grande parte da atividade do atual Vigário, Pe. João Avi, C. P. C.

Fecho dêsse escorso histórico, da Obra Estigmatina em Ituiutaba e fecho precioso aqui está o Ginásio de S. José, obra longamente almejada e graças a Deus fruto já sazonado. Teve inicio na Casa Paroquial com fins de Pensionato para alunos do sexo masculino da Escola S. Teresa no ano de 1940, e passou a funcionar como escola primária autonoma no ano seguinte. Como a formação do individuo depende de um Curso médio bem orientado, almejou-se desde logo a fundação do Ginásio de S. contratempos, mas contando com a José. Apesar de inumeros esforços e benção de Deus os Padres Estigmatinos conseguiram o resultado já amplamente conhecido e frequentado desde 1948. O Ginásio de S. José, hoje em seu 5.º aniversário de existencia e com a matricula de 210 alunos do Curso Ginasial e, 135 primário.

Está sendo construido em frente a Rua 22 o futuro e magnifico prédio do Ginásio para a Mocidade Ituiutabana. Espera-se que seja mais um dos marcos de relevo na progressista cidade enriquecida dia a dia pelas suas inumeras construções de valor.

Contando sempre com o favor do povo de Ituiutaba e acima de tudo com o favor de Deus aqui esperam os Estigmatinos produzir ainda muitas obras de benemerência social e espiritual que sirvam para prolongar-se aos pósteros para a maior gloria de Deus e da Igreja Católica.

CONEGO ANGELO TARDIO BRUNO
Hélio Benicio de Paiva

Numa tarde ensolarada de dezembro de 1882, vindo pela estrada que demanda a Uberabinha, chegava, acompanhado de um guia de nome Manuel de Sousa, á Vila de São José do Tijuco, o padre Angelo Tárdio Bruno, vigário da freguesia de São José do Tocantins, no Estado de Goiás.

Vinha a cavalo, atravessando distancias, á procura de lugares, onde padres do Seminário da Capital de Goiás pudéssem localizar-se.

Os animais trotávam ao longo da estrada, levantando uma extensa cortina de pó côr de ocre, a se descambar e adelgaçar pelo cerrado a dentro. Um vento mais forte, de quando em quando, quente como se soprasse das queimadas, lambia um bocado da poeira do caminho e envolvia os viajantes, que chegavam.

Padre Angelo era corpolento, cabelos aloirados, testa ampla, olhos azuis claros, a refletir bondade e a recordar a vastidão dos horizontes de sua terra natal, a gloriosa Nápolis, Itália, onde viu a luz em 1847.

Voz forte atitudes decididas, espirito pronto, estampava a figura do homem de ação. Contrastava com seu companheiro de viajem e de caminhadas, enfezadinho, calado e meio idoso.

A pressaram as alimárias e ganharam a alto, chegando quase em frente á Igreja. Ao lado desta, estava o cemitério, desleixado, sem tapumes, co mas covas revoltas pelos tatus, que traziam á flor da terra novamente a ossada humana e os cadáveres dos que tinham sido enterrados a menos de dois metros e meio da superficie do solo.

A Igreja, em forma de chale, era catita, bonita mesmo, com as paredes pintadas de branco e os portais de azul. Não tinha tôrre. Do lado de fora, encontrava-se o pequeno sino, que convocava os fiéis para as rezas, anuciava a saida do Santissimo, as horas das Ave-Marias, ou, em dôbres triste, apregoava a paz das almas, que escapam para o Infinito, que é Deus.

Apearam dos animais e, como a porta principal estivesse aberta, entraram, para uma oração.

No frontispicio, lia-se a data do término de sua construção: 1862.

Havia um só altar. O altar-mor. Nêle, poucas imagens, e simples. A do padroeiro, São José, a da Nossa Senhora do Rosário, levada mais tarde para Santa Vitória, onde se encontra atualmente e a imagem de Nossa Senhora da Abadia.

No corpo da Igreja, não havia bancos. Naquele tempo, durante os oficios religiosos, os homens ficavam de pé e as mulheres, mesmo as mais chiques, sentavam no chão.

Retirando-se, com seu companheiro, por certo, Padre Angelo se entristeceu com aquele abandono, e suspirou pela alma católica do arraial.

Passaram pelas casas de Joaquim Teodoro de Carvalho e de Manuel Vilela de Andrade. Aí, não havia rua propriamente. Existia o largo, coberto de um cerrado baixo, cortado de trilhos e atravessadouros. Começava em frente á Matriz e ia até a atual Avenida Onze.

Padre Angelo Tardio Bruno e Manuel de Sousa entraram na Rua do Cotovelo, hoje 18, a unica então existente, composta de casas cobertas de capim e de telha comum, em numero aproximado de setenta, na proporção de três casas de capim para uma de telha.

Além das duas precedentemente referidas, as principais residências pertenciam a Capitão Jerônimo Martins de Andrade e Antônio Raimundo Gonçalves, diamantinense, prêto de olhos azuis, boticário, também chamado Antônio Ourives, porque tinha uma ourivesaria.

Dentre os vendeiros, destacava-se Gabriel Velho.

Existiam dois açougueiros. Hindenburgo, autriaco, e Eduardo Português. Ambos viviam em tremendas brigas, a respeito do preço da carne e do toucinho. Nessa luta, a carne chegou a quinhentos réis e o toucinho a quatro mil réis a arrouba.

Ficou Padre Angelo, com seu companheiro, hospedado em casa de Antônio Pedro Guimarães. Imediatamente acorreram ali os fiéis a lhe pedir a benção, batizasse os filhos,

unisse os noivos, rezasse o terço, oficiasse na Igreja.

Em pouco tempo, conquistou o coração de todos. Quizeram que êle ficasse. Insistiram. Explicou que podia, porque estava acumulando dinheiro para mandar seu pai Francisco Bruno de volta para a Itália. Se a dificuldade era esta, disseram-lhe unanimente o assunto estava liquidado. Iam arranjar-lhe a quantia de 4.000$000. Icontinennte, fez-se uma lista de 20 pessoas, com a contribuição de 200$000 cada uma. Subscrita inicialmente por Capitão Jerônimo, Antônio Ourives a lista foi entregue a Manuel Antônio de Gouveia, mineiro do Sul, entusiasmado com a permanência do Padre Angelo. A cavalo, esteve, e sempre com êxito, no «São Vicente», com Antônio Luiz Ribeiro e Joaquim Teodoro de Carvalho; no «São Lourenço», com Domingos Antônio da Costa, João Batista Franco, Joaquim Tomaz da Silva, Antônio Pedro Guimarães; no «Campo Alegre», com Joaquim Quirino de Morais e José Qurinio de Morais; nos «Baus», com José Martins Ferreira, José Etevam de Andrade e Antônio Martins Ferreira. E muitos outros.

Feita a coleta da importação, o portador dêsse dinheiro ao Padre Angelo foi Silvério Antônio da Silva Neri, homem de confiança e conhecedor do sertão.

Por provisão de fevereiro de 1883, Padre Angelo tornou-se vigário de São José do Tijuco, lugar que lhe entrou no coração desde o primeiro instante, como continuadas vêzes repetiu aos amigos.

Procurou pagar aos que subscreveram a aludida lista, mas, todos, espontaneamente sem paga, lhe deram quitação.

O bondoso Antônio Pedro Guimarães, uma das notáveis figuras do passado ituiutabano, deu-lhe casa, para morar, gratuitamente, por prazo que quisesse.

Padre Angelo preocupou-se logo em fechar o cemitério, o que fez, com aroeiras, fornecidas pelos fazendeiros. Dada terrivels «estouros» de gênio, co maqueles que demoravam a cooperar, com a sua parcela, nesse trabalho.

Da barra do Paranaiba, trouxe o sacristão Perciliano Dias Ferreira, pai de nosso jornalista Benjamin Dias Barbosa. Perciliano morava nos fundos da Igreja e, quando Padre Angelo Tardio Bruno viajava, era êle que, em voz grossa e pausada, rezava o têrço.

Reformou a Igreja, colocando duas tôrres na frontaria, para as quais, tempos após, trouxe sonorosos sinos. Aumentou o numero de altares. Providenciou bancos. Organizou as congregações e o côro da Igreja. Abriu pequena escola, lecionando e alfabetizando a petizada, apesar de não Nesse mister, substituiu-o José Antônio Januzzi, também italiano.

Anos depois, é que a convite de Padre Angelo, veiu o professor João Teixeira, também conhecido por João Mestre.

De par com zêlo das almas, urgenciou a contsrução da Igreja da Abadia, no Alto da Abadia, onde, até hoje, se celebram festas tradicionais da padroeira.

Em 1909, quando São José do Tijuco passou á Vila Platina, eleito a primeira camara e primeiro agente executivo, andou de casa em casa, a pedir que antes da posse, todos comungassem. Nenhum faltou á promessa,e o primeiro a receber, no dia, a comunhoã foi João Evangelista Rodrigues Chaves, pai de Hilarião Chaves.

Mais tarde, gastando dinheiro de seu bôlso, exclusivamente as suas expensas, Padre Angelo encarregou a João Gomes Pinheiro de traçar as ruas da então Vila Platina. Não houve planta, é preciso que se esclareca; mas, simplesmente marcos nas ruas e nas avenidas, cujos tracados perduram até hoje.

Padre Angelo sentiu aqui que Ihering condensaria em famoso livro: «A cidade, ao encerrar e ntrelaçar as almas, e ao esbelecer os contratos humanos imediatos, criou a civilização, e tornou possivel a cultura»; «é o laço mais sólido de quantos unem o homem ao solo» e «pode dizer-se que as cidades se levantam para a eternidade», isto é, «a cidade representa a mais alta maneira de situar-se grupo humano, para labor da colméia, de cooperação e de formação interna: econômica, juridica, religiosa, educativa total».

Depois de alinhadas as avenidas e ruas na qualidade de construtor, a bem do progresso, Padre Angelo Tardio iniciou, para particulares, por impreitada, diversas construções de casas residencias, em estilo singelo, mas agradável e progressista para a época.

A fim de que as construções não sofressem interrupção, mandou buscar oleiros de fora, destacando-se muito um tal Páscoa pela perfeição dos tijolos e das telhas ue fabricava, com barro da Chácara da «Lagoa».

E, assim, a cidade crecia. As casas aumentavam. E todos gostavam do Padre Angelo; mais ainda porque cobrava baratinho a mão-de-obra e acabava quase sempre tomando prejuizo, que cobria com pecunia própria. Não raro, quando saia em excursão para o interior do municipio, credores mais sedentos esperavam, de volta, Padre Angelo, na estrada da cidade. Sob pretexto de encontro casual, cobravam-lhe a divida. E o bom padre, sempre sorridente, davalhes todo o dinheiro que ganhava com as rezas, batizados, casamentos e comentava, com mansuetude e humorismo, a ganancia dos homens, repetindo uma frase que tornou bem sua: «o ambioso é um cego a caminhar em pernas de pau».

Mão aberta e extendida para os que necessitavam, Padre Angelo praticava a caridade, de modo espontaneo. Como os cantares dos pássaros, a água que jorra das fontes e o perfume que evola das flores, a caridade era a luz que irradiava daquela alma, repleta de bondade e fraternidade, orquestrada por intensa dedicação e forte amor, pela Humanidade. Estremoso sensivel, vibrante como todo latino, chorava de alegria com os felizes nos momentos agradáveis e também chorava, e isso o mais comum, de tristeza com os pequeninos, com os que sofriam.

Sob sua proteção, vieram os Rosatos, os Rinaldis, tantissimos outros. Escrevia a conhecidos e amigos e pedia-lhes mandassem para cá colonos, principalmente destinados á agricultura. Se vinham, era padre Angelo que pava tudo, de seu bôlso, até que encontrassem emprêgo. Sonhador, naquele tempo; mas, Grande Figura, para nós, nos tempos atuais, porque visionário no passado, enxergou o presente o municipio «no seu valor, nas suas convicções, na sua glória, a cidade crescendo, derramando-se além dos córregos, cheia de riqueza», prestigiosa e prestigiada, com um dos maiores celeiros do território nacional.

Homem extraordinário êsse, cuja cabeça era um céu de idéias e de iniciativas.

Para poder realizar, a um só tempo, o casamento civil e religioso, pleiteava, nas eleições o cargo de juiz de paz, e nunca o povo lhe negou a releição.

Por seu intermédio, dezenas de ituiutabanos estudaram no Seminário da Capital de Goiás, no Liceu Salesiano de São Paulo e no ginásio de Uberaba, gratuitamente. Custeava, sem pedir recompensa ou retribuição, as despesas das viagens e fazia o enxoval dêsses estudantes.

Onde foram homens dessa natureza, de que os tempos modernos não nos dão conta mais? Quantas saudades, Padre Angelo!

A sua alma era um dinamo continuo, uma haste a vibrar permanentemente.

Sonhou, também, em 1910, que Vila Platina precisava de um colégio de freiras, para a educação das meninas. Em Santa Ana do Paranaiba no Estado de Mato Grosso, contratou os serviços de Antônio Beltrão, pedreiro dos melhores, E, no alto da Abadia, ainda lá estão os alicerces dessa obra que seria monumental, se se tivesse completado. Infelizmente, por falta de numerário, não prosseguiu, deixando apenas o vestigio da ação do Grande Idealista. Entretanto, Padre Angelo inverteu 7.000$000 de suas arcas, naquele alicerces feitos com pedra taplocanga, unidas com areia e cal.

Ainda em 1910, foi promovido a Cônego, por D. Eduardo Duarte da Silva.

Em, 1918, com o excesso de labor, coração enfraquecido, sofreu um derrame cerebral. Andava no braco dos amigos e tinha a memória apagada, a ponto de não reconhecer as pessoas. Seus olhos perderam as cintilações do Lutador e sua fisionomia retratava o melancólico toque desfechado pelo Anjo do Esquecimento, a deixar em completa quietude aquele que fôra pensamento transformado em ação.

Chorou quando chegou o novo pároco. Nos breves lápsos de lucidez, pedia a todos que queria morrer em Vila Platina, a terra que amava, a cidade que ajudar a construir; mas, a ordem do sr. Bisbo D. Eduardo Duarte da Silva e ra a de que êle fôsse para o Rio de Janeiro, onde seria internado no «Asilo São Luiz» para a Velhice Desamparada.

Houve um tristeza na cidade, com a noticia de sua partida, pois, sabiam todos que não mais iriam ver aquele homem tão puro de alma, que vivera a só fazer o bem. Os fiéis rezaram pela sua saude, deramlhe o confôrto de comovida despedida. Porém, nunca mais nunca mais o viram, porque lá faleceu, em 29 de junho de 1921.

Seu corpo desapareceu, mas, a Ituiutaba parene continua a recordar-se das belezas extraordinárias de sua alta, «auréola que purifica a matéria e explica e idealiza a vida» e da qual sai, «para restar na Terra, a lembrança daquele que morreu, daquele que está vivendo na morte, daquele que a própria morte imortaliza».

O GRAVE PROBLEMA DA EROSÃO

Garibaldi de Oliveira Diniz

Estamos assistindo o grande drama da erosão no nosso rico municipio. O espetáculo é dantesco.

Infelizmente, o nivel de educação rural é baixo em nosso meio, para compreender a extensão dessa cena tão triste que se desenrola diante de nossos olhos, que só sabem admirar da terra a grandeza da sua fertilidade.

Não podemos continuar presenciando tomanho vandalismo praticado contra a nossa mãe-terra. E' ela que nos sustenta, engrandece e glorifica. O crime que cometemos é de lesa-nacionalidade. Não podemos nos perpetuar nesse ato autômato em busca apenas do nosso interêsse econômico e financeiro.

A vitima, que é o nosso torrão natal, não pode pagar um tributo dessa sangria intempestiva que lhe aplicamos todos os anos, com as derrubadas das matas e as arações mal feitas.

Nestes ultimos tempos, as lavouras mecanizadas têm se multiplicado. A falta de produção e a alta de preços dos alimentos de primeira necessidade obrigam os nossos homens ao cultivo da terra. Mas esse trabalho tão grande e tão nobre de nossa gente no sentido de procurar produzir mais para aliviar a fome de nossos irmãos não tem sido correspondido nos seus altos objetivos.

A pressão feita pelos govêrnos contra os lavouristas, por intermédio dos seus órgãos controladores de preços, obrigando-nos observar tabelas irrisórias, bem demonstra a falta total de conhecimento do problema rural e, ao mesmo tempo ausência de senso administrativo.

Dêsse êrro e dessa arbitrariedade resultam a reação e o desanimo dos produtos, prejudicados sempre nos seus legitimos interêsses a mendigar todos os anos preços justos para os seus produtos.

O lavourita luta contra tudo: contra o homem, o tempo, a terra e o govêrno.

E' de direito e de justica que, após a árdua batalha da produção tenha a sua merecida recompensa. Nós, os lavouristas desta zona, nunca tivemos uma assistência técnica a visita de um corpo organizado de agrônomos e veterinários para nos orientar. Somos relegados aos mais completo esquecimento. Mas, na hora de apresentarmos o fruto dos nossos labores á venda, somos então lembrzados pelos co-ordenadores de preços e pelo fisco que, ditorialmente, nos impõem preços e condições de vendas. E' triste a história do lavrador.

Precisamos de técnicos que nos venham ensinar como se deve arar a terra em curva de nivel, para evitar a erosão, os seus efeitos destruidores. Temos aqui um Pôsto Agropecuário do Govêrno Federal que, até o presente momento, não cumpriu a sua finalidade.

O certo é que as terras estão se esgotando vertiginosamente, com as plantações sucessivas da mesma espécie, sem qualquer precito técnico. Não observamos aqui a rotação do plantia; plata-se a mesma coisa numa área anos e anos seguidos.

Assim, a terra tem que se esgotar, a produção tem que diminuir. Além do que já ficou dito, assistimos, no periodo das chuvas, principalmente das fortes, as enxurradas carregarem o «humus» e até mesmo o elemento plantado. A extensão dessa calamidade é incalculável. E' o mesmo que despojar a terra da sua pujança, vitalidade e beleza. Enrmes desbarrancados têm surgido, sob os olhos quase que indiferentes dos lavouristas, em grandes áreas cultivadas.

O homem se torna, pois, um verdadeiro assassino da terra, desbaratando com a sua indiferença êsse tesouro que nos legou a mãe-natureza.

Nenhuma providência é tomada. O lavourista só pensa em colher e o govêrno em tabelar e cobrar impostos... A terra que faça milagres.

Já é tempo de adotarmos métodos cientificos para as nossas lavouras. Precisamos tomar um novo rumo. Só uma campanha de educação rural poderá nos salvar, remodelando e modernizando os nossos processos empiricos de tratar a terra.

Não queremos, contudo, artigos e falatórios de melhalhões empavonados. Dêsses já estamos saturados. Queremos técnicos competentes e criteriosos que nos orientem.

Que venham os técnicos, comungar conosco os mesmos problemas, sentir o suor que escorre do nosso rosto, ver nossas mãos calejadas no amanho da terra, verificar o nosso desejo de abastecer o pais e engrandecer a Pátria.

Que venham. Aqui estão centenas de brasileiros, que amam a nossa terra e trabalham para a grandeza da nossa gente, á sua espera.

O pais é grande, a terra é fértil, o homem é trabalhador e no entanto, o espetáculo é triste e desolador.

A ECONOMIA DE ITUIUTABA EM SEUS DIVERSOS ASPECTOS

(Hélio Chaves)

Sua localização privilegiada — A qualidade extraordinaria de suas terras — O municipio que mais produz milho no Brasil — O primeiro lugar na produção de arroz de Minas — Os maiores rebanhos de gado bovino e suino do Estado — 1.000 tratores para a mecanização de sua agricultura — O seu parque industrial — O seu potencial hidreletrico — A localização da futura Capital da Republica no pontal do Triangulo.

O municipio de Ituiutaba está colocado na região denominada Pontal do Triangulo Mineiro, limitando com os municipios de Prata, Campina Verde, Santa Vitoria, Canapolis e Monte Alegre de Minas e sua superficie se estende pelo fertilissimo vale do Rio Paranaiba, que divide Minas de Goiás.

Está localizado a pouca distancia do Estado de São-Paulo e a menos de 200 quilometros da ponta dos trilhos da Estrada de Ferro Paulista, a mais bem aparelhada do Brasil, bem como nas Estradas de Ferro Mogiana e Oeste de Minas, hoje Rêde Mineira de Viação.

A sua latitude é mais de 600 metros e o seu clima é ameno, sêco e sario.

As suas terras na sua quase totalidade são formadas pela decomposição da diabase, vulgarmente chamada terra roxa, com ondulações suaves proprias ao emprego intensivo de tratores. Se levar-se em conta os municipios limitrofes e a margem goiana, com 26.000 quilometros quadrados de cultura, igualmente propicia á pecuaria e á lavoura, mas muito superior em riqueza mineral, verificar-se-á que a bacia paranaibana, tem condições naturais excelentes, capazes de criar um grande centro economico no Brasil, dependendo apenas de densidade demografica.

A agricultura no municipio

Com o afluxo de colonos de todos os Estados do Brasil, o municipio de Ituiutaba, já está quase todo formado de extensas lavouras, onde se cultiva intensivamente o arroz, o milho e feijão, principalmente.

Atendendo a ótima qualidade das terras e a regularidade das chuvas, a região se presta admiravelmente ao plantio do milho e do arroz. Assim, no ano passado, o municipio produziu, conforme a estatistica do municipio, mais de 1.800.000 sacas de 60 quilos, que foram beneficiadas nas vinte e tantas maquinas e exportadas para o vizinho Estado de São Paulo. Com essa produção tornou-se o municipio o maior produtor do Estado.

O milho, o segundo produto em importancia economica do municipio, é extensamente cultivado e produziu na safra passada, mais de 1.000.000 de sacas de 60 quilos, colocando assim Ituiutaba, como o maior produtor do Pais.

Sendo o municipio o «habitat» dos cereais, foram colhidas no ano passado, 100.000 sacas de feijão, de suas diversas especies e qualidades.

Dedicando-se os fazendeiros ao plantio de cereais, não descuidam dos demais produtos da lavoura, pois, conforme a estatistica levantada, pela Prefeitura, no ano passado o municipio produziu:

Abacaxi — 100.000 frutos.
Abobora — 300.000 frutos.
Melancia — 900.000 frutos.
Amendoim — 100.000 Kg.
Batata Doce — 40.000 toneladas.
Cana de açucar — 15.000 toneladas.
Gergelim — 20.000 Kg.
Manga — 200.000 centos.
Mamona — 30.000 Kg.
Mandióca mansa — 150.000 toneladas.
Tomate — 20.000 Kg.
Banana — 500.000 cachos.
Abacate — 10.000 centos.
Laranja — 200.000 centos.
Outras frutas — 50.000 centos.

A cultura do algodão tem se desenvolvido extraordinariamente, na região, tendo sido colhidas, no ano passado mais de 350.000 arorbas, e exportado para São Paulo.

Pelo resumo feito, verifica-se que o municipio, tem adiante de si um futuro promissor no setor de agricultura.

Mas não é só, pois, as suas terras se prestam á criação de rebanhos, como gado bovino e suino.

O produto da lavoura é aplicado em grande parte na criação e engorda de rezes e suinos.

Sem ser o produto principal do municipio, pesa consideravelmente em sua balança economica, visto Ituiutaba possuir atualmente, 400.000 cabeças de gado bovino e 350.000 cabeças de gado suino, ocupando pois, o primeiro lugar no Estado.

A industrialização da lavoura

Atendendo aos diversos fatores favoraveis, os fazendeiros do municipio, estão mecanizando as lavouras, existindo atualmente, cerca de 1.000 tratores, de diversos tamanhos. Como já foi salientado acima, os terrenos são planos e ligeiramente ondulados, proprios para essa especie de trabalho.

Para se ter uma ideia da pujança de sua lavoura, basta dizer que dos 2.048 tratores existentes no Estado, quase a metade estão localizados nesta zona.

Este ano, com as novas compras de veiculos agricolas, a safra de arroz, está calculada em mais de .... 2.500.000 sacas de 60 quilos e a de milho em mais de 140.000.

O parque industrial

Ituiutaba, acompanhando o ritmo de progresso de sua lavoura, está formando aceleradamente o seu parque industrial. Além de suas trintas e tantas maquinas de arroz, possui um matadouro modelo, com capacidade de abate de 200 rezes diarias e 300 suinos.

Existem varias fabricas de banha e de manteiga, que industrializam os produtos de sua lavoura e pecuaria.

Segundo a estatistica a sua produção industrial do ano passado foi a seguinte:

Arroz beneficiado — 300.000 sacas.
Banha refinada — 850.000 Kg.
Charque — 2.500.000 Kg.
Oleo comestivel — 1.300.000 Kg.
Auccar — 60.000 Kg.
Aguardente — 6.000 litros.
Arreios — 1.000.
Biscoitos — 20.000 Kg.
Cal — 1.500 toneladas.
Calçados — 13.000 pares.
Caixas dagua — 520.
Carrocarias — 85.
Doces — 10.000 Kg.
Esquadrias — 2.500.
Parelinho — 3.000 toneladas.
Impressos — 1.500 milheiros.
Ladrilhos — 10.000 m2.
Manilhas de concreto — 2.000.
Manteiga — 500.000 Kg.
Moveis em geral — 1.200 peças.
Pães — 200.000 Kg.
Queijo — 100.000 Kg.
Rapaduras — 45.000 Kg.
Salames, etc. — 10.000 Kg.
Tijolos — 10.000 milheiros.
Telhas — 300.000..
Vigotas — 100.000.

A produção foi calculada em Cr$ 250.000.000, para um capital aplicado de Cr$ 40.000.004.

Levando em conta a riqueza do municipio e o estimulo verificado nas iniciativas particulares, é de se prever para muito pouco tempo a formação de um grande centro industrial na sede, que controlará essa vasta região, inclusive o Sudoeste goiano.

O potencial hidreletrico

Ituiutaba, completando a sua riqueza agricola e industrial, possiu um grande potencial hidreletrico, capaz de torná-la uma das maiores cidades industriais do Pais. Situada distante da Cachoeira Dourada, no Rio Paranaiba, 60 quilometros poderá servir-se do potencial de sua queda, que é calculado em mais de 300.00 cavalos de força. Visando o progresso do Brasil Central, o Govenro da União já se propôs a utilizar essa força, aplicando-a no desenvolvimento desta vasta região. Assim é, que está em construção atualmente, o primeiro conjunto, com capacidade para 37.500 cavalos de força, esta será fornecida á Capital do Estado de Goiás, o Sudoeste Goiano e o Pontal do Triangulo Mineiro.

A fim de atender as suas necessidades urgentes, o povo de Ituiutaba, está ampliando a Usina dos Saltos dos Morais, que fornece energia para a cidade, de 1.000 para 5.000 cavalos de força. Os seus serviços que já estão adiantados, serão concluidos no fim do ano de 1954. Com isso, o municipio, estará aparelhado para intensificar o desenvolvimento de seu parque industrial, atéque a gradne Central da Cachoeira Dourada, esteja em pleno funcionamento.

A futura Capital da Republica

Muito já se tem dito sobre a mudança da Capital da Republica para o interior do Pais. Na localização da mesma duas correntes ponderaveis se batem. Uma quer que a mesma se localize nas imediações de Formosa, no Estado de Goiás. Outra, chefiada pelo grande engenheiro Lucas Lopes, pleiteia a sua localização nas imediações de Ituiutaba, no Pontal do Triangulo Mineiro. Conforme demonstrou o insigne mineiro, a região do Triangulo, leva inumeras vantagens sobre o planalto goiano. Está localizada entre dois caudalosos rios o Paranaiba e o Grande, dividindo o Estado de São Paulo. Este fator muito concorrerá para sua defesa.

Está a poucos quilometros das Estradas de Ferro Paulista, Sorocabana, Rede Mineira de Viação, Mogiana e Goiás.

As suas terras fertilissimas garantirão com um cinturão verde, o sustento de seus habitantes, sem os grandes e carissimos transportes.

O seu clima é seco e ameno, além de sadio. O potencial hidreletrico do pontal está calculado em mais de 1.000.000 de cavalos vapores.

Cabem aos homens do governo a iniciativa e a decisão de tornar esse sonho realizavel no menor lapso de tempo.

Ituiutaba, porém, com a Capital Federal ou não, será um dos maiores centros economicos do Pais.

Ao terminar, para mostrar a força economica e financeira do municipio, basta dizer que funcionam atualmente na sede cinco Bancos, inclusive o Banco do Brasil e mais Caixa Economica Federal.

Só para lavoura, o banco oficial emprestou no ano passado a quantia de mais de Cr$ 200.000.00 cruzeiros.

O valor global da produção agricola e industrial, no mesmo exercicio foi calculada em mais de 700.000.00.

Espera-se pois, que nos proximos anos, Ituiutaba, que já coopera com 30.000.00 de cruzeiros para os cofres estaduais, seja um grande centro agricola, industrial, economico e social do Estado de Minas.

ITUIUTABA

(Neyde Moreira)

Cinquenta primaveras vês florir
Então, no seu feliz jardim da vida!
Cidade princezinha do porvir,
Tens esplendores mil, terra querida!

Mineirinha vestida de bravura,
Altivamente linda e original,
Tens riqueza, beleza, formosura,
Terra jovem de encanto virginal.

Teu céu é azul, teus rios são cantantes,
Fértil é o solo, as matas verdejantes,
Tudo é mais lindo em ti, — gentil Princesa!

Meu povo amigo, heróico e liberal,
Luta altaneiro em prol do teu ideal,
Agradece ao Senhor tua grandeza!

A COLONIA SIRIO-LIBANESA EM ITUIUTABA

(Humberto Teodoro Gomes)

«No longinquo ano de 1888, São José do Tijuco recebia em seu seio bucólico e hospitaleiro o primeiro representante da colônia Sirio-Libanesa. Era êle, o hoje centenário Miguel Zacarias, progenitor de nosso particular amibo Chico lo Miguelão.

Nas suas pegadas, já em 1894, aqui chegou, com sua familia(Abrão Calil, cuja permanência durou alguns anos, findo os quais regressou ao seu ponto de origem. Hoje, todavia, aqui reside novamente. Seus filhos homens de negócio, colaboraram efetivamente, para a prosperidade de Ituiutaba hodierna.

Decorria o saudoso ano de 1901, marco inicial da vida administrativa de Vila Platina, quando para cá se transferiram as Irmãs Maria e Nacibe Noyame. Prevendo, de maneira inteligente, o futuro desenvolvimento da cidade, edificaram o prédio comercial sito á Rua 22, esquina da Avenida 13, hoje de propriedade de Baracate Nasser, seu sobrinho.

No interregno de 1910 a 1920, Ituiutaba recebia em seu selo acolhedor as familias de José Dib, João Elias Faissol, Miguel Jacob, José Jacob, Francisco Jacob e Jorge Feres, alguns já falecidos e de saudosa memória.

Enfrentando tôda sorte de trabalho, na árdua tarefa de mascatear, tendo como transporte o lombo do animal e os seculares carros de bois, internavam pelo Brasil afora, até encontrarem local apropriado á instalação de sua casa comercial. Assim, vieram ter a Ituiutaba grande parte dos primeiros sirios hoje radicados entre nós. Aqui achavam o campo propicio ás suas atividades: Gente astuta e inteligente, visionária e ativa, vislumbrando o futuro próximo e promissor da terra dadivosa e boa, tratou de aqui fixar residência.

A cidade foi crescendo, e novas familias Sirio-Libanesas para cá vieram, atraidas, uma pela fama de nossa exuberancia econômica, pela capacidade de comercial do municipio, pela riqueza do solo ituiutabano, ouque seria, naturalmente, apresentado ticias da crescente prosperidade de seus parentes, atendiam, pressurosos, a seus amáveis convites para compartilharem dessa riqueza imensa.

Assim vieram as familias Bitar, Derzè, Jorge Abrão, Baduy, Attux, Andraus, Cury e outras mais, todos contribuindo decididamente, para o crescimento do municipio.

Cada familia Sirio-Libanesa aqui chegada, era o prenuncio da construção de um novo e bonito prédio comercial, uma confortável e vistosa residência. Dessa maneira Ituiutaba foi colhendo os frutos de sua hospitalidade, mercê ainda de suas imensas possibilidades econômico-financeiras. Os estabelecimentos comerciais surgiam como que por encanto de uma benfazeja fada. A vida da cidade, dado o intenso movimento de seu comércio, logo se tornou conhecida pelos quatro cantos do Brasil.

Confiante no futuro de Ituiutaba, ainda quando ela ensaiava os seus primeiros e irriquietos passos, um membro dessa mesma colônia, o Sr. Calixto Fêres, dotou-a, em 1930, do magnifico sobrado existente na Avenida 17. Foi êle o primeiro sobrado particular eregido em Ituiutaba.

Os irmãos Miguel e José Jacob, chegados em Ituiutaba no decorrer do ano de 1920, estabeleceram-se com dois importantes armazens, em prédios por êles construidos na então Avenida Paranaiba. Um dêles, o da firma Miguel Jacob & Filhos, ainda existe; é o mais antigo estabelecimento comercial da cidade.

Hoje, devido á Avenida 17 ter-se prolongado até o alto da Vila Platina, com a construção da ponte sôbre o Córrego Pirapitinga ficou sem denominação própria o bonito trecho onde se localiza o mencionado estabelecimento comercial da cidade.

A citada via publica tem inicio na esquina da Avenida 17 com a Rua 16 indo terminar na esquina da Rua 2, nas proximidades da chácara de Jerônimo Loló. Confortáveis construções comerciais e residenciais ali se contam em grande numero.

Ao ensejo das festivas comemorações do cinquentenário de Ituiutaba, lembramos ser oportuno render um preito de gratidão a progressista, benemérita incansável Colônia Sirio-Libanesa de nossa terra.

Este seria, a nosso ver, denominar-se Avenida do Libano aquela via publica.

Se aceita a nossa sugestão, caberia ao legislativo municipal aprovar, quanto antes, o projeto respectivo, qu eseria, naturalmente, apresentado por um dos ilustres edis Ituiutabanos, No correr da semana de 9 a 16 de setembro próximo vindouro, prevista para as comemorações do cinquentenário em sessão solene, préviamente designada, fariamos, então a colocação das placas.

Ituiutaba muito deve ao esfôrço e operosidade dos mui dignos membros da familia Sirio-Libanesa.

Os mais importantes estabelecimentos industriais da cidade foram iniciativa dessa boa gente pioneira ituiutabana.

Rendamos-lhe, pois, êsses simples, mas, merecido e justo preito.

ANTONIO BADUY

Um Pioneiro da Industria Ituiutabana

No alto comércio de Ituiutaba se destaca, há longos anos, a figura marcante de um dos pioneiros do progresso tijucano, o sr. Antônio Baduy. Seu corpo parece não sentir o pêso da idade e o tempo não quis deixam marcas em seu espirito dinamico. E' o chefe do maior conjunto industrial do Brasil Central e os visitantes que

aportam a essa região ficam surpresos com a grandiosidade das Industrias Reunidas «Fazendeira».

Iniciando a industria rizicola em 1938, montava a primeira máquina de beneficiar arroz. Nessa época, Ituiutaba não possuia outra e a lavoura do arroz existente não era bastante para alimentar a industria. Antevendo o sucesso que poderia advir da cultura do arroz em terras tão ferteis, o sr. Antônio Baduy distribuiu aos fazendeiros locais sementes selecionadas, estimulando a produção de tipo de melhor qualidade, tais como o «jamaralão» e o «prratão», hoje, existentes com abundancia.

Seu trabalho foi penoso, mas os resultados foram miraculosos. Assim é que, de ano para ano, a produção foi aumentando, sempre estimulada pelo grande industrial, que auxiliava financeiramente os lavradores. Hoje, Ituiutaba é o maior centro produtor de cereais de Minas.

Em 1939, Antônio Baduy instalou a fábrica de manteiga «Fazendeira», produzindo, inicialmente, 60.000 quilos, por ano. Na ultima safra, de 1952 a 1953, a produção do referido produto foi de 320.000 quilos, como se ve, aumentando em proporções gigantescas.

Em 1940, o operoso industrial começou a incentivar o plantio do algodão no municipio, fornecendo sementes e recursos financeiros aos lavradores e garantindo-lhes a compra do produto. Crescendo em ritmo acelerado essa lavoura, resolveu o sr. Antônio Baduy instalar uma possante maquina para beneficiamento do algodão, o que realizou em 1943.

Em 1948, o chefe das Industrias Reunidas «Fazendeira» montou uma fabrica de extração e refinação do oleo de caroço de algodão. Com a criação dessa nova industria, tôda a região foi beneficiada no setor de pecuária, com a farta distribuição da torta na estação da seca, o que resultou no salvamento de um numero considerável de cabeças do rebanho regional. O oleo para alimentação «Fazendeira» teve, também considerável aceitação em todo o país.

Os produtos «Fazendeira» são hoje exportados no comércio nacional, principalmente em São Paulo e no Rio.

Figura de destaque econômico e social o nome de Antônio Baduy está escrito para sempre entre os dos maiores benfeitores da terra ituiutabana.

A terra tijucana se orgulha dêsse homem laborioso e arrojado, inteligente e honesto, que tem sabido engrandecê-la e dignifica-la como se fora um dos seus melhores filhos.

MARIO NATAL GUIMARÃES

Mario Natal Guimarães nasceu no antigo Arraial de São José do Tijuco, hoje cidade de Ituiutaba, aos 9 de setembro de 1892, sendo filho de Antônio Pedro Guimarães e de D. Amancia Alexandrina Guimarães, aquêle um dos fundadores da cidade.

Dedicando-se ao comércio e á industria, desde cedo, grangeou nos meios econômicos locais o conceito que hoje desfruta, pela sua honestidade, desprendimento e capacidade de trabalho, evidenciados através de 40 anos de atividades ininterruptas.

Casado com D. Genoveva Alves Guimarães, tem o casal 8 filhos: Antônio, Abilio, Alarico, Américo, Alice, Amadio, Amauri e Alberico.

Foi o fundador da Casa Guimarães e da Fábrica de Manteiga «Fazendeira», produto hoje fabricado pela firma Antônio Baduy. Foi, também, Presidente da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Ituiutaba, e é, presentemente, presidente da Caixa Escolar do Grupo Ildefonso Mascarenhas.

Em 1947, foi eleito Prefeito Municipal, em renhido pleito, alcançando expressiva vitória, sob a legenda do Partido Republicano. Tendo recebido a Prefeitura com um débito de Cr$ 500.000, reduziu o mesmo á quantia de Cr$ 250.000,00, e ao terminar a sua gestão deixou em Caixa a importancia de Cr$ 572.000,00. No setor da educação publica, empenhou-se para a construção de 2 grupos escolares rurais, um em Gurinhatã e outro em Iplassu, criando, ainda, 6 escolas municipais. Dentro das possibilidades orçamentárias da arrecadação, calçou a paralelepipedos uma área na cidade de cerca de 7.296 metros quadrados. Iniciou, também a perfuração dos poços artezianos, iniciativa prosseguida pela atual administração, que abriu ao povo novos mananciais de abastecimento de água. Rasgou a rodovia que liga a cidade ao Posto Agropecuário, construindo uma ponte de arco sôbre o córrego Pirapetininga, que liga a cidade á rodovia S. Paulo-Cuiabá. Fêz um trecho da estrada que liga Ituiutaba ao Municipio do Prata. Construiu, pois, cerca de 90 Kms. de estradas. Concedeu aos Clubes esportivos o aforamento da área necessária para construção de suas praças de esportes. Deu, ainda, aforamento á área destinada ao Asilo dos Pobres, hoje em término de construção. Adquiriu para o Municipio, por intermédio da Caixa Econômica Estadual a motoniveladora no valor de Cr$ 275.000,00 e adquiriu o terreno destinado ao Pôsto Agro-Pecuário no valor de Cr$ 90.000,00.

Hoje, está construindo nos terrenos de sua propriedade, denominados Vila Guimarães, um conjunto de prédios destinados a Pôsto de Gasolina, Hotel, Bar, Restaurante e Armazém, á margem da estrada S. Paulo-Cuiabá, empreendimento que beneficiará grandemente aquela parte da cidade, assim como aos que viajam que encontrarão naquele local os recursos necessários para eventuais imprevistos de viagem.

Revista «Acaiaca» sente-se bem á vontade ao homenagear o homem publico e o cidadão prestante que é Mário Natal Guimarães, pelo espirito de justiça, equilibrio e serenidade com que sempre soube se conduzir.

ACIAPI EM MARCHA

Manoel Agostinho:

Não tem este modesto escrito o mesmo sabor de uma pena profissional, o colorido e a versatilidade de um Edelweis Teixeira, o estilo e a forma suave de um Petrônio Rodrigues Chaves, a sagacidade e a desenvoltura de um Ercilio Domingues, figuras proeminentes que ilustram as outras páginas desta magnifica revista mineira, com trabalhos perfeitos e cheios de borbulhos deslumbrantes.

Convidado a participar, pelos simpáticos enviados desta brejeira Acaiaca, nesta festa de congraçamento do povo de Ituiutaba com o resto do Brasil, através destas páginas amigas, o faço com uma grata satisfação, com um prazer que enleva e emoldura ao mesmo tempo.

Coube a mim a árdua tarefa de relatar fatos históricos ligados a vida da Associação Comercial, Industrial e Agro Pecuária desta cidade. Tarefa árdua, porque mesmo num trabalho feito com esmêro e cuidado é dificil, para qualquer narrador, grupar, de maneira diversa, elementos estatisticos capazes de orientar melhor o presado leitor. Portanto, esta croniqueta visa, na medida do possivel, o estudo de dados objetivos, embora esparsos, destinados a contar aos que desejarem conhecer um pouco da vida econômica e financeira, um pouco das nossas lutas, nossas vitórias e decepções.

Foi no apreensivo ano de 1938 que Aciapi, resoluta e sonhadora, caminhou pela primeira vez, guiada pelas mãos nábeis e pela vontade férrea dos Senhores: Antônio Manuel Horta, Raphael de Lourenço, hoje grande industrial em Uberlandia, Manuel de Almeida Geuid Dib, João José Elias, João Martins de Andrade, Cicero de Freitas Barros, Dermeval Tavares Martins, Jandiro Vilela, Agesipolis Maciel, Camilo Chaves Jr., Manuel A. Cancela e muitos outros, artifices desta grande obra, os seus nomes aureolados estão inscritos indelèvelmente nos nais históricos do Municipio de Ituiutaba. Não me cabe escrever aqui a relação dos vultosos serviços prestados por esses primeiros pioneiros da nossa Aciapi. Todavia, vale neste relato simples destacar alguns dos seus atos que grangearam dos nossos associados todo respeito e simpatia, legando-os como marcante exemplo á posteridade.

Naquela época Ituiutaba já despontava como uma célula mãter da economia mineira, já deixava transparecer, através de sua peclária altamente desenvolvida, do seu comércio ativo, um clima de progresso palpável que sobrepujava muitas das suas co-irmãs do pontal do triangulo.

Empolgada com a marcha ascendente do zebu, respirando o mesmo ar da falsa opulência que varria as grandes Cidades do Triangulo mineiro, a pecuária dominou vastamente a nossa economia naquele tempo. Grandes glebas de terras que mais tarde seriam aproveitadas pela agricultura, foram transformadas em verdejantes pastagens. Tudo em volta, inclusive o proprio comércio, transformou-se em satélite do decantado negócio do gado de raça indiana.

Foi nessa fase da vida municipal que a necessidade da criação de uma Associação que reunisse no seu bojo o comércio, a industria, a pecuária e a agricultura, se fez sentir. A necessidade de uma economia dirigida, a falta de um órgão esclarecedor, veio estimar o valor preponderante que representava a nova entidade na vida do nosso povo. Tal providencia segundo a opinião geral, era um imperativo e, vale acentuar, que a consumação não tardou.

No leme da Aciapi, nas diferentes fases, estiveram os Senhores: Antônio Manuel Horta, Rafael de Lourenço, Antônio Andrade de Freitas, Petronio Rodrigues Chaves, este foi reelito por diversas vezes, graças á sua atuação destacada como presidente desta entidade. Homem acostumado aos debates construtivos, não encontrou dificuldades para, diversas vezes, representar o nosso órgão de classe em conclaves realizados em São Paulo, Rio de Janeiro, Uberaba, Uberlandia e Barretos. Foi na sua gestão esclarecida que se organizaram os arquivos atuais da sociedade e foi durante as suas diferentes gestões, que o nome Aciapi esteve em maior evidência. Niteu Rodrigues Chaves, moço ainda, procurou guiar-se pelos exemplos dos seus antecessores, discutiu, reivindicou, procurou solucionar os problemas da racionamento do sal e da distribuição de artigos de primeira necessidade para a vida da pecuária, em nuo Mnsso vida da pecuária, em nosso Municipio; Camilo Chaves Jr., dotado de um espirito dinamico, herdou de seu pai o sonho de transformar o nosso Municipio numa verdadeira potencia econômica. Fruto desse sonho maravilhoso, foi a compra, em 1949, de um terreno destinado a construir-se a sede da Aciapi.

Em 1949, houve um alastimável divergência entre as classes componentes da Aciapi, motivando, com isso, o afastamento da maioria dos socios comerciantes. Tendo este incidente provocado uma queda de entusiasmo dos socio sremanescente s e levado, a já gloriosa entidade, aos cãos, paralizando quase por completo as suas atividades. Seu desenvolvimento não foi possivel durante um longo tempo, mesmo não contando com uma diretoria acéfala, pois na sua presidencia, achava-se o dinamico, trabalhador e incansável Lynce Chaves, mas a visão dos seus inestimáveis serviços, pedra angular do nosso progresso, persistiu no coração dos comerciantes de Ituiutaba. Ela se transmitiu dos corações dos comerciantes veteranos aos dos novos que aqui se apertavam na ansia incontida de ganhar a vida com honestidade e trabalho.

Já no despontar do primeiro semestre do presente ano o sonho de reorganização da Aciapi brotou nos corações dos filhos de Ituiutaba. Graças ao toque de reunir do jornal «Folha de Ituiutaba», um grupo de comerciantes entusiasmados, chpeios de fé naqueles que labutam no comércio, industria, pecuária e agricultura, saíram a campo e conseguiram, num golpe de magia, colocar sob a bandeira da Aciapi, diversas dezenas de homens só no nosso Municipio, elegendo uma nova Diretoria que ficou assim constituida:

Presidente — Dermeval Tavares Martins.

1.º Vice-Presidente — Agesipolis Fernandes Maciel.

2.º Vice-Presidente — Manuel Morais.

1.º Secretário — Manuel Agostinho.

2.º Secretário — Miguel Angelo Laterza.

1.º Tesoureiro — Romeu Calli.

2.º Tesoureiro — João Foch de Moura Leite.

Conselho: — Ercilio Domingues da Silva, Dr. Garibaldi de Oliveira Diniz, Dr. Cássio Macedo, Abrão André Andráus, Sadala Jorge e Odilon Machado de Morais.

Esta plêiade de novos socios-dirigentes, muito já têm procurado fazer em prol das classes que representam». Num curto espaço de tempo que manobram os destinos da Aciapi, já trouxeram á baila o problema do telefone urbano e interurbano em nossa cidade, procurando resolver, em tôrno de uma patriótica mesa redonda este angustioso impasse. Procurou defender os interesses dos agricultores e industriais na questão do recenet tabelamento do arroz. Convocou reunião para solucionar a questão da falta de energia elétrica, entrave marcante da nossa industria no momento, convocou os seus membros e as pessoas interessadas para a fundação da cooperativa que dará ao pequeno e médio lavrador o direito de conseguir empréstimos no Banco do Brasil. Aliado a esta pequena dose de trabalho, vem o interesse pela construção da sua sede própria, coisa que todos acreditam seja uma realidade num futuro que se avizinha. Assim, a nossa Associação Comercial, Industrial e Agropecuária, tem na sua fachada um lema — Viver e Trabalhar — sobreviver sempre, a despeito de tôdas as campanhas do destino inclemente e trabalhar sempre, mesmo que a esperança já tenha desaparecido completamente nos corações do povo de nossa terra.

ITUIUTABA CLUBE

Ponto de encontro da Sociedade Ituiutabana — Um clube social e recreativo á altura do progresso Tijucano — Uma diretoria realizadora

O Ituiutaba Clube foi fundado aos 12 de julho de 1936 no prédio do antigo Cine Santo Antônio, a cuja solenidade compareceram os Srs. Drs. Jayme Veloso Meimber, Camilo Chaves Junior, Antônio Alves da Cunha Campos, Garibaldi de Oliveira Diniz, Omar de Oliveira Diniz, e os Srs. Cid de Andrade Vilela, Salim Felix e outros.

A primeira Diretoria ficou composta da seguinte maneira: Cel. Aureliano Martins de Andrade, Dr. Tobias Gomes Junqueira, Cel. Adelino de Oliveira Carvalho, Dr. Fernando Alexandre Vilela de Andrade, presidente de honra. Dr. Mucio de Abreu Lima, pres.; dr. Saul de Oliveira Carvalho, vice-pres.; Dermeval Tavares Martins, secretário; Carlos Marquez de Andrade, tesoureiro.

A sua sede primitiva foi na atual residencia do Dr. Alacrino Domingues Pinto então pertencente ao Sr. Laerte Vieira, que gentilmente cedeu o prédio para funcionamento da nova sociedade.

Posteriormente, transfriu-se para a sede própria, á rua 20, onde hoje funciona a Casa de Saude São Joaquim.

Em 1942 foi vendido o patrimônio do Clube e alugada a parte alta do Cine Teatro Ituiutaba, onde funciona até hoje.

Congregando em seus quadros os elementos da mais alta expressão social e cultural do Municipio representa o Ituiutaba Clube o espirito empreendedor da gente dessa cidade que, dia a dia, se agiganta.

A atual Diretoria está assim composta: Dr. Daniel de Freitas Barros, pres.; José Victor de Morais, vice-pres.; Diógenes de Souza, diretor-social; José Cardoso Faria, tesoureiro; Alcides Assis, 1.º secretário.

A atual Diretoria, entre outras iniciativas, montou um Bar próprio, instalou moderno aparelho de sistema sonoro, enriqueceu a discoteca com novos discos adquiriu novo aparelhamento para a secretaria, contratou o conjunto Blue-Star como exclusive do Clube, instituiu o Baile mensal e horas dançantes ás quintas, sábados e domingos.

Sendo o unico Clube social da cidade tem, além da função recreativa, um outro elevado objetivo, qual seja o de congregar a familia Ituiutabana, num ambiente sadio, estreitando assim os laços de cordialidade de existentes entre a gente operosa e honesta dêsse progressista rincão triangulino.

Crianças de Ituiutaba

1 — Vania, filha do Industrial Pedro Amaral Chaves e de D. Nilce Chaves.

2 — Heloisa, filha do Dr. Petrônio Rodrigues Chaves, Presidente da Camara, e de D. Alda Martins Andrade Chaves — em três pôses diferentes.

3 — Maria Judite, filha do Dr. Diocélio de Oliveira Cabral, Delegado Regional de Policia, e de D. Dinorah de Souza Cabral.

4 — Camilo Chaves Neto, filho do Dr. Camilo Chaves Junior e de D. Juraci Furtado Chaves.

5 — Marina, filha do Sr. Humberto Teodoro Gomes, serventuário da Justiça, e de D. Zenóbia Frattari Gomes.

6 — Léila-Inês, filha do Dr. Edelweiss Teixeira, Médico e Inspetor de Ensino Estadual, e de D. Inês Rezende Teixeira.

7 — Vitória-Eugênia, filha do Dr. José da Costa Carvalho Filho, Juiz de Direito da Comarca, e de D. Nize Luz da Costa Carvalho.

8 — Vera-Lucia, filha do Dr. Garibaldi de Oliveira Diniz, Médico, Industrial e Fazendeiro, e de D. Ana Maria Azeredo Diniz.

9 — Marilene, filha do Sr. Antônio Pedro Alves Guimarães e de D. Euridice Alves Guimarães.

10 — Regina Elizabeth, filha do Dr. Silvio Pélico Piló e de D. Elizabeth Pélico Piló.

11 — Pláuto, filho do Dr. Fábio Teixeira Rodrigues Chaves e de D. Zilda Franco Chaves.

Infancia Ituiutabana

1 — Livia-Maria, filha do jornalista Ercilio Domingues da Silva e de D. Hilda Alves Domingues.

2 — Pedro Junior, filho do comerciante e industrial Pedro da Fonseca e Silva e de D. Linda T. Fonseca.

3 — Vera, filha do Sr. Américo Moura Guimarães e de D. Vera Teodoro Guimarães.

4 — Publio, filho do Dr. Camilo Junior, advogado e chefe politico local, e de D. Juraci Furtado Chaves.

5 — Jólce, filha do Dr. Silvio Pélico Piló e de D. Elizabeth Pélico Piló.

6 — Nize, filha do Dr. Garibaldi de Oliveira Dniz e de D. Ana Maria Azeredo Diniz.

7 — Maria Silvia, filha do bancário Silvio Leão Ribeiro e de D. Pelina Novais Ribeiro.

8 — Maria Pelina, filha do Dr. José da Costa Carvalho Filho e de D. Nize Luz da Costa Carvalho.

9 — Valéria, filha do Sr. Abilio Moura Guimarães e de D. Tereza Franco Guimarães.

10 — Paulo Roberto, filho do bancário Fausto Próspero e de D. Gabi Novais Próspero.

11 — Caio Borges, filho do Dr. Hélio Chaves e de D. Maria de Lourdes Chaves.

Guarujá
Tamara Rita

O doce terra encantada,
Visão de sonho e beleza,
Tens a graça de uma fada
No reino da Natureza.

Tuas praias fófas, macias,
São brancas como o luar...
Têm feitiços e magias,
Quem fazem todos sonhar.

Teu verde mar côr de palma,
De encanto raro e selvagem,
Deslumbra tôda a nossa alma
E inunda tudo de aragem.

De esmeraldas são bordadas
Tuas frondosas florestas,
De grinaldas enfeitadas
Com flores, sorrindo em festas.

Deslumbra-se o nosso sêr,
Ao mirar-te a imensidão...
Quanta alegria em viver
Nessas praias de algodão!

Es tão tranquila e formosa,
Expargindo luz e odores,
Guarujá — Terra ditosa —

AERO-CLUBE DE ITUIUTABA
Pedro da Fonseca e Silva

Ao ensejo da publicação do numero especial da Revista Acaiaca, dedicado a Ituiutaba, foi com satisfação que acedi ao convite de historiar, em breve exposição, a vida do nosso Aero Clube.

Ituiutaba indiscutivelmente já se situa em lugar proeminente, entre as melhores cidades de Minas. Cada ituiutabano deve, pois, aproveitar esta oportunidade e, com entusiasmo, demonstrar o que Ituiutaba realmente é. Ao dizer, ituiutabano, quero esclarecer que ituiutabano eu considero todo aquele que, sem diferença de procedencia, cor ou nacionalidade, religião ou posição social, aqui reside e com a sua capacidade material, intelectual e moral, vem contribuindo para o maior engrandecimento desta terra acolhedora.

Dentre os variados temas, coube-me dissertar sobre a aviação civil, dada a minha qualidade de piloto e o meu permanente interesse que sempre lhe dediquei.

Lembro aqui o nome de diversas pessoas que têm procurado elevar o nosso Aeroclube. Não poderei referir-me a tôdas, pois que são numerosas, porém mencionarei as que me ocorrerem, na ordem cronologica dos acontecimentos.

O primeiro movimento aviatorio em Ituiutaba foi promovido pelos srs. Cel. Adelino de Oliveira Carvalho, Dr. Petronio Rodrigues Chaves, Dr. Omar de Oliveira Diniz e Amadeo Marchiori, este já brevetado.

Reunimo-nos para tratar do assunto em casa do Dr. Olimpinho e, após a reunião, por sinal bastante animada, foi batida uma fotografia, da qual eu e alguns mais conservamos copia.

Essa iniciativa foi, em parte, influenciada pelas constantes visitas do sr. Antonio Marincechi, no seu Taylor Craft, do sr. Carlos Vilela, no seu Porter Field; do Dr. Canabrava no seu Aeronca; do sr. Antonio Moura Andrade no seu Stinson. Com esses aviadores vinha, também, o lider da aviação civil no Triangulo Mineiro, sr. Titi Teixeira, cujo nome foi dado ao nosso campo de pouso, numa homenagem merecida a um dos mais velhos pilotos brasileiros.

Foi eleito presidente do recém-fundado Aeroclube de Ituiutaba o dr. Petronio Rodrigues Chaves, que muito trabalhou para o mesmo, tendo demonstrado a sua capacidade de organização, porém, por motivos de saude, deixou a direção, antes de findar o seu mandato.

O sr. Odilon Barcelos, foi o primeiro instrutor contratado, juntamente com seu avião, entretanto, logo em seu primeiro vôo foi vitima de um acidente fatal, tendo perecido no cumprimento do dever. Desejo recordar, também, os nomes dos tenentes José de Andrade Furtado e João Martins Chaves, oficiais da FAB, que, depois de já brevetados, tombaram a serviço da Patria.

A repercussão desse lamentavel fato não arrefeceu o nosso entusiasmo, ao contrario, fez com que cada um de nós, pilotos, fossemos mais cuidadosos e prudentes, oferecendo, assim, uma aviação eficiente e segura.

Substituiu o Dr. Petronio, até completar o mandato, o então vice-presidente, Dr. Olimpio Domingues Junior. Logo após, foi eleito para presidente o Dr. Altivo Teixeira da Silva, que, mesmo sem numerario em das pistas de pouso. Nessa epoca, era prefeito o Dr. Jaime Meinberg, homem culto e inteligente, verdadeiro amigo da aviação, que compreendeu o que o Aeroclube representava para Ituiutaba. Terminou, pois, as pistas iniciadas e dotou-as de um hangar com capacidade para 5 aviões. Ainda não estava concluido esse melhoramento, quando aqui aterrou o avião Rapôso Tavares do sr. Assis Chateaubriand, que vinha comunicar a noticia da doação de um avião para o nosso Aeroclube, doado por um progressista fazendeiro do Gurinhatã.

José Joaquim da Cunha é o nome do prospero e benemerito fazendeiro doador do primeiro avião do Aero Clube de Ituiutaba. Português de nascimento, mas ituiutabano de coração, o doador veio há muitos anos para o Brasil, pobre, lecionando para manter-se, tendo conseguido, pelo trabalho honesto, juntar consideravel fortuna.

Coração nobre e cheio de sentimentos elevados, quis demonstrar a sua gratidão á terra que o acolheu, e o fez doando o primeiro avião de treinamento, pedindo que o mesmo fosse batizado com o nome de Vila de Fefe, em homenagem á sua cidade natal.

O terceiro presidente do nosso Aero Clube foi o Dr. Olimpio Domingues Junior, que, colocando o interesse dessa entidade acima do seu proprio interesse, tudo fez em beneficio do mesmo, promovendo junto ao povo ituiutabano uma memoravel campanha para a aquisição de mais um avião que recebeu o nome de Cônego Angelo, em homenagem a esse santo padre, grande benfeitor da nossa terra, cuja vida foi um exemplo de dedicação e de bondade.

Ao concluir o seu mandato, o Dr. Olimpio deixou o campo de pouso bastante ampliado e cercado, assim como seis aviões, além de outros inumeros melhoramentos.

Para tanto, contou com a cooperação do famoso instrutor Carlos Vilela, que, num rasgo de desprendimento, deixou a administração de sua fazenda para dar instrução a pilotagem, até que se conseguisse instrutor definitivo.

Feita a nova eleição, foi escolhido o professor Amaro Macedo que fez otima administração. Substituiu-o o dr. Petronio Rodrigues Chaves que administrou o Aero Clube de Ituiutaba á altura do seu grande nome.

Esta hoje na presidencia do mesmo o conceituado facultativo Dr. Thomé de Carvalho, que, num esforço continuo, vem remodelando e modernizando o nosso Aero Clube.

Já funcionaram como instrutores os srs. Carlos Donza, Mario Corrêa dos Santos, Tobias Augusto, tendo todos demonstrado competência e noção de responsabilidade.

No rol dos que têm lutado pela nossa aviação civil, tem os seus lugares de destaque os drs. Camilo Chaves Junior, David Ribeiro de Gouveia e Mauricio Natal Guimarães.

O Dr. Camilinho auxiliou a reforma do campo de pouso, quando prefeito, e construiu o campo de Cachoeira Dourada, que inestimaveis serviços tem prestado. O Dr. David tem, também ajudado consideravelmente a nossa entidade, nas suas mais prementes necessidades e á medida do possivel. O sr. Mario Natal Guimarães, quando á frente da Prefeitura, deu todo o seu apoio ao Aero Clube de Ituiutaba.

Nihguém pode negar, que é a aviação civil um fator preponderante do progresso e de civilização de um Pais, principalmente quando esse Pais, como no nosso caso, não possui modernas vias de comunicação para entreligar as grandes distancias. E', exatamente, a ela que são confiados os casos de transportes urgentes ou rapidos, que tantos e tão constantes beneficios têm trazido ao povo brasileiro, transportanto, continuamente, remedios, medicos e doentes que dela necessitam.

Esperando, com estas linhas, ter contribuido modestamente para a historia do Aero Clube de Ituiutaba, aqui rendo os meus agradecimentos a todos que têm cooperado para o progresso da avaiação civil em nossa terra e, também, aos valorosos moços da Revista Acaiaca, pela oportunidade que me ofereceram de dissertar sobre uma das iniciativas para cujo exito sempre procurei emprestar o melhor do meu entusiasmo e da minha humilde dedicação.

A COLONIA ITALIANA EM ITUIUTABA
João Petraglia

Em nossos espiritos perduram ainda as emoções da passagem do cinquentenário de Ituiutaba, tão condignamente comemorado, quando tivemos ensejo de prestar justas e comovidas homenagens aos grandes obreiros desta hospitaleira e progressista terra tijucana, cujos nomes se projetarão sempre, através da história, como estrêlas luminosas a guiarem os homens de hoje e de amanhã, no caminho seguro da prosperidade desta grande comuna triangulina.

A maioria dos grandes vultos homenageados, veiu de plagas distantes e escolheu este rico pedaço de Minas para campo de suas atividades, aqui constituindo familia e ajudando a edificar esta cidade.

Dos estrangeiros que deixaram a sua pátria no velho mundo e emigraram para êste imenso Brasil, onde as raças se mesclam na formação do brasileiro, há uma parcela respeitável que não pode ficar no olvido.

A sua lembrança, na memorável passagem do cinquentenário, mereceu por isso especial registro, porque, desde o século passado, vem compartilhando-se da nossa vida de sacrificios, como é de considerar-se a luta titanica que os nossos ancestrais tiveram de enfrentar, corajosa e heroicamente contra um sertão hostil para torná-lo civilizado.

Referimo-nos á colônia italiana, hoje muito reduzida, mas que, justamente em 1901, quando se celebrou com grandes pompas a criação deste municipio, mais que qualsquer outros estrangeiros, eram numerosos italianos que aqui mourejavam, já há bastante tempo.

Com nomes e profissões definidas, adaptaram-se perfeitamente todos os italianos á vida agreste dos habitantes desta inculta região, considerando-a como sua segunda pátria.

Eis os italianos que chegaram aqui no crepusculo do século XIX, e assistiram ao despontar da aurora do atual século XX.

Cônego Angelo Tardio Bruno, vigário da paróquia, dr. José Petraglia, médico — dr. Emilio Banffi, engenheiro civil, Roberto Zaccoli, comerciante — Nicola Frattari, marceneiro — José Maria Albamonti, André Mortati, Antônio Reinaldi, Francisco Escurati, Elias, Angelo e Antônio Cataldi, lavouristas — Francisco Reinaldi (Chico Italiano), Fernando Bovi, Jácomo Zanitti, Emidio de Rosato e José Locardi, pedreiros — Paschoalini Tedesco, mascate de jóias, Cotabile Galucci, canteiro — Pedro Melmonti, pedreiro, Vitório Farchieri, ferreiro, José Paschoa, Guerino Gismondi, Ambrósio Colombo, Miguel Landucci, José Martinelli e João Martinelli, oleiros — José Palzzano, horticultor, Alexandre Finamori, caderelro — Francisco Ramela, comerciante — Eduardo Boroni, sócio da Ramela num bar e bilhar) — José Roizzi, ferreiro, Nicola Zoccoli — José Antônio Januzzi, professor — Vicente Stochi, ourives, Assunta Stochi, comerciante — Emma Frattari, esposa de Nicola — Angelina Martinelli, Adelia Finotti, Maria Mastacuzza, esposa de Roberto Zoccoli. Há muitos outros que não podemos identificar.

Muitos destes italianos merecem especial referência pelo seu grande acervo de serviço prestado a esta terra, e é o que a seguir tentamos fazer, em ligeiros traços biográficos.

Cônego Angelo Tardio Bruno, saudoso vigário desta paróquia, onde passou quase tôda a sua existência fazendo o bem, é venerável pelas suas boas ações, impondo-se á consideração de todos os ituiutabanos, como benfeitor n. 1 de Ituiutaba. O dinheiro que ganhava, distribuia-o todo em obras de benemerência. De larga visão, começou a edificar a cidade, com grande sacrificio, seguindo o belo traçado, em perfeita simetria, que hoje poucas cidades possuem igual. As ruas são estas mesmas que, naquele tempo, se alongavam pelo grosso cerrado a dentro. A igreja d'Abadia, atualmente rodeada de ca-

sas, foi por êle construida dentro do mato, deixando ali uma grande praça que êle teve o capricho de arborizar de magnolia em redor, mas que com a sua ausência, morreram tôdas as plantações por falta de conserva. Grande amigo da instrução, projetou um colégio, construindo sólidos alicerces de pedra escolhida e aparelhada, que ainda hoje podem ser observadas á Rua 18, entre as Avenidas 21 e 23(num local alto e bonito, hoje bastante povoado e que, naquela época só havia mato em roda, muito se distanciando do centro urbano. Por estes empreendimentos arrojados se nota que êle havia predito o crescimento da cidade para o sul, ficando ao norte a igreja matriz que êle havia construido com grande sacrificio e que, infelizmente, queimou em 1938 sendo em seu lugar edificado outro templo belo e majestoso, graças aos esforços inauditos dos atuais padres Estigmatinos. Em 1916, levou vários meninos das principais familias locais para S. Paulo, internando-os no melhor colégio, o Liceu Sagrado Coração de Jesus, onde aprenderam oficio, tornando-se mais tarde homens instruidos e elementos uteis á nossa sociedade.

Muito teriamos que falar sôbre tão importante personágem que, sem descurar o seu santo ministério, se entregava de corpo e alma a atividade torrão que êle muito amava. Conselheiro e amigo de todos, alegrava-se com os que se alegavam e chorava amargamente com os que choravam os seus infortunios. Quantas vezes chorou como criança pela morte de pessoas amigas e estimadas!

Já bastante esgotado, enfêrmo e sem dinheiro, muitos corações generosos se condoeram de sua desdita, socorrendo-o protamente, a fim de que se submetesse a tratamento da saude. Hospitalizado no Rio, veio ai a falecer em 1922.

Ainda não se ereglu a êsse grande benfeitor uma estátua na principal praça, como preito de admiração e de reconhecimento. Os seus ossos deverão ser translados para esta cidade que êle ajudou a fundar e é sua. Seguindo o exemplo do povo de Joazeiro, que ergueu uma estátua do seu benfeitor Pe. Cicero, na Praça principal daquela cidade, não procrastinemos esta providência quanto ao nosso benfeitor, se não quisermos ser chamados de ingratos!

Dr José Petraglia, nascido a 12 de janeiro de 1846, em Piaggine, provincia de Salermo (Itália), filho de Luigi Petraglia e Garcia Pizzolante, cursou a Régia Universidade de Medicina e Cirurgia de Napoles, adquirindo o titulo de Doutor por esta Universidade, em 26 de abril de 1875. Pertence á «La Donno» Circolo d'Incoraggiamento per GI'Ingegni e per le virtu «Mulicbri»», foi proclamado sócio operador e condecorado com a medalha de 1.ª classe como justo prêmio e grande mérito pela sua capacidade e competência (suo chiaro ingegno).

Em companhia de seu tio Pe. Angelo Petraglia, de quem era pupilo, veio para o Brasil, a bordo do America, desembarcando no porto de Santos, em 16 de junho de 1875. Em 5 de outubro de 1877, expediu-se o Consulado da Itália no Rio de Janeiro uma certidão de nada existir contra a sua conduta moral e politica, e outra de ser legitimo o diploma de médico realmente lhe pertencer.

Viveu por algum tempo em companhia de seu tio Pe. Petraglio, em Monte Alegre, onde contraiu nupcias com dona Emerenciana da Conceição Nunes. Transferiu depois a sua residência para o arraial de S. José do Tijuco (hoje Ituiutaba), cujos fazendeiros, que já o conheciam através de curas importantes, e que insistiram em sua transferência, o foram receber á entrada, de braços abertos, radiantes de alegria. Há uma foto, tirada talvez nessa ocasião, do grupo de seus amigos, achando-se em pé da esquerda para a direita, José Candidio da Silva e Souza, Vandarço, Arvelo Avelar, Aureliano Ferreira Diniz (Leleco), José Gonçalves Valim Pirahy, Antônio Joaquim Guimarães (Tunico Morais), Vitor Antônio Guimarães (unico vivo), José Goulart de Andrade e Fernando Vilela de Andrade; assentados, da direita para a esquerda, Pio Goulart Brum, Antônio Pedro Guimarães (Moraes), Dr. José Petraglia, Manuel David da Costa e Cap. Jerônimo de Andrade.

Nomeado Delegado de Higiene, prestou relevantes serviços no exercicio de seu cargo, como seja o combate tenaz e eficaz ao surto de variola, em 1910, de que mereceu menção honrosa do govêrno.

Nos primórdios da Vila Platina, militou na politica, sendo orador oficial do Diretório do Partido Republicano.

Em 1912, participou o dr. Petraglia do VII Congresso Brasileiro de Medicina, eralizado de 21 a 27 de abril em Belo Horizonte, sendo agraciado com uma medalha comemorativa.

Amigo intimo do vigário da paróquia Pe. Angelo Bruno, estava sempre a seu lado, ajudando-o nas cerimônias religiosas e contava com a voz de baritono o «cantochão», de que era conhecedor, que redobrava na igreja.

O Dr. José Petraglia, para quem a medicina era um verdadeira sacerdócio, foi primeiro médico de Ituiutaba, onde, durante 40 anos, exerceu a sua nobre profissão. Amigo da pobreza, generoso e amável, foi o exemplo das virtudes civicas e domésticas. Falecido em 9-8-1913, hoje a sua memória vive eterna e abençoada na alma do povo, que tanto o amava.

Dr. Emilio Banffi, engenheiro civil, trabalhou aqui muitos anos, tendo feito várias importantes divisões. Mudou-se para Jataí, Goiás, onde faleceu.

Nicola Frattaria, marceneiro primoroso, os seus trabalhos eram sempre caprichados e artistico. Na igreja Matriz queimada em 1938, havia um pulpito de madeira, muito bem trabalhado por êle, há muitos anos. Deixou por tôda parte traços de verddadeiro artifice no desempenho de sua profissão. A sua residência era Campinas, de onde veiu para S. Pedro de Uberabinha, hoje Uberlandia, por causa da febre amarela. Em Uberabinha, foi buscá-lo o Padre Angelo. Veio para aqui em companhia do espanhol Eduardo Aranda, a cavalo e a pé. Só um cavalo, para os dois, de modo que era revézado, ora um andava a cavalo, ora outro andava a pé.

Jácoco Zanitti, pedreiro, foi um grande construtor, cujas obras se recomendavam pela solidez a arte. A igreja matriz que queimou, foi por êle construida. Construiu muitos outros prédios, hoje ainda firmes. Foi êle quem construiu o primeiro muro, no terreno do dr. Petraglia, á rua 18. Como verdadeira fortaleza embora inclinado como atorre de Pizza, ainda que atravessará os séculos.

Roberto Zoccoli, comerciante, concorreu para o progresso desta terra, tendo também participado da 1.ª Assembléia Geral da Camara Municipal onde se fêz notar a sua grande capacidade como homem de visão e de progresso.

progresso.

Antônio e Francisco Reinaldi (Chico Italiano), Francisco Escurati, Elias, Angelo e Antônio Gataldi, e tantos outros, com André Mortatti á frente, todos lavouristas, foram os primeiros a aproveitar a fertilidade das terras tijucanas. André Mortatti, remediado nessa ocasião, foi á Italia e de lá trouxe uns 30 ou 40 colonos, e, na fazenda do sr. Cazequinha de Souza, denominada «Bebedouro», ás márgens do córrego da Divisa, foi por êles cultivado um cafezal, que produziu ótimo café. Ali nessa Italia Tijucana, os italianos, sempre alegres, nas horas de folga, cantavam e tocavam seus instrumentos exóticos (gaita ou fole de pele de cabrito). Chico italiano, unico vivo, naquele tempo com uns 12 anos de idade, fazia parte dessa colônia. Estes italianos não conseguiram fortuna, e morreram pobres, uns por embriaguez, outros por nostalgia. André nada ganhou nessa lavoura, da qual saiu paupérrimo, e jamais conseguiu reabilitar-se financeiramente. Só resta ainda Chico italiano que poderá contar a história dêsse tempo áreo e feliz. Como erá linda a tradicional festa do Natal, que só os italianos chefiados por Conego Angelo e dr. Petraglia sabiam celebrar!..

André Moratti, lavourista, foi um grande braço que derrubou muitas matas e rachou muita aroeira. Já velho, dizia que quase tôda a arceira cercando divisas de quintais nesta cidade, havia sido por êle rachada. Lutou desesperadamente, já no fim da vida, contra os usurpadores da chácara em que morava e que lhe fôra doada pelo padre Angelo, sita á margem esquerda do ribeirão S. Lourença. Sofreu grandes humilhações, vendo-se na mais negra miséria ao ser despojado impiedosamente de sua pequena gleba, na qual conseguiu a subsisitência de sua numerosa familia. Mas, por fim, graças á Divina Providência, ganhou a rumorosa demanda no Tribunal de Apelação, e, destarte, foi reintegrado na posse de sua chácara.

Assunta Stochi, comerciante e esposa de Vicente Stochi, muito amável e amiga de tôdo o mundo, foi barbaramente assassinada, em março de 1917, em sua casa comercial, sita á Av. 17 (Pensão Platina), pelos dois Antônios — Antônio da Rosária e Antônio do Ernesto. Muito estimada, a sua morte ecoou nesta cidade como uma calamidade. Como todo crime deixa vestigios do criminoso, foram logo descobertos os sicários por manchas de sangue encontradas em suas vestes e nos calçados. Prêso Antônio da Rosária, êste confessou com pormenores o seu hediondo crime, acrescentando que estava sendo perseguido pelo remorso, pois, Assunta não lhe dava sossêgo, aparecendo-lhe sempre e lhe pedindo que confessasse o latrocinio. No volumoso processo arquivado no cartório criminal local, encontraram-se várias cartas dêste criminoso, dirigidas ao dr. Camilo Rodrigues Chaves, pondo-o a par dessa ocorrência delituosa. Está aqui,, neste processo, uma séria e grave advertência aos que sentem impulsos criminosos e gostam de bailar com o crime! Por maos que se inocente de u'a má ação, principalmente de um homicidio, surge logo o remorso como uma perseguição divina contra o malfeitor para que êle se penitencie de sua falta e reconheça, sobretudo, que o crime não compensa!

Emma Frattari, esposa de Nicola, foi uma respeitável anciã que sòmente fez amizade, gozando de grande estima e veneração por todos quantos tiveram a felicidade de conhecê-la e travar com ela relações de amizade.

Maria Matascuza, esposa de Roberto Zoccoli, muito conhecida como dona Maria Roberto, foi uma veneranda senhora que soube cultivar com carinho as relações de amizades e fazer amigos. De grande capacidade para o trabalho, madrugava diáriamente na lida de casa, fazendo biscoitos doces, etc. para vender, e com esta renda se mantinha e amparava a sua familia. Foi a ultima italiana a falecer, deixando em todos os amigos profunda e eterna saudade, dado o seu coração sempre afável e a sua imensa bondade para com todos que dela se acercavam. Ainda hoje existe a sua casa, á rua 22, esquina com a Avenida 9, onde passou tôda a sua existência agarrada ao trabalho, do qual só mesmo a morte poude fazê-la deixar para o descanso eterno.

Emidio de Rosato, pedreiro, ainda entre nós cheio de vida, muito trabalhou e viu esta cidade nascer, acompanhando pari passu o seu vertiginoso progresso. Emidio, o grande «carabineiro» da velha Italia, tem as suas proezas e merece ser lembrado como homem trabalhador e exemplar chefe de familia.

Eis ai os perfis dos italianos que mais se sallentaram e prestaram relevantes serviços a esta terra, desde o século passado.

Não se enriqueceram e nem usaram de negócios escusos para isso, mas trabalharam com amor pelo engrandecimento de Ituiutaba, merecendo por isso mesmo a nossa estima e veneração.

A passagem dêstes italianos por esta terra foi muito rápida, mas deixou traços indeléveis de um grande acêrvo de serviços . Tornam-se êles, portanto credores da nossa estima e do nosso reconhecimento.

Não morreram, revivem em seus descendentes, os contnuadores de sua espécie. Aqui continuam trabalhando com amor e dedicação os mesmos Petraglia, os Frattari, os Zoccoli, os Martatti e tantos outros.

Para esta colônio italiana, devemos voltar a nossa especial atenção, rendendo-lhe sinceras homenagens, sempre que, em solenidades e manifestações patrióticas, se procure engrandecer esta grande e próspera terra tijucana, que ela ajudou a edificar e a fomentar o seu progresso.

CAMINHOS E ESTRADAS
DO TRIANGULO
(Nicodemus de Macedo)

O Povoamento do território, que hoje constitui o oeste do Triangulo Mineiro, deu-se a partir de principios do século passado.

O roteiro seguido pelo segundo Anhanguera, em 1722, forma o eixo das vias de comunicação para Goiás e Mato Grosso, desde 1724 até nossos dias. Com o desenvolvimento da exploração do ouro em Goiás a abertura do caminho de Goiás para Cuiabá o transito da via Anhanguera cresceu consideràvelmente e as caravanas que transitavam pelo atual Triangulo Mineiro eram com frequência atacadas pelos Caiapós, que dominavam tôda a bacia do Alto Paraná. O governador de Goiás resolveu por um paradeiro a êsse estado de cousas e contratou o destemido bandeirante Antônio Pires de Campos para proceder ao policiamento da picada e garantir o livre transito. Pires de Campos reuniu, em 1744, numerosa tropa de indios e mamelucos, atacou com verdadeira ferocidade os Caiapós, procedendo com maior barbaridade que Fernão Cortez e Pizarro.

Os indios ficaram tão dizimados e amedrontados que não mais ofereceram qualquer resistência. Apesar do transito bastante intenso na estrada, as terras da região continuaram abandonadas até s primeiras décadas do século XIX. E isto porque a exploração do ouro ocupou tôda a atenção dos colonos durante o século XVIII; mas a decadência da mineração forçou os habitantes das Minas Gerais a procurar outras fontes de renda na criação de gado e na agricultura e, para isto, nenhuma outra região oferecia certamente já explo- região oferecia maiores possibilidades que o pontal Rio Grande-Paranaiba, certamente já explorado e conhecido por aventureiros que, ao regressarem, descreviam essas terras como verdadeira maravilha. A fundação de Uberaba, em 1812, deu inicio á ocupação, em caráter permanente, dêsse trato de terra em que Bernardo Guimarães localizou o paraiso terrestre.

O Major Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, fundador de Uberaba, vindo da Casa Branca (Municipio de Ouro Preto), nomeado regente dêste sertão, e o Padre Jerônimo Gonçalves de Macedo, estabelecido em Campina Verde, desde 1827, dirigiam material e espiritualmente a nova colônia.

Em abril de 1816, um alvará de D. João VI transferia da Capitania de Goiás para a de Minas Gerais, todo o antigo distrito do Rio das Velhas. Em seguida a Uberaba vão se fundando novos povoados: Sacramento — Dores — Monte Alegre — Prata e São José do Tijuco, povoados êstes elevados a distritos de Uberaba em 1839.

O Municipio do Prata, o mais antigo depois do de Uberaba, foi criado em 1848 e (uma circunstancia interessante) ficaram a êle pertencendo, naquela época, os territórios dos atuais municipios de Itaurama — Campina Verde — Itapagipe — Frutal — Comendador Gomes — Prata — Santa Vitória — Ituiutaba — Canápolis — Tupaciguara e Monte Alegre.

No decorrer de todo o século XIX a região se desenvolveu em população e riqueza baseada esta na industria pastoril, sendo a agricultura destinada apenas ao consumo próprio. Como centro civilizado e comercial Uberaba continuou exercendo sua influência marcante e para ali foram sendo abertos novos caminhos pelos quais a população exportava e importava o necessário. A fundação de Santa Ana do Paranaiba, em 1835, pelo Tenente José Garcia Leal, mineiro, irmão do celebre Sete Orelhas, deu origem á abertura do porto Alencastro e consequente construção do caminho Campo Belo a Santa Ana, pois o caminho de Campo Belo-Dores-Uberaba já existia. O povoamento do Sul de Goiás motivou a abertura dos portos de São Jerônimo e São Dos e dos que, dêste porto de S. mingos e dos respectivos caminhos para Uberaba. No ano de 1845 o Padre Jarônimo Gonçalves de Macedo, auxiliado por indios e fazendeiros, abria o porto de S. Francisco, na barra do Rio Verde e a estrada que, dêste porto demandava a S. Bento de Araraquara, na provincia de S. Paulo. O intento do Padre era estabelecer, pelos portos de S. Francisco e S. Domingos (êste também por êle aberto), nova comunicação de S. Paulo para Cuiabá, plano êste agora concretizado, em linhas gerais, pela Rodovia S. Paulo-Cuiabá. Estes foram os principais caminhos qué serviram para o adensamento da população e via de transporte das utilidades necessárias á vida.

O regime que dominou por muito tempo foi o do grande fazendeiro com a sua quase absoluta auto-suficiência. Cada fazendeiro exercia sua influência em esfera limitada pelos seus maiores ou menores recursos e a êles incumbia obrigatòriamente, pelo interêsse próprio, abrir estrada para o sitio do vizinho mais próximo do centro civilizado e construir as pontes. As comunicações de percurso maior eram feitas pelos caminhos dos fazendeiros e, com o correr do tempo e evolução do meio, o traçado se modificava, já no sentido do encurtamento, já no de comodidade ou facilidade de transito. Assim chegou-se ao estabelecimento de estradas gerais, ligando nucleos importantes e afastados. A conserva desses caminhos destinados a boiadas, tropas e carros de boi estava a cargo dos carreiros que, em regra, a ela se prestavam pacientemente. Por mais de um século assim foram as nossas vias de comunicações obra exclusiva do esforço particular, sem o menor auxilio do poder publico. Até que os trilhos da Mogiana atingissem S. Pedro de Uberabinha (hoje Uberlandia) e se construisse a Noroeste do Brasil, Uberaba foi o centro incontestável da civilização e do comércio de Goiás, de grande parte de Mato-Grosso e de todo o Triangulo. Dali partiam separadamente, as estradas para Goiás (capital), Prata, S. José do Tijuco, Pôrto dos Baus, São Jerônimo, Santa Ana do Paranaiba, Frutal, Sacramento, Araxá, Bagagem (Estrela do Sul) e Patrocinio. Pela estrada de Goiás passou, em 1819, o grande naturalista francês — Augusto de Saint Hilaire, em sua volta da viagem empreendida ás nascentes do S. Francisco e a Goiás. Pela mesma estrada até o pôrto de Sta. Rita (hoje Itumbiara) passou, em 1865, a força expedicionária brasileira enviada contra o exército paraguaio que havia invadido Mato Grosso. Pela estrada de Santa Ana passou, d eregresso á capital do País, o Visconde de Taunay, que havia seguido com as tropas expedicionárias contra Lopes. Saint Hilaire e Taunay deixaram descrições interessantissimas que ainda hoje se lêem com prazer e verdadeiro proveito.

Contemporaneamente alguns homens ousados fizeram navegar nos rios Pardo e Grande, até o pôrto João Gonçalves (Antônio Prado), lanchas a remo que se usavam principalmente para transporte do sal. O caminho de Frutal a Barretos foi aberto por João Gonçalves Ferreira, fazendeiro em Campo Belo (Campina Verde), que também abri uo pôrto que conservou seu nome «João Gonçalves» até que José Hipólito de Carvalho, em 1905, organizou, com auxilio do Conselheiro Antônio Prado, então Presidente da Companhia Paulista ,a travessia a vapor que ainda existe no Pôrto do Cemitério. José Hipólito, em homenagem ao Conselheiro, houve por bem atribuir a êste a honra, de inteira justiça, pertencente ao benemérito João Gonçalves Ferreira que, com sacrificio próprio, em tempos dificeis, abriu além do pôrto referido, o caminho que viria dar a Barretos a importancia de que desfruta.

Até o advento do veiculo a motor foram êsses caminhos abertos e conservado com os maiores sacrificios e abnegação do povo as artérias por onde circulavam a civilização e a riqueza de tôda zona. O traçado dessas comunicações não foi precedido de plano prévio; êle obedeceu tão sòmente á lei das necessidades da população, foi uma consequência lógica do método adotado no povoamento espontaneo da região. Esse povoamento, realizado com a conquista do solo privilegiado, capaz de oferecer aos geralistas meios de subsistência, que as terras estéreis da zona de mineração não podiam mais proporcionar pelo esgotamento dos depósitos auriferos superficiais, fêz-se em periodo relativamente curto. A decadência acentuada da mineração obrigou a população laboriosa a procurar na agricultura e na pecuária novas fontes de riquesas e mesmo de subsistência para exploradores. Neste caso, nenhuma outra região de Minas Gerais oferecia melhores perspectivas que o Sertão da Farinha Podre, hoáe Triangulo Mineiro. Homens cultos, do vulto de Saint Hilaire, Luiz d'9lincourt e Padre Landro — êste principalmente — foram os maiores propagandistas das ótimas qualidades do solo dêste abençoado torrão mineiro. O povoamento se fez pacificamente e raras foram as rixas motivadas por questões de terras; os próprios Caiapós não fizeram oposição ao esbulho de seus campos, matas e rios. Desde o inicio de sua fixação ao solo a população foi sempre ordeira e laboriosa o que certamente muito contribuiu para a formação da pujante riqueza que hoje se ostenta em todo o Triangulo. O municipio do Prata de 1848, dividido e subdividido, comporta atualmente muitas novas e prósperas células administrativas, tôdas elas em franca prosperidade, graças tão sòmente ao trabalho honrado dos antigos geralistas e seus descendentes que continuam incansáveis no propósito de progredir em paz e harmonia.

Veiculo a Motor

O aparecimento e generalização do uso do veiculo a motor marca nova era no que diz respeito aos transportes terrestres. Esse veiculo, não se adaptando vantajosamente aos antigos caminhos para carros de boi, requer estradas de construção mais acurada, com maiores exigências na locação. Graças á disposição vantajosa da superficie de seu solo, o Triangulo oferece razoáveis condições para estabelecimento de boa rêde rodoviária e foi nesta, certamente, de tôdas as regiões de Minas, que o automóvel alcançou, desde o inicio de seu aparecimento, a maior vulgarização como meio de transporte.

A primeira tentativa para estabelecimento de uma linha regular de transforte de carga em carros auto-motor foi feita em 1908 pelo Dr. Cerqueira Lima e José Prata, entre Uberaba e Conceição das Alagoas. Empregaram um carro a vapor, de construção inglêsa. O fracasso foi completo. O primeiro carro a gasolina para passageiros entrou em Uberaba em 1909 e, dai por diante, as tentativas foram se multiplicando e, já em 1913, Uberaba contava com autos de praça para passageiros. Os fazendeiros mais abastados, vizinhos da cidade, passaram a adquirir carros para passageiros e construir pequenas estradas ligando suas fazendas á cidade e é quando aparece em cena o primeiro apologista do auto, no Triangulo — Sr. Quirino Luiz da Costa — conhecido geralmente por Quirino Marquez; êste construiu para Verissimo, Prata, Conceição das Alagoas, fazendo-as trafegar por autos de passageiros. Para a estrada do Prata muitos prateneses contribuiram com auxilio pecuniário e o Govêrno do Estado, a titulo de subvenção, com a quantia de dez mil cruzeiros. O exemplo de Quirino não encontrou, porém, grande numero de imitadores porque os caros usados até aquela época não se prestavam a trafegar nas estradas que lhes eram destinadas; tinham muito pouca fôrça para o grande pêso morto e além disso vários defeitos de construção, que os tornavam inadaptáveis ao nosso meio. O transporte em auto para passageiro, em zona rural, até então usado somente por pesoas abastadas, parecia destinado a ficar de uso muito limitado, ou mesmo falhar, quando apareceu no mercado brasileiro o Ford, o célebre «Ford de fueiro». Esse carro, leve, barato, de reparos fáceis, prestando-se até ás más estradas, veiu dar grande impulso ao novo sistema de transporte e acelerar a construção, pelos fazendeiros, de estradas de sitio a sitio do mesmo modo que as primitivas estradas para carros de boi. Com o aproveitamento destas foram se fazendo ligações de maior curso. Algumas com finalidades de ligar cidades entre si foram então executadas. Neste gênero avultam pela importancia de suas consequencias as estradas da Companhia Mineira de Auto Viação, organizada pelo benemérito Fernando Alexandre Vilela de Andrade, eficazmente auxiliado pelo ilustre engenheiro Dr. Inácio Pinheiro Pais Leme. Ambos lutaram titanicamente contra toda sorte de imprevisto e demais dificuldades inerentes a tais empreendimentos, em meio ainda não preparado para receber iniciativas verdadeiramente revolucionárias em matérias de transporte. A Companhia, tudo vencendo, construiu as estradas de Uberlandia a Monte Alegre e Ituiutaba, com os ramais para Santa Rita (hoje Itumbiara) e Tupaciguara. O impulso formidável que essa estrada imprimiu ao progrêsso da região por ela e por suas tributárias servida teve como consequência essa colossal riqueza que se ostenta em toda a região beneficiada. E' de justiça citarem-se alguns nomes de impulsionadores na construção de estrada, que ainda hoje prestam relevantes serviços ao Triangulo: Segismundo Novais, Vicente Macedo, Antônio Duarte Guimarães e outros fizeram a ligação Prata Frutal, via Rio Freio; José Casimiro Mendonça, auxiliado por alguns outros fazendeiros, fêz a ligação Prata-Ituiutaba; a firma Barros & Moreira fêz a estrada Frutal-Pôrto Antônio Prado (ligação para Barretos); o Padre Ludovico Pagliano, da Congregação da Missão, liderou a ligação Prata-Campina Verde; o Padre José Alves de Araujo muito fêz pela ligação Lageado (Itapagipe) a Campina Verde; Dr. Sandoval Henrique de Sá, um dos maiores entusiastas da auto-viação, e José Felicio de Oliveira chefiaram a ligação Frutal-Itapagipe; Antônio Teixeira consruiu, com os maiores sacrificios próprios, a primeira ligação Prata-Monte Alegre. O esfôrço conjunto de diversos proprietários realizou a ligação Itapagipe-S. Francisco. A ligação primitiva Santa Ana do Paranaiba a S. Francisco foi realizada com a cooperação de muitos, devendo citar-se, entrentanto: Augusto França, Gustavo Rodrigues e D. Rufina Perpétua de Jesus. As ligações de Campina Verde a Ituiutaba muito devem a Mário Natal Guimarães e José Felisberto de Macedo. A ligação S. Vitória-Ituiutaba teve grande contribuição de Oscar Bernardes, Manuel Bernardes, Pedro José Bernardes Jerônimo Ribeiro (Capitão Rnbeiro) e de outros.

Entre os grandes empreendimentos se acha a strada Prata-Pôrto do Cemitério, construida por Segismundo de Novais, associado a Pedro José Bernardes e que ali mantem, desde o inicio, um serviço regular de transportes. O iniciador da ligação á Cachoeira Dourada foi Hilarião Rodrigues Chaves. A primitiva estrada para o Praião foi construida por João Manuel de Andrade e Otávio Macedo.

Essas estradas para Baus deram origem á grande rede de pequenas estradas que drenam todos os cantos da mata do Paranaiba.

Em linhas, gerais, este é o esbôço da rede rodoviária que vêm sendo aproveitada pelas Prefeituras. Como se vê dêsse ligeiro histórico a locação dessas estradas não obedeceu a estudo regular e dai as falhas sensiveis que ainda não foram sanadas ou mesmo corrigidas. O aperfeiçoamento sucessivo do veiculo a motor provocou a vulgarização de seu uso e êle constitui hoje o meio corente de transporte para passageiro e mercadorias.

Estradas Boiadeiras

Pelas antigas estradas trafegavam caros de boi, boiadas e tropas. Com o desaparecimento do caro de boi e da tropa, ambos substituidos pelo caminhão, ficaram transitando apenas as boiadas pelos caminhos antigamente em uso. Essas estradas para bois não exigem preparo outro que o corredor e alguma ponte ainda não mereceram, até nossos dias, qualquer cuidado dos poderes publicos e isto porque são consideradas indesejáveis pelos proprietários cujos terenos percorrem e ninguém os pleiteia em suas terras como acontece com as autovias. No decorrer do século passado e principios do século atual, todo gado exportado — por Goiás e parte de Mato Grosso e Triangulo Mineiro se destinava ás invernadas do Sul de Minas e nesse sentido eram dirigidas as estradas de boiadas. Com transformação das matas e cerrados de Barretos em ótimas invernadas e fundação ali do Frigorifico Anglo, tornou-se aquêle municipio o maior centro invernista do país e para lá se dirige atualmente quase todo o gado produzido nesta região, sendo que pequena parte é abatida em algumas xarqueadas existentes nas proximidades dos centros produtores. Assim, o sentido das estradas boiadeiras foi completamente modificado.

Importação e Exportação

A maior ou menor importancia de uma estrada está em relação direta com a natureza e volume da mercadoria transportada sem excluir as de interêsses sociais. Por muitos anos o unico artigo de exportação que produzimos era o gado bovino e, como já se feferiu, era o mesmo levado primeiramente para o Sul de Minas e hoje para Barretos. Atualmente a travessia do Rio Grande é feita em vários pontos sendo os principais a ponte Mendonça Lima e o pôrto do Cemitério e para ali naturalmente estão dirigidas as estradas boiadeiras.

A importação das utilidades necessárias e que não eram produzidas «in loco» se fazia da praça de Uberaba que, por mais de meio século teve o monopólio do comércio de todo Brasoil Central. O prolongamento da Mogiana deslocou para Uberlandia o fornecimento de Goiás e parte do Triangulo e a construção da Noroeste arrebatou a Uberaba o fornecimetno de Mato Grosso. Por sua vez á aproximação da Paulista deve Barretos a perferencia de toda margem direita do Rio Grande desde Esplanada até o pontal Rio Grande-Paranaiba.

O desenvolvimento que se vem procesasndo na agricultura e industria de laticinios vai criando o comércio exportador desses produtos. Sem receio de êrro, deve-se dizer que o mercado de destino de todas as produções do Triangulo é a cidade de S. Paulo, e quem disso duvidar, consulte as empresas de transporte. Como praças intermediárias a preferência é dada ao ponto mais próximo do produtor ou á ligação mais adequada. Atualmente figuram como maiores produtores da região os municipios de Ituiutaba, Monte Alegre e Canápolis, todos forçados á pasagem de seus produtos por Uberlandia, em vista da falta, diga-se, absoluta, de vias adequadas para Colômbia, ultima estação da Companhia Paulista. A importação se faz das praças de S. Paulo e Rio, sendo grande parte das mercadorias importadas distribuidas por Uberlandia. Uberlandia gosa, no momento, dêsse grande privilégio de ser, no

Triangulo, praça distribuidora e reexportadora dos artigos de consumo; praça distribuidora e reexportadora dos artigos de consumo; para isto certamente muito contribuiu a rede rodoviária da antiga Companhia Mineira, encampada e conservada pelo Govêrno do Estado. Enquanto a produção agricola de Ituiutaba e circunvizinhanças foi pequena pouco representava o prejuizo do agricultor com a passagem de seus produtos por Uberlandia; atualmente essa produção é considerável e tende a aumentar a largos passos, sendo, portanto justo e oportuno que se ofereçam aos seus fatores maiores possibilidades de lucros, com a redução do custo de transporte, mediante construção de estradas adequadas á atualidade.

Ginásio São José

Dirigido pelos Padres Estigmatinos, foi fundado o Ginásio São José em 1948 pelo Padre João Avi, seu primeiro diretor e, simultaneamente, vigário da Paróquia.

Desde o inicio já se cogitava na construção de um grande predio que viesse colocar o estabelecimento a par do prodigioso progresso da cidade, em outros setores.

Os diretores que se sucederam, Padre Lino Correr e Padre Angelo Dall'Ara, trabalharam neste sentido, mas dificuldades de ordem superior impediram sua realização, firmando, todavia cada vez mais o plano e o projeto da obra que viria beneficiar grandemente o nivel cultural da metropole do arroz.

Finalmente, em 1952 iniciou-se a construção do edificio, cujo corpo principal vê-se na fotografia que ilustra esta nota. Neste moderno prédio, 500 alunos poderão, todos os dias, receber suas aulas em confortáveis salas, construidas com todo rigor da moderna pedagogia e higiene educacional.

Em meados de 1954, Ituiutaba deverá se orgulhar de possuir um estabelecimento de ensino de tão grande vulto, que, juntamente com o Colégio Santa Tereza, constitua dois deslumbrantes focos de luz, irradiando para toda essa zona progresso, cultura, estudo e ciência, baseados nos sadios e eternos principios cristãos.

Colégio Santa Tereza

O Colégio Santa Teresa, dirigido pelas Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu, foi fundado em 1936 e veiu até hoje funcionando em prédio daptado.

Mercê de Deus, foi iniciada agora a construção de um soberbo edificio de dois pavimenots, com área de 3.100 metros quadrados, obedecendo ás mais rigorosas exigencias da higiene e moderna Pedagoria, aliadas aos mais discretos e delicados estilo.

Distribuidas em duas alas extensas, que se unem num vértice transformado em «hall» de entrada com frente para a Praça Municipal, estão as oitos salas de aula amplas e arejadas, quatro grandes salas especiais, as bem instaladas dependencias da Administração volumosa e selecionada Biblioteca, confortáveis dormitórios, bem equipada enfermaria, além de modernissimo auditório e de artistica Capela para o culto divino.

Funcionando no nôvo prédio, além dos cursos primários, ginasial e normal, os cursos de Economia Doméstica e Belas Artes. Para o desenvolvimento fisico das alunas, contará o Colégio com ampla praça de esporte, campo de jardinajem e horticultura, vasta piscina e outros requisitos imprescindiveis nessa região tropical.

O ensino, ministdao segundo as diretrizes dos programas oficiais, é orientado pela divina e terna luz dos Santos Evangelhos, procurando, com a formação integral das nossas crianças e moças, a maior glória de Deus e o engrandecimento de nossa Pátria.

Palavras aos meus Filhos
Cicero de Freitas Barros

No fundo negro azulado,
entre outras mil, entre infinidades,
como se por mão de louco dissipador [atiradas,
lá está ela, cintilando, pisca-piscando,
há anos, séculos, bilhões de anos.

Lá está ela, no alto, no espaço sem [fim,
rolando entre o rolar dos astros,
a minha estrêla, a minha estrêla,
testemunha do nascer de meus filhos,
da minha chegada e da de meu pai,
da vinda de todos os homens,
por todos os milênios,
até a era dos pantanos e mares;

testemunha da partida da minha mãe
e de todos os que partiram
para o fim do mundo
— o país do nada
— o nirvana universal.
Estrêla que me acena do alto
e é a fôrça de meu ser
e a penetração de meu espirito,
vejo, encarrando-a, a agitação dos [homens,
o desfilar dos tempos,
o girar dos mundos,
o renascer sucessivo da raça de [Prometeu,
através de gerações e gerações,
ao cobrir-se do limo da terra.

Lampada cintilante do espaço escuro,
no seu espelho mágico e profundo
sinto a fôrça de todos os mundos,
a vida de todos os sêres
o heroismo de tôdas as vidas.
Meus filhos, olhai, pois, olhai
a minha estrêla cintilando, pisca- [piscando,
e ao quebrar das ondas,
e ao ruir de palácios,
e ao silenciar dos rouxinois,
compreendei o heroismo da existência
e a fôrça potencial das gerações
e vos levantai de novo sempre varonis
para que, através de vós
e da escala dos pósteros,
esta fôrça um dia domine o infinito.

Vida Pitoresca de Ituiutaba
Italo Terêncio José Gentil

Em 1940, face às funções que então exerciamos, cortâmos o municipio de Ituiutaba em todos os sentidos e direções e, por longos e penosos meses travamos intimos contatos com sua população o que nos possibilitou um quase que perfeito conhecimento de seus costumes e de suas caracteristicas.

Então aqui, lá e acolá, eis-nos na árdua e dificil tarefa de mostrarmos ao mundo o quanto éramos e o que significávamos... Sabido é que empreendimentos assim requerem uma dose imensa de tolerancia, espirito de renuncia e sacrificio. A todo instante, diante de nós, surgiam intrincados casos onde a luta se apresentava desigual e onde o inimigo era o mais terrivel e implacável porque se chamava ignorancia...

Também, pouco antes daquela época é que tivera inicio o verdadeiro ciclo evolutivo de Ituiutaba e o caboclo sempre desconfiado, recebianos com um disfarçado sorriso onde mal se ocultava seu ódio e seu furor... Eramos tidos e havidos como agentes do fisco...

Mas, ainda assim, em meio á desconfiança e pavor, iamos cumprindo nossa missão. Se desgostos e contrariedades tinhamos, por outro lado, como dizer da sapiencia da lei da compensação, vezes tantas vlamos frente a frente com ditos chistosos e acontecimentos pitorescos. Lembravamos que certo dia, quando chegavamos á fazenda do Joaquim José (homem que fabrica a cachaça mais gostosa do mundo) ficamos hospedados na casa residencial do saudoso «Zé Mestrinho». A' tardinha, quando o sol mansamento morria, entrou pelo interior da casa um miserável cãozinho. Magro. Bichento á mostra. Patas trêmulas, assentou-se com uma pose verdadeiramente «cachorral». O professor Almoré Dutra, dono de uma curiosidade perigosa, perguntou a um garoto que ali se encontrava qual era o nome do cãozito. A resposta foi a queima-roupa:

Banquete!

A' noite, sob a influencia de um luar bonito, puzemo-nos a corrigir nosso questionário sobre o censo demográfico onde deparamos com nomes assim:

Antônio Pataca.
Sinfonia Caima.
Cirino Vaca Brava.
Santos Anjos de Deus.
Doce Amor...

Depois... Depois tudo se modificou. Os costumes, os modos, as tradições e até mesmo as amizades. Ao tempo, ou seja lá pelos idos de 1940, o Libório Antonio Pires, da velha estirpe lusa, era dono da «Padaria Luso-Brasileira», uma casa de estelos, caiçada alta, situad no mesmo loci onde hoje êsse português teimoso (desculpem a heresia), mantém um confortável bar. Então, especializou-se o Libório no fabrico de umas rosquinhas e bolachas que lhe deram fama e oportunidade de esmurrar a muitos... Eram tão «apreciadas» as iguarias ali fabricadas que as mães para que os bebés calassem diziam assim: «Se você continuar a chorar eu lhe faço comer as rosquinhas fabricadas pelo Libório». Nem é preciso que se diga que as crianças tomadas de pavor e susto, envolviam-se em tumular silencio...

Se a memoria não nos trai, data das imediações do ano de 1940 a instalação do «Hotel Rocha», hoje «Hotel Zazo». Aquele tempo, já existia o «Hotel Central» ontem como hoje sob a direção do Alvaro Rocha. Criou-se, por essa razão, uma confusão dos diabos e as cartas e hóspedes vinham sempre endereçadas ao «Rocha do Hotel»... O Alvaro, nervoso, temperamental, mas dono de um ágil espirito humoristico, logo resolveu a parada: Doravante eu passarei a chamar Alvaro Rochedo e o meu colega chamar-se-á José Rocha... Desde então a paz passou a imperar e houve até um perfeito entendimento na subida dos preços das diárias que galgaram as alturas de um «rochedo» dentro da solidez granitica de uma «rocha»...

Entre a «Rocha» e o «Rochedo», situava-se o Bacarate Nasser... Sistemático, dono de estranhas manias, o Baracate mantinha um bar onde se viam as mais caras e custosas bebidas... Solicito e amável, possuia êle as caracteristicas marcantemente comerciais do valoroso elemento sirio. As vezes, distraido, um freguês deixava «escapulir» uma «cuspidela» no bar e logo vinha o Baracate com uma vassoura, um balde e um vidro de creolina... Após a «faxina» o Baracate tem Bramessa fazer assim»... Tinha êle verdadeiro pavor das vendas a prazo. Certo dia, ao fim do mês, mandou ao Dr. Gustavo uma conta corrente onde se lia o seguinte: «Dia 5 — Compras — Um cruzeiro de balas dois mil réis»...

Depois ... Depois a cidade foi crescendo. A especulação também. Chegou a época das melancias, fruta á qual, o ituiutabano dedica especial predileção. Era alto negócio a venda de tal produto, eram vendidas a 2, 3 e até 4 mil réis. Certo dia um cavaleiro chegou á cidade e avisou aos Elias Derze e Amul que das bandas do São Lôurenço vinha vindo um roceiro com um carro cheio de melancias...

Claro está que ambos foram ao encontro do caboclo á entrada da cidade. Mas o matuto não foi pelos autos e desiludiou-se dizendo que vinha vender as frutas na cidade onde teria lucro maior... O Elias Derze, como uma flecha veio parar em sua venda que era onde o roceio teria forçosamente que passar... Quando êle se aproximava o Elias o convidou para que entrasse e fosse tomar um cafezinho. No interior da venda o Elias exibiu uma melancia tôda cheia de selos do correio, estampilhas federais e até selos de educação e disse ao roceiro:

«Para vender melancia na cidade é preciso que sejam elas seladas tal qual esta e se você assim não fizer eu o denunciarei»...

O matuto, mal compreendendo a terrivel armadilha, disse o pior do govêrno e do fisco e acabou por pedir ao Elias que fizesse preço nas melancias e as adquirisse tôdas... O Elias ai deu duro. O pobre roceiro implorando a custo, soltou esta frase:

«Fique «seu» Elias. Galinha na manguara não tem preço»...

Depois ... Depois a cidade continuou crescendo. Começou a dar os primeiros passos de uma roceirinha catita e gentil que principia a andar calçada... Vieram as fábricas com seus chaminés e suas cirenes. Os empreendimentos gigantescos. Os prédios altos, inclusive o monstrengo da Rua 22, esquina Avenida 15. Os colégios Os jornais. Os clubes de futebol. E tôda essa maravilha que se chama Ituiutaba, essa pérola engastada cá no pontal onde o Paranaiba e o Rio Grande se unem no mais terno e amorável beijo...

1952! Cinquentenário da emancipação politica do municipio. Festas ruidosas. Desfiles impressionantes. Tudo a dizer da potencialidade econômica da cidade orgulho de Minas.

Depois... Tudo evoluiu. E vai este aviso aos hospedes ilustres que visitam Ituiutaba: — «aqui é a terra dos discursos». Oradores não nos faltam. No momento em que a edição especial de «Acaiaca» estiver circulando por aqui é bem possivel que o Confessor esteje «rasgando o verbo» e que o Adão, ao lado, impaciente, só para si, diga estas palavras: — «Diabo, o Confessor não pára, será que êle não desconfia que agora é a minha vez?»...

... Alto lá! A memoria já nos trai. Tem mais ainda... Em nossas periodicas viagens — coração e dentro de Ituiutaba — vimos, como nas magias dos contos orientais, uma verdadeira ninhada de coisas extravagantes e episódios pitorescos.

Com olhos perscrutadores pudemos observar e saimos convictos que Ituiutaba é um prodigio de trabalho e de patriotismo. E' uma realidade palpitante e insofismável. Não é mais municipio para estagnar-se. Assumiu, para o resto do país, o compromisso de progredir...

Certa vez após transpormos maravilhados a Serra dos Pato se contemplarmos cá de baixo, o seu cenário encantadoramente mistico, aportamos em uma vendinha. Nesse momento um caboclo trigueiro, fazendo alarde de sua extraordinária robustez fisica, se dirigiu ao vendeiro pedindo-lhe que o servisse com uma dose de «caninha». O vendeiro sujeito estradeiro e escolado, com ar de orgulho e vaidade disse-lhe:

— Meu amigo, tudo aqui é poesia e amor, tó tenho cachaça «Sedução», «Soberana», «Minheirinha», «Golaninha», «Beija-Flor», «Eva», «Pureza» e «Catita»... Qual prefere?

Ao cair da tarde, quando o sol melancolicamente se despedia e as águas do Rio Prata preguiçosamente rolavam cumprindo a «via-crucis» de seu destino, ao longe ouvimos os gemidos sonolentos de uma viola: festa na roça!

Claro que nos sentimos atraidos pelo «repicado» da viola e lá fomos... A «festança» se iniciava promissora e lá não faltava a classe «xiboca» agora com outros titulos e rótulos extravagantes: «Dinamite», «Rojão», «Bombeiro», «Tudo Traduz», «Fim da picada», «Pai João» e «Mulé Macho»...

... é esta uma pálida homenagem que prestamos a uma «classe» verdadeiramente unida e poderosa. E não podiamos, por isso, esquecermos a «legião» de apreciadores da «boa» que habitam essa região «tanta» de progresso...

JORNAIS E JORNALISTAS DE ITUIUTABA
Ercilio Domingues da Silva

Falar dos jornais e jornalistas de Ituiutaba, desde os seus primordios, eis uma gratissima opotunidade que nos oferece a direção de «Acaiaca».

Não é tarefa facil a incumbência, visto não dispormos de um arquivo completo das coisas do passado e serem muito escassas as fotes de informações. Contudo, tentaremos reunir nestas páginas todos os órgãos de publicidade que aqui se editarem, bem assim, falaremos dos homens que militaram na imprensa local, a nossa modesta colaboração na iniciativa de divulgação das grandezas de Ituiutaba,cultuaremos, também, a memoria dos nossos confrades do passado.

Nada menos de 19 jornais se editara ate hoje nesta cidade, uns de duração efémera, outros de circulação mais prolongada, alguns humoristicos fundados apenas com o objetivo de divertir o espirito, outros doutrinarios os demais, publicações que procuraram defender realmente os altos interêsses do municipio. Por êsses orgãos passaram as penas mais brilhantes da intelectualidade ituiutabana. Homens sôbre cujos ombros pesava uma parcela de responsabilidade nos destinos da população que surgia encravação entre os corregos «Sujo» e «Pirapitinga» e circundada pelas serras dos «Baus» e «São Vicente».

O «Vila Platina» — Em 1907, a pequenina localidade de Vila Platina guardava ainda bem vivo na memoria um acontecimento notável que sacudira tôda a povoação. Referimo-nos a criação do municipio pela Lei nº319, de 16 de setembro de 1901. Uma onda civilizadora, deslocada do litoral para o centro do País, invadia lentamente o sertão. O povoado do antigo «São José do Tijuco» sentia já os seus primeiros lampejos.

Necessario seria que a Vila tivesse o seu porta-voz onde faria sentir as suas conquistas e suas legitimas aspirações.

Foi então que os principais homens do lugar, irmanados nos mesmo ideais de progresso, organizaram uma sociedade por ações destinadas a fundar um jornal que seria denominado «Vila Platina». A tipografia foi adquirida e instalada pelo tipografo João Lorenço Filho no prédio hoje se acha a cadeia municipal. Foi eleito diretor do jornal o Sr. Pio Goulart Brum, homem culto e poeta inspirado,cujo pena brilhante arrebatava os leitores do Vila Platina». Para o cargo de redator-secretario foi escolido o Sr. Coleto de Paula, que ainda está ai firme e lampeiro, disposto mesmo a praticar qualquer façanha, por mais arrojada que seja, inclusive acompanhar caravanas de futebol para as diversas cidades da região.

Constituiu motivo de grande satisfação para os habitantes da Vila Platina o aparecimento do seu primeiro jornal, o qual, a falta de maior variedade de assuntos locais, era feito com noticias daqui e dali, o que o tornava um semanario interessante, mesmo porque, nesse tempo, os jornais de outros pontos do País so chegavam a Vila com dois ou três dias de atraso.

O jornal tinha ainda como colaboradores permanentes os Professôres Francisco Antônio de Lorena e José Luiz Borges, ambos ainda vivos, o primeiro aqui residente, e o segundo residindo atualmente no Rio Verde, o Dr. José Petraglia, Benedito Chagas Leite e Antônio Campos. Esporádicamente, também emprestava sua colaboração no órgão platinense o Professor Alceu Novais, inspetor estadual do ensino.

Até então, a povoação vivia aglutinada numa unica familia, que trabalhava incansàvelmente para o progresso da terra. Não tardou, porém, que se fundassem na localidade os diretórios politicos Hermista e Civilista. O primeiro, que representava o Partido Republicano Mineiro, batia-se pela candidatura Hermes da Fonseca, e o segundo constituido do Partido Conservador, propugava-se pela candidatura Rui Barbosa.

A formação dêsses diretórios ocasionou uma separação entre as familias do lugar, repercutindo sensivelmente êsse fato na vida do jornal.

De certa feita, houve sério incidente entre o diretor e o redator-secretário do «Vila Platina», já naturalmente, em virtude da desarmonia politica reinante na época. O sr. Pio Goulart Brum tinha que se ausentar da Vila por algum tempo, para visitar sua fazenda, em Goiás, na localidade que se chama hoje Quirinópolis. Designou então o Professor Benedito Chagas Leite a ocupar o seu lugar no jornal, do que pretendeu dar conhecimento aos seus leitores através de uma nota a ser publicada. Composta a matéria, o tipógrafo levou as provas para o sr. Coleto proceder á revisão. Vendo aquela troca feita á sua revelia, contrariando frontalmente um dos preceitos dos estatutos da sociedade, segundo o qual a falta do diretor seria suprida pelo redator-secretário, o Só Coleto, num gesto resoluto, escreveu ao lado: «Não admito». Ante aquele «não admito» tão imperativo, Pio Goulart escreveu outro artigo, foi publicado, desligando-se do jornal. Imediatamente, o relator convocou a assembléia geral para a eleição do novo diretor. Os partidários de Pio impuzeram a saida do Coleto, dizendo: «o redator tem de sair, não pode ficar, também». Os amigos do Só Coleto contestaram afirmando: a «eleição é só para o cargo de diretor, pois o Coleto não renunciara». Venceram os partidários do Sr. Coleto de Paula, com o protesto de José Furtado, que afirmou: «êle não merece nossa confiança». Foi eleito então diretor o Sr. João Martins de Andrade, que dirigiu o «Vila Platina» até 1910, quando o jornal veio a desaparecer.

A «Gazeta Platinense» — Com o desaparecimento do «Vila Platina», durante mais de dois anos o municipio esteve sem jornal.

Em 1912 para aqui viera o Dr. Pedro Salazar Moscoso da Veiga Pessoa, advogado talentoso e jornalista consumado. Entusiasmado com a terra que o acolheu de braços abertos, o novo habitante da Vila, homem amante do progresso e afeito á luta, concebeu a idéia de se fundar aqui um outro jornal. Se bem pensou, melhor agiu, e, em abril de 1913, circulou o primeiro numero de «Gazeta Platinense», sob sua direção. No cargo de secretário da redação ficou sua filha Sta. Sinhá Salazar, sendo a gerência do jornal entregue ao seu irmão Sr. Mário Salazar.

O Dr. Pedro Salazar não se limitava apenas ás lides forenses e jornalisticas. Era também prematurgo e dirigia na Vila o Grêmio Dramático «Dr. Pedro Salazar», levando a cena peças de sua própria autoria, tais como: O Voto Livre, o Ensino Livre, A Florista, Yáyá e muitas outras que deleitavam sua numerosa platéia. Era também professor, tendo aqui fundado e dirigido o «Colégio Santo Antônio».

Em 1914 o Dr. Pedro Salazar foi nomeado Juiz Municipal de Frutal. Com seu afastamento desapareceu também a «Gazeta Platinense».

«A Alvorada» — No mesmo ano em que desapareca a «Gazeta Platinense», sob a direção de Hipólito Maria de Freitas e seu filho Alfeu de Freitas, vindos de Campo Belo, hoje Campina Verde, surgiu aqui «A Alvorada», que votava discreta simpatia pelos Martins, que comandavam a politica local de então.

Cerrando fileira com os chefes da politica dominante, «A Alvorada» bateu-se ardorosamente pela criação do têrmo judiciário, o que se deu em 1915, quando a Vila recebeu os fôros de cidade, sob a denominação de Ituiutaba.

Esse jornal circulou até 1917.

«O Porvir» — A 15 de abril de 1918, os professores Francisco Antônio de Lorena e José Luiz Borges, que emprestaram sua colaboração em quase todos os jornais que já haviam circulado na cidade, fundaram o «O Porvir», órgão especialmente dedicado á instrução, referido jornal circulou até 1919, tendo encerrado suas atividades em virtude de ter sido vendida para Uberabinha, (hoje Uberlandia) a tipografia em que era editado (a mesma em que se imprimiam todos os jornais da cidade, até aquela época).

«O Sertão» — Novo hiato de estabeleceu de 1919 a 1934 quando veio a publico, sob noticioso e doutrinário, que seguia a linha da Ação Integralista Brasileira. Jovem recém-formado em medicina, o Dr. Petrônio retornara da Capital da Republica impregnado de idéias novas, que eram pregadas através do novo órgão de publicidade.

Colaboravam no «O Sertão», o Dr. Alvaro Brandão de Andrade, que se escondia atrás do pseudônimo de Albrandão, cujas matérias versava sôbre ensino e sociologia, Benjamim Dias Barbosa, Cicero de Freitas Barros e Francisco dos Reis Goulart, êste na qualidade de correspondente em São Jerônimo (hoje distrito de Gurinhatã).

Também êste teve curta existência.

«Jornal de Ituiutaba» — Já não era mais concebivel que a cidade continuasse sem imprensa, instituição que, em todos os tempos, é sempre o apanágio de um povo livre que deseja lutar e progredir sob todos os aspectos da atividade humana. A antiga Vila Platina, que há tempos conquistara sua completa autonomia, necessitava de um porta-voz que defendesse suas legitimas aspirações.

Foi sem duvida assim pensado que Cicero de Freitas Barros, jovem idealista, culto e amante de sua terra, fundou, em 14 de outubro de 1934, o «Jornal de Ituiutaba». O novo semanário logrou boa penetração em nossas camadas sociais. Para suas colunas atraiu as mais altas expressões de inteligência moça ituiutabana.

Colaboraram no «Jornal de Ituiutaba»: Dr. Petrônio Rodrigues Chaves, Dr. Camilo Chaves Junior, Italo Gentil, João Petraglia, João Damasceno Ribeiro, Daniel de Freitas Barros, Niteu Rodrigues Chaves, o próprio autor destas linhas e muitos outros que no momento nos escaparam á memória.

Jornal do interior, porém, especialmente naquela época, quase sempre representava ônus para quem teimasse em sustentá-lo. Como o correr do tempo, Cicero Barros, á medida que se dedicava ao comércio, ia se desiludindo do jornalismo. E entre o jornal e comércio preferiu esta ultima atividade, que lhe seria mais rendosa e livre dos aborrecimentos muito comuns aós proprietários de jornais no interior.

Assim foi que «O Jornal de Ituiutaba», em 15 de março de 1952, despediu-se dos seus leitores.

«O Vencedor» — Em 1935, o Instituto «Marden» achava-se já em plena fase de desenvolvimento. Seus alunos apolados pelo seu ilustre diretor, Dr. Alvaro Brandão de Andrade, resolveram fundar um jornalzinho no colégio. Foi então que surgiu «O Vencedor», órgão que constituia a mais viva expressão do pensamento estudantil local. Dirigido por Laci Vilela de Andrade, redatoriado por João Damasceno Ribeiro, tendo na gerência Spiridião Faissol, era todo êle feito pelos próprios alunos que mais se destacavam pela inteligência e esforço. Jornalzinho de elegante apresentação gráfica, redigido numa linguagem simples, porém, quase impecável, era alvo de constante elogios dos intelectuais da cidade.

Em um concurso promovido na ocasião entre os jornais dos ginásios do Brasil, pelo Ministério da Educação, «O Vencedor» conquistou o primeiro lugar sendo esta a sua maior vitória.

Editado mensalmente «O Vencedor» circulou apenas no ano de sua fundação.

«Fôlha da Semana» — Quando circulava já «Fôlha de Ituiutaba», jornal que que iremos falar por ultimo, passou a ser editado na cidade, também, a «Fôlha da Semana», dirigida por João Petraglia e redatoriada por Italo Gentil. Colaboravam no referido jornal o Dr. Mario Goulart, Dr. Ciro Franco, então Promotor da Comarca, Cicero de Barros e outros. Seu primeiro numero circulou em 18 de julho de 1943 e o ultimo em 30 de abril de 1944.

«Gazeta de Ituiutaba» — Em novembro de 1949, um grupo de pessoas, tendo á frente o Sr. Benjamim Dias Barbosa, organizou na cidade uma firma em sociedade por quota destinada a editar outro jornal ao qual foi dado o nome de «Gazeta de Ituiutaba». Adquirida e instalada a tipografia, o novo órgão entrou em circulação em 4 de novembro daquele ano, tendo na direção o Sr. Benjamim Dias Barbosa e na redação o Sr. Ariovaldo Mendonça de Sousa, que exercia também em Ituiutaba o cargo de escrivão de policia.

No ano seguinte, os dirigentes do jornal fizeram um aumento de capital, transformando a firma em sociedade anônima.

Entre outros, colaboravam na «Gazeta de Ituiutaba» o Dr. Petrônio Rodrigues Chaves, João Petraglia, Humberto Teodoro Gomes e Dr. Heráclito Nogueira de Sá.

Em 27 de junho de 1951, assumiu a direção do jornal o Sr. Manuel Agostinho, passando para a redação o Sr. Benjamim Dias Barbosa, Jornal combativo, «Gazeta de Ituiutaba» moveu séria campanha contra a administração do então Prefeito Municipal Sr. Mário Natal Guimarães. Constituiu uma de suas maiores jornadas a propaganda separatista do Triangulo, que, naquela época, achava-se em plena interferência.

Conquanto não tenha tido uma existência das mais duradouras, prestou otimos serviços ao municipio. Entre outros fatores a maior causa do seu desaparecimento, em principio de 1952, foi a série crise de papel que atingiu as emprêsas jornalisticas, na ocasião.

Vários outros jornais, de duração efêmera, circularam ainda em Ituiutaba, em épocas diferentes; em 1913, «O Tagarela», órgão humoristico, dirigido pelo Sr. Odilon José Ferreira, então secretário da Camara Municipal, e pelo professor Laurindo José de Oliveira; em 1917, «A Tesoura», também jornal humoristico, orientado pelo professor Francisco Antônio de Lorena e Sr. Antenor Cardoso; em 1927 circulou «A Colmea», sob a direção dos Srtas. Maria da Glória Lomonaco e Maria Prudenciana Franco; em 1935 foi editado na cidade «O Capeta», outro órgão humoristico, dirigido pelos tipógrafos José Rocha e Saulo Barros; em 1936, novamente o Dr. Petrônio Chaves, em sociedade com Waltrudes Novais, passou a editar na tipografia dêste, no Prata, «A Cidade de Ituiutaba», que era gerenciado pelo Sr. Francisco Kruger Novais; em 1943 foi publicado aqui mais umjornal humoristico, sob a responsabilidade dos então estudantes José Maia de Menezes e José Féres, que usavam no cabeçalho do jornal os pseudônimos de Gentiliba, Palmitato e Glicerilia; em 1946 dois outros jornais circularam na cidade: «A Sogra», outro órgão humoristico, dirigido pelos tipógrafos AntônioGentil e José Castanheira, que ensimavam o cabeçalho do jornal, com os pseudônimos de Fradiávalo e Ferrazbraz; e «Saneando», jornal doutrinário da congregação espirita local, tendo na direção o Sr. José Bento Ferrira e na redação Fernando Alves da Silva.

Atualmente, edita-se, mensalmentè em São Paulo, sob os auspicios da União Estudantil Ituiutabana, sediada naquela capital e com ramificações em Belo Horizonte e Uberaba, «O Porvir», que tem na direção e redação, respectivamente os universitários José Vilela Cinquini e Feud Did.

«Folha de Ituiutaba» — Muito a propósito, deixamos por ultimo para falar sôbre a «Folha de Ituiutaba», unico jornal que se edita atualmente nesta cidade, do que é diretor o autor destas linhas, tendo como redator o Sr. Geraldo Sétimo Moreira. Desafiandoo tempo, é o órgão que já alcançou a mais duradora existência entre todos os jornais que circularam até hoje em Ituiutaba. Contando já com 13 anos de circulação quase ininterrupta, «Folha de Ituiutaba» foi fundada em 4 de julho de 1942 pelo Sr. Italo Gentil, que ainda é hoje um dos seus mais apreciados colaboradores, o qual, em sociedade com o Sr. Aloisio da Silva Novais, adquiriu a sua primeira tipografia. Em novembro do mesmo ano, assumiso a sua direção, tendo ao nosso lado como redator-secretário o Professor Guilherme Antônio Boeing Lacor.

Em julho de 1943 retirou-se da sociedade e da redação do jornal o Pro-

fessor Guilherme Boeing Lacor. Contudo, o jornal continuou, sob a nossa direção até 1945, quando passamos a contar no cargo de redator o Sr. Euripedes Alves de Freitas, que passara a fazer parte da firma então organizada Domingues & Cia., proprietária da «Folha de Ituiutaba». No principio do ano seguinte, Euripedes deixou a empresa por ter vendido a sua parte ao Dr. Fábio Teixeira Rodrigues Chaves| O novo sócio assumiu a direção do jornal, enquanto que nós passamos para o cargo de redator e gerente da nova firma constituida sob a denominação de Domingues & Cia. Ltda.. Nessa época, «Folha de Ituiutaba» transformou-se num órgão politico do Partido Social Democrático, que passou a ser orientado no municipio pelo irmão do diretor do jornal, Dr. Camilo Chaves Junior.

Em principio do segundo semestre de 1947, com o afastamento do dr. Camilo Chaves Junior da politica local, a «Folha de Ituiutaba», perdeu sua côr politico-partidária, ocasião em que o diretor e redator inverteram seus cargos. Em outubro daquele ano, o Dr. Fábio afastou-se definitivamente do jornal. Vimo-nos assim na contingência de acumular os dois cargos até setembro de 1948, quando passamos a contar na redação com o Sr. Otacilio Nascimento que ocupou aquelas funções até fevereiro de 1949.

Na passagem do ano de 1949 para 1950 «Folha de Ituiutaba» marcou um grande passo com a inauguração da sua impressora plana de cilindro, máquina em que é editada até hoje. Nessa ocasião seu tamanho foi aumentado de meio C-P para o formato germania. Outra aquisição belissima que o jornal fêz naquela época foi entregando o cargo de redator ao jornalista Adalberto Pajuaba, de saudosa memória. Com o falecimento de Pajuaba, em 23 de janeiro de 1951, abriu-se uma grande lacuna na vida da «Folha de Ituiutaba».

Novamente, fomos forçados a acumular no jornal dos dois cargos de diretor e redator, até que em maio de 1951, passamos a contar na redação com a pena brilhante de Geraldo Sétimo Moreira, jornalista experimentado e que tem sido um baluarte na trajetória vitoriosa da «Folha de Ituiutaba».

Entretanto o passo mais arrojado na vida do jornal foi o seu lançamento como bi-semanário, em 4 de junho de 1951, justamente quando «Folha de Ituiutaba» comemorava o seu 10.º aniversário de circulação. Com essa periodicidade circula ainda hoje, sendo já pensamento de sua direção lançar o diário em futuro próximo. Antes disso, porém, a empresa será instalada em prédio próprio, na rua 20, cuja construção já se acha bem adiantada.

EMPRÊSA LUZ E FORÇA ITUIUTABANA S. A.

Ituiutaba desde julho de 1922, é servida de energia elétrica pela Emprêsa Luz e Fôrça Ituiutamabana Ltda., a qual, em 31 de julho de 1950, transformou-se em Sociedade Anônima para poder ampliar o seu capital e construir uma nova Usina capaz de atender o seu pujante desenvolvimento.

Para isso contratou os serviços profissionais do competente engenheiro Paulo Walter, residente em Belo Horizonte, que projetou as obras civis de uma moderna usina hidrelétrica que está sendo construida no Rio Tijuco, no local denominado «Salto do Morais», distante 9 (nove) quilômetros da cidade. A execução dos serviços de engenharia civil foi entregue á Servix Engenharia Ltda., do Rio de Janeiro, companhia especializada nesse gênero de obra.

O enquipamento hidrelétrico da usina foi adquirido na Suiça e já se acha todo no local da obra. E' de construção moderna e funcionamento automático.

A barragem com 6 metros de altura e 280 de extensão, eleva para 11 metros o desnivel da queda de água, represa o rio até quatro quilômetros a montante e forma o bonito lago artificial.

As duas turbinas, sistema vertical, tipo kaplan, fabricadas pela Escher Wyss, de fama mundial, tem cada uma capacidade de 1.735 HP, são acopladas á dois alternadores de fabricação Oerlikon, de potência unitária de 1.700 KVA.

Os quadros de comando, está equipado com os mais modernos aparelhos de contrôle.

A casa de máquina ,está prevista para a montagem de mais um grupo da mesma capacidade de um dos dois primeiros, qundo o consumo da cidade o exigir.

Assim, a cidade de Ituiutaba, até fins de 1954 estará suprida de enérgia elétrica abudante e dispondo de outros valiosos recursos será, dentro de poucos anos, uma das mais importantes do Estado de Minas Gerais.

ITUIUTABA: CIDADE DO FUTURO

Ariovaldo Alves de Figueirêdo

As margens do Rio Tijuco, no pontal do Triangulo Mineiro, onde Minas Gerais, num amplexo fraternal, se encontra com o próspero Estado de Goiás, está o municipio de Ituiutaba, com sua cidade estuante de vida, como pedra preciosa que vem sendo lapidada, vertiginosamente, pelas gerações sucessivas, com desvelo e carinho, de tal maneira, que êste pedaço do Brasil deixa-nos antever, a formação de uma grande metrópole, dado seu progresso assustador firmado sôbre as bases seguras da fertilidade da sua terra, da riqueza diamantifera dos seus rios e, sobretudo, da hospitalidade e dinamismo do seu povo.

Aqui não há passividade comodista e nem o comodismo da passividade tão proclamado como «males do nosso tempo», mas sim, uma heterogeneidade expressa num aglomerado humano, onde se nota o desejo ardente de ver esta terra cada vez mais agigantada, caminhando a passos largos para a consagração verdadeira de tudo aquilo que seus antepassados sonharam, quando aqui sob a proteção do padroeiro São José, apoiados na fôrça sugestiva do ideal, que aspira cooperar pelo bem da Pátria no amor do próximo, e na perfeição da vida social sob a luz espiritual da fé Cristã, — assentaram os alicerces do seu pouso primitivo e o templo espiritual da sua fé.

No entanto, êste progresso vestiginoso que a todos nós nos admira, esta cidade de ruas e avenidas retilineas, é fruto que sse amadurece aos poucos, pois em 1870 Ituiutaba era ainda o arraialzinho de São José do Tijuco, com apenasmente ssete casas de telhas e, em 1901, sendo então presidente do Estado de Minas Gerais, o saudoso homem publico, que foi Silviano Brandão, o arraial passou á categoria de vila, com o nome de Vila Platina, para, finalmente, em 1915, no govêrno de Delfim Moreira, quando o lugar já sse agigantava sob a enérgica e eficiente inspiração do ideal que impelia seus habitantes para a grande jornada do futuro — ser decretada a autonomia do municipio e dado á cidade o nome de Ituiutaba, palavra de nome tupi.

Volvendo o olhar para o passado desta terra hospitaleira e boa, as gerações novas podem e devem se orgulhar da obra dos seus antepassados, que nã opouparam esforços e nem sacrificios na luta ingente a que se propuseram para levantar bem alto, como expressão de progresso, esta terra privilegiada que se descortina hoje como uma grande promessa do futuro. Desbravando o sertão inóspido, venceram essa gloriosa cruzada da conquista da terra, lançando os resistentes alicerces da futura cidade que, sob a proteção do padroeiro São José, hoje surge garbosa a garrida, embalanada pelo ritimo suave do seu progresso proclamado para Minas Gerais e para o Brasil, que os influxos benéficos que aqui sentimos, são espontaneos, ou melhor, são naturais, produtos não só da sua privilegiada situação geográfica, como também, da riqueza incomparável do solo, das cachoeiras que de peitos descobertos, em brados solenes, arfan rumurosas, por todos os rincões do rico municipio, proclamando que aqui a natureza é mãe comum, é rica, dadivosa e acolhedora.

Atraidos pelo progresso e hospitalidade desta terra, bandos de forasteiros, de todos os quadrantes do território nacional, acolhem ao remascente solar, trazendo-lhe a beleza da arte, o esplendor da ciência e da vida econômico, a lavoura e o comércio se dinamizam e, tudo se ilumina á luz do progresso, irradiando a fama da cidade para todos os recantos da Pátria Brasileira. Seguindo de perto o seu desenvolvimento histórico, notamos que para Ituiutaba ontem e hoje são dois instantes que, cada vex sse distanciam das alvoradas futuras, promissoramente oculta artás dos enigmas da vida que passa, pois a cidade toma feições próprias, aspectos especialissimos das cidades que crescem sob o influxo de base sólidas. A própria mecanica social possui aqui feição singular, age com precisão e certeza, sem aquêles rebuscos e peculiaridades das pequenas cidades do interior. Aqui, por exemplo, num rápido exame dos reais valores, nota-se que só se recobre de conceito aureola-se de fama quem realmente merece venha de onde vier, nasça onde nascer. Dir-se-ia que em Ituiutaba há acolhida para todos, mas, que o meio é quase inacessivel á penetração gratuita, á conquista fácil, de afeições e de louros, de prestigio e de glórias sem uma bagagem de valores sólidos, sem lastros de mérito comprovados, amalgamados pela vida cotiana.

Afinal de contas, essa fisionomia social, produto quer seja devido á formação étnica desta terra, quer seja em virtudes de fatôres geográficos e econômicos é em sintese, mais uma grande promessa para o futuro da cidade, pois, evidentemente, aquêles que subiram sem trabalho, de quem brilhe sem ser ouro, terão rápida, infalivel e impiedosa descida, para cederem lugar aos que realmente se vierem sempre cercados por uma bagagem ampla e sólida de virtudes e oferecem titulos liquidos de dedicação á causa coletiva. E estou certo de que, esta já bela cidade será muito brevemente um grande centro de atividade intelectual, comercial, industrial e artistico, pelo tanto que já possui e pelo muito que nos promete para o futuro, não lhe faltando todo o fausto e tôdas as comodidades da vida moderna, pois ela bem o merece, bastando apenas que nós, homens de govêrno e governados, nos esforcemos pela consecução deste desiderato, para que as manifestações do progresso materia le moral que atualmente já nos embalam nesta terra, se alarguem mais e mais rápidamente possivel a fim de que façamos sempre jus aos foros de povo civilizado, dentro da grande nação brasileira.

Versos a Ituiutaba

Gutemberg Rôlo

Algodoais em flor!A exuberante
Vegetação, o arroz, o milharal,
A terra, de um vermelho impressionante,
Tudo produz — celeiro sem igual.

O feijoal viçoso e verdejante
Viceja além, um belo canavial
De folhagem macia e farfalhante
Contorna ao longe o verde laranjal.

Matas, capins e coloridas flores
Vão espargindo ao léo suaves odores,
Num supremo esplendor, Terra nababa!

O altivo cedro, o ipê, o jatobá,
Tudo aqui cresce, frutifica e dá:
— Assim é o sol desta Ituiutaba!

Fôlha de Ituiutaba

«Folha de Ituiutaba», fundada por Italo Gentil, em 4 de julho de 1942 e desde 8 de novembro do mesmo ano dirigida pelo atual proprietário jornalista Ercilio Domingues da Silva, é um dos órgãos pioneiros da imprensa interiorana do triangulo mineiro.

No decorrer de seus 11 anos de ininterrupta circulação, sendo o jornal mais popular do pontal do triangulo, «Folha de Ituiutaba» tem se empenhado em campanhas memoráveis em pról do interêsse publico, a cujo serviço sempre se mantem.

Com a tiragem de 2.000 exemplares, possui, ao mesmo tempo, uma oficina para serviços gráficos em geral e uma seção especializada de vendas de material para escritórios e artigos colegiais ,a mais bem montada da cidade.

Possui, outrossim, uma rede de correspondência e agentes comerciais em todo o Triangulo Mineiro e uma equipe própria de 8 jornaleiros para a venda avulsa.

Congrega um grupo selecionado de colaboradores, divulgando, ainda, completo noticiário nacional e estrangeiro, além de minuciosa seção dedicada a tôda a região triangulina.

Editada em máquina plana de cilindro e aparelhada com modernas fontes de tipos, está na cogitação do seu diretor-proprietário o lançamento do jornal, que ora circula bi-semanalmente, em edições diárias, com a aquisição de novas máquinas e de modernas linotipos.

Funcionando, proivsóriamente, á Rua 20, n. 979, está sendo construido agora o seu prédio próprio, no valor de Cr$ 1.000.000,00, cuja planta estamos publicando.

Orgão oficioso do Municipio de Ituiutaba, assim como dos municipios de Campina Verde e Santa Vitória, o jornal conta, no cadastro de assinantes, com ampla circulação, ainda, nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e em todo o interior de Minas.

«Folha de Ituiutaba», jornal a-politico, independente, pugnando sempre pelos altos e sagrados interêsses do povo e do Municipio, assim como de Minas e do Brasil, é um órgão que honra as tradições da imprensa de Minas Gerais.

Cantemos Ituiutaba

Maria Elias Esperidião

O Rio Paranaiba que divisa dois estados amigos, Goiás e Minas Gerais, no correr de seu curso vem formar dentre outras a admirável Cachoeira Dourada, que a natureza usando de toda a sua engenhosa sabedoria talhou com tamanha perfeição que nos é impossivel descrevê-la.

Caminhemos um pouco mais...

Eis que surge, ante os nossos olhos já então maravilhados o Rio Tijuco parecendo querer subjugar a sua imponente rival na beleza.

E neste recanto majestoso do Triangulo Mineiro, entre estas duas potencias hidraulicas que nasceu num dia ainda bem nosso uma cidadezinha que para assombro dos que ali viviam, foi desenvolvendo até tornar-se a terra amada e cantada por todos a bela cidade de Ituiutaba que em apenas 50 anos de existencia transpôs barreiras que outras levaram séculos para conquistar.

Mas deixemos que o poeta cante:

«Neste canto da terra mineira
brasileiros nascemos um dia,
São José do Tijuco fagueira,
Nestas plagas ferás assim dizia:
Ituiutaba Terra nutriz,
Bendita e amada por todos nós...»

E' verdadeiramente a cidade do futuro, pois nela tudo irradia vida.

Parece que os seus filhos num palpitar constante buscam fazer a sua grandeza, elevá-la a um pedestal de gloria e esplendor!...

O que mais nos encanta em Ituiutaba é a hospitalidade de seu povo, povo progressista, nobre, amigo e acolhedor.

Progressista porque foram êles que com seu próprio esforço trabalharam para seu desenvolvimento, conquistando assim uma situação invejável; nobres porque homens ou mulheres, velhos ou crianças sabem amar a sua terra, lutar pelo seu engrandecimento; amigo e acolhedor, porque nos três anos que ali vivo só encontrei corações generosos que souberam fazer com que eu me sentisse em minha própria terra.

Naquele pedaço abençoado de Minas todos trabalham, mas não como pessoas avarentas que querem cada vez mais aumentar o seu patrimonio, mas sim visando ao progresso desta magnifica cidade.

Cidade que nos arrebata pelo poder de suas lavouras, de suas industrias, de seu comércio, e em fim por meio do trabalho honrado de seus filhos construir um pedestal de gloria, pois a glória representa o esforço do homem, a conquista do ideal sonhado, e o ideal nada mais é que um impulso do espirito no sentido da perfeição...

Cantemos portanto Ituiutaba, e que nosso hino se prolongue até o infinito!...

«Ituiutaba querida.
O' chão de Minas Gerais
E's terra dos garimpeiros
E dos boiadeiros
Entre os palmeirais...»

PANORAMA ATUAL DA ODONTOLOGIA EM ITUIUTABA

(Ithamar de Carvalho)

William Hunter, em conferência proferida em Montreal, em 1910, afirmou que os dentes doentes constituem porta de entrada as afecções organicas, porisso que são êles verdadeiros meios de cultura para os microorganismos, representando grave perigo para a saude. Esse conceito, embora não fosse lançado ao mundo médico pela primeira vez por William Hunter, desde aquela época tomou corpo cientifico e se propalou. As idéias de foco de infecção dentária e infecção focal passaram a permanecer ao lado da patologia-geral e muitas doenças foram esclarecidas ou curadas com a extração de dentes infeccionados. A Odontologia que até aquela ocasião gozava de um conceito precário e era considerada apenas uma arte, ffoi admitida como ciência, isto é, um ramo da ciência médica. As Escolas de Odontologia foram fundadas ao lado das Universidades e transportadas para as mesmas os conhecimentos de antissepsia e assepsia já firmados na medicina. Dos centros civilizados dos Estados Unidos e da Europa irradiou para a América do Sul a noção de uma Odontologia melhor e no Brasil pouco e pouco nos centros mais desenvolvidos evoluiu sensivelmente a posição social do cirurgião-dentista. Trabalhando ao lado do médico na obra123456shrdlel do do médico na nobre missão de zelar pela saude do povo, o cirurgião-dentista tinha agora duas tarefas a cumprir: ensinar a higiene da bôca e dos dentes, fazendo profilaxia e aconselhar a remoção dos focos de iinfecção dentária, coadjuvando a medicina. Eis que em dado momento da história que se seguiu ao advento da idéia de infecção focal dentária, o exagêro de certos médicos, pouco em dia com a patologia dentária, que condenavam dentes positivamente são á exodontiia, põe em choque a classe médica e odontológica. Mercê de Deus, tudo se serenou. Os médicos de hoje abonam as determinações dos cirurgiões-dentistas tendo-os como valiosos auxiliares. O cirrurgião-dentista do interior do Pais que, além do desempenho de suas funções normais, tem que se extender aos ensinamentos da profilaxia da cárie dentária e da tolerancia ao incômodo tratamento, ainda se vê na obrigação de reeducar o povo imbuido de conceitos falsos propalados pelos charlatães (1) da profissão. Tôda essa grande obra de assistência á saude do povo, oculta nas quatro paredes de um consultório-dentário, não comove em absoluto as autoridades sanitárias do Pais e do Estado, que assistem impassiveis á formação quotidiana de novos charlatães. Quem analisa, portanto, o Panorama Atual da Odontologia em Ituiutaba sente-se sem duvida admirado diante de seu valor social. Uma equipe composta de dez ou mais cirrurgiões-dentistas, formados pelas melhores Faculdades do Pais, tais como Faculdade de Odontologia da Universidade do Brasil, Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, Faculdade de Odontologia da Universidade de Minas Gerais, Escola de Odontologia de Ribeirão Preto, Faculdade de Odontologia de Uberaba atende á grande população do municipio, composta na sua maioria de agricultores e pecuaristas. Todos os consultório-dentários em Ituiutaba, sem exceção, estão instalados dentro dos principios mais modernos, com os melhores requisitos de higiene e confôrto, oferecendo ao paciente segurança e comodidade. Todos os cirurgiões-dentistas têm em seus consultórios enfermeiras auxiliares, coadjuvando na difícil tarefa de proporcionar cada dia um ambiente mais agradável ao cliente. Ituiutaba dispõe de oito aparelhos de Rais X dentários e ainda um laboratório de proótese-dentária montado dentro das exigências mais modernas. Todos os dentistas estão aptos a fazer clinica geral odontológica e prótese, não havendo no momento especialidades definidas. A Associação dos Cirurgiões-Dentistas de Ituiutaba, fundada em março de 1952, com a finalidade de trabalhar em prol do levantamento do nivel intelectual e social da classe odontológica, vem ainda fazendo obra de combate ao charlatanismo, reclamando das autoridades o cumprimento das leis sanitárias. O seu trabalho de combate á Odontologia ilegal vem se processando, graças a Deus, dentro de principios humanitários, orientando sem prejudicar, educando sem magoar. A classe odontológica de Ituiutaba, que tem o orgulho de ser uma das mais unidas do Pais, já tem felizmente obtido algum êxito no que diz respeito ao declinio da Odontologia ilegal na sede do municipio. E nesta altura pedimos licença para enaltecer o trabalho de nossa Associação, sobretudo, quando nos é dado saber que, nos arranhacéus da bela Capital mineira, aos olhos indifferentes ou mesmo acolhedores das autoridades sanitárias, policiais e Associações da classe, em flagrante contraste com os suntuosos edificios, estão instalados comodamente charlatães da odontologia. E' difícil de calcular o valor inestimável que essa equipe de cirurgiões-dentistas pode prestar aos habitantes do municipio, no que diz respeito á remoção do foco de infecção dentária e á orientação do exercicio profissional. Demovendo dificuldades quanto á aquisição de bom material, que, como sabemos, mal dá para abastecer as capitais; harmozizando com seu trabalho excessivo a situação do encarecimento constante do custo da vida; indispondo-se muitas vezes com os que não compreendem o dever da remuneração justa ao profissional liberal, os cirurgiões-dentistas de Ituiutaba, ainda têm evidenciado a sua evolução social e material, contribuindo modestamente para o progresso da cidade. Alguma coisa, entretanto, devemos á classe médica. Por um dever de justica, portanto, temos que consignar nestas linhas um agradecimento sincero á classe médica de Ituiutaba, que vem prestando valioso auxilio á odontologia, quando ensina de maneira incisiva a necessidade do tratamento dos dentes e os perigos decorrentes da infecção focal dentária. Ituiutaba já possui um consultório-dentário instalado em uma Casa de Saúde, positivando o trabalho conjunto médico e odontológico. O panorama atual da odontologia em Ituiutaba, repito, é para nós motivo de justa validade e para o povo do de sua magnifica evolução.

(1) O termo é usado para clareza de expressão não tendo em absoluto o intuito de menosprezar aqueles que, por um injusto determinismo, não sentiram o calor acolhedor de uma sala de aula e a voz amiga e orientadora do mestre, mas que não deixam de ser cidadãos uteis á sociedade.

Vida Contemporanea

Tamara Lira

Alma angustiada e insofrida
Tem a criatura desta éra,
No torvelinho da vida
Que se dispensa em quimera.

Olha o céu e não vê nada.
Busca a Deus e nada sente...
Traz consigo a alma cansada.
Tem um coração descrente.

Máquinas e homens se agitam,
Num constante turbilhão...
No corpo as chamas crepitam,
Não há paz no coração.

Vivem de lutas e orgias.
— Criaturas desvairadas —
Suas vidas são vazias.
Suas almas torturadas.

Falta-lhes paz na consciência.
Tudo se metalizou:
Luxo, vaidade opulência,...
E' somente o que restou.

Permanece a alma deserta,
Sem saber o que buscar...
Ninguém reage e desperta
Para a verdade encontrar.

E' que na louca corrida
Se esquecem da estrada real...
Nada vale a nossa vida
Sem o sol espiritual.

União Estudantil Ituiutabana

Texto de Carlos Gomes da Silva e Manuel Junqueira Vilela

Nos tempos atuais em que assistimos ao despontar de novos horizontes e ao rasgar das mais amplas perspectivas em todos os setores das atividades humanas, não são raros os centros menores que vêem seus filhos haurindo, nas grandes urbes, conhecimentos que lhes permitirão, mais tarde, dirigir, com maior eficácia e com mais acentuada noção da causa publica, seu torrão notal.

E' o que acontece com Ituiutaba.

desta cidade partem, anualmente, cada vez em numero maior, estudancada vez em numero maior, vários estudantes que vão reforçar os nucleos ituiutabanos existentes nas nossas principais cidades.

O nucleo de Belo Horizonte cresceu gradativamente. Esse crescimento contribuiu para a criação da União Estudantil Ituiutabana, em 1952, entidade essa há muito idealizada por uma plêiade de jovens entusiastas que souberam sentir a necessidade de uma agremiação cuja finalidade seria o congraçamento, união e contato entre estudantes da terra tijucana.

Vencendo obstáculos de grande monta e superando dificuldades de avultado porte, fundou-se, no dia 19 da abril de 1952, a U.E.I.

As primeiras reuniões foram realizadas em bares, lugares sem duvida pouco propicios para reuniões dessa natureza. Entretanto, graças á intervenção de elementos que cursam a Faculdade de Direito, tornou-se possivel obter a sala do Diretório Acadêmico daquela Faculdade, onde se realizam, quinzenalmente, suas sessões. Com essa valiosa aquisição, foi possivel dar ás reuniões, dessa agremiação, um caráter mais cultural, havendo, sempre, um tema a ser exposto e desenvolvido por um de seus membros, encarregaando-se os demais dos apartes, dando aos trabalhos cunho de debates.

Para uma idéia dos trabalhos realizados, damos, a seguir, uma série de temas tratados nas várias reuniões levadas a efeito nessa associação: «O modernismo na Sociedade», «A Poesia de Carlos Drumond de Andrade», «A Imprensa», «O Médico e a Sociedade», «Medicina Veterinária», «Proclamação da Republica», «O Problema da Energia Elétrica em Ituiutaba», etc.

A simplicidade no tratamento, o ambiente de franca camaradagem, a harmonia de interêsses, e a liberdade na apresentação dos temas e nos debates dos pontos de vista, dão-lhe um caráter de estudos e fontes de conhecimentos necessários e indispensáveis, contribuindo de maneira imperativa no aprimoramento do espirito do estudante, fornecendo-lhe os meios e a experiência de se lançar na arena publica em prol do direito lesado de seus semelhantes, defendendo a Equidade e a Justiça; conduzindo, amanhã, no torvelinho da vida, os homens, para dias melhores; afirmando em tôdas as ocasiões a sua fé inabalável nos destinos da Pátria; ensinando, instruindo, lutando semyre, para que a cultura e a ciência, vencendo a ignorancia e o mêdo, possam os homens, num futuro bem próximo, edificar e construir, em vez de se dilacerarem em guerras e outras monstruosidades, que levam a Humanidade ao caos e ao desespêro!

As atividades da União Estudantil durante as férias se reevstem ainda de maior diversidade, reunidas que ficam suas várias seções. Além das reuniões ordinárias onde são ventilados e debatidos os problemas le maior interêsse, cuja solução requer urgência, são patrocinados conferências, bailes e diversas realizações esportivas.

As conferência foram, com grande brilho, iniciadas com a do presidente de honra da U.E.I., seção de Belo Horizonte, prof. dr. Alvaro Brandão de Andrade, que proferiu no dia 11 de julho de 1952 sua magistral palestra «A Mocidade Brasileira no Momento Atual», ministrando aos estudantes presentes e ao numeroso publico que acorreu a essa sessão solene os ensinamentos de grande experiência e vasta cultura. Seguiram-se outras como «Lições da Literatura para a Mocidade», por dr. Márcio Pereira da Silva; «A Evolução da Musica» e «História da Ituiutaba», por dr. Edelweiss Teixeira e outras mais.

A U.E.I. conseguiu também do govêrno estadual a promessa da construção de uma praça de esportes, assim que a Prefeitura Municipal de Ituiutaba faça a doação do terreno.

Qual semente lançada em terra fértil, a idéia da U.E.I. cresceu e frutificou, estendeu sua sombra benfazeja e contagiou os animos e, numa ressonancia quase unissona, os estudantes ituiutabanos radicados na capital bandeirante, seguem os exemplo daqueles de Belo Horizonte, fundando a U.E.I., seção de São Paulo. Com essa fundação, surgiu também o «Porvir», órgão da U.E.I., que nas magistrais palavras de seu diretor é pequeno como Ituiutaba, no espaço que ocupa, mas que haverá de ser grande pelo ideal que contém.

MOMENTOS DE AUGUSTIA

Cicero de Freitas Barros

De cima do Monte das Oliveiras,
triste, abalado,oscilante,
Cristo se debruça sôbre o panorama:
em baixo, na linha de muros e casas
e de cupulas de templos e palácios
se estende Jerusalém — a cidade....
No alto, a abóboda celeste,
as montanhas de nuvens sonhando,
o sol crescido na mágica das côres.
O gigante da fé, o iluminado,
medita e chora, se debate e sua,
sonha e ao abismo dos abismos desce
— é a hora da angustia, da incerteza..
diante da terrivel fraqueza da carne
e da incompeensão dos homens,
de sua cupidez, maldade e luxaria.

Mas uma fôrça o herol levanta
— «Pai,dai-me coragem, afastai o calice...»
Vence, afinal a grande, a fé imensa
— a filosofia de nossa imortalidade
sob a proteção paternal de Deus
e banhada no sincero amor réproco,
que os homens apontou o predestinado.

Semelhante á atitude do Homem-Deus,
me debruço sôbre a Jerusalém do infinito,
o palco dos astros, o azul dos páramos,
me debruço sôbre a imensidade...
E a mesma angustia do crucificado
sinto,
sem a sua fé para erguer-me vencedor.

A minha angustia o meu tormento
é a angustia e o tormento do homem,
quando a compreensão procura,
o sentido da vida indaga,
restejando pela terra,
voando pelos espaços,
abraçando o universo.
Saber que nada sabe,
compreender que nada compreende...

E do Monte das Oliveiras
desço desolado.
Mas há o fogo queimado
no centro da terra,
no fundo do ser
e no brilho das estrêlas.
E enquanto a vela arde,
o homem luta,
renasce a esperança
e a dôr se cecoa.

VIDA RADIOFONICA DE ITUIUTABA

José MARIA COSTA

Não sòmente através do setor agropecuário, industrial e comercial se observa o excepcional progresso da Princesa do Triangulo Mineiro. Embora sofrendo os efeitos naturais da vertiginosa ascenção, tão comuns nas cidades em formação, Ituiutaba, aos poucos, vai ganhando aquela fisionomia caracteristica das grandes urbes, com o desenvolvimento de tôdas as suas células de atividades.

Não seria, pois de justiça, mesmo em poucas palavras, deixar à parte, o setor radiofônico, quando ACAIACA vai revelar, aos seus milhares de leitores, os aspectos mais importantes do Canann de Minas Gerais.

ZYL14 — Rádio Platina de Ituiutaba Ltda., eis o nome da estação local que, operando em ondas longa, na frequência de 1.250 kilociclos, faz, nitidamente, a cobertura da quase totalidade da região — Brasil Central.

Bem orientada pelo seu Diretor-proprietário, Sr. Adelino Alves de Moura, a jovem emissora que foi inaugurada em 26 de outubro de 1947, vem prestando relevantes serviços á coletividade ituiutabana e a tôda a vasta região do centro do País, notadamente a dos municipios circunsvizinhos.

Não obstante tratar-se de rádio do interior, a ZYL14 congrega, de fato, todos os elementos do meio a que serve, apresentando audições as mais variadas com a aproveitamento dos artistas locais e, fugindo, consequentemente, as paulificantes orogramações exclusivamente a disco. Assim é que sob a direção de José Maria da Costa e César França, a Platina vem apresentando vários e modernos programas de estudio e auditório, todos êles com geral agrado dos ouvintes, constando, aliás pela volumosa correspondência recebida dos mais longiquos recantos onde chegam suas hertzianas.

O HOMEM QUE A VENTURA ESQUECEU

Artur Barros

Pareceu-me tão falto do que a ventura reparte que deveras me impressionou. E tive pena, depois, daquele espirito atormentado, alanceado por uma dor atroz e diferente, o que evidenciava seu desolar especto. Quem era? Até hoje não sei dizer. Trata-lhe no entanto a distinção de maneiras que punha em destaque o homem superior.

Das originais esquicites daqule parceiro fortuito destacava-se habitual retraimento. Em meio da mais interessante palestra alheiava-se, certo buscando mentalmente, coisas pavorosas e estranhas. Aí o empolgava um acabrunhamento maior.

Apesar de sua desconcertante reserva, certa vez tentei interrogá-lo:

— Você...

Mas, aquêle homem era uma individualidade incomum; antes que me adiantasse, apresou-se:

— Amigo: as cicatrizes que deformam exteriormente nem sempre são apavorantes e horrendas como aquelas que demoram na alma e desgraçam a vida. Não fui visado pelo estigma da infancia mas enfermou-me a alma o ferrête do infortunio. E isso vem-me de muito longe. Não queira conhecer a minha história. A minha concebida e burilada pelo engenho perverso de satanaz. A história que nunca será contada. Saiba apenas que sou filho apócrifo da sorte, sob tutela maldita.

E olhando-me fixamente, continuou:

— Não sou coverde e nem tão pouco adoro a vida; mas há Sorri-lhe com expressiva complecência.

Percebendo algo êle continuou:

— Não sou covarde e nem tampouco adoro a vida; mas há coisas que se definem...

Calou-se.

Buscamos então outro assunto. Ao me retirar pediu-me com interêsse:

— Deixe-me seu endereço; creio que não teremos outro contacto pessoal.

Realmente. Nunca mais o vi.

Tempos depois, sem indicação de procedência, veio parar-me ás mãos uma carta sua. Caprichosamente incluira á mesma algumas quadrinhas e num dos tópicos da extensa missiva frisa com particular intenção:

«... êstes versos dizem da minha personalidade e são a confirmativa do que você observou em mim».

Eis como está traçada a tenebrosa «profissão de fé» daquele homem que a ventura esqueceu.

«SIGNO MALDITO»

Tétrica, sombria noite;
e no espaço a sibilar,
era o vento estranho açoite
de sinistro fustigar.

Naquela noite sem lua
nem uma estrêla brilhou!»
estranha voz se expressou.

... e nasci. Que desventura
buscara o destino meu.
Iel provado a sorte dura
qual um outro Prometeu!

Demora-me a maldição;
tantos pecados os meus...
Pois mesmo no coração
pouco me resta de Deus.

Se busco a expressão real
da verdade peregrina,
mais me aproximo do mal;
vais-se-me a graça divina.

Nem á morte traiçoeira
minha existencia seduz:
foge de mim a megera
como o demônio da cruz.

Sou filho espurio da sorte,
sob tutela maldita...
Se me exclui a própria morte,
quer-me demais a desdita.

O que sou — eis a sentença
que a fera mágoa traduz:
Farrapo da humana crença,
sem vida, sem pão, sem luz!»

E hoje, ao ler o amigo desaparecido, agora que mais me sobram desenganos, é que posso avaliar, exatamente, as condições espirtuais daquela figura de desquitado...

O FUTEBOL EM ITUIUTABA

Geraldo Séptimo Moreira

Com base na tradição oral, contando ainda com os escasso s recursos complementares de alguns recortes de antigos jornais ituiutabano e, portanto, sem maiores preambulos, eis, o que pude reunir a respeito do desenvolvimento do futebol local, desde o São José do Tijuco de antanho, incerte estagnado até a Ituiutaba de hoje, estudante de progresso, capital do arroz no Brasil e município de maior produção agropecuária de Minas Gerais.

Foi na «Gazeta Platinense», de 3 de agôsto de 1913, que encontrei a mais velho referência á pratica do esporte bretão nestas plagas. Por sinal, êsse numero daquele antigo jornal ituitabano traz duas noticias esportivas, uma na 1.ª e outra na 3.ª página, ambas redigidas no velho jargão predominante em tôda a imprensa nacional nos pródromos da introdução do futebol no país. Numa delas há mesmo um deliciosa trecho, que, embora curioso, podendo induzir o leitor menos avisado ao gracêjo, tão de nossa indole, nada tem de ridiculo, marcando mesmo uma tentativa de comentar, que se ampliou com o tempo, ganhou novo colorido, enriqueceu-se de expressões tipicas e transformou-se na moderna forma de apreciar os acontecimentos em tôda a imprensa nacional.

Diz o trecho citado: «Tivemos ocasião de apreciar os magnificos passes e «chutes» dos jogadores de ambos os partidos. «A palavra chute (do inglês shoot), já havia sido aportuguêsada pelo cronista da «Gazeta Platinense», um detalhe digno de menção se atentarmos que a grande imprensa do país adotou a forma original do vocábulo até quase 1940.

Como integrantes das dua sequipes do São José Futeboi Clube apareceram os nomes de várias pessôas conhecidissimas em Ituiutaba, que embora sejam hoje respeitabilissimos «papás» foram os pioneiros do «soccer» na cidade guardando até hoje a grata lembrança das ovações de um publico ainda pouco habituado á nova modalidade esportiva que se introduzia antes ainda da instituição dos sururus. Dentre êles, ocorre-nos o nome do Sr. Marcilio Castanheira, outrora um veloz «insider» esquerdo, ágil e manhoso, e Henrique Zoccoli, um ponteiro (winger esquerdo esbelto e lépido que fêz funesta cidade.

Após essa época que encontramos rol nos gramados da Matriz, local onde primeiro se praticou futebol fixada na «Gazeta Platinense» com o futebol surgindo na cidade antes ainda da 1.ª Grande Guerra, pôr mais que quizessemos, pouca coisa encontramos em tôrno do assunto. Descobrimos apenas que além dos elementos constantes das escalações publicadas naquela antigo jornal praticavam também o futebol em 1913 entre outros, os seguintes craques da época: Amadeu Fratari, Heitor Fratari, Chiquinho e Hugo Carvalho e... por incrivel que pareça, o hoje ainda jovem Hildebrando Lamberto! O deflagador da grande hecatombe de 14, certamente, deve ter arrefecido em parte tôdas as atividades esportivas.

Dos anos do após-guerra é que nos chegam novas notas a respeito. T é do Sr. João Petraglia, jornalista e ituiutabano de quatro costados, que vamos extrair mais detalhes sôbre a prática futebolistica, recrudescida e estimulada pelo bonançoso período subsequente a 1918.

Embora tratando di esporte num estilo de cronista, o Sr. Petraglia forece-nos alguns elementos dos mais interessantes sôbre o assunto, inclusive citando que antes de 19 a equitação era a diversão favorita da cidade, com o que não concordamos, primeiro, tendo em vista o noticiário da «Gazeta Platinense», pondo em evidência o entusiasmo reinante pelo futebol uma década atraz: segundo, porque o próprio articulista assinala que com a mudança do médico Dr. Joviano de Castro desta cidade ninguém mais cuidou do hipismo em Ituiutaba. Ora, se a simples transferência de um entusiasta acaba de vez com determinada prática, é porque tratava-se de um esporte que não chegou a empolgar a população.

Dito isto, passemos a palavra ao veterano jornalista, indiscutivelmente um perquiridor abalizado das curiosidades locais, transcrevendo os periodos de sua crônica, dedicados ao nosso futeboi do passado. Após relatar a mudança de residência do médico-jóquei, prossegue o cronista:

«Surgiram depois diversas associações esportivas que organizaram times ou quadros de futebol. Houve mesmo, até entre os meninos, a organização de dois quadros denominados «Verde» e «Amarelo». O Amarelo, a que eu pertencia, sempre apanhou, talvez em razão de sua côr azlaga, por significar desespero, enquanto a outra — esperança — predominava com entusiasmo e vibração de jogadores e torcedores.

Dois bons quadros — «Vermelho» e «Branco» — constituidos da mocidade, foram talvez os primeiros a jogar no campo improvisado, atrás da igreja matriz e em frente ao cemitério velho. Acorria, ali, a população em peso, aos domingos, que pareciam dias festivos, para assistir a luta do sdois bravos e temicas torcidas. Cada jogador tinha o seu apelido. Não sei qual o do Libório, com sua estuante virilidade de português; o do Manuelico Cancela, também lusitano massa bruta, era «vaca brava». O Pedro do Percilano, grande incentivador, jogava nessa ocasião, além de muitos outros que ainda hoje, cheios de vida, assistem com entusiasmo ás pugnas futebolisticas.

Há uma fotografia do quadro branco, em que se retrata o entusiasmo reinante pelo futeboi nessa época atrazada, mas risonha e feliz. Essa fato é um documento histórico de grande valor, em nosso meios esportivos, a atestar com eloquencia o vigor de nossa gente que, nesse esporte favorito, encontrava motivo de distração e de justa alegria, quando esta cidade oferecia qualquer conforto e diversão».

Após essa etapa retratada na crônica do Sr Petraglia, despontou na cidade uma nova agremiação: o Ipiranga, cujos principais integrantes foram Hildebrando Lamberto, Manoel A. Cancella, Hélvio Cardoso, Libório Pires, João da Jerônima, Galdino de Paula, Siqueira e outros. A camisa do novo clube era de listas brancas e pretas, á semelhança do seu homônimo paulista. Seu jogo de estreia, frente ao Operário, redundou numa goleada tremenda. Posteriormente, o grêmio colheu grandes vitórias frente aos melhores conjuntos da região.

O Comercial, cujo uniforme era todo branco, foi outra agremiação de vida efêmera que surgiu em Ituiutaba. Valico era seu presidente, e a equipe, que fez sucesso há uns 20 anos, contava, entre outros, com os seguintes valores: Hildebrando Lamberto (sempre êle!), Nenê Zoccoli, Nadico Vilela, Pirajara, Andira Bitencourt, Nêgo Batista, Américo Zardo, Pedro Barros, Nelson Pais Leme (falecido), Nailor de Freitas, Zé Balecido), Nailor de Freitas, Zé Bagunça, etc., etc.

Mais ou menos em 1931 organizou-se na cidade, com bases mais sólidas, a Associação Atlética Ituiutabana, cujo primeiro presidente foi o Xaróca.

Participaram de suas equipes o próprio Xaróca, Lili, Piriá, Reinaldo, Bertoni, Jacaré, Quito, Napoleão, Alarico, Cicero Matraca, Joãosinho Novais e numerosos outros valores da época.

Esse clube foi o embrião de que resultou a atual Associação Esportiva Ituiutabana, cuja fundação, pode-se afirmar, inaugurou a moderna éra do futebol tijucano.

A Associação Esportiva Ituiutabana

A Associação Esportiva Ituiutabana foi fundada em 17 de julho de 1933, constituida, como assinalamos acima, dos mesmos elementos que militavam nas hostes da Associação Atlética. E, por conseguinte, o mais antigo dos clubes existentes atualmente no município.

Desde sua fundação a AEI se projetou como um poderoso fator de estimulo ás atividades esportivas na cidade. Seu atual presidente, Sr. Coleto de Paula, sem a minima duvida, é o seu maior baluarte, com assinalados serviços prestados não só ao seu clube, como, de resto, á causa dos esportes em Ituiutaba.

As primitivas equipes da Associação eram compostas dos seguintes craques do nosso futebol do passado: Lili, Alarico, Gradim, Pará, Tião, Zizinho, Joãosinho Novais, Piriá, Nagibe Napoleão, Justo, Omar, Xaróca, Nadico, Nenê, Mica, Jacaré e outros.

Tem cido dos mais intensos o intercambio futebolistico promovido pelo clube da laqueta alvi-anil, desde sua fundação, com clubes da região e dos estados vizinhos, citando-se entre os quadros com que já se defrontou, o Barretos, da cidade paulista que lhe empresta o nome, o Universitários, de São Paulo, o Secretaria das Finanças, de Belo Horizonte, equipes de Buriti Alegre e Morrinhos, em Goiás, e a quase totalidade dos conjuntos das principais cidades triangulinas.

De uma cisão em seu quadro social resultou a fundação do Ituiutaba Esporte, para o qual perdeu os seguintes elementos: Agenor, Gildo, Paulo Chaves, Lince, Leão, Ari, Capitão e vários outros.

Possuindo um magnifico estádio, a Associação Esportivo Ituiutabana projeta agora a construção da sede própria, piscina e locais para a prática de esptrtes especializados.

Em recente eleição, retornou á presidencia o seu benfeitor, Sr. Coleto de Paula, que alimenta grandiosos pfanos para o progresso sempre crescente do clube.

Militam na esquadra atual da AEI destacadas figuras do nosso futebol, como Juarez, Fiuco, Janjão, Airton, Paulo Maia, Alberto, Grilo, João Anésio e Roni.

O Ituiutaba Esporte Clube

Como se frisou acima, de uma cisão nas hostes da AEI resultou a fundação do Ituiutaba Esporte Clube. Guardando-se as devidas proporções, foi um episódio em tudo e por tudo semelhante ao nascimento do Flamengo carioca.

Gildo Cancela, Luizinho Junqueira e Saulo de Barros compunham a vanguarda do entusiasmo pugilo de desportistas que fundou o «Boa Vontade» primitivo nome da agremiação, e, ainda hoje, sinônimo que glorifica o clube.

Aparecendo na tiça esportiva ituiutabana a 30 de abril de 1947, seus seis anos de vida podem ser considerados como outros tantos anos de êxitos, tal é o numero das vitórias alcançadas nos cotejos locais, intermunicipais e interestaduais. Além de fibra invulgar, seus integrantes fizeram valer sempre um apreciável apuro técnico, transformando a equipe «bovêta» num dos mais temidos quadros da região.

Sua maior glória foi constituida pela brilhante conquista do vice-campeonato no I Tarneiro Regional do Triangulo, em 1951.

Encontra-se atualmente á testa de seus destinos exatamente um dos maiores batalhadores do clube, o desportista Gildo Vilela Cancela, enquanto que a orientação das equipes está entregue ao veterano e sempre eficiente craque Agenor, cuja experiência a redicação fazem prever a continuidade do ritmo ascencional na trajetória do Ituiutaba Esporte.

Em seu plantel do momento figuram grandes valores do «association» tijucano, como Agenor, Coelho, Nena, Jorge, Lince e Paulinho.

A Fazendinha, seu magnifico estádio, é vivo atestado do dinamismo de seus mentores, sempre ligados ao progresso do nosso desporto, seja na conquista dos triunfos retumbantes, que tanto honram Ituiutaba, seja participando de tôdas as seleções que defrontaram grandes clubes mineiros, cariocas e paulistas.

O Atlético Clube Ituiutabano

Um grupo de garotos, cujas idades variam dos 8 aos 15 anos, costumava reunir-se, há uns doze anos atraás, para disputar «peladas», tão comuns entre tôdas as meninadas de tôdas as cidades do país. Era o Time do ueno (já falecido), irmão do hoje famoso Ceninho, no qual militavam verdadeiras revelações do futebol brasileiro.

Unidos e entusiasmados, os integrantes do Time do Queno, mercê dum perfeito entendimento técnico, cuja base repousava na frofunda amizade reinante entre seus componentes, começaram a conquistar vitórias memoráveis. E o entusiasmo do grupo chegou ao auge.

— Por que não se organizava um clube?

O clube foi organizado, eis a resposta. Seu nome, visto todos os defensores torcerem ardorosamente pelo Atlético Mineiro, não constituiu problema—: Atlético clube Ituiutabano.

Isto aconteceu em 10 de janeiro de 1948, ocasião em que as camisas «carijós» apareceram, oficialmente, no cenário esportivo tijucano.

Invicto nas categorias infantil e juvenil daquele ano, inscreveu-se o Atlético num certame de gente grande, disposto a terçar armas com os maiores do nosso futebol. E saiu-se airosamente, de vez que sagrou-se vice-campeão em 1948. Em 1949 foi campeão do Torneio Inicio e novamente vice-campeão do certame, invicto desta feita.

Em 1950 o clube iniciou a sua mais notável jornada, sagrando-se campeão do inicio e abocanhando ainda os titulos nas categorias principal e de aspirantes. Uma coleção de campeonatos!

Em 1951 foi o campeão do Cinquentenário, tornando-se o maior detentor de titulos do futebol local.

Disputando o Torneiro Regional do Triangulo, foi o Atlético o unico conjunto que venceu o Fluminense, de Araguari, campeão daquele certame. No apice de sua forma, com uma esquadra que vinha de várias dezenas de encontros invictos, o tricolor araguarino foi batito inapelavelmente por 4 a 2, depois de chegar a perder de 4 a 0.

Presidido pelo desportista Horácio Ferreira de Paiva, que se fêz cercar de uma plêiade de esforçados esportistas, está o Atlético edificando no momento o seu estádio, cujo término é esperado para o corrente ano.

O Palmeira Futebol Clube

Agremiação vinculada ao recreativo do mesmo nome, o Palmeira F. C. é outro quadro que merece inclusão nesta galeria, muito embora esteja inativo atualmente. Sua existência, aliás por motivos de ordem financeira, que tanto seus diretores como jogadores são humildes operários, tem sido sempre assim, jamais conseguido firmar pé. De espaço em espaço desaparece, ressurgindo depois. Mas já tem tradição e por isto vive sempre.

Irrompeu o Palmeira pela primeira vez em nosso futebol lá por 1944, sob a presidência de Joaquim Justino da Costa. Como caracteristica das mais curiosas, o time, á execção de um elemento, era composto somente de atletas de côr.

Até 1946 a equipe da jaqueta esmeraldina não se fêz temida pelos adversários, surgindo, porém, em 1947, com um possante esquadrão, dos melhores da cidade, que alcançou vitórias brilhantes nos gramados locais.

Em 1948 o time passou por um periodo de franca decadência, que se prolongou pelo ano seguinte.

Só em 1950 houve uma reação em suas hostes, armando o Palmeira uma boa equipe que disputou o certame daquele ano.

De 51 para cá o clube costuma a reaparecer esporadicamente, sem repetir, todavia, as façanhas de 1947.

Nomomento, por exemplo, fala-se com insistência em seu reaparecimento, um fato que, se concretizado, será dos mais auspiciosos para o nosso futebol.

A Liga Ituiutabana de Futebol

Fundada em 1948, a Liga Ituiutabana de Futeboi é a entidade que congrega os nossos clubes, tornando regulares suas atividades, através dos animados certames que promove anualmente.

Foram seus presidente, desde sua fundação, pela ordem, os Srs. José Féres (Zinho), José Fernandes, Dr. Zelson Medina, Vitor Janotti e José Vitor de Morais, todos com assinalados serviços prestados ao desporto tijucano.

Sua direção, no momento, acha-se entregue ao autor dêste ecsbôço histórico.

Campões Ituiutabanos de Futebol

Nos certames promovidos pela LIF desde sua fundação, são os seguintes os campeões do futebol ituiutabano, na categoria principal:

1948: Associação Esportiva Ituiutabana
1949: Ituiutaba Esporte Clube
1950: Atlético Clube Ituiutabano
1951: Atlético Clube Ituiutabano
1951: Associação Esportiva Ituiutabana.

Panorama Atual

Atualmente, além da Associação Esportiva Ituiutabana, Ituiutaba Esporte Clube e Atlético Clube Ituiutabano, que constituem o trio de maior relevo dos nossos esportes, dividindo entre si as emoções de um publico cem por cento futebolista, ávido das emoções proporcionadas pelos embates entre êsses rivais, novas e futurosas agremiações vão aparecendo, em decorrência do surpreendente crescimento da cidade.

O Fazendeira e o Tijucano, aquele constituido de funcionários e operários das industrias do Sr. Baduy e êste de um grupo de rapazes liderados por Paulo Maia, são os principais clubes que se arregimentam em Ituiutaba.

No corrente ano realizou-se no município, pela primeira vez, um campeonato de juvenis, brilhantemente levantado pelo Ginásio São José.

No Torneio Inicio da categoria principal, que contou com seis concorrentes, teve como vencedora a esquadra da Associação Esportiva Ituiutabana, que conquistou um bronze gentilmente oferecido pela «Gazeta Esportiva», de São Paulo.

Em linhas gerais, pois, são as mais alentadoras as perspectivas atuais do nosso futebol, no momento com todos os seus clubes empenhados numa pprofunda reestruturação.

E que nossos clubes prossigam no cumpprimento dos programas traçados difundindo o esporte e impondo a seus atletas uma rigida e sadia disciplina, cimentando essa inata mentalidade esportiva do nosso povo, são os votos que formulo, encerrando êsse despretencioso trabalho, em que, além da preocupação de ser perfeito, me inspirei no propósito de ser sincero.

DADOS ESTATISTICOS DO MUNICIPIO DE ITUIUTABA

Limites: ao nome com o Estado de Goiás; ao sul com o município de Campina Verde; a leste com os municipios de Canápolis e de Prata; a oeste com o município de Santa Vitória.

Posição geográfica: A cidade está situada a 604 metros acima do nivel do mar; a 18°58' e 06" de latitude sul, e a 49°21' e 14" de longitude oeste.

Superficie e população: Para a sua superficie de 6.080 quilometros quadrados, possui uma população de .. 55.000 habitantes. A sede possui .. 15.000 habitantes.

Clima: Bastante quente, porém muito saudável, em todo o município.

Divisão administrativa: E' Comarca de 2.ª entrancia, merecendo, entretanto, ser elevada á 3.ª, pelo seu grande movimento. São três os seus distritos de paz: Sede, Guarinhatã e Capinópolis.

Eleitorado: Sede de uma zona eleitoral, possue um corpo de 10.080 eleitores.

Poder Judiciário: E' Juiz de Direito da Comarca o Dr. José da Costa Carvalho Filho e Promotor de Justiça, em comissão, o Dr. Márcio Pereira da Silva.

Govêrno Municipal: E' exercido pelo ilustre médico Dr. David Ribeiro de Gouveia, que muito tem feito pelo município, sendo Vice-Prefeito o Dr. José Morais Garcia Vilela.

Legislativo: A Camara Municipal se compõe dos seguintes vereadores: Dr. Petronio Rodrigues Chaves (Presidente), Dr. Renato Lansac Patão, Alfredo Demetério Jorge, José Augusto de Melo, Demerval Tavares Martins, Dr. Darci Andrade Furtado, Deolindo Antonio Morais, Generindo Rosa, Farjala Miguel Jacó, Aristides Gomes Junqueira.

Delegado Regional de Policia: Dr. Diocélio de Oliveira Cabral.

Produção Agricola do Município

Arroz com casca (saia de 60 quilos) — 1.700.000 sacas
Milho (saca de 60 quilos) — .. 865.000 sacas
Algodão em caroço — 600.000 arrobas
Cana de açucar — 10.000 toneladas
Feijão (saca de 60 quilos) — .. 80.000 sacas
Gergelim — 11.000 quilos
Batata doce — 25.000 toneladas
Amendoim com casca — 48.000 quilos
Mamona — 24.000 quilos
Café — 3.200 arrobas
Mandioca mansa — 50.000 toneladas
Abóbora — 200.000 frutos
Abacaxi — 94.000 frutos
Manga — 100.000 centos
Melancia — 800.000 frutos
Laranja — 195.000 centos
Abacate — 19.000 centos
Banana — 380.000 cachos
Uva — 26.000 quilos
Banana — 380.000 cachos
Tomate — 130.000 quilos

Rendas publicas:

Federal
1950 — Cr$ 3.112.505,10
1951 — Cr$ 3.804.457,00
1952 — Cr$ 4.948.128,40

Estadual
1950 — Cr$ 8.208.761,80
1951 — Cr$ 11.705.053,80
1952 — Cr$ 20.768,298,80

Municipal
1950 — Cr$ 2.871.448,30
1951 — Cr$ 3.814.444,00
1952 — Cr$ 4.799.069,90

Pecuária (Rebanhos):
Bovinos — 450.000 cabeças
Bezerros — 120.000 cabeças
Suinos — 100.000 cabeças
Equinos — 25.000 cabeças
Caprinos — 5.000 cabeças
Ovinos — 3.800 cabeças

Quedas dágua:
No Rio Paranaiba: a famosa Cachoeira Dourada e o Canal de São Simão
No Rio Tijuco: Salto dos Morais, Salto do Gambá e Salto do Bau.
No Rio da Prata: Cachoeiras do Paredão e Barreiro.

Propriedades agricolas — 3.375, no valor de Cr$ 99.378.864,00.

Receita dos Correios e Telégrafos:
1950 — Cr$ 739.698,60
1951 — Cr$ 1.270.254,40
1952 — Cr$ 1.951.670,80

Veiculos:
Tratores agricolas — 659
Caminhões — 280
Camionetas — 193
Automóveis particulares — 118
Automóveis de aluguel. — 63
Bicicletas — 212
Carroças — 180
Charretes — 25.

Industrias mais importantes:
Fábrica de Banha Soberana (Capacidade: 100 suinos diários)
A Fazendeira (Oleo e torta de algodão — capacidade: 280.000 ks. p| ano).
A Invernada (Manteiga — capacidade: 600.000 ks. anual)
A Fazendeira (Manteiga — capacidade: 650.000 ks. anual)
Matadouro Industrial (MISA) — (Capacidade: 300 bois diários)
Ind. e Com. Irmãos Vilela (Algodão — 1 descaroçador c| 3 jogos de 90 serras cada um).

Máquina de Beneficiar Arróz:
Miguel Jocob & Filho — 3
Ind. e Com. Irmãos Vilela — 3
Anisio Demétrio Jorge — 3
Cerealista Tiradentes — 2
Prod. Ind. Comercial Ltda. — 2
Ind. e Com. Cereais Ltda. — 2
Adelino Inácio & Cia. Ltda. — 2
Fazendeira Ltda. — 2
Ribeiro Silva & Cia. Ltda. — 2
Ind. e Com. Ituiutaba Ltda. — 2
Cerealista Lavrador Ind. e Com. Ltda. — 1
Ind. e Comércio São Jorge — 1
Franco & Morais — 1
Arquimedes Calil — 1
João Mendes Ferreia — 1
Adelmo Joaquim Alves — 1
José Arantes — 1
Pico Arantes — 1

Máquinas de Beneficiar Arroz em montagem:
Celso Abraão — Cerealista Triangulo Ltda. — José Abraão — Alarico Moura Guimarães — Industria e Comércio Monte Azul — Reinaldo Bertoni — Nereu Franco de Morais.

Transportes coletivos:
Viação Ituiutaba
Expresso Triangulo
Irmãos Paranaiba
Moacir Marchiori
Aristides Marchiori
Cruzeiro do Sul
Emprêsa Michelin

Linhas Aéreas:
Nacional Transportes Aéreos.

Hotéis:
Hotel Tiradentes — Hotel Zazo — Hotel Central — Hotel Ituiutaba — Hotel Brasil — Hotel Santa Edwiges — Hotel Ribeiro — Hotel Santa Teresinha.

Pensões Familias — 59.

Restaurantes:
Ipiranga — Bar do Alberto — Antártica — Pinguim — Para todos — Bar Rodoviário Guimarães.

Farmácias:
Poupular — Central — N. S. da Aparecida — Féres — Santa Teresinha — Da Abadia — Santa Cecilia — Catedral — Santo Antônio.

Casas de Saude:
São Joaquim — Nossa Senhora das Graças — Santa Cecilia — São José — Hospital São José (Santa Casa).

Clubes Esportivos:
Associação Esportiva Ituiutabana — Ituiutaba Esporte Clube — Atlético Clube Ututiutabano — Palmeira Clube — Fazendeira Futebol Clube — Ginásio São José Futebol Clube — Expressinho Futebol Clube.

Padarias:
Santo Antônio — Progresso — Luso-Brasileira — Aurora — Pão Nosso — Lopes — São José — João Rodrigues.

Mercearia:

Califórnia — Mercadinho Ituiutaba — Mercadinho Japones — Cinelandia — São João Batista — Paris.

Sorveterias:

Gomes & Gomes — Manoel Santana — Cruz de Malta — Libório — Ideal — Bar do Alberto — Lindolfo Gomes Ferreira — Ituiutaba Bar — Congel — Rodoviário Guimarães — Vienense.

Fábricas de Bebidas:

Guaraná Platino — Guaraná Ituiutabano.

Artefatos de Cimento:

Marabá — Frattari — Ubaldo Rocha.

Joalharias:

Irmãos Domingues — Alves & Pizotti — Aldo Ferreira.

Relojoarias:

Triangulo — Suadrio Alves Guimarães — Adir Abnel.

Ourives:

Fataralla Balli — Antônio Precioso.

Placas e Ferragens:

Lindolfo Xavier — Sabino Amaral — Alcides Assis.

Casas de Ferragens:

Agro-Ferro — Nagib Uacob Nunes — Haroldo Martins Andrade.

Serrarias:

Arsênio Vital Ferreira — Jaime Moura — José Gaspar.

Alfaiatarias e Alfaiates:

Atlas — Evaldo — Epaminondas — Paris — Paulista — Palazzo Reale — Irmãos Magalhães — César França — Jarbas — Alberto Nascimento — Homero Souza Lima — Atelier Gomes — Djalma Arantes — Atlantica — Manoel Inácio — Antônio Barcelos.

Construtores:

Dr. Jeronimo Franco Gouveia — Dr. Luiz Pinto de Barros — Ivo Salviano Pinto — Adão Antônio da Silva — Ataide Garciano Alves — Pepino Laterza — Jerônimo Luz — João Cabral de Menezes — José Garibalde Rosato.

Material de construção:

Ivo Salviano Pinto — Durval Vilela.

Serralharias:

José Franco — Industrias Reunidas Chacrinha Ltda.

Agências Lotéricas:

João Afonso Campos — Demóstenes Pires — Enock França — Bar Rodoviário.

Imobiliárias:

José dos Santos Vilela (Xaroca) — Camilo Chaves Junior — Imobiliária Ituiutaba Ltda. — Dolisor Faria França — Antônio Pedro Guimarães — Vivaldo Augusto de Melo & Cia. — Alcides Gomes Machado & Irmãos — Tancredo Marques de Andrade — Mário Natal Guimarães — José Calil.

Marcenarias e Fábricas de Móveis:

Manoel Honorato — Novais & Novais — Jorge Jabour — Arsênio Vital Ferreira — Arcilio Vieira da Silva — José Silva Rezende — Ind. e Com. de Madeiras Ltda. — Santa Rita — Ivo Salvino Pinto — Padres Estigmatinos — Waldemar Gomes — Mandim.

Olarias:

Bertolucci — Dos Padres — Da Lagoa — Hugo Carvalho.

Fecularia:

Fecularia Céres.

Selarias e Sapatarias:

Anibal Junqueira de Almeida — Fausto Ricardo Nascimento — José Henrique Jr. — José Batista da Costa — Teotonio Machado — José Batista Gomes — Moura & Irmão — Manuel de Freitas.

Postos de Gasolina:

Autolandia — Auto-Este Ltda. — Rodoviário Guimarães — Autocla — Atlantic — Texaco — Shell — Autopeças Assunção — Minas Goiás — Chacrinha — Franjlin — Neca Caixeta — Oliveira & Cia.

Oficinas de Automóveis:

Autolandia — Ford — Studebaker — Chevrolet — Mercedes Benz — Marchiori & Filhos — Antônio Machado de Souza — Manuel Alves da Silva — Acrisio Novais — Robespierre Passos — Ivo Salviano Pinto — Fazendeira — Platina — Tomás Paranaiba — Pôsto Atlantic.

Cultos Religiosos:

Igrejas Católicas: Matriz de São José e Igreja de Nossa Senhora da Abadia.

Igrejas Protestantes: Presbiteriana — Metodista Assembléia de Deus — Evangélica — Batista — Congregação Cristã do Brasil.

Centros Espiritas: Euripedes Basanulfo — Amor Fraterno — Grupo Espirita.

Lojas Maçônicas: «Ciência e Trabalho n. 80» e «Estrêla Ituiutabana».

Movimento educacional:

Instuto Marden — 819 alunos.

Ginásio São José — 358 alunos.

Educandário Santa Teresa — 215 alunos.

Grupo Escolar Ildefonso Mascarenhas da Silva — 504 alunos.

Curso Supletivo de Adultos — 240 alunos.

Escola Ruy Barbosa — 180 alunos.

Escola Santa Teresinha — 200 alunos.

Escola Anjo da Guarda — 114 alunos.

Escola José Dias Machado — 160 alnnos.

Escola Alvaro Brandão — 25 alunos.

Escola Padre Vitório — 75 alunos.

Escola Paroquial da Vila Natal — 37 alunos.

Escola Imaculada Conceição — 34 alunos.

Escola São João Batista — 31 alunos.

Escola Amor ás Letras — 28 alunos.

Associações recreativas:

Ituiutaba Clube — Palmeira Clube.

Distancias rodoviárias:

De Ituiutaba para:

Uberlandia — 156 kms.

Uberaba — 186 kms.

Araxá — 356 kms.

Ibiá — 410 kms.

Belo Horizonte — 800 kms.

No Municipio:

Aeroporto — 4 kms.

Capinópolis — 48 kms.

Cachoeira Dourada — 60 kms.

Guarinhatã — 82 kms.

Ipiaçu — 82 kms.

Rumo Sul:

Campina Verde — 85 kms.

Rumo Norte:

Canal de São Simão — 171 kms.

Para Goiania:

Centralina — 96 kms.

Itumbiara — 109 kms.

Goiania — 361 kms.

Para Barretos:

Ponte do Cemitério dos Indios — 224 kms.

Colômbia — 225 kms.

Barretos — 278 kms.

Aos Municipios vizinhos:

Canápolis — 56 kms.

Monte Alegre Minas — 84 kms.

Prata (via São Lourenço) — 98 kms.

Santa Vitória (via Ponte do Prata) — 108 kms.

Frutal — 201 kms.

EVOLUÇÃO HISTORICA DE ITUIUTABA
(1810 - 1902)

(Edelweiss Teixeira)

(Dos Institutos Históricos e Geográficos de Minas e de São Paulo e da Sociedade Brasileira de Folclore)

— Ao completar 133 anos da doação do patrimônio, pedra angular da atual florescente cidade de Ituiutaba, do acervo colhido de nossas modestas porém afanosas pesquisas sôbre o Triangulo Mineiro, fizemos o presente resumo sôbre o Passado de Ituiutaba até sua elevação a municipio, entrosado na evolução do Triangulo dedicando-o á esperançosa mocidade tijucana.

Fecit Quod Potui. Faciunt Meliora, Potentes.

Desde nossa chegada ao Triangulo, em 1943, passamos a nos inteirar do que corria impresso sôbre a história da região.

De Ituiutaba pouco pudemos encontrar em nossas andanças.

Informes registrados no Anuário de Nelson de Sena; o Album de Roberto Capri; o folheto editado em 1942 sob o patrocinio do Banco de Crédito Real, por Guilherme Tell, sob notas do Dr. Orlando Zobrist Torres; uma passagem da excelente «Calapônia» — eis o que se nos deparou.

Vamos perfilhar alguns apontamentos coligidos por ocasião do cinquentenário que servirão de roteiro a um trabalho futuro, estudando melhor o sentido do evolver de Ituiutaba, no conjunto do Triangulo e dentro da evolução social, econômica e cultural de Minas.

Quem revê agora a cidade triangulina de Ituiutaba, por certo há de desconhecer o antigo burgo sonolento, dormitando nas vertentes que afluem para o Sr. Lourenço e o Tijuco, em era não muito remota.

Cidade de tipo rural até 1930, população espalhada pela extensão do municipio, entr eos rios Arantes e Paranaiba, contornando êste o dorso do nariz mineiro, dedicada quase tôda á criação, a sede era apenas procurada para os serviços de assistência religiosa, médico-farmaco-dentária, quando não comercial, forense, social e politica.

Após êsse periodo, uma fase estuante de urbanismo lhe soprou pelas vvelas, com a fulência de grande massa de ádvenas, notadamente trabalhadores e de gleba atraidos pela fertilidade da região da Mata do Paranaiba. A principio lenta transfusão, após a 1.ª quebra do zebu, em 1922; o surto da garimpagem de diamante no Tijuco em 1942; a revalorização do zebu em 1943; as derrubadas para a cultura de cereais e de fibras têxteis, o grande surto de industrialização dêstes ultimos tempos que empolga a todo observador, tudo isso rejuvenesceu-a extraordinàriamente.

De balzaqueana, sob cuidados de proficiente maquilagista, como algumas irmãs passou a «brotinho» alvoroçante, em louçanias e requebros de gala, encantando a todos quanto visitam-na nesta fase esplendorosa post-cinquentenário de cidade, periodo tão cheio d epromessas.

Para sua mocidade, inquieta e buliçosa, agora tão empenhada nas primicias da cultura, vamos repassar algo do pretérito de sua terra.

Para os de outra geração, lembramos o provérbio latino: «Bis repetita, placet», que traduzimos livremente — o que é bom, repetido, agrada. Já não disse o poeta que «recordar é viver»?

— Paleonimia —

Na bôca dos primeiros entrantes, a região ficou denominada Campanhas do Tejuco, sendo o sentida de «campanha» o mesmo que «campo ou sertão; após 1833 passou a ser conhecida como «Capela de S. José do Rio Tejuco»; em 1839, Distrito de S. José do Tejuco; Curato de S. José, em 1845, Freguesia de S. José do Tejuco a 1.ª vez em 1889 e a 2.ª em 1866; Vila Platina em 1901 e Ituiutaba a partir de 1915.

— Toponimia —

O topônimo amerindio — Ituiutaba — é um neologismo criado por um de seus ilustres filhos adotivos, o Senador Camilo Chaves. Seu significado é: Povoação do Rio Tijuco, assim decomposto: YG: rio; TUYU: tijuco; TABA: povoação.

— Situação Geográfica —

Vamos localizá-la no vale do Rio Paranaiba, da bacia do Prata. Na região mineira, entre peneplanicies do periodo algonquiano, duas torrentes vão confluir antes de atingir o caudal do Paranaiba: as águas do rio Tejuco a se despejar no álveo do rio da Prata. Diziam os antigos que o nome — RIO «DA» Prata — lhe adveio de suporem os primeiros entrantes, ser êle a cabeceira do Rio da Prata, na bacia do Prata, o seu formador, Cidade «do» Prata é o nome como é conhecida essa cidade vizinha.

Uma lombada corrugante, emerge nessa região onde os dois vão se aproximando para êsse conubio aquático: a Serra de S. Lourenço.

O Chapadão de S. Vicente, recortado para norte, de forma triangular, se desliza suavemente para as beiras do Tijuco de sul a norte, também é êle rasgado por 2 torrentes que fraldeiam e se enlaçam o Córrego Sujo a desaguar no Córrego Piratininga, ambos formadores do Carmo. Nesse taboleiro é que se assenta, suavemente reclinada, a progressista Ituiutaba. Vendo-a do alto, fim da rua 22, junto á Caixa Dágua, observamos êsse deslizar suave até a Praça Cônego Angelo (da matriz). Ruas retilineas, traçadas para o norte, a 22 como se apoiasse exatamente na ponta do Bau Grande, visto ao longe, no horizonte. Seu traçado retangular, curiosamente delineia uma grande cruz, cujo corpo seria as ruas 26 e av. 17, atualmente as mais largas do centro. Essa cruz teria três praças nas extremidades: aos prés, a da Matriz; no braço direito, a Getulio Vargas, antiga João Pinheiro; no esquerdo, a da Abadia. De avisão, êsse quadro é bastante sugestivo.

Ainda ao norte, a 3 km., corre o rio Tijuco, sôbre rochas, basalticas e mais além na fimbria do horizonte, do que foi outrora um vasto mar, disbalho multimilenar, ficaram 4 emisolvendo rochas permeáveis, num tranências que se enfileiram azuladas no horizonte, da direita para a esquerda. Serra das Mamonas (Pilões) da Aroeira, Bauzinho (Bau Velho) e Bau Grande.

Até hoje Ituiutaba não é servida por ferrovia. Os projetos de 1907, 1909 e 1911 foram olvidados, ou melhor ficaram para as calendas gregas.

Em sua vizinhança vamos encontrar a Majiana, em Uberlandia, a 156 km, via Monte Alegre; a Rêde Mineira de Viação, em Uberaba, a 254 km, via Prata; E. F. Paulista, na barranca do Rio Grande em Colombia, a 216 km, via Prata.

— O Triangulo nos Séculos XVIII e XIX —

Vejamos em rápidas pinceladas o que aconteceu no Triangulo no periodo compreendido entre 1720 e 1822, portanto entre a criação da capitania de Minas Gerais e a Independência do Brasil.

Saia na brumosa e fria manhã de 3 de julho de 1722 da Vila de S. Paulo a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, junior, o Anhanguera II.º, composta de 152 pessoas, entre as quais 3 frades, 20 amerindios e um mascate francês, rumo ás riquezas

Saia na brumosa e fria manhã de 3 de julho de 1722 da Vila de São Paulo a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, junior, o Anhanguera II.º, composta de 152 pessoas, entre as quais 3 frades, 20 amerindios, e um mascate francês, rumo ás riquezas auriferas da região habitada pelo amerindio goiá (1), de cujos felizes resultados decorreu o povoamento da região do atual Estado de Goiás.

Em sua trajetória atravessou essa algara o Triangulo Mineiro de sul a norte, numa reta magnifica, guiados pelo «agulhão», a bussola da época e roteiros de antigas bandeiras.

Atingiu as barrancas do Rio Grande, no sul de Uberaba, descendo pelo rio do Carmo, em cuja foz formou-se mais tarde o «Porto do Anhanguera», na margem Paulista. Atravessando aquela caudal em pirogas de embaubas, atingiram a Ilha da Espinha (1) alpondra no meio do rio Grande. Dali galgou a margem oposta e pelos córregos de Espinha ,Baixa, Toldas, Vau do Caipó, local da travessia do rio «Uberaba Falso», atingiram o ocidente da atual Uberaba, rumo a Lanhoso. Atravessaram o rio «Uberaba Legitimo» (Uberabinha) no Vau do Roncador, em direção ao rio das Velhas Pequeno (rio Araguari), local da atual cidade de Indianópolis. Tomaram o rumo de Rio das Pedras (Cascalho Rico), e abaixo da faz do rio das Perdizes atravessaram o Paranaiba, no porto que ficou conhecido por «Porto Velho da Mão de Pau». Em território goiano atingiram o local da atual fronteira mineira. Retrocedendo em busca do espigão divisor de águas, cortaram o Estado em diagonal de nordestea sudoeste, num belo araxá, chamado «zona do mato-grosso», balizados pela Serra Dourada. Atingindo enfim o sitio onde foi fundada a velha capital — Vila Boa de Goiás, nome derivado de Bueno, o descobridor.

Revelado o ouro goiano e com o rápido povoamento da região necessário abrir-se uma via de comunicação entre S. Paulo e seu sertão. A Estrada do Anhanguera, também chamada Picada de Goiás Paulista, ficou aberta ao tráfego desde 1728.

Sesmarias foram doadas ao longo da mesma, onde se abriram ranchos e vendas para o confôrto e estabelecimento dos viandantes.

Era dono da região, o amerindio caiapó, chamado tabajara ou «bilreiro» em antigos documentos bandeirantes, pertencentes ao grupo dos Guê, popularmente chamados bugres; nas suas constantes migrações foi perdendo traços culturais, ficando um tipo mongolóide pouc oevoluido.

Não se conformava êle com aquela invasão. Assaltos, tropelias, incêndios e mortes, eis o preço cobrado dos intrusos. O terror invadia os viajantes. Poucos se apresentavam para arriscar a pele. Goiás estava ameaçada de isolamento.

(1) O plural dos nomes das tribos indigenas não se forma, como na lingua portuguêsa, acrescentando a letra «s». Assim, escrevemos: os goiá, os caiapó, os borôro, os igaçaba, etc.

(1) Diz a tradição que Ilha da Espinha e Porto da Espinha são corruptelas do nome de um desertor ai refugiado, na profissão de barqueiro e piraquara, Fulano de tal Espindola, preposto do concessionário na passagem do Rio Grande.

Começa em 1732 o grito de guerra contra os donos da Caiapônia, feliz topônimo introduzido por Aires Casal em sua «Corografia Brasilica», de 1817, paar designar o Brasil Central. A partir de 1741 é o próprio governador D. Luis d eMascarenhas quem pede ao soberano poderes para agir, emperrado pelos entraves da burocracia colonial. Enfim, autorizado, contrata o Cel. Antnio Pires!!!!!!!——— contrata o Cel. Antônio Pires de Campos Moço, que por duas vezes se desincumbe de combinado — em 1744, conduzindo um trôço de 500 homens, na maioria borôros mansos (de origem boliviana), figadais inimigos do «sáfaro caiapó», e em 1748, após dar-lhes sangrentos e memoráveis combates, das portas da vida de Goiás até o rio Grande, deixando então a estrada desempedida. Para eficiência do policiamento colocou seus amerindios em aldeias ao longo da estrada, vindo êle próprio se instalar em Rio das Pedras (hoje Cascalho Rico). Falecendo em Paracatu, quando conduzia a Vila Rica o ouro dos quintos goianos, em consequencia de flexada recebida anteriormente, substituiu-lhe na tarefa, a partir de 1751 o irbão Manuel de Campos Bicudo. Quando Saint-Hilaire, em sua excursão por Minas e Goiás, aqui chegou em 1819, encontrou 18 aldeias com elementos bororó chariabá e outros. Rio das Pedras, Santana do Registro (Indianópolis) e Lanhoso surgem no Triangulo, originadas dessas aldeias, a cujos amerindios o governo de Goiás presenteia com uma faixa de terra, origem das famosas «terras aldeianas».

Nessa mesma época, uma corruptela surgia quase na base do nariz mineiro, com gente vinda das Gerais. Escasseando as terras de minerar no centro de Minas, viram-se os exploradores na contingencia de procurar novos filões. Além de Pium-i (N. Sra. do Livramento), até então o ponto mais avançado de Minas para o ocidente e do rio S. Francisco, lá nas cabeceiras do rio das Velhas (primeiramente rio das Abelhas, hoje rio Araguari), nascendo das fraldas da Serra da Canastra, vai surgir essa nova povoação, com uma primeira investida em 1736 e a 2.ª definitiva, em 1747. E' o "Descoberto das Cabeceiras do Rio das Velhas» que tomou sucessivamente os nomes de: (Arraial do Taboleiro, Arraial do Senhor Bom Jesus), Arraial de N. Sra. do Desterro das Cabeceiras do Rio das Velhas e por ultimo, sede do Julgado do Desemboque.

Corria ao sul dessa povoação o rio Grande, no local onde vieram se encontrar diversas estradas; a zona passou a chamar-se «O Desemboque do Rio Grande» (1). Somente a partir de 1820 a povoação de N. Sra. do Desterro, sede de um Julgado, passou a chamar-se :Arraial do Desemboque» como se lêno ato da criação da paróquia de Uberaba.

(1) — Rev. do Inst. Hist. e Geog. de S. Paulo — Vol. 44 — 1a parte — pág. 315.

Dois padres portuguêses tiveram preponderancia nessa povoação e tomaram parte nas questões de limites com Goiás e S. Paulo.

Eram eles o Pe. Marcos Freire de Carvalho e o Pe. Felix Soares da Silva, o «pequenino».

Indispostos com o Cabido do bispado de Mariana e as autoridades mineiras, que os apelidaram de «levantadores de novidade se arbitristas», voltaram-se para as autoridades goianas, levando-o Governador dessa capitania a criar ali a sede de um Julgado, que mais tarde se tornaria famoso sob o nome de «Julgado das Cabeceiras do Rio das Velhas», em 1766, abrangendo todo o Triangulo Mineiro e quase todo o sul de Goiás, somente extinto em 1836.

Criada a Capitania de Goiás, separando seu território da de S. Paulo, em 1744, da qual era então denominada «sertão paulista», foi promovido como seu 1.º Capitão General D. Marcos de Noronha, Conde de Arcos, vindo de Pernambuco nesse mesmo ano, e as divisas assinaladas em 1748.

Nessa época era suprimida a capitania de S. Paulo e anexada á do Rio de Janeiro, tão despovoada ficara com a mudança de grande parte de sua população para Minas, Goiás, Mato Grosso e Paraná; ao general Gomes Freire de Andrade foi acometida a tarefa de dirigir as 3 imensas capitanias de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Em 1749, desejando esse governador liquidar a incipiente questão de limites entre Minas e S. Paulo, traçou-se a linha divisória.

Por essa demarcação o Rio Grande foi escolhido como divisa natural entre S. Paulo e Goiás, argumento mais forte dos 2 padres litigantes, de que o arraial de N. Sra. do Desterro pertencia de direito á Goiás, quando de fato foi ele povoado por mineiros oruindos de Tamanduá (Itapecerica), e as autoridades mineiras ali exerceram atos administrativos e juridicos desde sua fundação.

Bandeiras em demanda ao triangulo

Nessa povoação do Desemboque, em 1807, formou-se uma bandeira com o objetivo de descortinar e conhecer a região entre os rios Grande e Paranaiba, com a noticia de que os caiapós se haviam emigrado para o centro de Goiás e Mato Grosso. Dela fizeram parte Januária Luiz da Silva, Pedro Gonçalves da Silva, José Gonçalves Helano, Manuel Francisco, Manuel Bernardes Ferreira e outros.

Perlongando a margem direita do rio Grande até a ilha da Espinha, atingiram a «estrada geral» ou do Anhanguera, voltando então por dois motivos: falta de viveres e pavor do féro caiapó, cujos vestigios recentes foram encontrados em diversos lugares.

Psoto que não tenha se aprofundado bastante na zona da mesopotamia, todavia a impressão colhida foi mais lisonjeira, e nas conversas ao pé do fogo, sentados sobre couros secos, contavam maravilhas do que viram.

Diz a tradição terem êles batisado com o nome de «Ribeirão da Farinha Podre» aquele existente nas proximidades da atual estação ferroviária de Engenheiro Lisboa (m. de Sacramento) por ter se apodrecido a farinha guardada em bruacas de couro, depositadas no alto de uma árvore, alimento previsto para a volta da excursão.

A propósito desse topônimo é interessante recordar que em Portugal, no bispado de Coimbra, há uma freguesia da Farinha Podre — «São Paio da Farinha Podre» — Em Minas, além desse ribeirão triangulino vamos encontrar ao sul de S. João Del Rei, o ribeirão da Farinha Podre, afluente do Chaves, por coincidência também no Rio Grande.

Um acontecimento singular para a história triangulina ocorreu na capital de Goiás, a 27 de outubro de 1809. O Marquês de S. João da Palma, governador daquela capitania, nomeava nesse dia um denodado mineiro como «comandante e Regente dos Sertões da Farinha Podre», nome êsse então oficializado para o Triangulo.

Tratava-se do Sargento-Mor Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, natural de Casabranca (hoje Glaura), próximo de Ouro Prêto, o qual, segundo tradição familiar, pertencia á familia dos Tavoras, justiçada pelo Marquês de Pombal.

Chegando ao arraial do Desemboque, convidou os entrantes da 1.ª bandeira e outros mais para formar uma nova algara de 30 homens, como o objetivo de penetrar na Mesopotamia. Nos principios de julho de 1810, época da estiagem, saíram sertão a dentro, procurando as campanhas (sertões) entre os rios da Prata e Tijuco, chegando até ao rio Paranaiba, de onde retrocederam, dispendendo 2 meses na viagem.

De retôrno, seguiu para sua terra natal em busca de parentes e dali mandou um próprio ao Rio de Janeiro com petição á Mesa da Conciência e Ordens a fim de obter licença para erigir uma capela sob o orago de N. Sra. do Monte Carmo, em patrimônio de 2.000 alqueires recém-aposseados, junto a dois morrinhos, suas balisas naturais. Essa petição foi despachada favoravelmente a 13 de fev. de 1811, constituindo ela a pedra angular da cidade de Prata e a 1.ª concedida a capelas em todo o Triangulo, ao ocidente da estrada do Anhanguera.

Com as maravilhas contadas pelos participantes da bandeira de 1810, as tubas da fama levaram bem longe as grandezas do Triangulo. Dessa espécie é a carta que Pe. Leandro de Castro, lazarista, escreveu ao Visconde de Caeté, em 1827, publicada na Rev. do Arq. Publico Mineiro. Em pouco, uma avalanche irrompeu pelas quatro campanhas: Campanhas da Farinha Pôdre (zona de Sacramento e Uberaba); Campanhas da Prata ou Sertão do Novo Sul do Rio da Prata), Campanhas do Tijuco e por fim Campanhas do Novo Sul da Farinha Podre ou «Novas Descobertas do Paranaiba».

Começa a fase da concessão das «sesmarias», porção de terras que o Rei de Portugal, dono natural de tôdas elas, «cedia» aos roceiros ou criadores, mediante requerimento ao Governador da capitania, sob determinadas condições. Era elas chamadas também de «Posses». Mediam 6.600 m de comprido por outro tanto de largura.

Nessa fase o sargento-mor Antônio Eustáquio consegue do Governador de Goiás uma medida interessante: a primtiva doação das terras aldeianas, compreendia uma faixa de uma légua e meia, de um e outro lado da estrada do Anhanguera, em todo o Triangulo.

Transferido o sargento-mor os grugos de amerindios, já desfalcados para aldeias na zona entre os rios das Velhas, e Paranaiba, a faixa entre o rio Grande e das Velhas ficou desimpedida, a partir de 1829. Daí serem concedidas sesmarias, nessa faixa, a particulares. Eis um ponto pouco conhecido na discutida questão das terras aldeianas.

Foi de Desemboque, em sua marcha para o oeste, que os mineiros vieram chantar o 1.º nucleo na bôca da zona conhecida primeiramente por «Campanha da Farinha Podre» e que sendo a porta de entrada do Triangulo, passou, por extensão, a dar nome a tôda a região — «Sertão da Farinha Podre», hoje Triangulo Mineiro.

De Desemboque saiu, pois, êsse sopro criador, ainda que tênue e fugaz. Surge, no ambito do «Sertão da Farinha Pôdre» como 1.º arraialête, a «Capela do Lajeado», distante 15 km a nordest ede Uberaba, próximo dos Trilhos da Mojiana.

Foi seu animador o famoso rábula e sertanista José Francisco de Azevedo, nome encontradiço em inumeros registros de semarias da região, tais como na zona de Prata, Campina Verde, etc. Essas semarias foram requeridas anteriormente por José Gonçalves Pimenta em 25 de janeiro de 183 e demarcadas em 1807. No córrego do Lajeado ergueu êle a «Capela de Santo Antônio e S. Sebastião», posteriormente conhecida por «S. Antônio e S. Sebastião da Varava» «Arraial da Farinha Podre». Benzeu-a em 1809 o Pe. Antônio José Tavares Coutinho de Sá. Pe. José de Morais, de ordem do vigário da paróquia do Desemboque ali vai celebrar pela 1.ª vez ofícios religiosos. Pe. Fortunato José de Miranda, ligado os Mirandas que vieram para o Prata, passa a ser capelão.

Uberaba

Tendo que se dedicar ao controle dos amerindios, cujo aldeamento mais próximo ficava no Lanhoso; como Regente e Juiz de Sesmarias da nova zona, estava o Major em grande azafama, ligado ao Julgado do Desemboque, para onde devia encaminhar os papéis; não poude cuidar êle da ereção da Capela de N. Sra. do Monte do Carmo, no Prata.

Escolheu um ponto estratégico para localizar sua chácara, perto do «Vau do Rio Uberaba Falso» (Uberaba quer dizer «rio das aguas claras». Entre 2 rios vizinhos, Uberabinha ficou sendo «Uberaba legitimo» e o Uberaba, denominado «Uberaba Falso» nos roteiros, por ter êste as águas turvas, permitindo enganos ao viajar.

A «Chácara da Boa Vista» de sua propriedade é hoje sede da Fazenda Modêlo Getulio Vargas, a 3 Km. da matriz de Uberaba.

Junto da Estrada do Anhanguera, êle podia-se deslocar facilmente para diversos pontos do sertão, onde sua presença fôsse reclamada. Necessitando construir «retiro de gado», escolheu-o a 3 km distante de sua casa, cujo local hoje é o próprio coração da cidade. Uma de suas cêrcas vinha terminar na atual casa comércial «Notre Dame», esquina da Praça Rui Barbosa com rua Artur Machado. A construção dêsse retiro bem como uma moradia ocorreu no ano de 1815, (e não em 1812 como supõem alguns históriadores). Dois anos após, em 1817, num lançante acima do «Retiro», fêz erguer uma modesta capelinha dedicada a S. Antônio, no local onde está o edificio do SENAI, construida de pau-a-pique, coberta de folhas de buriti. Os poucos moradores do «Arraial do Lajeado» e mais alguns entrantes foram se arranchar nas vizinhanças da «Capelinha da Beraba», por cuja frente foi desviada a «estrada seral», então passando pelo Vau de Uberaba, deslocando-a cêrca de meia legua de seu rumo primitivo.

Escasses de água e bem longe da estrada do Anhanguera, garantia de movimento e intercambio — foram os dois motivos principais para o abandono e decadência do antigo arraialete de Azevedo. Nesse ano de 1817 começou-se a angariar donativos destinados a construção de edificio melhor para a Capela, época em que foi provido seu 1.º capelão, por Desemboque, na pessoa do Pe. Silvério da Costa Oliveira. Em março de 1820 foi a capela de Sto. Antônio e S. Sebastião de Uberaba elevada á categória de paróquia, desmembrada da de Desemboque, e incumbida de administrar o pasto espiritual a tôda a faixa ocidental do Triangulo. Como seu 1.º vigário, tivemos o Pe. Antônio José da Silva, que ocupou o cargo até 1855. A Capela do Carmo, no Prata, primeiro sonho do Major Eustáquio ficou no olvido...

O Povoamento do Triangulo

Após a bandeira de 1810 do sargento-mor Eustáquio (depois Major), no ano seguinte outra se embrenhou na região, margeando o Rio Grande, tendo como chefe o sertanista João Batista Siqueira e capelão o Pe. Cláudio José da Cunha, da Capela do Aterrado (na então freguesia de Jacuí hoje cidade de Ibiraci, ao sul de Desemboque)). Frutificou em nucleos formadores das atuais Campo Florido, Conceição das Alagoas e Campina Verde.

O major Eustáquio fêz nova entrada em 1812, levando como seu capelão Pe. Hermogenes Casimiro de Araujo Brunswick, recém-ordenado em S. Paulo, a 20 de setembro de 1809. Mineiro que era, natural de Conceição

do Mato Dentro, tornar-se-ia um dos vultos mais destacados desta região: vigário do Desemboque em 1814, Cônego da Capela Imperial, Vigário Colado e 1.º Visitador da Comarca do Novo Sul, Deputado provincial, etc.

Após essas três investidas, constatando a transmigração do caiapó para as margens do Rio Grande e lado goiano do Paranaíba, «desinfestadas as terras», como se dizia, uma avalanche de advenas, vindo das Gerais, e zona de França, afluiu para o Triangulo.

Começam a surgir as fazendas, pontilhando pela primeira vez a paisagem virgem.

Pôrto de Ponte Alta

Em janeiro de 1823 o sargento-mór Antônio Eustáquio abriu um novo pôrto no rio Grande. Era o pôrto da Barra da Ponte Alta, para mais fácil comunicação entre Uberaba e Franca, já florescente, e por aí desde então passavam as tropas de S. Paulo rumo a Goiás, abandonando o «Pôrto da Espinha».

Capelas Triangulinas

Do alvorecer do século XIX até sua metade, mais ou menos, surgiram as células-mater da maioria das cidades triangulinas. Senão, vejamos;

a) — 1809 — Capelinha de Santo Antônio do Lajeado, o «arraial da Capelinha da Farinha Podre», de que nos conta Saint-Hilaire.

b) — 1811 — Provisão para ereção da Capela de N. Sra. do Monte do Carmo dos Morrinhos (Prata).

c) — 1817 — 20 — Capela e depois Matriz de S. Ant. e S. Sebastião da Verava (Uberaba) desmembrada de Desemboque.

d) — 1818 — 20 — Oratório e depois Capela do Santíssimo Sacramento do Borá (Sacramento), filial de Desemboque.

e) — 1823 — Capela de N. Sra. das Dores do Campo Formoso (Campo Florido) apud. Vigário Silva, com patrimônio doado em 1812.

f) — 1825 — Capela de S. Francisco das Chagas de Monte Alegre (Monte Alegre de Minas).

g) — 1832 — Capela de S. José do Tijuco (Ituiutaba), com patrimônio doado em 1820.

h) — 1830 — 35 — Capela de N. Sra. Mãe dos Homens do Campo Belo (Campina Verde) — Início do Colégio em 1835.

i) — 1835 — Capela de N. Sra. do Monte Carmo dos Morrinhos (Prata).

j) — 1836 — Capela de N. Sra. do Carmo do Arraial Novo (Frutal) — Patrimônio doado em 1831?

k) — 1837 — Curato da Missão (de S. Vicente de Paulo) — S. Francisco de Sales (2.º as «Memórias do Visconde de Taunay»).

l) — 1835 — 40 — Capela do Senhor Bom Jesus da Cana Verde (Araguari).

m) — 1842 — Capela de N. Sra. da Abadia do Bom Sucesso (Tupaciguara).

n) — 1842 — 46 — Capela de N. Sra. do Carmo e S. Pedro, do Uberabinha (Uberlandia) — o «Arraial da Tenda» é de 1837.

o) — 1850 — 52 — Capela de N. Sra. do Carmo e Santa Maria Maior — (N. Sra. das Neves) — Miraporanga, m. de Uberlandia.

Na segunda Metade do século XIX:

a) — 1855 — 24 de março — Capela de N. Sra. do Rosário da Boa Vista do Rio Verde (Monjolinho), m. de Prata.

b) — 1858 — Capela de N. Sra. da Conceição no Garimpo (Conceição das Alagoas).

c) — 1880 — Capela de S. Miguel Arcanjo, do Verissimo, na «Mata do Verissimo» — próximo de Uberaba.

Na outra margem do Paranaiba

Dois nucleos se destacam como alpondras aos viajantes: Itumbiara, em Goiás e Paranaiba, em Mato Grosso.

Itumbiara — Inicialmente «Pôrto dos Fagundes», dentre 1825-1830, depois Capela de Santa Rita de Cássia do Rio Paranaiba, paróquia em 1850.

Paranaiba — Antiga «Capela de Santana do Paranibo», fundada em 1835(pelos irmãos Garcia Leal, entre os quais o famoso capitão Januário Garcia Leal, o famanaz «Sete Orelhas» apelido que lhe advelo de acontecimento veridico, tendo como palco as vizinhanças da cidade de Nepomuceno (Sul de Minas), em 1803.

Sua familia mudou-se para Aterrado (Ibiraci), seguindo alguns para Franca e por fim atingiram Mato Grosso. Foi êle o 1.º capitão de ordenanças do «Distrito de Pedra Branca e Cascalho», proximidades da atual cidade de Alfenas, como pudemos verificar.

Indianópolis

Após percorrer nomes diversos: — Aldeia de Santana, Registro do Rio das Velhas, Pôrto do Registro, Santana do Rio das Velhas e por ultimo cidade de Indianópolis, tem ela, em sua história, 2 fases: uma lendária, com Pe. Caturra, Jesuita das missões paraguaias, subindo rio acima ali teria chegado antes de 1700.

Na fase histórica — Em 1722 por ali passava a bandeira do Anhanguera; em 1744 o Cel. Antônio Pires de Campos funda uma aldeia de indios, junto á estrada do Anhanguera, para vigiar os caiapó. Pertenceu sucessivamente aos julgados do Desemboque, do Araxá e de Patrocinio. Capela curado da freguesia de Vila Boa de Goiás e do Desemboque; Paróquia, em 1776 era seu vigário o Pe. Lourenço Gomes de Carvalho. Em 1830 passou a ser capela curada de Uberaba. Paróquia restaurada em 1870.

Morte do Major Eustáquio

A 6 de fev. de 1832 falecia em Uberaba êsse bravo sertanista. Politico hábil, contornou as dificuldades inerentes a sua época, numa região que ora se abria aos refolhos da civilização. Casara-se já maduro, e com filhos, com D. Sebastiana do Carmo, que lhe sobreviveu.

Os Julgados Triangulinos passam para Minas

Pelo Alvará Régio de 4 de abril de 1816, D. João VI transferiu para a jurisdição de Minas tôda região do Triangulo e consequentemente os 2 julgados então nêle funcionando: Desemboque e Araxá.

A provisão régia de 17 de nov. de 1819 mandava ficar a cargo da Junta da Real Fazenda de Minas Gerais os 2 julgados, desanexados de Goiás e incorporados a Minas pelo de abril.

Todavia, a 11 de dez. de 1830, conta-nos as excelentes «Efemérides Mineiras» da invasão de autoridades de Paracatu, inteiramente devotadas ás de Goiás, á povoação de Araxá; prendendo suas autoridades, reacendendo velhas disputas, 14 anos depois.

Nucleos de povoamento na Zona de Ituiutaba

Foram os dois rios — Prata e Tijuco — as duas arterias de penetração na zona de Ituiutaba, maximé o primeiro.

As margens do rio da Prata, desde suas cabeceiras, formado pelo rio do Peixe (nascendo na Serra do Buraco, vertente oposta ao Cabaçal, que é afluente do Tijuco, desde o chapadão da Palestina) e o Piracanjuba, (na Serra do Verissimo), vinha sendo pontilhada de sesmarias, desde 1810.

Nas divisas atuais dos m. de Prata e Ituiutaba, a leste da cidade está a foz do rio Douradinho na Prata. Deste local, rio abaixo, passando pelo Salto da Prata, Aldeia Velha (dos indios) até ao Corrego de S. Vicente, vertentes da Serra de S. Lourenço, encontramos o 1º nucleo de povoamento no municipio, conforme cartas de sesmarias nos cordices do A. Pub. Mineiro:

a) — Alferes José Rodrigues da Silva — no S. Lourenço, em 1818 legalizava uma sesmaria, onde estava desde 1810.

b) — D. Francisca Angelica da Silva — Em 1810, no «Corrego da Aldeia Velha, confrontando, com José Luciano Teixeira e pelo sul com o Alferes José Rodrigues da Silva.

c) — José Luciano Teixeira — Na Barra do Douradinho e Rio da Prata, confrontando com os acima mencionados e Alferes Francisco de Paula Teixeira.

d) — Alferes Francisco de Paula Teixeira — No Bebedouro do Buriti, margens do rio da Prata abaixo, confrontando a leste com o alferes Francisco Rodrigues Tendois, Tte. Joaquim Alves Gondin e José Luciano Teixeira, ao sul.

e) — Alferes Manuel Ferreira Ribeiro — Na Bela Cruz, m. de Prata Sesmaria do S. Vicente — No chapadão de S. Vicente, onde nasce o corrego S. Vicente, afluente do Prata.

Do chapadão de S. Vicente fluem os corregos: S. Vicente, correndo para a Prata e os corregos Sujo e Pirapitinga, para o Tijuco. Aí se localizou a Sesmaria do S. Vicente, demarcada a Joaquim Teixeira Alves, irmão de José Teixeira Alves, ambos envolvidos mais tarde nos acontecimentos da Revolução de 1842, no Triangulo. O 1º vamos encontrá-lo em 23 de julho de 1826 assinando como testemunha na venda da «Fazenda do Paraiso, na Repartição do Novo Sul da Farinha Pôdre», doação de Siqueira aos Padres da Congregação da Missão (S. Vicente de Paulo), futuro nucleo de Campina Verde.

Uma das filhas de Joaquim Teixeira (casada na familia DIAS) D. Senhorinha Maria Teixeira velo a convolar nupcias com Antonio Joaquim de Morais. As terras herdadas, e saidas da Sesmaria de S. Vicente foram vendidas a 26 de agosto de 1839 ao Alferes João José de Carvalho, compradas dos Baus por 3 contos e seiscentos mil réis, sendo seu procurador Antonio de Padua de Diz. Seus limites corriam pelo rio da Prata, rumo direito ao Morro da Mesa, aguas vertentes, divisa com José Luiz Garcia, com o patrimonio de S. José, Tenente Manuel Tomás Garcia (velho) e José Rodrigues Carneiro, sesmaria do Flavio até ao rio da Prata.

Sesmaria de S. Lourenço — Virgilio Rodrigues Lopes de Oliveira, cujos descendentes vamos encontrar em 1862 em Bagagem (Estrela do Sul), foi o seu 1º posseiro. Nela foram se afazendando por herança ou compra de partes; a) Joaquim Antonio de Morais, doador do patrimonio.

b) Os Tomases, — oriundos de Candeia, oeste de Minas — Tenente Manuel Tomás Garcia (Pai), casado com D. Maria Eufrasia do Nascimento.

Francisco Tomás Garcia, c.c. D. Silveria Candido do Nascimento (ou Ana Silveria, segundo alguns documentos), filha da viuva Maria Felicidade Nascimento.

Manuel Tomás Garcia (filho) — Casado, com D. Mariana Candida de Jesus.

A «Tapera dos Garcias» — Variante do nome Garcia, existiu na beira do corrego Lozeado, margem direita.

c) — Os Valins, com João Gonçalves Valin, casado com Iria Alda Brandina (Franco), vindo de S. Tomé das Letras, proximo de Três Corações — sul de Minas.

Joaquim Antonio de Morais vendeu sua parte do S. Lourenço a João Manuel Franco, casado com D. Helena Francisca de Freitas. A familia Franco triangulina é descendente do casal João Inacio Franco e Benta Francisca Romana, proprietarios da Fazenda do Barreiro, em Caldas (Parreiras) sul de Minas, de onde vieram em 1829, mais ou menos para o Triangulo.

Na Sesmaria do Carmo, logo subdividida, vamos encontrar muita gente, a principiar pelos Ramos, nas vertentes do corrego Pirapitinga.

José da Silva Ramos, o iniciante da ideia da doação do patrimonio, concunhado de Joaquim Antonio de Morais, pai de Antonio da Silva Ramos, casado com D. Zeferina Maria da Conceição e de João Batista Ramos, c.c. D. Ana Candida de Jesus. Esta parte foi adquirida por Francisco Gualberto de Freitas, c.c. D. Floriana Maria da Fonseca.

Antonio José Bernardes, oriundo de Carmo da Mata (Carmopolis de Minas (?) cujas terras foram passar ás mãos de Pe. Fortunato.

Nota: O avô de Alexandre José de Morais Galvão seria Ramos ou Bernardes?

Na Sesmaria dos Flávios, ao sul da cidade, Flavio Antonio da Silveira, casado com D. Mariana Pereira, avós do Major Carvalho.

Na Sesmaria do Corrego dos Baus — de que falaremos especialmente.

Na Sesmaria dos Padres, á beira do Santa Barbara — (Os Padres de Uberaba), Pe. Zeferino Batista do Carmo, e Pe. Francisco Ferreira da Rocha, de Uberaba, venderam a Antonio José da Silva Camargos, vindo em 1830 de Campos Gerais, sul de Minas, vasta gleba por 300 mil réis. Ao passar a escritura, arrependeu-se, cedendo somente a metade por aquela quantia. E' a fazenda do Cerradão, no Corrego D'Anta.

Na Fazenda de Santa Rosa, corrego afluente do Prata, proximo do Sta. Barbara, veio a se instalar Inacio José Muniz, da zona de Campestre (sul de Minas), casado com D. Pulcina Martinha de Jesus.

No Campo Alegre, corrego da Rocom D. Luiza Maria de S. José, troncinha — José Martins Ferreira, c. co dos Martins do municipio.

Vestigios de antigos povoadores?

Contava Antonio Pedro Guimarães que, em 1856, aqui chegara, vindo da zona de Caldas, aos 12 anos de idade, para a fazenda do S. Lourenço, onde passara a residir. Ali encontravam 2 capões de mato vicoso, havendo de permeio o Corrego do Capão Rico, afluente do Tijuco, e logo abaixo o corrego do Cadaz. Por ali passava uma estrada rumo ao Prata. Como o terreno era excelente, sempre se fizeram culturas de cereais, cana, etc.

De certa feita, uma «bomba dagua», assás frequente no Triangulo, caira nas cabeceiras do Corrego do Capão Rico. O volume dagua arrastou toda a vasta porção de terra cultivada, deixando ver, no fundo do terreno, cerca de 3 metros de profundidade, um estivado de madeira, de um e outro lado do Corrego Rico, justamente onde ficava o caminho para a Fazenda do Lajeado, de seus parentes.

Encontrava-se o estivado em excelente estado de conservação. Parecia serviço antigo aquele, areado o local com o tempo, posto a descoberto tão fortuitamente. Uma comissão de «homens bons» do lugar lá estivera para apreciar os pregos e o verdor da madeira.

Aldeia Velha

O aborigene calapó era o dono da região. A tribo «panariá», sobre a qual escreveu Alexandre Barbosa, deixou seus vestigios á margem dos rios da Prata e Tijuco. Além da «igaçada» funerarias, aqui e acolá, ainda há pouco encontradiças, deixou-se lembrada na toponimia regional por 3 nomes, nucleos de antigas tabas.

A «Fazenda do Bugre», no corrego do mesmo nome, afluente da Prata, propriedade hoje pertencente a Belarmino Vilela, m. de Prata.

A «Aldeia Velha», junto ao rio Douradinho, nas divisas de Prata com Ituiutaba. Ali ficava a sesmaria de D. Maria Angelica, na Aldeia Velha dos Indios.

A «Fazenda da Aldeia», proximo da Capela de S. Francisco de Sales, beira do Rio Verde, proximo ao Rio Grande. O «Curato da Missão», foi o 1º nucleo de catequização do amerindio na região triangulina, fundada pelo Pe. David Pereira, Lazarista. Essa fazenda desapareceu mais tarde, esmagada sob o rolo compressor da avalanche de forasteiros, avidos de terras, a despejar os bugres para Goiás e Mato Grosso.

Toponimos da Região

Seria interessante saber-se ao rigem, procedencia e sentido dos varios nomes apostos aos acidentes geograficos da região pelos primeiros entrantes. A poetica simples do sertanejo, aliada ao espirito pratico e objetivo, ao acontecido no local no momento ou a influencia religiosa são os responsaveis pela maioria dos nomes de batismo encontrados posteriormente. Assim é que de origem zoologica encontramos de relance — Patos, Queixado, Quarto d'Anta, Corrego do Burrinho, Mandaçaia, Bora, etc. Quanto a vegetação: Capão Rico, Grama, Chacara, Corrego das Flores, etc.

Objetos de uso: Facão, patuá, etc., Condições geologicas: Barreirão, Praião, Fundão, Salto, Cadoz, etc. Africanismo: Cundungo, (1) etc. Amerindios: Piratininga, etc.

A proposito do nome — Rio S. Lourenço — conta-se que Pe. Zeferino companheiro das 1as levas, ao atravesar aquela torrente, perguntara-se se já lhe haviam posto nome. Tendo resposta negativa, abriu o breviario e deu-lhe o nome de S. Lourenço.

Estavam no dia 10 de agosto.

Assim também o Corrego do Pé-de Moleque, e de Quebra-Dentes, e tantos outros, curiosos.

O patrimonio de S. José do Tijuco — Seus doadores

Como vimos, as fazendas do Carmo e S. Lourenço eram vizinhas e confrontantes. José da Silva Ramos, no Carmo, e Joaquim Antonio de Morais, no S. Lourenço. Morais e Ramos eram casados com duas irmãs.

Diz a tradição que José da Silva Ramos, espirito religioso, propôs ao concunhado, mais jovem separarem uma parte das respectivas glebas, formando um todo em conjunto, chão esse destinado a construir um patrimonio economico para ereção de uma capela e um cemiterio no Tijuco. A unica matriz existente na região era a novel matriz de S. Antonio e S. Sebastião de Uberaba, recém-criada e desmembrada de Desemboque, e ficava tão distante. A Capela de N. Sra. das Dores, no Campo Formoso (Campo Florido), era a unica filial, em tão grande distensão. Combinados os dois parentes, fizeram um titulo de mão, doando uma extensão cerca de uma legua e meia de sul a norte e meia legua de nascente a poente. O orago escolhido foi S. José, onomastico do iniciador da ideia, mais velho e de mais respeito José da Silva Ramos.

Um rabula da região dirigiu a classica petição ao Bispado de Goiás, através de seu visitador, lá na velha Vila Boa de Goiás, e que teria obtido o visto do vigario de Uberaba.

Ramos não chegou a ver realizado o seu sonho, falecendo pouco depois. Em 1833, quando aqui chegou o 1.º capelão, Pe. Fleury, em sua falta o filho Antônio serviu como informante sobre a autenticidade da doação e as divisas do patrimônio.

JOSE' DA SILVA RAMOS

Na zona de Carrancas, próximo de Lavras, vivia Domingos da Silva Ramos, o qual a 30 de junho de 1753, com mais 7 companheiros, conseguia uma carta de sesmaria de terras naquela região. José da Silva Ramos, seu descendente, velo parar na região do Tijuco, na Sesmaria do Córrego do Carmo.

Em sua andança foi se casar na familia Dias, o mesmo acontecido a seu companheiro, vindo juntos para o Sertão.

Pouco mais se sabe de seu passado e atuação. Apuramos que o fazendeiro Joaquim Amaro Ramos, residente em Canápolis, no córrego do Cundungo é seu descendente; Joaquim Manoel Ramos, já falecido, avô da esposa de Silvino Fonseca e Joaquim Francisco Ramos (Manuel Laurencio), também a êle ligados.

JOAQUIM ANTONIO DE MORAIS

Pela tradição conservada, teria nascido no sul de Minas.

Moço ainda foi para a zona nova, recém-aberta, nas lindes do sudoeste mineiro, onde em território paulista surgiram Casa Branca e Franca. Nasceu esta ultima com o nome de «Sesmaria dos Borges» e «Arraial do Capim Branco», á beira da estrada para Goiás teve inicio efetivo no ano de 1804, pelo carpinteiro Jeronimo Dias Pinheiro, auxiliado por autoridades paulistas, em turras, com as mineiras a proposito do «Registro Fiscal do Jacuí» «atual cidade sul-mineira. Parinho, o qual descia até encontrar o trimonio doado por Simões, paróquia de N. Sra. da Conceição em 1812 e Vila sob o nome de «Vila da Franca do Imperador», em 1824 homenageando o governador paulista capitão-general Franca e Horta e o 1.º imperador do Brasil, D. Pedro.

Naquela região velo a se casar em 1.as núpcias com d. Severina Ambrosina Dias, da familia Dias sul de Minas, irmã da esposa de José da Silva Ramos, seu parceiro mais velho. Desse matrimônio teve, entre outros, Gabriel Antônio de Morais, Quirino Antônio de Morais (Quirininho do ôlho azul).

Vindo para a região tijucana com os parentes também casados na familia Dias, ligada aos proprietários de S. Vicente, pela mulher, deste, adquiriu de Virginio Rodrigues Lopes de Oliveira a «Sesmaria do S. Lourenço» onde fez residencia, no Córrego da Porteira, hoje Candinho Felizardo, a 18 km. da cidade.

Viuvo passou a 2.as núpcias com d. Baldina Candida da Silveira, do tronco «Silveira» do Douradinho batingando um filho em S. José do Tijuco, em 1853.

Vendendo a fazenda do S. Lourenço em 1956, a 2 compradores Manuel Tomás Garcia (filho herdeiro de S. Vicente) e João Manoel Franco diz uma tradição ainda guardada, ter êle se dirigido para a bagagem (Estrêla do Sul) no afã de se enriquecer na mineração, em pleno auge, e onde veiu a falecer.

Seu filho, Quirino Antônio de Morais, casado com d. Bernardina Firmiana de Jesus, residiu a principio na zona de Monte Alegre, onde lhe nasceram os filhos. Velo para a zona tijucana e se afazendou no Carmo, e por ultimo, em Campo Alegre onde faleceu a 4 de agôsto de 1884, deixando vasta descendência.

Em Barretos residem duas bisnetas do doador, casadas com Antônio e João Borges. Em Goiás, zona do Rio Verde, os descendentes do Alferes são originados do filho Gabriel.

DESTINO DOS DOADORES

Diz a tradição que Joaquim Antônio de Morais faleceu em Bagagem, quando lá tentava a mineração diamantífera. Descoberto o 1.º diamante em 1849, no ano seguinte diversos mineradores para lá afluiram. Em julho de 1853 era encontrado o famoso «Estrêla do Sul». Com a notícia, Patrocinio, Araxá e Uberaba, ficaram quase despovoadas. Joaquim Antônio de Morais, correu atrás da miragem. Esgotados os recursos escreveu á esposa em S. José do Tijuco que vendesse o gado e lhe enviasse dinheiro e escravos.

Um segundo pedido e não mais voltou ás plagas tijucanas, tendo falecido por lá.

Do que acima nos foi narrado por macrobios ituiutabanos, estamos pesquisando o fio da verdade. Entre 1861 e 1865 êle batizava filhos aqui. Sua viuva pedira 200 mil réis (que dinheirão) emprestado a Antônio Domingues da Costa. Onde estaria seu testamento? Uberaba, Prata ou Patrocinio? Continuamos a pesquisar.

José da Silva Ramos foi enterrado no 1.º cemitério, junto ao Córrego Sujo, onde se ergueu em 1833 a 1.ª capelinha do lugar.

Em 1833 já havia falecido, como declara Pe. Fleury.

Como estariam ambos enterrados em carneiras de pedra á entrada da Matriz de 1862?

O tumulo de Quirininho, falecido em 1884 teve o privilégio de «sepultura decenal», como se lê de seu registro de óbito, tendo sido um dos enterros mais concorridos naquela época.

PADRE ANTONIO DIAS DE GOUVEIA

Quem foi esse padre, figura singular naqueles tempos, semeador de cidades — Ituiutaba e Prata?

Seu avô, João Dias de Gouveia, nascido em S. Pedro do Boril, têrmo de Samosa, arcebispado de Braga, foi casado em Portugal com sua conterranea d. Maria Alves Barbosa.

O filho mais velho do casal — Capitão Antônio Dias de Gouveia passou-se para o Brasil, vindo para Minas Gerais, localizando-se na região de Lavras, na «aparagem do Servo», onde em 1770 localizava uma sesmaria de terras. Velo a se casar com uma filha de S. João Del Rei, Ana Tereza de Jesus, descendente do famoso Manuel Alves Poderoso, (de Lisboa), ligado á «Guerra dos Emboabas», em Caeté. Do consórcio do Cap. Antônio, nasceram 9 filhos, tendo o 7.º lhe tomado o nome. Veio a ser o futuro Pe. Antônio Dias Gouveia, nascido a 6 de agôsto de 1790, batizado na matriz de Lavras.

Ordenou-se no seminário de Mariana vindo para o Triangulo Mineiro em 1830 em sua companhia alguns sobrinhos. Adquiriu inicialmente «sesmaria das Três Barras», á beira do Tijuco, entre Ituiutaba, Canápolis e Prata, aí passando a residir. Compra a seguir a «sesmaria do Córrego das Flores», no atual m. de Canápolis, que veio a pertencer a Fernando Vilela de Andrade, casado com D. Rita Porfiria de Andrade (avós do Dr. Fernando Alexandre Vilela de Andrade). Adquiriu também a do Espraiado, Y beira do Douradinho, para onde transferiu sua residencia, a dos Patos, de cuja posse litigiosa faleremos mais adiante; no Estado de S. Paulo, em Batatais, entre outros.

Em 1832 promoveu a ereção da 1.ª Capela de S. José, no Rio Tijuco, e em 1835 a de N. Sra. do Carmo dos Morrinhos (Prata).

Foi o 1.º vigário de S. José do Tijuco em 1839 e o 1.º do Prata, de 1840 até sua morte.

Desavindo-se com os chefes politicos de Prata, foi vitima de um atentado em plena igreja, cujos tiros não o atingiram. Retirou-se desgostos para o Espralado, sacudindo o pó dos sapatos.

Nunca mais voltou ao Prata. Mantinha no Espralado uma criação de negros de raça, excelentes para as fainas agricolas, que lhe rendiam um bom lucro, aplicando métodos de seleção pouco ortodoxos. Faleceu em 1863, aos 73 anos de idade, com inventário no cartório do Prata.

Diz a tradição estar enterrado no Cemitério de sua fazenda. Por falta dos livros paroquiais de Prata, desaparecidos, não pudemos averiguar essa passagem.

O Perimetro da doação

Iniciava no rio Tijuco, onde faz barra o Córrego do Carmo-oeste, pelo alveo deste até a Serra (de S. Vicente); rumo leste, em demanda das cabeceiras do Córrego do Burrinho e por este ao Tijuco, até ao ponto inicial.

Córrego do Burrinho

Quando Quirininho, filho do doador, andava em medições das divisas, nessa ocasião atolou sua montaria no Córrego, aí morrendo afogado o animal. Desde essa época o nome pitoresco ficou perpetuando o fato.

Como surgiu Ituiutaba

O ano de 1830 deve ter sido aquêle em que o Pe. Gouveia chegou á região, em companhia de seus sobrinhos, atraido pela fama das terras triangulinas. Até essa época nenhuma das duas capelas da região Tijuco e Prata, já com patrimonios doados, haviam sido construidas. A paisagem estava pintalgada apenas, aqui e acolá das primeiras fazendas.

O Vigário Silva, escrevendo uma «Noticia» em 1825 contava que naquela época, além da Matriz de Uberaba, só havia a Capela das Dores, em Campo Florido.

O certo é que Pe. Gouveia pôs mão á obra. Visitando os vizinhos em oficios religiosos, concitou os moradores da região a um esforços goraum, doando material, óbulo, operários escravos, serviços de carro de boi, no objetivo de concretizar o desejo dos doadores. No ano de 1832 deve ter surgido a 1.ª capela de S. José do Tijuco, junto ao Córrego Sujo, tendo ao lado o 1.º cemitério, shão sagrado para enterrar os despejos dos entes queridos e ara sagrada para celebar os oficios da religião oficial do império brasileiro, pasto espiritual dos povos cristãos.

No cemitério sertanejo, costumava-se forrar as paredes laterais de sepultura e o tampo com tábuas de aroeira, prevenção contra as investidas certas dos tatus-pebas, grandes papa-defuntos.

Fixando a data

Mas, por que essa data, 1832, na época da Regencia do Império, para início da Capela de S. José? Sabe-se que em 1825 ainda não havia sido erguida a 1.ª capelinha, segundo o testemunho insuspetio e autorizado do Vigário de Uberaba: Pe. Gouveia chegou á zona em 1832; em 1832 aqui chegava o seu 1.º capelão; em 1836 estava eleito o seu juiz de paz, pela 1.ª vez e êsse cargo só existia no ambito de capelas entregues ao culto.

Local da primeira capelinha

Onde teria sido erguida a 1.ª capelinha da atual Ituiutaba?

Nenhum vestigio dela ficou e mesmo a geração atual, a 4.ª desde o início do povoamento, não guarda lembrança do local.

Ficava á beira do Córrego Sujo. Após muintos esforços consseguimos apurar sua localização acima do atual Matadouro Municipal, entre as avenidas 7 e 5 abaixo da rua 26, junto de um ôlho dágua, ainda lá existente.

Foi ali que se ergueu a branca capelinha, de pau-a-pique, coberta de fôlhas de buriti, tendo ao lado o cemitério, cercado de achas de aroeira.

Poucos e modestos tujupares se especaram na vizinhança. Eis o nucleo inicial de Ituiutaba.

Três objetivos principais concretizavam em Minas, a formação dos povoados: Capela e seu capelão, para administrar o pasto espiritual aos moradores de larga região, cêrca de 8 a 10 léguas em redor; cão sagrado, cemitério, para enterrar os mortos queridos, sob a sombra da Igreja, tendo S. Miguel por protetor, dono da balança de pesar almas; uma estrada ligada á «estrada salineira» por onde transitava o intercambio, saida da produção rural e entrada do sal, ferragens e bugiarias, enfim, o progresso.

Prata, rumo a Uberaba, ficou sendo a rota mais frequentada.

Moradores do Arantes, Patos, S. Jerônimo, Santa Bárbara, beira Prata e Tijuco, os do bau, Pilões, vinham desaguar nessa torrente poerenta que encadeava fazendas florescentes, levando o movimento á bôca do sertão que era Uberaba. Dai, pela atual rua Tristão de Castro rumo ao Chapadão da Azagaia, chelo de emboscadas e perigos, a S. Roque da Canastra (Guias Lopes), Pium-i e centro de Minas.

NOVA DOAÇÃO

Para melhor compor as divisas do perimetro da povoação, outro vizinho dadivoso entrou para a história. José Lemos Pereira dos Santos doou uma parte de terras no Carmo, permitindo melhorar as divisas por balizas naturais.

FILIAL DE UBERABA — INICIO DO CULTO

A' mingua de informes melhores, o pesquizador se esfalta debalde em localizar os primeiros passos da futura Ituiutaba, cuja história como tantos burgos do interior mineiro, ficou apenas na tradição oral, glosando a frase do imperador Tito — «Felizes os povos que não tem História», tomando-se na acepção de guerras e conquistas. Se cada geração, como diz Heródoto, encerra um ciclo de 33 anos (coincide curiosamente com a idade de Cristo) a atual pouco guarda dos primeiros passos da nascente corrutela.

Quais teriam sido os doadores das imágens e alfaias? Possuiria sino? Qual foi o primeiro enterro realizado no Cemitério primitivo?

O primeiro batizado — o primeiro casamento?

Para benzer a capela pe. Gouvela recebera provisão do visitador e do vigário Silva, pois estamos no ambito de Uberaba.

O PRIMEIRO CAPELÃO

Padre Gouveia, atarefado com seus negócios particulares, e com fazenda e moradia bem distante não aceitara incumbência de dar assistência permanente a São José do Tijuco. No ano de 1833 aqui chegou o 1.º capelão, pe. Francisco de Seles Souza Fleury, jovem levita goiano. Pouco tempo aqui ficou, pois indispondo-se com os poderosos da terra, saiu para Santana do Parnaiba, em Mato Grosso, onde foi capelão e 1.º vigário, lá falecendo como cônego. Dessa familia, encontramos vigoroso ramo dos Flekry naquele Estado.

Em 1867, quando Taunay voltava da «Retirada da Laguna», assistiu missa por êle celebrada em louvor dos retirantes.

Como se sabe ter sido o ano de 1833, o davinda do 1.º capelão? E' o próprio pe. Fleury que o declara em documento sôbre o patrimônio: «Em 1833, quando entrei como 1.º cape-

ção de S. José do Tijuco, procurei saber o que existia sôbre o patrimônio...»

O BISPADO DE GOIAS

Segundo legisla o Direito Canônico, legalizada a doação do terreno para se instituir um patrimônio, os moradores dirigiam petições ao Ordiário Diocesano, geralmente por intermédio de rábulas, numa época de intenso analfabetismo, pedindo licença para erigir a capela sob o orago pretendido. Deferida a petição, realizada a construção, outros requerimentos solicitando licença para a bênção e exames se estavam nas côres canônicas, colocação de pedras de ara, imágens e alfaias. Realizando êsse passo, seria a capela filiada á freguesia mais próxima. «Curada» se tivesse capelão permanente.

Naquela época, o Triangulo que de 1748 a 1815 pertencera a Goiás, no administrativo, continuara a pertencer, no religioso ao ambito daquela Prelazia.

De acôrdo com as cláusulas da Ordem de Cristo, ordem militar portuguêsa, o rei teria o apoio da Igreja em suas conquistas, com condição de cuidar em trazer os infiéis ao grêmio da Igreja. Sendo o rei o grão-mestre dessa Ordem iniciou-se dai o «Padroado», que no Brasil se estendeu de 1500 até 1890, já Republica.

Pela bula papal de Benedito XIV, conhecida sob o nome de «Candor Lucis a Eterna», de 1745, a vastissima diocese do Rio de Janeiro foi subdividida em 5 partes: Bispados do Rio de Janeiro, Mariana (Minas), de S. Paulo e 2 prelazias — Goiás e Mato Grosso.

O Alvará Régio de 1747 confirma essa divisão e criou a Prelatura de Goiás, sujeita ao bispado do Rio de Janeiro.

D. Antônio Rodrigues de Aguiar, carioca de nascimento, foi o 4.º Prelado de Goiás. Nomeado em 1810, período em que se inicia o desbravamento do Triangulo, cuidou êle de elevar a Vila Boa ao titulo de «Cidade de Goiás», condição sine-qua não se poderia instalar ali a sede de um bispado, de vez que a Prelatura já não satisfazia ao crescimento populacional da zona. Foi em sua administração que o Triangulo passou á Minas, cabendo-lhe cuidar da parte religiosa da questão.

Dom Francisco Ferreira de Azevedo, cognominado «o garganta de prata» pelas qualidades insignes de orador sacro, foi eleito Prelado de Goiás em outubro de 1818.

Em meados de 1824 estava êle de viagem para sua região, onde vamos encontrá-lo, em Araxá no mês de agôsto, tomando as primeiras providencia quanto ao Triangulo.

Bispo titular de Castoria, sòmente em 1843 deixou o pôsto indicado para 1.º bispo de Goiás, aceito e empossado no ano seguinte.

Foi portanto na administração dos vigários capitulares de Dom Aguiar: Pe. José Vicente de Azevedo Noronha e Camara, substituido em 1718 pelo Pe. Luiz Antônio da Silva e Sousa; e ao tempo de D. Azevedo, continuando o Pe. Souza — é que decorreram a maior parte das soluções religiosas das nascentes localidades triangulinas.

A COMARCA ECLESIASTICA DO NOVO SUL

Em agôsto de 1824, D. Azevedo em conferência com o Vigário do Desemboque, Cônego Hermogenes, resolveu criar uma nova Comarca Eclesiástica dentro de sua Prelazia abrangendo o território recém-povoado, a fim de facilitar a solução dos assuntos eclesiasticos tão distante de capital goiana.

Ficou ela denominada «Comarca Eclesiastica do Nôvo Sul» ou «Repartição do Nôvo Sul», sendo seu 1.º Provisor, Vigário Geral e Visitador e Juiz de Residuos, com muitas faculdades prelaticias e episcopais, o maior vulto intelectual do Triangulo naquelas priscas éras Cônego Hermógenes Casimiro de Araujo Brunswik.

Mais tarde, já deputado, seria substituido nessa importante missão por um padre lazarista, o fogoso orador sacro Pe. Jerônimo Gonçalves Macedo, taumaturgo do Sertão, vulto também singular na história cultural da região.

Nascido na Vila Real, têrmo de Trás os Montes, Portugal, em 1797, ingressou na Congregação da Missão, vindo para o Brasil, na 2.ª leva de missionários, após D. Viçoso. Aqui chegou em 1825, aos 28 anos de idade. Com seus companheiros, na Vila de Caeté, fêz opção pela cidadania brasileira. Do Caraça, onde sua congregação ficou sediada, percorreu grande parte de Minas, rumo ao Triangulo, em pregações apostólicas. Pequenino, delicado, mas fogoso no pulpito, muitas conversões obrou, ficando, seu nome ligado á história do Triangulo.

Em Campina Verde, onde residiu desde seus primeiros dias (Cemitério, Colégio e Capela, em 1835), e um dos pioneiros veio a falecer no dia 2 de janeiro de 1861, portanto aos 64 anos anos de idade.

Fêz-lhe panegirico no decênio de sua morte, o «Garganta de Prata», bispo goiano então em visita á Campo Belo do Prata, peça literária transladada para o jornal editado naquela localidade (coleção de Juquinha Teixeira).

Quando se cuidou de desmanchar a Matriz de N. Sra. Mãe dos Homens em Capina Verde, seu corpo foi encontrado em estado de completa perfeição, conforme a tradição ali perpetuada.

Numa viagem á Diamantina posou para o retrato existente em Campina Verde.

UMA LONGA VIAGEM DE CANOA

Das andanças dos desbravadores ficou a tradição de que em 1824 fizeram uma longa viagem de canôa, demonstrativa das possibilidades das «estradas liquidas» a navegação no nosso hinterland:

— «Nos começos do século XIX, João Caetano da Silva e Joaquim Caetano da Silva, embarcaram no rio Tijuco e seguindo depois por êle até no Paranaiba, passando pela foz do rio dos Bois chegaram até êste distrito e no lugar denominado Canal onde o rio em sua máxima largura não excede de 60 palmos, receberam em sua companhia João de Miranda, e descendo o Paraiba, entraram no rio Tieté, e desembarcaram na cidade paulista de Piracicaba, sem sofrerem a menor contrariedade. («Anuário de Minas — Nelson de Sena — 1909 — pág. 1.129).

De outra exploração, rio Paranaiba acima temos noticia de que — «Teve êle explorado o seu primeiro trêcho, em 1834, quando Antônio Leite, partindo do rio dos Bois, subiu-o, contemplando a Cachoeira Dourada e atingiu a aldéia de Santana do Rio das Velhas (hoje Indianópolis) — («Caiapônia, pág. 135 — 1.ª ed.).

PANORAMA APÓS A INDEPENDENCIA

Dentre as medidas que transformaram profundamente a vida colonial de Minas, uma série de decretos providências pôde ser destacada: 1821 — A 23 de nov. — Instalação da Provincia de Minas Gerais — Vê-se que o mesmo antes da Independência já mudariamos o nome de «Capitania de Minas Gerais» para o de «Provincia de Minas Gerais».

1832 — Aparece o 1.º jornal regular em Minas «O Compilador Mineiro» e em 2.º lugar a «Abêlha do Itacolomi», ambos em Ouro Prêto. Começa a imprensa regular em Minas.

1827 — Lei imperial de 15 de outubro, suprimindo os Distritos de Ordenanças, criando em cada freguesia a Capela filial curada, no Brasil, um Juiz de Paz e um suplente, eletivos. Suas atribuições. 1828 — Eleições gerais em Minas.

— Criação de 87 cadeiras de ensino de 1.ª letras em Minas (2 de março)

— Lei imperial dando nova organização ás Camaras Municipais do Brasil e estabelecendo o processo para eleição dos respectivos Vereadores e dos Juizes de Paz, no Império (1.º de outubro).

1832 — O Regente Feijó, cria, em substituição ás Ordenanças, a famosa Guarda Nacional (25 de outubro- que perdurou até 1910.

1834 — Lei de 12 de julho — Ato adicional.

1835 — Instalação da 1.ª Assembléia Legislativa da Provincia de Minas. Extinção do Conselho Geral da Provincia.

1837 — Bernardo Pereira de Vasconcelos funda o «Partido Conservador» de grande influencia na vida do Império.

Eleição do 1.º Juiz de Paz de S. José do Tijuco

Instalado aqui o seu 1.º Capelão Pe. Fleury, tornada aplicada da Matriz de Uberaba, a sua capela em 1833, cuidou o povo em prover o lugar de uma autoridade, a fim de impor a ordem e facilitar a justiça. Essa autoridade era, o Juiz de Paz (novidade criada) em 1827.

Dentro da Capela travou-se o pleito, sendo escolhido pelo voto o nome de Manuel Tomás Garcia (velho) residente na fazenda de S. Vicente.

Nessa época ainda não havia a Vila de Uberaba, mas apenas Araxá, em todo o Triangulo, gozava dessa prerrogativa, desde janeiro de 1833. Paracatu do Principe era sede da Comarca.

No império, as eleições se procediam no interior das Igrejas. Jocosamente foram apelidadas de «curral das éguas», pelo «relincho» do adversário derrotado...

Uma reclamação do Juiz de Paz

Como em 22 de fev. de 1836 fora criada a Vila de Uberaba, ali se instalou logo depois o Conselho de Qualificação do Distrito, destinado ás próximas eleições municipais.

Qualquer coisa houve que desagradou ao nosso velho Manuel Tomás Garcia. Enviou êle ao Presidente da Provincia, Bernardo Saturnino da Veiga, enérgico oficio de Protesto.

Vejamos o que se lê no Códice 140, fls. 277 v e Cód. 149, fls. 8 v, na Seção Provincial do Arquivo Publico Mineiro.

Até agora foi o 1.º documento que ali encontramos referente a S. José do Tijuco.

— «Copia do oficio para o Coronel da 2.ª Legião de Araxá:

O Presidente da Provincia ordena ao Sr. Cel. Chefe da 2.ª Legião da Guarda Nacional do municipio de Araxá que informe sobre a representação inclusa do Juiz de Paz do distrito de S. José do Tijuco, em que refere alguns procedimentos ilegais que foram praticados pelo Conselho de Qualificação do distrito de Uberaba.

P.P. — Palácio do Governo, em 15 de outubro de 1836».

Não existindo a coleção de oficios infelizmente não pudemos saborear o teor desse, enviado pelo Juiz de Paz.

Certo é que as coisas lhe foram adversas, pois no Cód. 149 vem uma «chamada» severa ao juiz de paz, que não tinha razão no caso invocado.

Todavia, á distancia no tempo ficamos imaginando o que teria havido naquele recuado ano de 1836. Um oficio de Ituiutaba a Ouro Preto fora a Araxá para ser informado, devolvido a Ouro Preto e uma resposta a Ituiutaba...

Vila de Uberaba

Araxá, sede do então Julgado de S. Domingos do Araxá, jurisdição de Goiás até 1816, foi elevada a Vila a 13 de outubro de 1831, porém, somente instalada sua camara a 7 de janeiro de 1833.

Uberaba foi a 2.ª povoação do Triangulo a receber esse predicamento, pela Lei Provincial n. 28, promulgada a 22 de fevereiro de 1836, precisamente há 117 anos passados.

Vejamos seu teôr:

— Manuel Dias de Toledo, Presidente da Provincia de Minas Gerais — Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sanciono a lei seguinte:

Art. 1.º — Fica elevado a Vila o Arraial de Santo Antonio de Uberaba, compreendendo no seu municipio a Freguesia do mesmo nome e o Distrito de Sacramento, da Freguesia do Desemboque, servindo de divisa para o lado desta povoação a Lagoa dos Estelos e a linha de prolongamento da mesma lagoa até o Rio das Velhas e ao Rio Grande.

Art. 2.º — E' suprimido o Julgado do Desemboque e a parte dele não compreendida no municipio de Santo Antonio de Uberaba é incorporado ao de S. Domingos do Araxá.

Art. 3.º — Os habitantes do novo Municipio são obrigados a construir, á sua custa, Casa para as Sessões da Camara Municipal, Juri, uma Cadeia segura conforme o plano que for determinado pelo Governo; antes de verificar-se essa condição, não terá lugar a execução da presente Lei.

Art. 4.º — O têrmo de Santo Antonio de Uberaba pertence á Comarca de Rio Paracatu.

Art. 5.º — Ficam derrogadas quaisquer Leis e Dispositivos em contrário».

Dando cumprimento a essa lei, procedeu-se á eleição para os componentes da 1.ª Camara, os quais tomaram posse a 7 de janeiro de 1837. Foram eles: Presidente — Cap. Domingos da Silva e Oliveira — Irmão do Major Eustáquio e seu continuador.

Seis Vereadores: — Cap. João Joaquim da Silva Guimarães — pai do celebre romancista Bernardo Guimarães estudante em Campina Verde, falecido em 1884.

— Pe. Francisco Ferreira da Rocha — advogado, garimpeiro em Conceição das Alagoas..

— Cap. Miguel Eugenio de Araujo.

— Cap. Manuel Rodrigues de Cunha — conhecido por «Polvora Velho», da fazenda da Formiga, estrada de Uberaba para Miraporanga e tronco de onde saiu frondoso ramo dos "Rodrigues da Cunha», de Uberaba, (oruindos todos eles de um português 1.º residente em Ituverava mun. de Conselheiro Lafaiete — Minas.

— Tenente Coronel Joaquim José Pereira de Uzedo.

— Tte.-Cel Alexandre José da Silveira, ligado aos Silveiras de Verissimo e Douradinho do Prata.

Suplentes: Pe. Antônio José da Silva, 1.º vigário da Paróquia; Pe. Zeferino Batista do Carmo, coadjutor da paróquia e João Batista Gonçalves.

Distritos e divisas

Reunida em 1.ª legislatura, a Camara uberabense, pela lei n. 63, de 15 de março de 1838 votou uma «Resolução» que motivou a lei Provincial Mineira n. 125, de 13 de março de 1839, nos seguintes têrmos: — «Bernardo Jacinto da Veiga, Presidente da Provincia de Minas Gerais — faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sanciono a Lei seguinte:

Art. 1.º — O têrmo da Vila de Uberaba fica dividido em seis Distritos de Paz: 1.º da Vila; 2.º do Santissimo Sacramento; 3.º de Dores de Campo Formoso; 4.º de N. Sra. do Carmo de Morrinhos; 5.º de São José do Tijuco; 6.º de Monte Alegre.

Art. 2.º — O distrito da Vila conservará as mesmas divisas atualmente existentes pelo lado do Santissimo Sacramento, e pelo das Dores, até confrontar com a ponte de Miguel Teixeira, e pelo lado de Monte Alegre conservará as divisas eclesiasticas.

Art. 3.º — O distrito das Dores será dividido do de Morrinhos pelas Vertentes do ribeirão das Três barras até a Serra e por esta ao Rio do Peixe, compreendendo tôda as vertentes dos rios Grande, Pedra Branca (1) e S. Francisco, bem como as Fazendas de Miguel Tavares Coimbra, (2) Pedro Francisco, Francisco de Paula Barreto e Floriano Barreto.

Art. 4.º — O distrito de Morrinhos (3) compreenderá tôdas as vertentes dos Rios Verde e Grande até o ponto deste com o Paranaiba, as fazendas de Miguel Teixeira (4) e do Bebedouro Grande (5) e a de Manuel Joaquim da Costa (6), do lado esquerdo do Rio da Prata e desta continuará a divisa com o distrito de São José até o Rio Tijuco, ficando pertencentes a este as vertentes do Rio Paranaiba pela Aldeia Velha e Serra de S. Lourenço.

Art. 5.º — O distrito de S. José do Tijuco será dividido com o de Monte Alegre pelos limites marcados ás duas aplicações. (7)

Art. 6.º — O distrito de Monte Alegre será dividido do de Morrinhos pelo Rio Tijuco até a Ponte de Miguel Teixeira.

Art. 7.º — Ficam revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a tôdas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpra e façam cumprir tão inteiramente como nela se contem.

O secretário desta Provincia a faça imprimir, publicar e correr.

Dado no Palácio da Imperial cidade de Ouro Preto, aos 13 dias do mês de março do ano do nascimento de N. S. Jesus Cristo de mil oitocentos e trinta e nove. Dêcimo oitavo da Independência e do Império.

(L. S.) Bernardo Jacinto da Veiga.

— Carta de lei que divide em seis distritos de Paz o têrmo da Vila de Uberaba e estabelece os limites de cada um deles, como nela se declara.

Manuel Bernardo Acurcio Nunam, a fez.

Selado na Secretaria do Governo da Provincia, aos 16 de março de 1839. Herculano Ferreira Pena.

Registrada á fls. 97v. do livro 1 de Registro de Leis e Resolução da Assembléia Legislativa Provincial.

Ouro Preto, em 18 de março de 1839.

Manuel Bernardo Acurcio Nunam.

Nesta Secretaria do govêrno foi publicada a presente Lei em trinta dias do mês de abril de 1839. (a.) Honório Pereira de Azevedo Coutinho».

Pela leitura do minucioso documento acima, ficamos sabendo que desde março de 1839 S. José do Tijuco fôra elevado a Distrito do têrmo de Uberaba. Já o era antes de Araxá (?) em 1836.

Notas — (1) Pedra Branca — ribeirão no m. de Campo Florido, com duas sesmarias, de Major Eustáquio e outra de seu irmão, Cap. Domingos da Silva e Oliveira.

(2) — Fazenda dos Tavares no m. de Prata.

(3) — Morrinhos — Nome da atual cidade de Prata.

(4) — Ponte de Miguel Teixeira — Antigo guarda-mor da região, fica entre Prata e Uberlandia, no Rio Tijuco, construida abaixo do córrego do Lajeado, aproveitando-se uma ilha para os dois lances.

(5) — Bebedouro Grande — hoje fazenda de Garcindo Teodoro, foi de D. Mariana Clara de Gouveia, sobrinha do Pe. Gouveia e doadora do patrimônio de Jardinesia (m. de Prata) em abril de 1872.

(6) — Manuel Joaquim da Costa, do ramo Costa-Vale, vindo de Lavras, foi proprietário da fazenda da Bela Cruz.

(7) — Aplicações — Nome dado ás capelas aplicadas de uma freguesia.

Antes de 1840, Prata e Monte Alegre estavam ligadas á matriz de Uberaba.

Recebendo a lei, a Camara de Uberaba teve pressa em executar a providência da instalação dos distritos. Designou uma comissão incumbida de visitar cada uma das 5 localidades citadas e ali instalar oficialmente o distrito de seu têrmo.

Pena é que o Tempo, em sua destruição, não nos tenha guardado êsses documentos, bem interessantes.

O Presidente da Camara, 3 vereadores e um escrivão ad-hoc, escolhido no lugar, (se houvesse alguem alfabetizado) eram seus componentes. De Campo Florido foi o único que pudemos encontrar dados. Sua instalação oficial se deu a 29 de março de 1839, servindo como escrivão interino o cidadão Antônio José Correia de Brito.

As vilas de Araxá e Uberaba, bem como as provocações que compunham o seu têrmos administrativo, com a extinção do Julgado do Desembarque, passaram a pertencer, no judiciária, á Comarca de Paracatu do Principe.

Dali foi administrada a justiça nesse zona até 1840, quando deixamos Paracatu para pertencer a «Comarca do Paraná», criada com as 2 vilas — Araxá e Uberaba.

Em 1848 foi criado o têrmo de Prata, na mesma. Itulutaba veio de Paracatu para Uberaba e depois para o têrmo de Prata acompanhando sempre essa evolução.

Mudança da Capela — O Largo — Moradores

Com a saida do Pe. Fleury em 1836, o povo não desistiu da idéia de se mudar a Capelinha do Córrego Sujo para local mais apropriado a se formar uma povoação: a disposição do terreno e a abundancia de água.

Um muxirão envolvendo todos os vizinhos e em breve se ergueu a 2.ª Capela, no local da atual matriz, em cima de chapadão.

Bem melhor que a anterior, todavia não deixava de ser modesta, coberta também de folhas de buriti. Todavia, pretendeu ela as glórias de matriz, em 1839, já pronta. O cemitério passou também a ser ao lado, o 2.º cemitério de Ituiutaba.

Como seria o «Largo» da Capela, entre 1839 a 1842? Ali desembocavam duas estradas principais. A do Campo Alegre, subindo pela atual av. 7, atravessando o Corrego do Piratininga; a dos Baus, vindo pelo Carmo, atravessando acima da cachoeirinha, e pela atual rua 18, Hospital, até av. 7. O de S. Lourenço, pelo vau do Córrego sujo (entre 17 e 19) atravessando cerrado espêsso até ao Largo.

Alguns tujupares pintalgavam o campo coberto de extenso e alto fedegosal, a limitar-se com o cerrado de paus de monjolo, capitão e outras espécies. A primeira casa construida no Largo da Capela foi a do abastado fazendeiro Antônio Inácio Franco, aqui falecido em 1842. Ficava no mesmo local da casa da familia Goulart, esquina da Praça da Matriz com av. 7. Era coberta de capim, pois telha não havia então... O córrego do Pirapetinga, a oeste, corre em paralelo á rua 18, que era a rua principal antigamente, numa distancia de 200 metros.

Paróquia a primeira vez — Lutas politicas com o Prata

A mesma legislatura que elaborou a lei n. 125, criando os distritos da Vila de Uberaba, inclusive S. José do Tijuco, poucos dias após elaborava outra que levou o n. 138, em 3 de abril de 1839.

Ela «criava» a paróquia de S. José do Tijuco, compreendendo os curatos do Carmo, de Morrinhos da Prata e de S. Francisco das Chagas de Monte Alegre, desmembrados da paróquia de Uberaba.

Seus habitantes ficam obrigados a paramentar a Igreja Matriz e construi-la á sua custa, visto como a Capela que existia não foi julgada decente.

Vê-se que os aplicados do Tijuco não cochilaram, enviando uma petição á Assembléia e procurando amparà-la com empenhos politicos, costumes herdados do longo periodo colonial.

Por essa lei ficamos sabendo:

a) que o nome da «Prata» surge pela 1.ª vez como toponimo daquela cidade até então conhecida por «Capela de N. Sra. do Monte do Carmo» ou «Carmo dos Marrinhos».

b) que em abril de 1839 já estaria pronta a 2.ª capelinha, a do Chapadão, mais próxima do Ribeirão do Carmo, como diziam os antigos documentos.

Essa 2.ª capela, ainda que modesta, viria a ser a Capela-Mor da futura matriz, ali construida por uma comissão á testa do povo e conclusa em 1862.

Dando cumprimento a êsse decreto, Pe. Antônio Dias de Gouveia foi á Capela do Carmo, no Prata, ali benzida em 1835, e arrecadou o que havia de melhor em imagens e alfaias. A Capela do Tijuco, ora transformada em matriz, ficaria melhor aparelhada para o culto divino, conforme as exigências do ritual romano, e da lei mineira.

Prata não se conformou com o golpe sofrido. Sede de freguesia na época em que a religião era oficial no Império, trazia ao lugar uma série de prerrogativas de que ninguém queria abrir mão.

O Alferes Antônio Joaquim de Andrade, grande protetor do Prata, evitando o «capitis diminutio, escreveu a amigos em Ouro Preto, aceitando conselhos do Pe. Gouveia como construir de pronto igreja melhor no Prata. Deu inicio ás obras de proporções majestosas, a que existiu no largo, defronte do atual grupo escolar Noraldino de Lima, em paralelo á rua de baixo do atual jardim.

Sua petição, bem fundamentada, de ficar o Prata mais ao centro da região, seu vigário melhor atenderia aos fiéis e aos povos vizinhos; que sua igreja era mais decente e logo concluida seria a mais majestosa da zona, portanto de acôrdo com a grandeza do culto divino; que suas alfaias eram mais ricas e completa, tornando os oficios religiosos decentes e pomposos, etc.

O fato é que no ano seguinte, conseguiram tornar sem efeito a lei n. 138 e promulgar a de n. 164, de 9 de março de 1840, que entre outras paróquias, criava a de Prata:

«Art. 1.º — Ficam elevadas a Paróquias os seguintes curatos:

2.º — O da Senhora do Carmo dos Morrinhos, do m. de Uberaba, compreendendo o de S. Francisco das Chagas de Monte Alegre e o de S. José do Tijuco, Sede da Freguesia, que primeiramente se criou e que fica suprimida.

Art. 3.º — Os habitantes das novas paróquias são obrigados a fazer á sua carta as Igrejas Matrizes, se as Capelas atuais se não acharem decentes, e paramentá-las de ornamentos e ifaias necessárias para a celebração do Culto Divino, sendo ouvido sôbre um e outro objeto o Ordinário.

Art. 4.º — Enquanto não se verificarem as condições do artigo precedente não se entenderão criadas estas paróquias, nem serão providas de párocos.

Art. 5.º — «Ficam revogadas as disposições em contrário».

— O que Escreveu Saint-Adolphe —

Milliet de Saint-Adolphe, geógrafo francês, residiu algum tempo no Brasil, onde colheu material para seu «Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil», cuja tradução em português, realizada pelo Dr. E. Moura, traz a data de 1845.

No tomo II, no verbete Tejuco, lê-se:

— «Povoação da Provincia de Minas Gerais, no distrito de Vila de Uberaba, com uma capela que tendo sido elevada á categoria de paróquia, foi pouco tempo depois despojada dêste titulo, por lei provincial de 9 de março de 1840 e anexada á nova freguesia de Morrinhos (1) creada em em virtude da mesma lei, dando-se por motivo que os moradores de Tejuco não tinham posses para fazerem á sua custa uma igreja digna daquele titulo».

— A Mudança do Sino e das Imagens —

Dois macrábios, escravos do Pe. Gouveia — André e Policarpo ajudavam missa em latim e faziam tanta coisa interessante, inclusive memória excelente sôbre os fatos da época.

Contavam em tom jocoso o episódio da mudança do sino e imagens de Prata para o Tijuco e vice-versa.

Criada a freguesia primeiramente em S. José do Tijuco, Pe. Gouveia, 1.º vigário da novel paróquia, trouxe de Prata o que achou de melhor para ornar a matriz de S. José. No ano seguinte, Prata recebendo êsse predicamento, levou êle de volta não só as peças de lá como o que havia de mais interessante em S. José do Tijuco.

A tradição conservada entre antigos tijucanos é que Pe. Gouveia tinha grande devoção por N. Sra. do Carmo. Encomendadas 2 imagens, uma da Virgem Carmelita para Tijuco e outra de S. José, para o Prata, os caixotes chegaram trocados. Para aqui o contendo a de S. José e para o Prata, a de N. Sra. do Carmo. Com isso ficou contrariado o desejo inicial de se colocar N. Sra. do Carmo em Tijuco e São José em Prata.

Ora, essa tradição não tem fundamento pois nas 2 localidades já haviam sido batisados anteriormente dois córregos: do Carmo, no Tijuco e de S. José, em Prata, bem antes da chegada das imagens. Também as doações de 1811 e 1820 são claras e insofismáveis.

Portanto, se non é vero, é bene trovato...

Vejamos o panorama encontrado em 1836, quando se realizou em tôda Minas o Registro Paroquial de Terras, livros êsses recolhidos ao Arq. Publ. Mineiro, com o movimento dos desbravadores e seus epigonos:

I — No Carmo:

a) Alexandre José de Morais Galvão — terras herdadas de seu avô. Fazia limites ao nascente com o patrimônio de S. José, poente com a Fazenda do Campo Alegre, Norte, pelo rio Tijuco e ao sul, com a fazenda de S. Vicente.

Nota: (1) Morrinhos, atual cidade de Prata, tem outra homônima N. Sra. do Carmo de Morrinhos, em Goiás.

b) Francisco Bernardes Pereira — Vindo de Pium-I em 1842 (ano da guerra), e que foi casado com Joaquina Maria de Jesus. Havida por herança de Maria Teresa de Jesus. Confrontações idênticas ás de Alexandre.

c) José Joaquim do Prado — Também de Pium-I. Pela nascente com o Patrimônio de S. José, Poente, com a fazenda do Campo Alegre; Norte, pelo rio Tijuco e Fazenda dos Baus; ao sul, fazenda de S. Vicente; em frente, fazenda de Manuel Teodoro de Gouveia (êste mudou-se depois para Anicuns, Goiás).

II — No São Lourenço:

O posseiro Virginio Rodrigues Lopes de Oliveira, cujos descendentes são encontrados em Estrela do Sul, vendeu a fazenda de S. Lourenço a Joaquim Antônio de Morais, o doador. A parte dêste mais tarde foi vendida a João Manuel Franco, já falecido em 1856 que sua vez veio a cedê-la a João Gonçalves Valim.

b) Manuel Tomás Garcia (filho) — com as seguintes confrontações: Nascente, com a fazenda das Três Barras; poente, Patrimônio de S. José e rio Tijuco; Norte, pelo rio Tijuco e fazenda do falecido João Manuel Franco. A viuva de Tomás, Mariana Candida de Jesus, vendeu em 1857 parte desta gleba a Davi Antônio da Costa.

III — No São Vicente:

a) Manuel Tomás Garcia (velho) confrontando pelo Nascente com o S. Lourenço e fazenda do falecido João Manuel Franco; Poente, rio da Prata; Norte, com o Patrimônio de S. José e fazenda das Guarirobas; ao sul, com o Salto (do rio da Prata).

Posses Disputadas

Os primeiros posseiros vendiam ou trocavam suas terras mediante «titulo de mão», não as registrando em titulos de sesmarias, titulos oficiais (demarcadas por pilotos em tantas varas).

Dessa facilidade muita querela surgia, ás vêzes com desenlace sanguinolento. Tijuco não escapou a essa situação. Vejamos 2 exemplos, a título de documentação sociológica:

Os Baus — E' tradição conservada na familia Andrade que a primitiva «fazenda do Córrego dos Baus» foi formada pela reunião de diversas sesmarias. A primeira, apossead por desbravador obscuro, caído no anonimato, foi trocada pelo preço de um machado e um facão, instrumento importante para os penetradores. Pouco depois o vendedor perdia o precioso facão no córrego que passou a chamar-se «Córrego do Facão» hoje córrego da Divisa (de fazendas).

José Antônio Magalhães (?), ligado á familia curvelana (O alferes Manuel de Moura de Magalhães, chegado á zona de Curvelo em 1742 é o tronco dessa familia) vindo de Bambuí para o Sertão de Farinha Podre, além dessa trocada pelo facão, adquiriu outras glebas, de vizinhos formando um conjunto valioso de terras e matas excelentes, no total de 32.632 alqueires. Montou sede da fazenda próximo da atual Capinópolis. Com 20 contos de réis emprestados, comprou, além daquelas pos-

ses, 500 rêses de criar, 2 carros de boi, ferrados, escravos e utensílios. Após isso trouxe para cá a espôsa e 2 filhinhos.

Antônio F. de Freitas, rábula e velhaco refinado, certa feita foi visita-lo Magalhães, expansivo, revelou-lhe todos os planos. Freitas segue incontinenti para o Desemboque e daí para Ouro Preto onde legaliza em seu nome tôdas as sesmarias e posses de Bau. De volta, empalmando os títulos oficiais, era inevitável a briga com Magalhães. O pessoal de Freitas a sua ordem mascarados assalta a fazenda fazendo tremenda chacina — Trucidam Magalhães, a espôsa, os filhinhos e todos os escravos que ocorrem em defesa do amo, passando a ser dono absoluto dos Baus. Os parentes de Magalhães não se deram por achados. Mandaram recado para que Freitas ppreparasse a alma pois iriam em breve despachá-lo para o inferno, fazendo justiça com as próprias mãos. Temeroso, o rábula, vende a propriedade ao alfere João de Carvalho, vindo da zona de Franca, que por sua vez passam a seu irmão José Dias de Carvalho (da família Dias). Este divide-a em 3 partes, vendendo-as a José Joaquim Ribeiro, genro do velho Franco (casado com D. Helena Clara do Nascimento), ao Tenente José Martins de Andrade e José Esteves de Andrade, em 1832. Estas duas ultimas partes foram negociadas por 5 contos e 600 mil réis.

Os Patos — Afluente do Paranaíba, onde desemboca abaixo do Canal de S. Simão, maravilha natural da zona, o ribeirão dos Patos tem suas nascentes próximo de seu vizinho, o S. Jerônimo. Aliás corre em paralelo entre êste e o Arantes. A' margem do córrego do Jaguarão, seu tributário, está a «Tapera do Padre», antiga sede da fazenda dos Patos, pertencente ao Pe. Antônio Dias de Gouveia, nosso conhecido. O cemitério fica á beira da estrada boiadeira.

Diz a tradição que após 1840, já sendo vigário do Prata, entrou o padre em litigio da posse da imensa gleba dos «Patos», zona recém-desbravada, com o posseiro José Venancio de Sousa, o mesmo dos «Mateiros», ligado á construção da 1.ª capela do Prata.

Na pendenga o padre levou a melhor, registrando as terras em seu nome. Não se conformando com o esbulho, Venancio de Sousa premeditou eliminar o contendor. Estava o Prata só havia uma passagem obrigem esquerda e para regressar ao Prata só havia uma passagem obrigatória — uma garganta no alto da escarpada Serra de S. Jerônimo, 3 a 4 km distantes da atual Vila de Guimarães, mal tendo passagem a um cavaleiro montado. Lá esteve um negro de tocaia com bacamarte á sua espera. Por sorte, antes de atingir a serra o Padre foi avisado do ocorrido por pessoa amiga. Abandonou a roça e, guiado por outro negro, caçador na região e entendido dos Arantes, contornando suas cabeceiras, após grande volta, atingiu sua fazenda no Douradinho.

Desde então aquela garganta ficou conhecida por «Estreito do Vigário», topônimo registrado na carta geográfica de Minas, de 1930.

A Revolução de 1842

Teriam elementos do Curato de S. José do Tijuco tomado parte na Revolução Liberal de 1842, a mesma que estalou em Sorocaba, S. Paulo e respondeu em Minas, na cidade de Barbacena? Eis uma pergunta interessante. No Triangulo Mineiro os acontecimentos tomaram feição dramatica na Vila do Araxá. Em Uberaba, muito bate-boca e perseguições, como se vê de certas considerações feitas pelo Major Antonio Cesário de Oliveira, advogado provisionado, no folheto sôbre a questão das terras da prefeitura de Uberaba.

O fato é que naquela Vila se fez, em documento publico, um pacto de assistencia mutua, prevendo os liberais uberabenses futuras represálias.

«Cascudos e Chimangos», «Luzias» (a revolução teve fim no combate na cidade de Santa Luzia) eram os apelidos de uma e outra facção.

No documento transcrito por Major Cesário encontramos os nomes de Joaquim Teixeira e seu irmão, primeiros posseiros de S. Vicente.

Numa tentativa de situar os elementos de destaque, na zona, perante os 2 partidos, fomos procurar a lista dos assinantes dos 2 livros publicados então, com os prováveis simpatizantes.

O do Cônego Marinho, pelos liberais e o de Governador Jacinto B. da Veiga, pelos conservadores.

Neste ultimo livro, anotamos: Em Prata, o Vigário Antônio Dias de Gouveia, José de Miranda Ramalho e Manuel Alves de Carvalho.

Em S. José do Tijuco — Fernando Vilela dos Reis (o mesmo da fazenda das Flores).

Até o momento não podemos ter em mãos a 1.ª edição do livro de Marinho, pois da edição realizada em Conselheiro Lafaiete, ela foi suprimida.

A Morte de João Inácio Franco

No ano da «Guerra dos Luzias», falecia em S. José do Tijuco, o general João Inácio Franco, que foi casado com D. Benta Francisca Romana.

Veio do sul de Minas para a fazenda do Córrego dos Baus, falecendo a 22 de janeiro de 1842. Em seu testamento, que se encontra no cartório do 2.º ofício de Prata, encontramos entre outros, êsse tópico interessante, retrato da época:

— Sua fazenda dos Baus, avaliada 15.600.000 (quinze contos e seiscentos mil réis) — Uma morada de casas, no arraial de S. José do Tijuco, no largo da capela, e coberta de capim, avaliada em 100 mil réis».

Naquela época, nem a própria igreja era coberta de telhas!

Criação da Vila do Prata do — Imperador

Pela primeira vez, em setembro de 1848, foi criada a Vila do Carmo dos Morrinhos e elevado o arraial a sede do novo municipio. Por manobras politicas do partido dominante, 2 anos depois ficou sem efeito essa criação, voltando para o ambito de Uberaba.

«Todavia em 1854, foi criada de novo, agora com o nome de Vila do Prata».

A Camara da Vila recém-criada instalou-se com grandes festejos a 2 de dezembro de 1855, em sessão pelo Cel. Francisco Rodrigues de Barcelos (orlando de Piumhi), presidente que era da Camara de Uberaba, de acôrdo com a lei. Teve como seu secretário, Silvério Fernandes Leão, que o era daquela. Compareceram os seguintes vereadores mais votados: Elias José dos Santos, João Evangelista de Carvalho (mais tarde Barão de Campo Formoso), José Leite Vilela, José Gonçalves da Fonseca, Joaquim Francisco da Silva Botelho, Francisco Lopes Cançado (Familia de Pitangui, vindo para Campo Florido), e com ausência justificada o Cel. José Crisostomo Vieira, potentado de Monte Alegre.

Eleita a 1.ª mesa, ficou assim constituida: Presidente — Major João Elias dos Santos; Vice-Presidente — José Leite Vilela; secretário — Eugênio de Cassia e Oliveira (agente do correio); Vereadores — Francisco Lopes Cançado, Francisco Alves Vieira, Adeodato José Felicissimo (farmacêutico), Joaquim José da Rocha Maia e José Ferreira de Sousa Miranda (da fazenda da Bagagem próximo do Prata).

O prédio onde ficou sediada,. era de construção recente, no largo da Matriz, e ainda hoje existente, atrás do Grupo Escolar, em cujo pavimento térreo se localiza o quartel e cadeia.

Certamente de Itulutaba foi uma luzida caravana tomar parte nos festejos, fato que lhe dizia tão de perto. Passou S. José então, para o ambito da nova vila.

Eleições

De quatro em quatro anos, a partir de 1856, se realizaram eleições no termo da Vila do Prata, para renovação de seu corpo legislativo.

No arquivo da Prefeitura do Prata, encontramos relação dos votantes da época, cuja leitura é interessante.

A variola e o cólera

Em 1849 grassou forte epidemia de variola, a tão temida molestia que fazia verdadeiras razias entre a população do interior. Nessa época o Rio de Janeiro começava a conhecer a febre amarela, de forma epidemica. Em 1855 foi o «cólera», na forma como é descrito por Taunay na «Retirada da Laguna».

Surto de progresso no arraial do Tijuco

A adminitração da nova Vila do Prata, entusiasmada, promove o florescimento de seu termo, incrementando as iniciativas particulares.

Assim é que no ano de 1859 foram concedidas licenças para construção de casas em S. José do Tijuco, em numero de 4:

— José Flausino Ribeiro — Casado com D. Barbara Ludovina de Andrade, sogro do Cel. José Caetano de Novais, o «Bravo».

— Joaquim Ribeiro Guimarães — Conhecido por Joaquim Novato, casado com a sobrinha, D. Joaquina.

— José Simeão de Gouveia — Silverio Bertoldo de Gouveia — ambos dos Costa-Gouveia.

Até então estava o Largo da Capela ornado apenas com a casa de João Inácio Franco e a Casa Paroquial, construção de tábuas, onde é hoje a casa de Hugo de Carvalho.

Contava Antonio Pedro Guimarães que, em 1858, ao chegar do sul de Minas, apenas com 12 anos de idade, no local da futura Capela de N. Sra. do Rosário, e hoje o Forum, Prefeitura e trecho da av. 13 de frente da casa de gr. Fernando Alexandre Vilela, havia um curral com 2 antas amansadas e nada mais...

E' dessa época o inicio da construção da «Matriz Velha», a 3.ª igreja de Itulutaba em ordem cronologica, aproveitando-se a antiga Capela do Chapadão para Capela-Mor, graças aos esforços de Pe. Fortunato Alves Pedrosa de Resende. Ficou portanto essa Matriz, mais para frente. E' a mesma que recebendo melhoramentos e acréscimos veio a se incendiar na noite de 31 de outubro para 1.º de novembro de 1938.

No afã de levar a cabo êsse desejo, formou-se uma comissão tendo á frente os dois Josés — Tenente José Martins de Andrade, dos Baus, figura de prol e José Flausino Ribeiro, comerciante no povoado. Nessa época, o velho João Manuel Franco, o da construção da ponte, já havia falecido. A matriz velha ficou concluida em 1862, então já coberta de telhas. Procedeu-se á sua inauguração entre grandes festejos que marcaram época, o que ensejou também novo impulso para a criação de paróquia, independente do Prata. Essa data 1862 ficou bem marcada, pois foi entalhada no portal da matriz, e conforme a tradição colhida por Pe. Angelo ao iniciar o Livro de Tombo, logo que aqui chegou.

Há pouco vivia Vicente Quintino, com 106 anos, residente em S. Vicente, que ainda conhecera a capelinha, sozinha no chapadão, desajeitada e coberta de capim...

Mudança da sede da Vila de Prata para Monte Alegre

Em ascensão do partido liberal, os redutos conservadores foram fustigados por manobras politicas do adversário.

Assim é que na Assembléia Provincial surgiu em 1862 o projeto de transferencia da sede da Vila, da povoação de Prata para Monte Alegre.

Em sessão especial a edilidade pratense, reunida, verberou acerbamente essa manobra de «Capitis diminutio», como se lê da ata daquela sessão.

O que diz um almanaque

Visconde de Assis Martins e J. Marques de Oliveira deram inicio, no ano 1864, ao «Almanaque Administrativo, Civil e Industrial da Provincia de Minas Gerais». Do 1.º vol., referente aquele ano, á pag. 374, encontramos esta nota:

— «Distrito São José do Tijuco, na Vila de Prata — Subdelegado: José Martins Ferreira. Negociante: José Flausino Ribeiro — Fazendeiros que cultivam cana (em maior escala) — Francisco Lemos Barbosa e Serafim Vieira dos Santos».

O primeiro dos 3 irmãos Martins, numerosa familia do municipio, era o fazendeiro nos Baus. O Cap. José Flausino, ligado á familia Franco, vindo do Sul de Minas, foi o comerciante residente na atual rua 18, adiante do Sobrado, prédio hoje desmanchado.

Lemos Barbosa era fazendeiro no Tijucal, e Serafim, dono da fazenda da Chácara, outro lado do Prata, abaixo do Salto. Jaz enterrado no Cemitério da Chácara, a 1|IX|1878.

Eleição de 1864

Nas realizadas a 7 de setembro dêsse ano sairam eleitos os seguintes juizes de paz do distrito:

1.º José Flausino Ribeiro; 2.º Antonio Luiz Ribeiro; 3.º Francisco José de Carvalho (o futuro Major Carvalho); 4.º Antonio Joaquim de Morais.

Guerra do Paraguai

Pela profunda repercussão que teve no animo dos triangulinos, com a invasão de Mato Grosso, a ponto de muita gente nesta região com os boatos alarmantes chegar a sentir o cheiro dos paraguaios aproximando-se de roldão nas barracas do Paranaíba, quando não visto suas fardas vermelhas vamos relembrar rapidamente os fastos iniciais:

1864 — Dia 12 de nov. — Aprisionamento do vapor «Marquês de Olinda».

1865 — 3 de janeiro — Os paraguaios invadindo a Provincia de Mato Grosso, pelo sul, tomam nesse dia a povoação de Nioaque, zona da vacaria, chave da estrada boiadeira que dirigindo-se para Santana do Paranaíba, penetrava no Triangulo Mineiro, vindo margear o rio Grande.

Dia 12 — O inimigo toma a povoação de Miranda e chega a Coxim (hoje Herculanea.) Essa povoação pode ser localizada no mapa na altura do paralelo de Itulutaba. Noticias agourentas trazidas por boiadeiros, até á cidade de Prata.

Dia 21 — Dec. Imperial convocando os brasileiros ás armas. Formação da «Coluna de Mato Grosso» a qual receberia a contribuição de 3 mil homens de S. Paulo e 6 mil de Minas.

— O governador de Minas, Saldanha Marinho, convoca a Guarda Nacional, força auxiliar.

— A Junta de Alistamento, em Uberaba, presidida pelo Barão da Ponte Alta, recebe as listas de homens válidos, confeccionadas pelos juizes de paz da região e promove o alistamento dos voluntários.

Grande desgosto entre os roceiros, incultos, não compreendendo eles a significação do at.o Está no poder o partido liberal. Supósta vingança em revide ao sofrido em 1842, contra os filhos e afilhados de membros do partido conservador.

— Julho de 1865 (dia 20) — Chega a Uberaba a «Coluna Paulista», sob o comando do Cel. José Maria Gavião Peixoto. Ali já se encontrava a «Coluna Mineira», saida de Ouro Preto, sob o comando do Cel. José Antonio da Fonseca Galvão (em evidencia na guerra de 42, no Combate de Queluz, hoje cidade de Conselheiro Lafaiete — Minas).

— Agosto de 1865 — Revolta das mulheres, no Prata, contra a convocação de seus filhos. O 1.º rasga-lista, na região. Seviciado o juiz de paz Severino de Sousa (?). Taunay, em «Cartas de Campanha», do dia 2 de set. de 1865 (1- diz pitorescamente, a propósito dêsse acontecimento: «Há um movimento de resistência por parte da Guarda Nacional que foi obrigada a reunir. Em Araxá fugiram todos e a cidade do Prata está em plena revolta».

— Set. de 1865 (dia 4) — A chamada «Coluna de Mato Grosso» sai de Uberaba. Essa tropa, mais tarde engrossada por goianos e matogrossenses, fria, dois anos depois, realizar a famosa «Retirada da Laguna», manobra espetacular, que durou 26 dias. Iniciada a 8 de maio de 1867, com 1.650 homens, estava concluida em Nioaque, a 3 de junho, onde apenas chegaram 700 homens.

Quando de sua estada em Uberaba, em 1865, com as tropas vindas de S. Paulo, o futuro Visconde de Taunay escrevia em seu diário: «Já assistimos a uma revista da brigada mineira que em forma tem bela aparencia; 1.200 homens mais ou menos (antes de receber mais 400 recrutas) se apresentam bem armados e vestidos. No entanto, parece que não têm ainda a necessária firmeza de animo, pois as deserções começaram desde a nossa chegada aqui: Os recrutas da Guarda Nacional, sobretudo, fogem todos os dias, a bom voar, e suas fileiras se rarefazem extraordinariamente»).

Heróis da Guerra do Paraguai

S. José do Tijuco não ficou «in albis», na Guerra de Lopes. Entre outros, a memória dos conterraneos guarda o nome de João Messias, filho de João Filizardo e de Maria Clara, «reculuta» que honrou a coletividade a que pertencia. A raça negra não deixou de se representar. «Sorocaba», escravo da familia Vilela, saiu da Fazenda do Cerrado, de Monte Alegre, e também lá esteve, voltando para contar façanhas.

Interessante recordar que o irmão do Cap. Camilo Roiz Chaves, (do tronco da Lagoa Dourada, vindo de Bambuí) que foi Curador dos Indios e Delegado em Campo Belo do Prata (Campina Verde) se apresentou como um dos carreiros empenhados na «batalha do abastecimento» da «Coluna de Mato Grosso». Empregou êle 12 carros de boi ferrados e 200 juntas em toda a viagem. Saia de Uberaba até Coxim. Antonio Fernandes de Resende, do Prata, esteve tambem no mesmo negócio como fornecedor de viveres ás tropas voltando rico.

O Arraial

Ao tempo que finalizou a Guerra do Paagual era bem modesta a povoação. Cobertas de telhas, existiam os seguintes edificios: 1 — Igreja; 2 — Cap. José Flausino Ribeiro; 3 — José Alfaiate (no pastinho de Isau Carvalho, no Brejo, rua 16) 4 José Joaquim do Prado, na Donaria.

Paróquia em fim

A lei mineira n. 1.360, de 7 de novembro de 1860 criava a freguesia de S. José do Tijuco, desmembrada da de N. Sra. do Carmo, do Prata.

Somente no ano seguinte, em 1867 saiu a provisão do governo para seu 1.º vigário encomendado, na pessoa do Pe. que vinha exercendo o cargo de Capelão Fortunato Alves Pedrosa de Resende.

Naquela época os párocos eram pagos pelo governo e recebiam a congrua de 200 mil réis anuais.

Para melhor entendimento, vejamos algumas etapas de sua evolução: 1.ª fase: Aplicação — Capelães:

1.º — 1833 — 36 (?) Pe. Francisco de Sales de Souza Fleury.

2.º — 1838 — (34) Pe. Serafim José da Silva.

2.ª Fase: Freguesia (1.ª vez):

1939 — Paróquia — Vigário Pe. Antônio Dias de Gouveia.

3.ª Fase: — Supressão do Curato:

1840 — Pe. Gouveia Vigário de Prata e seu coadjutor se engarregam de ministrar o pasto espiritual aos fiéis do Tijuco.

1845 — Provisão para seu 3.º capelão — Pe. Fortunato Alves Pedrosa de Resende.

5.ª Fase — Freguesia novamente

1866 — Criação da Freguesia.

1867 — Provisão para seu 1.º vigário encomendado, na pessoa do capelão, Pe. Fortunato.

1869 — Transferência do Pe. Fortunato para Monte Alegre. Pe. José Gomes de Lima, vigário do Prata, vinha dar assistência aqui.

— Doação do patrimônio para a Capela de S. João Batista da Cachoeira Dourada.

1869 — Saida do Pe. Fortunato.

Vinda do Pe. José Gomes, do Prata, periodicamente.

1869 — 70 — Obras na matriz.

1872 — (12) de dez.) — Provisão para 2.º vigário encomendado, Pe. Manuel Esteves Balançocla Lira (português).

1872 — Pe. Lira colhe informes sôbre o patrimônio paroquial; doadores, extensão, etc.

— (dez) — Provisão para seu 3.º vigário encomendado, Pe. Tristão Carneiro de Mendonça, por um ano e depois com prorrogação interina.

— Inicio do Cemitério Publico, atrás da Matriz, cercado de rachas de aroeiras, sob a direção do benemérito Antônio Pedro Guimarães (Morais).

1882 — (18 de set.) Benção do novo Cemitério que funcionou até 1920, pois a 20 de junho dêsse ano inaugurou-se o cemitério atual, com o cadaver de Bárbara da Costa (esposa de João da Costa).

Vejamos agora algo sôbre os sarcedotes que aqui exerceram o muns religioso, e que, diga-se de passagem, nenhum dêles jaz enterrado em terra tijucanas:

— Pe. Fleury — Aqui permaneceu 3 anos apenas; tendo desgotado em suas prédicas os chefões, incompatibilizou-se. Avisado por um amigo, (José Joaquim do Prado?) de que iriam retirá-lo montado numa égua magra, com a cara para traz, saiu abrutamente rumo a Mato Grosso.

—Pe. Serafim José da Silva — Velo do Prata e também saiu de repente, incompatibilizado. Nada mais conseguimos apurar sôbre sua estada aqui.

— Pe. Fortunato — Era um tipo curioso, produto da época, mais fazendeiro que pastor de almas. Residiu sempre na zona rural. Primeiramente na «Fazenda da Retirada», zona do Carmo, entre os córrego da Areia e o Carmo. Permutou com Quirino Antônio de Morais essa posse por outra entre Carmo e o Piratininga onde construiu o «Sobrado», 1.ª casa rural assobrada construida aqui, até então.

Edificou na povoação uma Casa, construida de madeira, no local onde está a de Hugo Carvalho ,no largo. Servia de casa paroquial vinha á paisana da fazenda, distante apenas 6 km, montado em seu burro e com 2 pistolas nos coldres da montaria. Vestia então o hábito de S. Pedro, seguindo para a Igreja, a fim de celebrar os ofícios religiosos.

Era corajoso e resoluto, enfretando a prepotência dos coronéis da época, do tempo do «Quero pposso e mando».

Com sua espingarda Mannlicht atirou, de certa feita, á porta da fazenda. Enorme rombo ali ficou patente, admirado pelos visitantes. E a fama correu mundo...

Sua doméstica, Rita de Freitas, não era menos desabusada.

Diziam que aqui viera ter, foragida de Candeias, sua terra, envolvida na morte do marido. Bondosa, criou ela 5 parentes do Pe. Fortunato.

Vendeu mais tarde sua fazenda do Carmo a José Caetano de Novais o «capitão José Pio», um dos «brabos» da terra. Nessa ocasião se desavieram. Pio Novais quis tirar o padre daqui para fora numa égua magra. Certa feita surgiram no arraial diversos assecias seus em cavalgada aparatosa, em atitude hostil, no largo. Enquanto Pe. Fortunato celebrava, Rita á porta da Igreja, armada de 2 garruchas, escorou os cabras. Coisas daquele tempo...

Essa fazendo velo parar ás mãos do Cap. Pedro Alves Vilela.

Pe. Fortunato aqui viveu de 1845 a 1869, portanto 24 anos.

Retirou-se nessa ocasião para o Prata e posteriormente para Monte Alegre, onde paroquiou. Falecendo afogado no dio dos Bois, quando em viagem para Goiás atravessava-o numa «pelota», época de grande enchente, em 1872. Quando á sua origem dizem ser filho de português, mas nascido e mMinas. Teria ligações com troncos da cidade de João Ribeiro (antigo Entre Rios de Minas?) No album «Minas Gerais em 1918» do Roberto Capri encontra-se um seu retrato, em trajes civis.

Vem a pêlo recordar que o grande reformador do clero mineiro foi o bispo D. Viçoso, cuja investidura foi encontrá-lo hospedado em Campina Verde, em 1844. Sua atuação de pronto fez-se notada, exercendo influência em larga zona, inclusive na Triangulina. Foi êle companheiro de Pe. Jerônimo Gonçalves de Macedo, chegados juntos de Portugal e juntos naturalizando-se brasileiros.

— Padre Uira — Velo de Patrocinio. Cuidou dos documentos do patrimonio eclesiastico daqui. A falta de Livro de Tombo, na época, dele pouco se sabe.

Pe. Tristão — Tristão Carneiro de Mendonça, era de familia de Araguari. Pessoa pouco comunicativa, aqui teve curta permanencia.

O Livro do Tombo

Pe. Angelo foi o organizador do 1.º livro de Tombo da Matriz. Ali escreveu ele o seguinte:

— «Constituição do patrimonio e fundação da Igreja Matriz da Freguesia de S. José do Tijuco, conforme refere o Rev. Pe. Angelo Tardio Bruno, em data de 15 de maio de 1884.

No dia 8 de dezembro de 1882, por convite dos povos desta Paroquia, a qual se achava sem vigario, aqui cheguei e procurando a constituição da referida Igreja não a encontrei e só por informações de pessoas probas pude chegar ao conhecimento que segue:

O territorio para patrimonio desta Igreja foi doado por 2 fieis e o sr. Joaquim Antonio de Morais e José da Silva Ramos, em data mais ou menos de 1820 e as, doações anexas que constituem o referido patrimonio contém mais ou menos de sul a norte, legua e meia; e de nascente a poente, meia legua; e que o finado vigario da freguesia do Prata, Pe. Antonio Dias de Gouveia, já falecido, fundou a 1.ª Capela neste patrimonio, no lugar denominado «Corrego Sujo», a qual o povo, pouco tempo depois, removeu para mais proximo do Corrego do Carmo, denominado, lugar onde mais tarde o finado José Martins Ferreira e José Flausino Ribeiro, á testa do povo, edificaram a Matriz ora existente, que concluiram em 1862.

O 1.º capelão foi o Rev. Pe. Francisco de Sales Fleury o 2.º, Pe. Serafim José da Silva; O 3.º foi Pe. Fortunato Alves Pedrosa de Resende e em data de 1867, tendo elevada á Paroquia a dita Igreja, continuou o Pe. Fortunato Alves Pedrosa de Resende como vigario encomendado da mesma Freguesia e até a data de 1869.

Em dias de dezembro de 1872 foi nomeado vigario encomendado da mesma Freguesia o Pe. Manuel Esteves Balançoela Lira. Em 1880, por provisão de dezembro foi nomeado o Pe. Tristão Carneiro de Mendonça. Por provisão de 20 de fevereiro de 1833, fui nomeado eu, Pe. Angelo Tardio Bruno, como se vê pela copia provisão seguida. Em 1880 o sr. Antonio Pedro Guimarães promoveu algumas esmolas com os fieis e com elas fez construir um Cemiterio Publico, o qual concluiu em 18 de setembro de 1882, ficando de propriedade eclesiastica da Igreja Matriz. Até o ano de 1844 se solenizavam as festas do Martir S. Sebastião, e da Pascoa do Espirito Santo; hoje se solenizam também a festa do Padroeiro S. José.

— Os primeiros Batizados

Eis aqui uma pista interessante para se conhecer as familias povoadoras aqui residentes na época. Infelizmente o 1.º livro de batizados da Paroquia começa no ano de 1848, ao tempo do Pe. Fortunato. Não existindo também no Prata os primeiros livros, não pudemos saber que época começaram os registros daqui (Prata sendo sede da paroquia, devia tê-los registrados ali, também).

Nº — Aos vinte e três dias de março de 1848, batisei solenemente o inocente Porfirio, filho legitimo de Vicente Quintino Gualberto e de Donancia Felizarda da Conceição; foram padrinhos: Antonio de Freitas Ribeiro e Ana Joaquina de S. José.

a) Pe. José Fortunato Alves Pedrosa de Resende» —

Eis a nominata, com os pais dos batisandos.

1848

2 — Jeronimo José Ballão — Escolastica Maria Joaquina.

3 — Manuel Tomás Garcia (filho) — Mariana Candida de Jesus.

4 — João Manuel Franco — Helena Francisca de Freitas.

5 — Anastacio Goncalves Manço — (Joaquina) Vital do Nascimento.

6 — Marcelino José de Sousa — Ana Rosa de Jesus.

1849

2 — José Joaquim Camargos — Maria Joaquina de Jesus.

3 — Salvador Nunes da Silva — Francisca Maria de Jesus.

4 — José Martins Maia — Maria Vicencia de Jesus.

5 — Antonio Joaquim do Prado — Silveria Maria de Jesus.

9 — Joaquim Tiburcio — Prudencia Maria de Jesus.

11 — Daniel Francisco de Oliveira — Maria de Jesus.

12 — Gabriel Fernando Rosado — Ana Ferreira de S. José.

13 — Justino Antonio de Oliveira — Maria Candida do Nascimento.

14 — Jeronimo Pereira Barreto — Maria de Jesus.

15 — Fernando Vilela — Rita Porfiria de Andrade.

1850

1 — Antonio da Silva Ramos — Severina Ambrosina Ramos.

2 — Adão Moreira de Sousa — Mariana Venancia.

3 — Francisco Tomás Garcia (fal. a 23|II|1873) — Ana Silveira do Nascimento.

4 — José Joaquim de Camargos — Gertrudes Bernarda de Jesus.

5 — Antônio José da Costa — Maria Barbosa de Jesus.

12 — Quirino José Ferreira — Rita Maria de Jesus.

13 — Francisco Antônio de Carvalho.

14 — Francisco José de Carvalho — Umbelina Inês de Andrade.

15 — Gabriel Antônio de Morais.

17 — Domingos Rodrigues Guolart — Emerciana Jacinta de Oliveira.

18 — João Rodrigues Goulart — Emerenciana Jacinta de Oliveira.

19 — José Antônio do Nascimento — Cecilia Maria de Jesus.

22 — Domingos Francisco de Andrade — Emereciana Joaquina de Jesus.

23 — Francisco de Sousa França — Maria Sipirina de Sousa.

25 — Francisco de Sousa Junior — Emiliana Francisca de Oliveira.

26 — André Alves Pires — Mariana Maria de Jesus.

ra 1951:

4 — José João de Oliveira — Candida Pureza de N. Sra.

5 — José Rodrigues Ferreira — Ana Margarida.

6 — Gervásio Martins da Costa — Julia Maria de Jesus.

9 — Francisco Bernardes Pereira — Joaquina Maria de Jesus.

11 — Joaquim Lourenço Ferreira — Prudencia Maria de Jesus.

12 — Pedro Neves Cardoso — Rosalina Maria de Jesus.

15 — Serafim Lopes do Nascimento — Maria Francisca Pimenta.

18 — José Venancio de Resende — Maria Clara de Lima.

22 — Vicente Francisco de Freitas — Antônia Francisca Ribeiro.

1853:

2 — Mariano Rodrigues da Costa — Bernardina Maria de Jesus.

1853:

2 — Antônio Modesto de Medeiros — Maria Custódia de Jesus.

4 — Antônio Roiz das Neves — Francisca Maria de Jesus.

6 — Felisberto da Paixão — Maria Teodora de Jesus.

7 — Bento Ferreira dos Santos — Flausina Maria de Jesus.

8 — José Francisco de Sousa — Clemencia Maria dos Santos.

11 — José de Freitas e Silva — Severina Maria de Jesus.

1854:

2 — José Flausino Ribeiro (Cap.) — Bárbara Lisdivina de Rede Resende.

3 — Manoel Lemos Coelho.

4 — Manoel Lemos oCelho Junior — Maria Rita Fonseca.

5 — José Pedro Valente — Maria Rosária do Nascimento.

6 — José Borges Lucas — Maria das Dores Assunção.

7 — José Ricardo Muniz — Mariana Beatriz da Conceição.

9 — Graciano Francisco dos Santos — Flausina Maria de Jesus.

10 — Domingos Martins Parreira — Joaquina Julia Leal.

15 — Vicente de Freitas Ribeiro — Leopoldina Francisca da Conceição.
16 — João de Sousa Lima — Mariana Francisca de Jesus.
20 — José Joaquim Gonçalves — Maria Joaquina de Queirós.
26 — Joaquim Ferreira de Menezes — Umbelina Maria da Silveira.
1855:
2 — Manuel Lemos Coelho — Maria Francisca de Freitas.
3 — Manuel José Bernardes — Silvéria Teresa de Jesus.
1858:
2 — José Joaquim de Gouveia.
3 — Antônio Joaquim de Morais.
1859:
45 — Joaquim Antônio de Morais (doador) — Balduina Candida da Silveira.
1860:
22 — José eEsteves de Andrad (2.º) — Carolina Leopodina da Andrade.
22 — João Gomes Pinheiro — Florentina Flora de Jesus.
1861:
2 — Joaquim Machado Tosta de Almeida — Maria José de Jesus.
1861:
2 — Joaquim Machado Tosta de Jesus.
4 — Vicente Francisco Ribeiro — Antônia Ribeiro de Jesus.
9 — José Antônio de Gouveia — Lina Clara do Nascimento.
27 — José Martins Ferreira — Francisca Emirena de Andrade.
1863:
19 — João Gonçalves Valim — Iria Alves Blandina (Franco).
1864:
1 — José Manuel Coelho — Maria Jacinta de Jesus.
1866:
1 — Antônio de Freitas Ribeiro — Maria Felizarda de Jesus.
1871:
5 — Antônio Pedro Guimarães — Maria Emilia de Valim.
1873 (papéis avulsos):
1 — Joaquim Ribeiro Guimarães — Joaquina Clara Ribeiro.
1877:
1 — Francisco Roiz de Oliveira Vilarinho — Luiza de Jesus.

Capela do Rosário — A Irmandade

Pouso dos atuais ituitabanos sabem da existencia dessa Capela, na povoação. Todavia, ao tempo de Pe. Fortunato, com a criação da Freguesia em 1866, algumas irmandades religiosas teriam se formado, entre as quais a famosa Irmandade dos Irmãos Pretos de N. Sra. do Rosário. No sincretismo religioso dos negros, ela corespondia á sua Yemanjá.

Os escravos, sempre descalços — simbolo da escravidão — tinham o dia de sábado para trabalhar em proveito próprio, quando pertenciam a senhores esclarecidos. Escravos e negros libertos ergueram com sacrificio uma capela, também no lado oposto da matriz. Hoje não há vestigio dela, no local ocupado pela atual prefeitura, rua 11 e frente da casa do Dr. Fernando Alexandre Vilela de Andrade. Onde existe o Forum, erguiá-se o cruzeiro.

Coberta de buriti, ainda em 1882 estava inacabada por ocasião do sururu dessa época, cujo tiroteio danificou-a mais ainda. Pe. Angêlo demoliu-a, trazendo a imagem da padroeira para um dos altares da matriz. Seu madeirame foi levado para uma construção na atual rua 18, entre as av. 5 e 3, segundo consta.

Irmandade do Rosário — Como a Irmandade na 1.ª fase de florescimento não houvesse submetido seu Compromisso á aprovação eclesiástica, em 198, João Tavares da Silva e Antônio Francisco Junqueira, seus protestores tomaram essa providencia, sanando a falta. O «Auto do Congado» e as «Danças de Moçambique, constituiram uma das festas mais populares no Brasil de outrora.

Eram chamadas: festas do Rosário» celebradas em junho ou outubro. Termos de negros congos e de moçambiques (regiões da Africa de onde vieram) não sabendo mais a origem daquele ritual, vestidos de côres vistosas, em danças e melopéias tradicionais, reproduzindo uma deformação do auto da rainha Jinga, Principe Manoto, o feiticeiro Carlongo, a embaixada, o desafio a luta simulada e o trunfo final, misturadas com motivos das Cavalhadas e das «Proezas de Carlos Magno e os 12 pares de França», ao gôsto da época.

Os negros da zona dos Baus eram congadeiros; os do Salto e S. Lourenço, mocambiqueiros. José Justino, Capitão de Congo e Joaquim Rosa, do Mocambique. Tiveram sucessores em José Pião, José Negrinho, Jerônimo Branco, Baianinho, Sebastião Congado, Caetano e outros.

A melhor festa de que se guarda memória foi de quando João Tavares saiu sorteado festeiro.

O Patrimônio de S. João Batista da Cachoeira Dourada

A famosa Cachoeira Dourada, a Itumbiara do amerindio (salto da caça), é um imponente tombo do rio Paranaiba que se encontra ao norte da cidade cêrca de 56 um. No mapa é fácil localizá-la abaixo da cidade de Itumbiara e foz do Meia Ponte, no lado goiano, acima da desembocadura do Prata, no lado mineiro.

Situada no planalto central, tomou altitude de 406 ms.

O rio, logo a montante do desnivel chega esparramando, medindo 1.500 ms. de largo; a queda é de apenas 17 ms. de altura, a pique, porém com grande volume dágua; logo abaixvo o rio, calmo e sereno, volta a ter apenas 150 metros de uma a outra margem.

Forma ela um largo hemi-circulo, com a ponta da «Ilha» dividindo-a do lado mineiro em Principal e Ferradouro; do lado goiano, em queda suave, como tessitura de rendas, a Safada. Em baixo do Ferradouro, como em degraus, por onde o peixe sobe para desovar nas cabeceiras do rio após ingentes saltos, é o lugar predileto para a pesca ou fisga do peixe. Descendo-se ali pela escarpa da ilha encontram-se 2 poços — o do Jacaré e o Poço do Dourado, êste muito procurado pelos piraçuaras.

O nome «Dourada» lhe adveio da irisação dourada da fumaça após o tombo, quando o observador a vê do meio dia para a tarde. E' de ver-se então o arco-iris ora aqui, ora acolá, á proporção que o sol descamba para o ocaso.

Interessante que o leito atual do rio Paranaiba, naquela trecho, não é o mesmo de outrora. Há sinais evidentes, cêrca de 3 km. no lado mineiro, de que outra era ali corria o rio, pois é visivel sua caixa. Esse deslocamento geológico teria formado então a Cachoeira Dourada e também o Canal de S. Simão, rio abaixo.

Outra observação curiosa é de que os rios do interior do Brasil correndo para a bacia do Prata têm a margem esquerda fértil e a direita, sáfara em grandes trechos. No Paranaiba, como no Rio Grande, êsse fato é evidente em quase tôda zona.

Apraz recordar que de há muito a Cachoeira Dourada vem despertando o interêsse de estudiosos e economistas.

Em 1907 (31 de dez) pela Lei n. 1.387ficou o govêrno mineiro autorizado a contsruir um prolongamento da então E. F. de Goiás, com um ramal de Araxá-Uberaba-Rio Paranaiba, passando por Prata, Vila Platina em demanda da Cachoeira Dourada. Estudo da região e trabalhos de campo trouxeram 4 anos mais tarde o Dr. Renialdo Von Krugger pela 2.ª vez ás plagas tijucanas ,onde estavam casadas duas filhas.

O povo pleiteou em 1907 a vinda da ponte metálica, desmontada na Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, para Cachoeira Dourada, Itumbiara, foi mais feliz e ali está a «Ponte Afonso Pena».

Em 1909 requeria o Dr. Francisco Homem de Melo ao govêrno federal licença para levantar capitais e construir uma estrada de ferro partindo de Bebedouro (S. Paulo) rumo da Cachoeira do Maribondo, Rio Grande, Campina Verde, Vila Platina (Ituiutaba) á Cachoeira Dourada.

A imponência dessa Cachoeira não poderia deixar indiferente os bons tijucanos de outras épocas. Surgiu a idéia de se erigir ali, uma povoação.

Assim é que a familia Andrade, dona dos terrenos, planejou a realizou a doação de um patrimônio para a Caleta de S. João Batista da Cachoeira Dourada.

A 29 de março de 1869 compareceram perante o titular do cartório de paz, José Loureiro de Brito e fizeram as declarações do estilo; José Martins Ferreira, casado com D. Francisca Emirena de Andrade; Cassiano José de Sousa, com D. Emerenciana Constança de Andrade; José Esteves de Andrade (2.º) com D. Carolina Leopoldina de Andrade; José Flausino Ribeiro, com D. Bárbara Ludovina de Andrade; Manuel Antônio da Costa, com D. Mariana Justina de Santana (Franco); Moisés Antônio da Costa, com D. Candida Ordência Blandina (Franco); Antônio Domingues da Costa, com D. Bárbara Maria do Espirito Santo (Franco);

A 24 de outubro de 1897 Pe. Angelo promove uma festa com levantamento de um cruzeiro, no local. Em 1900 obtem o mesmo provisão do Ordinário para se erigir a capela. Em 1905 concedia a Curia permissão para a troca de terras do patrimônio.

No mês de agôsto dêste ano devem ter inicio os trabalhos efetivos do aproveitamento do pontecial hidroelétrico da Cachoeira Dourada.

Infelizmente até hoje o desejo dos doadores não se confirmou.

Quando surgirá a Capela de S. João Batista?

A Geada de 70

Assim como no ano de 1833 ficou conhecido por «ano da fumaça», o de 1870 ficou cognominato «ano da geada brava». No inicio de julho uma tremenda onda de frio marcou grande abaixamento da temperatura em tôda a região, os antigos não tinham lembrança de coisa igual. O gêlo tudo torrou, matando criação e muita gente.

Em agôsto vieram as queimadas pelo fogo e então observou-se novo castigo. O fogo durou 2 meses. Os vestigios até hoje são observados. Contou-nos Isau Carvalho episódios pitorescos dêsses dias.

Comarca do Prata

A Lei mineira de 8 de outubro de 1870 dividiu Minas Gerais em 25 comarcas. A 15.ª ficou denominada «Comarca do Prata», constituida de 2 têrmos — Prata e Uberaba, que até então pertenciam á Comarca do Rio Paranã.

A sede ficou sendo em Uberaba. No ano seguinte, a comarca do Prata ficou constituida em têrmos unicos — Prata — pois Uberaba fôra incorporada á Comarca do Rio Paranaiba.

Como seu 1.º juiz de Direito o Prata recebeu o Dr. José Antônio Alves de Brito, mais tarde desembargador do Tribunal, e com o nome perpetuado em uma rua naquela cidade.

Ituiutaba como satélite, acompanhou Prata nessas mutações.

Não parou ai o «jogo de peteca», tal a fluidez e inconstancia da organização judiciária mineira. Há uma longa lista de troca de nomes e mudanças. Somente em 1903 cessa, quando a comarca do Prata foi suprimida, e anexada á de Frutal como «Têrmo Anexo», situação que perdurou até 1915.

A Lei estadual n. 638, de 18 de setembro daquele ano restaurou a Comarca do Prata, constituida de 2 têrmos: Prata (desanexada da de Frutal) e o novo têrmo de Ituiutaba, ex-vila Platina, então criado.

Somente em 1918, a 3 de setembro foi designado o dia solene para sua re-instalação — um feriado comemorativo da descoberta da América.

Coro 1.º juiz na nova fase, tivemos o Dr. Pedro Teixeira da Mota Junior.

Cidade do Prata

A 15 de novembro de 1872 a então Vila do Prata foi elevada á categoria de cidade. S. José do Tijuco continuou no seu ambito.

Visitas pastorais

Em 1870, ao têrmino da Guerra do Lopes esteve em visita pastoral á região o bispo goiano, D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, famoso orador sacro. Tendo se demorado em Campo Belo do Prata (Campina Verde) onde funcionava famoso colégio secundário, sucursal do de Caraça, por certo teria visitado as paróquias sertanejas da zona. Pena que os alfarrábios extraviados não contem quão grata teria sido essa visita e suas consequencias. A chegada do Sr. Bispo. Arcos de bambus nas ruas, bandeirolas de papel de seda, banda de musica, foguetório castelos de fogos de artifício, encontro á distancia por enormes comitiva de cavaleiros, discursos, comesainas, etc. Os sermões, a crisma, procissões, casamentos de antigos casais...

Os rasga listas

Não foi bem recebida em Minas a Lei n. 2.556, de 26 de setembro de 1874. A guerra do Paraguai terminada a pouco estava na memória dos sertanejos e agora uma nova modalidade de convocação de seus filhos para o «pau furado». A palavra «reculuta» dava engulhos aos aricos sertanejos, que não viam a farda com simpatia, por falta de educação maximé, a educação civica, tão necessária aos povos jovens. No centro e sul de Minas as mulheres rumaram para Igrejas, e cartórios, mal os escrivães tinham lido a nominata e rasgavam-nas com estardalhaço, fazendo fogueira sob olhar condescendente dos coronéis sertanejos.

Aqui, aconteceu o mesmo. Joaquim Antônio de Gouvelo, Joaquim Davi esse velhinho admirável em sua bonomia, aos 94 anos de idade, contou-nos o episódio jocoso. Ele, num magote de cerca de 200 rapazes, das principais familias, mascarados pondo lenços vermelho ou preto ao rosto, entraram a cavalo na povoação com estrédito e tomando de surpresa os livros na casa do escrivão, fizeram dele no Largo uma fogueira, um verdadeiro «auto de fé». Os barbaças sorriam discretamente, aprovando com o silencio complacente a proesa. O acontecimento serviu de assunto por muito tempo, em tôda a região.

Crimes e bravatas

No tempo do servilismo, das fazendas isoladas nas paisagem, dos costumes semi-bárbaros, da pena de Talião, matava-se com grande facilidade. Não havia policiamento. Cada qual defendia a sua pele como podia. As cruzes á beira das estradas são as testemunhas mudas de fatos consumados. Vejamos o retrato de uma época com o registro nas «Efemérides Mineiras»:

— Dia 29 de novembro de 1874 — Fim de Terrivel Celerado. No oeste da Provincia, municipio da cidade de Prata, é assassinado o célebre fascinora «Quarentinha», conhecido por essa alcunha que lhe deram pelo numero de mortes por ele cometidas bárbaramente, segundo a voz publica e muitos deles com requintada perversidade. «Quarentinha, foi por muito tempo, no municipio de Prata, e nas circunvizinhanças, o terror da população, como em outra zona do nosso Oeste Mineiro tem sido desde logos anos e são ainda o terror do povo pacifico, os famigerados «Indios Afonsos», a quem igualmente se imputam dezenas de atrozes assassinatos — Relembremos que esses Indios Afonsos serviram de tema a um romance de Bernardo Guimarães. E' de se notar que na época o municipio de Prata compreendia uma vasta região, inclusive o Pontal do Triangulo, zona fronteiriça e até hoje valhacouto de assinos e fora da lei. Ihacouto de assassinos e fora da lei.

Triplice crime de grande repercussoã na época foi de certo fazendeiro abastado, daqui, o qual desvairado pelo ciume, certa noite enluarada atraiu a esposa ao quintal, apunhalando-a e enterrando-a em seguida. No dia seguinte, notada sua falta pela mãe da vitima, esta deu o alarma. Instaurado processo, 2 escravos foram arrolados como testemunhas capazes de elucidar o mistério. Atendendo á intimação judicial, mandou o senhor que os 2 escravos fossem ao arraial com gargalheira de ferro ao pescoço, ajoujados e tangidos pelo feitor. Este, cumprindo ordens do amo, ao passarem pela ponte do Tijuco, á vista do arraial, (a 1.ª ali existente), jogou os dois infelizes n'água, os quais morreram afogados. Pouco tempo depois convolou ele as segundas nupcias. Contam os antigos que mais tarde, andando o mesmo senhor em caçada pelas margens do Tijuco, ao entrar n'água rasa para colher uma capivara, faltou-lhe apoio, morrendo também afogado «fulminado pela justiça divina que tarda mas não falta...»

Crime rumoroso pela importancia social da vitima foi a morte de D. Alexandrina, primeira esposa do Cap. Camilo Roiz Chaves, de Campina Verde, ocorrido na sua fazenda, e na ocasião ausente. Foi ela assassinada no leite, a golpes de machado, por 3 escravas rebeladas Angela, Romana e Maria Julgadas e condenadas sofreram pena capital na Vila de Uberaba, conforme processo arquivado em Prata4 A ultima mulatinha nova, apavorada, comoveu até as lágrimas a multidão que assistia a cena.

Recordemos que Minas teve 2 carrascos oficiais para execução das sentenças de morte pela forca: Antônio Resende sucedido pelo famoso preto Fortunato José, natural de Lavras, ex-condenado, cuja pena foi comutada para prisão perpetua se aceitasse o cargo de carros oficial. Iniciou sua macabra profissão em 1833 e até 1874 já havia enforcado 87 condenados. Foi ele o executante das 2 escravas acima. A partir daquela data não houve mais execuções pela forca no Brasil, pois Pedro II comutava sistematicamente essas sentenças em prisão perpetua.

População escrava em 1876

Sabemos pela «Efemerides» do dia 22 de dezembro a estatistica da população servil de Minas, áquela data, no total de 365.861.

O municipio de Uberaba com 3.302 e Prata, ao qual pertenciamos, com 4.664. Leopoldina, onde a cultura cafeeira estava bem desenvolvida, contava 15.253. Quantos estariam matriculados em S. José do Tijuco? Ainda hoje se encontra vestigio do trabalho escravo nos valos separados de pastos, muros de pedra sotoposta, pelas fazendas, regos dágua, etc. Em 1883 realizou-se ese recenseamento dos primeiros povoadores.

Entre os instrumentos de tortura então empregados, Constancio Ferraz de Almeida possuia uma gargalheira, encontrada em fazenda da zona do Canal S. Simão, a «Piririca do Pereidores.

ra» no dizer dos primeiros povoa-

O Rego Dágua

Antonio Pedro Guimarães, grande animador do progresso da povoação, auxiliado por diversos amigos entre os quais o Cap. José Flausino Ribeiro e Antonio Luiz de Freitas Franco, cuidou de fazer uma «traição» isto é, um muxirão entre o povo, a fim de se construir uma represa nas cabeceiras do S. Vicente e um «rego dágua» para serventia da população. Estava-se, até á época, na dependencia de buscar água nos «olhos dágua» ás margens do Pirapitinga e do Corrego Sujo, por escravos.

Tirado o nivel por praticos, executado o serviço, velo a linfa da Serra de S. Vicente, onde hoje está a Represa, na Chacara do Dr. Cunha.

Corria o rego mais ou menos pela 19 e após a dobra do «cotovelo», acima da rua 18, e aabixo da 20, vinha em linha reta pelos atuais quintais, da 17 até a 7. Nos fundos de cada casa uma saida com registro de tabua bem como algumas pontezinhas na rua 18 correspondendo ás atuais avenidas. Sem termino dava-se nos fundos da casa de Neco Vilela, atual Colegio Sta. Teresa (esq. da 20 com a 7). Finalizava na casa de José Joaquim de Gouveia, na 14, proximos da 7 rumo ao Pirapitinga. Esse fato tão importante no florescimento do povoado, teria ocorrido no ano de 1875, mais ou menos.

O Sobrado

José Esteves de Andrade (2º do nome), figura de prol na povoação, resolveu fazer uma «morada de casas» no arraial. Escolheu a vizinhança de seu sobrinho, Cap. Jeronimo Martins de Andrade. Isso se passou no ano de 1881. Combinado com o parente, seria esse o administrador da obra planejada.

Daí surgir o 1º sobrado da povoado, simbolo na época de opulencia e bom gosto.

E' o mesmo que conhecemos na esq. da 18 com a 9, hoje sede da Camara Municipal, em cujo pavimento terreo estão a cadeia e o quartel policial.

Foram seus obreiros, José Paulino e Faustino Alves Ferreira, carpinteiros experimentados. Não foi construido de taipa ou terra socada, nem de pau-a-pique, mas com adobes, processo herdado pelos portuguêses aos arabes. Foram estes confecionados no «Pasto dos Jacós», com capim ali cortado e excelente barro de telha. O madeirame de aroeira, trazido de Bausinho, em carretão, passou no Vau, baixo da Ponte do Tijuco.

Foi o Sobrado inaugurado oficialmente em 1882, com imponente baile.

Seu 1º morador não foi o proprietario, mas Pio Augusto Goulart Brum, figura de grande relevo na vida tijucana. Oriundo de Pedra Branca (Pedralva sul de Minas), foi criado em Bagagem (Estrela do Sul) e casado em Campo Florido (Campo Formoso), na familia Teodoro de Andrade. Aqui teve farmacia e casa comercial 1º Conselheiro do Conselho Distrital em 1890, 1º Presidente da Camara Municipal, jornalista, poeta, farmaceutico enfim, uma personalidade que empolgava a coletividade ituiutabana. Do sobrado ele mudou para a casa de Belmiro Malta, ainda inacabada, hoje de Isau Carvalho, no Brejo (rua 16, quase defronte da av. 9).

Mas o Sobrado, antes do baile e de morador tão ilustre teve outro hospede, por algumas horas. Foi um defunto. Senão, vejamos.

O Sururu de 1882

Em janeiro de 1882 houve um serio conflito que abalou a pacata população do arraial de S. José do Tijuco, semelhante a tantos outros que ocorreram em Minas, confirmando o brocardo latino «pequenas causas, grandes efeitos».

Ouçamos o relato de uma testemunha coeva desses acontecimentos: — «Claudino Lemes, mulato forte e espadaudo, muladeiro, viera para S. José do Tijuco a convite de seu protetor, Cap. José Caetano de Novais, chamado «José Pio».

Este residia no largo.

Certa ocasião recebeu Claudina de Virgilina de tal amancebada com o alfaiate José Antonio da Silva, vulgo Cacheado, 2 mimosas meninas suas filhas, para criar. Mais tarde, já mocinhas encantadoras a mãe voltou atrás desejando trazê-las para sua companhia, temerosas das tentações que as rodeavam. Claudino e mulher, já afeiçoados ás jovens, relutaram. Virgilina, previamente instruida, contrata os serviços do famoso rabula pratense, o advogado provisionado Antonio Augusto de Melo para reivindicar perante a justiça a posse das filhas. A decisão do juiz foi favoravel á mãe. Claudino, desde então, tomou forte rancor por Melo e certa feita ameaçou-o de desforço pessoal caso pisasse em terras tijucanas.

Não dando maior atenção á ameaça, Melo continuava vir a serviço ao arraial. Certa noite em que palestrava na casa comercial do Cap. Jeronimo, á luz do lampeão a querosene (esquina de 18 com a 9) Claudino irrompe inesperadamente e desfecha fortes porretadas na cabeça do rabula, que cai ensanguentado. Cap. Jeronimo procura defender o amigo com um cabo de vassoura, unica arma a mão.

Fugindo do flagrante e sendo o crime afiançavel. Claudino que fugira para Mato Grosso com Tucano, continua em liberdade, porém furtivo e cauteloso em não se meter em novas alhadas, a fim de não quebrar a fiança.

Na época organizara-se em S. José do Tijuco, pelo subdelegado, uma guarda policial provisoria de «batepaus», denominada «Guarda Voluntarias», a fim de cuidar do policiamento.

Horacinho, apelidado de «capitãozinho de escolta», era o chefe. Mestre carpinteiro, contava entre seus discipulos, com Pedro Nolasco, também engajado. Pelava-se Horacinho por encontrar Claudino a fim de provocá-lo, pois valentaço e famanás reagiria quebrando assim a fiança prestada, podendo ser encarcerado. Certa ocasião, na altura do Cotovelo, á noite, encontram-se. Discusão. A cena passa-se defronte da casa de Eva, mundana, situada acima do Cotovelo, de cujo interior surge imediatamente Jeronimo Tucano, João Satiro e Pedro Nolasco. Trava-se o conflito. Satiro e Nolasco atacaram Tucano, amigo de Claudino. Soracinho engalfinha-se com este. José de Paula (Cascudo), sogro de Horacinho, correndo em seu auxilio, ao atirar em Claudino acerta uma bala no genro. Nolasco dá uma garruchada na testa de Tucano, prostando-o. Seis tiros ecoaram no silencio da noite placida e do sarrabulho o saldo foi o seguinte: Horacinho tombou morto. Tucano, ferido, desapareceu misteriosamente. Claudino, com o estomago perfurado por 2 tiros de garrucha, foi arrastado da casa de Jeronimo Loló, para o Sobrado, onde ainda resistiu 6 dias, com vida. Quem foi, quem não foi — e as comadres entraram em ação. Os mexericos fervilham no arraialete.

Surge a desavença entre Novais e Martins. Para ser enterrado, Claudino foi conduzido á sepultura, ao lado da Igreja, por Chico de Sousa, em um carirnho de cabrito. Sua cova recebeu uma grande descarga de carabinas, assim como uma saraivada para o ar, cerca de 400 tiros, como aviso a outras pessoas. A esse tempo o Cemiterio Velho, atrás da igreja, ainda estava em construção pois, somente em setembro seria benzido. O curioso é que a descarga voltada para o largo, atingiu rudemente a capelinha do Rosario, inacabaca, avariando-a bastante e que nada tinha com a coisa. Criou-se um ambiente de intranquilidade. Os Novais mudaram-se para o Pará.

Com o tempo, eponja magnifica, o arraial foi voltando á pacatês e mesmice costumeira.

Esse episodio é contado de maneira excelente em «Caipônia», com outras personagens.

Curioso é que a essa época não havia cadeia em S. José do Tijuco. Os presos ficavam amarrados em casa do juiz de paz até vir a escolta que os conduziria ao Prata.

Chegada do Padre Angelo

A vinda do Pe. Angelo Tardio Bruno, para Ituiutaba foi um passo decisivo em seu futuro. Tanto isso é certo que, na verdade, a historia de Ituiutaba pode ser dividida em 2 capitulos — «Antes Pe. Angelo» e «Depois do Pe. Angelo».

Mas quem era Pe. Angelo? Nascido na cidade de Napolis, Italia, no ano de 1847, era filho de Francisco Tardio Bruno, (da aldeia de Frozinone (ou Frascati?), provincia de Roma. Viera para o Brasil abrasado do entusiasmo de catequizar indios, consequencia de apelos de parentes que residiam em Igarapava (S. Paulo), como o Pe. Angelo Petraglia, seu primo. Por designios imponderaveis, éi-lo em pleno Goiás, na paroquia de Amaro Leite e por ultimo numa remota povoação sertaneja — S. José do Tocantins (hoje Niquelandia).

Antonio Pedro Guimarães, em uma de suas andanças, veio a conhecê-lo e empolgado pelo entusiasmo do napolitano, em pleno vigor dos 35 anos de idade, convidou-o a vir paroquiar S. José do Tijuco, então ocupada interinamente. A fim de conhecer o lugar, aqui esteve em 6 de dez. de 1882, e combinado ficou a organização de um abaixo assinado dirigido ao bispo, a par de uma coleta de fundos com que pagar sua divida de 600 mil réis naquela pauperrima paroquia.

Fato interessante é que, submetida a sua apreciação o requerimento, não encontrando o nome de «Morais» entre os subscritores, escusou-se em aceitar declarando o motivo. Explicada a confusão, pois aquele era apenas o apelido de Guimarães, foi grande seu contentamento.

O certo é que a 20 de fev. de 1883 o bispo goiano baixava provisão incumbindoao Pe. Angelo Tardio Bruno de paroquiar a freguesia de S. José do Tijuco e encarregado também de S. Francisco de Sales. Continuou com o «S. José» das povoações trocando de rios — Tocantins por Tijuco.

Era domingo de Ramos o dia 18 de março, quando, á hora da missa, comunicou aos fiés tijucanos ali presentes aquela investidura.

Bastante querido, sob sua direção o culto floresceu com grande impulso. Ocupou vários cargos como: vereador especial em 1901; juiz de paz; cônego do cabido da diocese do S. Coração de Jesus, em Uberaba, a 18 de setembro de 1909; proto-notário papal, etc.

Cuidou da formação de seminaristas, fundou o Colégio S. Antônio e do futuro Colégio das Freiras, cujos alicerces ainda são vistos na rua 18. Acima da 21, em um lançante. Para execução dêsse ideal licenciou-se da paróquia, indo esmolar em paragens, longinquas como Santana do Paranaiba, Rio Verde e Jataí, numa época de grande depressão econômica no Triangulo. Paroquiou, além daquelas freguesia, a de Monte Alegre. Cuidou do erguimento da Capela da Abadia na sede e de diversas outras no ambito de sua extensa freguesia. Festas imponentes que marcaram época na redondeza as que aqui organizou. Trouxe, vindo de Goiás, Sá Chica, sua cozinheira, com o filho desta, bem como o criado Damasso. Seu pai, excelente fabricante de queijo cavalo, (erroneamente denominado Flamengo) aqui estêve, bem como o irmão Chichi.

Vitimado por um derrame cerebral em novmebro de 1917 deixou a paróquia a seu coadjutor, por ter perdido a memória.

Aos 73 anos de idade, já no Rio de Janeiro, veio a falecer no Asilo de S. Luiz Gonzaga, a 29 de junho de 1920 (?).

Ituiutaba ainda não resgatou a imensa divida de gratidão para com a memória de seu benfeitor: um jazido com os restos mortais e uma herma em praça publica.

O Arraial em 1883

Como teria encontrado o arraialete, Pe. Angelo quando aqui se fixou em fevereiro de 1883? Uma corrutela mais do que modesta.

Senão, vejamos, as casas cobertas de telhas que não completavam uma duzia:

a) **No Largo:**

1—Casa comercial e residência de Neco Vilela (esq. da 20 com a 7) — Solidamente construida pelo Major Carvalho para seu genro, Manuel Vilela de Andrade do tronco de Monte Alegre. E' a atual sede provisória do Educandário Sta. Teresa.

2) — Casa de tábuas de Pe. Fortunato, adquirida por José Caetano de Novais, na rua 20, local da casa de Hugo Carvalho.

3 — Casa de Candida Valim, espôsa de Sabino Romão Guimarães depois de Antônio Pedro Guimarães, (hoje de D. America Carvalho).

b) —**Na Rua do Comércio (rua 18):**

1 — Casa comercial e residência de Jerônimo Martins de Andrade (Internato do I. Marden).

2 — Casa comercial e residência de Manuel Caetano de Novais (ao lado do Cap. Jerônimo) extremidade oposta do Internato.

3 — Casa de Maria Bernarda, Cabra, mãe de Belina, Candinha e outros. (esq. da 18 com 13).

Obs. — Nesse tempo a do Cap. José Flausino Ribeiro (comercial) e a dos Prados estavam em obras (rua 18, entre 9 e 7).

c) — **Na Rua do Cotovêlo:**

No alto — Chácara de Zeca Alfaite, mais ou menos acima da Igreja da Abadia.

Obs. — Aas de José Joaquim do Prado (zé Biscoito) e Justiniano Alves Ferreira (?) oleiro, em obras.

d) — **Na rua do Capim (hoje 20)** os ranchos e tujupares construidas por Bernardo Barbudo auxiliado por seu

burrinho, trazendo das cercanias as varas para sua armação.

Por um desses fenomenos inexplicáveis, o bom Pe. Angelo simpatizou-se com êste povo simples do sertão e pôs mãos á obra.

Esquadrejou o grosso fedegosal que aqui havia e o cerrado além, traçando futuras ruas Touxe Jacomo Zarlo e Francisco Reinaldo, excelentes pedreiros, para as novas construções, saindo da fase do adobe e do pau-a-pique. Pedia dinheiro emprestado aos capitalistas, empregando-o em construções e uma vez prontas, cedia-as aos futuros moradores, muitas vezes bem abaixo do custo. Seu objetivo, entretanto, era povoar, encher de casas o vasto do chapadão.

Seu arreieiro Eduardo cuidando da «Joia», mula de estimação, Adão Vassoura e Januzzi, êste sacristão e secretário, andavam em grande azafama.

O povoado refervia, contagiado da exuberante vivacidade do italiano meridional, saindo da mesmice pachorrenta dos vilarejos adormecidos.

2.ª Visita Pastoral — Missões

Pela festa da Ascensão do Senhor, a 25 de maio de 1884 aqui chegou D. Claudio José Ponce de Leão, bispo de Goiás, a cuja jurisdição o Triangulo pertenceu até a criação do bispado de Uberaba, em janeiro de 1907. Pelo registrado no Livro de Tombo, os festejos decorrem prolongados e imponentes.

No ano seguinte, em março, chegaram os Pes. de Campina Verde, na pessoa do Pe. José de Maria, para pregar as Missões Apostolicas havidas em S. José do Tijuco. Em 1886, mais, eram os dominicanos que aqui vinham.

Capela Gentilicia

Quando de sua vis tiasp

Quando de sua visita pastoral a S. José do Tijuco, em setembro de 1885 D. Claudio benzeu uma «Capela Gentilicia» que a familia Martins de Andrade fizera construir no Cemitério Velho, atraz da Matriz. Ergue-se ela sobre o tumulo de D. Francisco Emireta.

1.ª Banda Musical

Sob os auspicios do Pe. Angelo, que apreciava a musica nas festividades religiosas, dando mais estimulo e esplendor ás solenidades, fundou-se aqui a 1.ª banda de musica da povoação, até então na dependencia das notáveis e famosas filarmônicas de Prata e de Monte Alegre. Em março de 1886, chegou a encomenda de 12 instrumentos adquiridos no Rio e doados á Matriz por Francisco Gonçalves Moreira (Guató), construtor da casa de Dr. Godinho (esquina de 20 com a 9) aqui exercendo o cargo de escrivão de paz, e de Pio Augusto Goulart Brum. Essa compra, realizada no Rio por intermédio de viajante assás conhecido, resultou de uma subscrição popular. Os instrumentos eram: 1 bombardão, (baixo), 1 bombardino, 1 piston, 2 saxe-horn, 1 requinta, 1 bombo e um par de pratos. Tinha sede na casa do proprio «Chico Mantelga» como era conhecido, adiante da casa de Cap. Plausino, na atual rua 18. Viera ele do Prata, terra de excelentes musicos. Contudo, durou ela um ano apenas. José Gonçalves Valim Pirai, de grandes iniciativas, funda então a segunda.

Fabriqueiro da matriz

Manuel Vilela de Andrade, o estimado «Neco Vilela», comerciante e figura de proa, foi convidado para o cargo de fabriqueiro da matriz, isto é, o administrador dos bens da Igreja local, por nomeação de Pe. Angelo, em 1887.

Clube Republicano

No tempo da monarquia somente havia 2 partidos — Conservadores e Liberais. O monarca exercia o chamado «poder moderador», escolhendo o que seria melhor entre o programa e atuação de ambos.

Em 1870, na cidade paulista de Itu fundou-se o Partido Republicano, por jovens entusiastas das idéias de Augusto Conte, da Revolução Francesa e da declaração de independencia norte-americana. Pouco depois, em Ouro Preto, fundava-se o Partido Republicano Mineiro, cujas sementes se espalhariam pela Provincia. No Triangulo, primeiramente o Prata, seguido de S. José do Tijuco, fundam a seção local do Partido.

O dia 15 de agôsto de 1887, dia de festa religiosa, teve aqui comemoração singular. Ali onde funciona o Internato Marden, ao tempo desidenera do Cap. Jerônimo, com certa imponencia, fazia-se a instalação do novo Clube Republicano de S. José do Tijuco, com 7 elementos bem antes da Republica mais de 2 anos. Um mês depois nova reunião para ser lido o manifesto redigido por Silvestre Lima, mulato inteligente, academico de medicina natural de Alpinopolis e aqui homizlado por estar envolvido acidentalmente na morte de um tio. Isaias de Sousa foi o ultimo sobrevivente desse pugilo de corajosos iniciadores, como se vê da foto junto exibida por ocasião dos festejos do Cinquentenário.

Um de seus fervorosos adeptos não teve a ventura de estar naquela reunião, pois falecera em janeiro. Era o Cap. João José da Costa Vale, da fazenda do Capim.

Até então o Partido Conservador local, sob a chefia de José Esteves de Andrade e o Liberal por Antônio Pedro Guimarães, tendo ao seu lado os Novais — José Pio e Manuel Caetano. A «Gazeta de Uberaba» glosou o fato zombando do débil Vagido tijucano na vastidão do Império.

Todavia um fato veio empanar de certo modo aquela instalação. E' que no momento, em casa Cap. Jeronimo estava nos extertores da agonia a escrava Andreza, cujos gemidos se casavam estranhamento ao arroubo dos oradores.

Abolição no Arraial

De Monte Alegre chegou o cargueiro com a correspondencia. Naquele dia, contrariando o costume, chegava ele todo enfeitado. Correrias pelo arraial. O que foi? E a nova se espalhou. Veio a «alforria» dos negros. Chegava a noticia da assinatura da Lei Aurea. Grande regosijo. Neco Vilela não se conformava com o que ouvia. A Monarquia estava louca, a Princesa, uma leviana! Saiu de casa em casa dos amigos, comentando em altos brados contra o modo como fôra realizada. Ele estava ameaçado de ir á miséria!... Ora as leis de 1831 e a de 1871 haviam situado a questão. A extinção do cativeiro seria questão apenas de tempo. Aqui, os liberais eram todos abolicionistas.

A Republica

A 19 de novembro aqui chegou a noticia da proclamação da Republica no Brasil. Caira o velho regime. Improvisou-se uma passeata com banda de musica encerrada com o Te-Deum. Pe. Angelo registrou os fatos com sintese e elegancia.

Recenseamento de 1890

A 31 de dezembro realizou-se em todo o Brasil o recenseamento geral. A freguesia acusou um total de 5.067 habitantes.

O CONSELHO DISTRITAL

Após a republica, antes de proceder ás eleições para aformação das novas Camaras Municipais, foram criadas as Intendências Municipais, com os Conselhos Distritais. Isto ocorreu em janeiro de 1890. Foram escolhidos 3 Conselheiros — Pio Goulart Brum, presidente, Antônio Pedro Guimarães e Constancio Ferraz de Almeida, fiscal: José Gonçalves Valim Pirai.

Para funcionamento do Conselho, necessário se fazia a aquisição de prédio para a sede. Lembrou-se do Sobrado. Uma subscrição popular cobriu a importancia de 3 contos de réis. Adquirido, ali foi instalado. Pio Goulart de lá se mudou para o Brejo.

ELEIÇÃO DE VEREADOR ESPECIAL

Em novembro de 1891 procedeu-se á eleição de um vereador especial do Distrito junto á nova Camara de Prata. Foi eleito por unanimidade o Pe. Angelo, tomando posse a 1.º de janeiro seguinte.

INICIO DAS FESTAS DO CARMO E DA ABADIA

Ainda em 1891 Pe. Angelo dava início aos festejos de N. Sra. do Carmo, em 16 de julho e de N. Sra. da Abadia, em 15 de agôsto, pela primeira vez em plagas tijucanas. Desta festa surgiu a idéia de se construir a Capela da Abadia. Escolhido o local foi erguido um cruzeiro ainda êste ano. Provisão para ereção da Capela em 1900, sòmente concluida e benzida em 1912, graças á pertinácia do «procurador da Santa», Constancio Ferraz de Almeida. Tendo falecido, uma comissão tomou a peito a realização da idéia.

REFORMAS DA MATRIZ — O SINO GRANDE

A pequena e modesta matriz encontrada por Pe. Angelo sofreu ao seu tempo, grande e pequenas reformas que melhoraram seu aspecto geral. Sòmente no século passado lhe foram aplicadas 4 reformas:

A 1.ª em 1883, ainda que ligeira; a 2.ª de 1885/87, obedecendo á planta de Ismael Noberto de Meireles, foram-lhe adicionadas galerias laterais e o pintor Manuel de tal, o mesmo que pintava efigies de Santos nas salas das fazendas e residencias, nela trabalhou.

Esta reforma custou cêrca de 3 contos de réis. A 3.ª, em 1889, com o pintor Joaquim Tomé dos Santos e a 4.ª em 1892.

Em 1900, ano da Virada do século, o Cap. Vicente José Muniz doou á Matriz um sono grande, no pêso de 10 arrôbas. Surgiu dai a necessidade de ornar a Matriz de tôrres imponentes, capazes de sutentá-los. São as tôrres vistas na fotografia.

A LIRA PROGRESSISTA

Coleto de Paula, egresso do seminário de Goiás chegou cheio de entusiasmo ao Arraial. Tocava pistom com perfeição. Na época, as 2 bandas de musicas, anteriores, estavam dissolvidas. Auxiliado pelo «cometa» Antônio Sereno, do Rio de Janeiro, fundou a 3.ª banda musical, esta de maior duração. Funcionou sua sede na atual rua 20, esq. 15 (Padaria Aurora). Sereno doou todo o instrumental adquirido no Rio, com a condição de escolher o nome da banda inscrito por êle no estandarte.

SOCIEDADE PROTETORA DA INSTRUÇÃO RELIGIOSA

Cuidando de amparar as vocações religiosas, em setembro de 1891, Pe. Angelo promovia grande reunião de elementos da sociedade e organizava a «Sociedade Protetora da Instrução Religiosa», com o objetivo de manter um bôlsa de estudos para seminaristas em Goiás.

A 1.ª arrecadação atingiu o soma de 154$400, o mesmo acontecendo no ano seguinte, com a 2.ª, na mesma importancia. Dois jovens uberabenses, á falta de pendores nos daqui, foram escolhidos: Coleto de Paula e Francisco Antônio Lourena.

VIA PLATINA

S. José do Tijuco, confiante em seu florescimento, almejava separar-se do Prata e constituir-se em municipio á parte. Já era bem diverso daquela minuscula corrutela de 1883.

Os pratenses, com olher de superioridade, apelidavam os tijucanos de «Fedegoso», em alusão ao vasto campo de fedegoso alto das cercanias, os daqui revidaram com as alcunhas de Vassoura ou de Cuspe de Garreiro, alusão ao carrapicho que ao pegar no passante, abre a cápsula com 4 sements espinhentas. Prata grudava e sucava seus distritos...

Era presidente do Estado de Minas Gerais o ilustre médico Silviano de Almeida Brandão, 4.º presidente constitucional, e que estêve no cargo de 7 de setembro de 1898 a 21 de fevereiro de 1902, quando se afastou por doença, então já eleito Vice-presidente da Republica, vindo a falecer prematuramente naquele ano.

Como secretário dos negócios do Interior o dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, mais tarde Presidente de Minas e por ultimo da Republica ao tempo da 1.ª Guerra Mundial.

A politica de Prata cindiu-se e os de cá acompanharam a ladainha. A facção de Antônio Augusto de Melo, famoso rábula e politico, ficaram ligados a principio os Martins. A de Francisco Itagiba da Costa, os amigos de Antônio Pedro Guimarães, Augusto e Pedro Alves Vilela.

Melo estava em oposição a Silviano Brandão. Este, numa manobra politica, para enfraquecer o adversário separou de Prata o distrito de S. José do Tijuco, criando a nova Vila Platina, revigorando sua força eleitoral.

O municipio foi então criado pela Lei estadual n. 319, em data de 16 de setembro de 1901, cujo cinquentenário comemorando brilhantemente há pouco. Pelo seu art. 1.º, n. 8, sabemos que — «Fica o m. de Vila Platina, composto dos distritos de S. José do Tijuco e N. Sra. do Rosário da Boa Vista do Rio Verde (Monjolinho».

Este hoje retornado ao m. de Prata.

Eleição e Instalação

Designado oficialmente o dia para as eleições, foram escolhidos pelo voto e empossados solenemente, no dia 1.º de janeiro de 1902:

Presidente — Cel. Pio Augusto Goulart Brum; Secretário — Aureliano Martins de Andrade (Licas); Vereadores (8) — Tte. Cel. Antônio Pedro Guimarães, Constancio Ferraz de Almeida, Cel. João Evangelista Rodrigues Chaves, (pelo distrito de Rio Verde), Marinho Dias Ferreira, José de Andrade e Sousa, Manuel Tavares da Silva, Manuel Bernardo Sobrinho e Antônio da Costa Junqueira.

Por acasião do cinquentenário da criação, em 1951, e o unico sobrevivente era o Sr. Licas Martins que ainda agora nos conta episódios interessantes de então.

Uma crônica da Epoca

Seria interesasnte recordar como Pe. Angelo mandou registrar por seu secretário o acontecimento, naquela linguagem sobria, em cujos refolhos descobrimos tantas emoções e festanças de arromba.

— «Por ato do Govêrno de Minas estava esta povoação elevada a categoria de Vila e no dia 1.º de janeiro de 1902 houve a festa da posse solene da nova Camara Municipal; havia comissão formada para encarregar-se dos festejos e esta comissão convidou o Rev. Paroco para depois do posse, cantar-se na Igreja um solene Te-Deum em hendimento de graça. Assim, opis, ás 11 horas da manhã a Camara Eleita, com grande numero de Povo reuniu-se na Igreja, assistindo a Missa cantada e do Templo, acabada as funções, foi êsse ao Paço da Camara, prestando o presidente o Compromisso da Lei, repetida a formula por todos os vereadores, declarou-se instalado o Municipio e dscursando sôbre o solene ato o Dr. oJsé Petraglia, como orador oficial; imediatamente a este falou o distinto Sr. Cel. Francisco Itagiba e apos deste, dado o mandato do Agente Executivo, Sr. Augusto Alves Vilela, o Presidente da Camara, Sr. Pio Augusto Goulart Brum pronunciou tambem o seu discurso e convidou a todos os presentes que, em procissão civica fossem á Igreja para dar louvores a Deus do grande acontecimento; foi-se, levando o estandarte municipal um dos veradores que entregou na porta do edificio a uma distinta donzela, acompanhada de outra que levava o estandarte da musica «Lira Congressista». Chegando ao templo, tomando os vereadores e as pessoas mais distintas assentos destinados, foi saudada a nova Camara pelo Paroco da frequesia, o qual imediatamente entoou o Te-Deum Laudamos, ao fim do qual todos de joelhos receberam a bênção do SS. Sacramento; acabado o solene ato a Nova Camara, foi para casa do Sr. Presidente e sempre acompanhada com musica levou o Agente Executivo até sua residencia, não falando dos outros atos da festa do dia; á tarde, na Igreja, houve novamente a bênção do SS. Sacramento... — «S. José de Vila Platina, 28 de julho de 1902 (a.) Francisco Antônio de Lorena».

Aspecto da Vila

Em janeiro de 1902 Pe. Angelo, percorrendo o olhar pela nova Vila, podia compara-la favoràvelmente com a antiga corrutela que conhecera. Agora já estava bem crescida e se compunha:

1 — Largo; 2 — Rua do Comércio (atual 18); 3 — Rua do Capim (atual 20) com suas choças de capim; 4 — Rua do Cotovêlo; 5 — rua do Brejo ou dos Manga-Largas (atual 16 entre a 9 e 13); 6 — O rêgo d'água; 7 — A Lagoinha (Caixa d'água velha, rua 18 entre 19 e 21); 8 — Chácara de Zeca alfaiate (atrás da Igreja da Abadia) indo até entre a 12 e 14); 9 — Chácara de Zé André casado com Sinhana André, biscoiteira famosa, defronte de Jerônimo Loló; 10 — Parreral do Tedeco (José Benevenuto Vilela de Andrade.

Arrabaldes: 1 — Pastos da Matriz (começava na rua 24 com a av. 7, por esta até o Córrego Sujo, deste até a av. 9 fechando defronte da 24, defronte de Carlos Martins Marquez. O curral deste pasto ficava defronte á casa de João Dutra). 2 — Chácara do Piral, no Córrego Sujo, altura da av. 17, nessa faixa passava a estrada salineira, com gado e tropas; 3 — Chácara do Horacinho, filho de José Paulino; 4 — Chácara do Camarguinho, na Ponte Velha, rumo da Caixa D'água; 5 — Salatiel, no Burrinho; 6 — a Piriqyuita, foz do córrego Piriquita no S. Lourenço; 7 — Donária (no Vau, do Pirapitinga, antiga saida para Sta. Vitória). Posteriormente ali esteve Sá Lia (D. Luiza mulher de Evaristo Marques), com rancho e pasto para o gado em transito; 8 — Chácara de José Joaquim do Prado, (Zé Biscolto), perto do campo de aviação atual; 9 — Chácara de Juca Guató, no braço direito do Pirapitinga (hoje Vila Santa Maria).

Saidas da Povação — As mesmas já citadas

O Largo da Matriz — Era bem maior que o atual. O perimetro limitado pelas atuais av. 7, rua 20 av. 11, rua 24 até encontrar-se com a av. 7. No alinhamento da atual rua 20, no largo encontravam-se apenas 3 moradias. Não existia a quadra entre 22 e 24, nas av. 7 e 9, bem como entre 9 e 11.

Fontes D'Água — O povo mandava buscar nas minas d'água, beira Pirapintinga (atual av. 11) e beira do Córrego Sujo, acima do Matadouro Municipal. Neca Vilela trouxe um oleiro de Franca e fabricou manilhas a fim de canalizar a excelente água da «Lagoinha» um lacrimal dentro de uma matinha para sua residencia.

Rua do Cotovêlo — Começava na rua 18, entre 17 (que não existia) e 19. Passava pela horta de Odilon Machado, Bar Xingu, (abaixo da Casa Damasco), a margeh do Rêgo d'água; dai á casa de Gabriel Velho (esq. 20 com 13) em demanda do Largo.

Beco — Ligando a rua 18 ao largo, saindo rumo á av. 11.

Os Manga-Largas — Era 3 irmãos: Manuel Manga-larga Gonçalves, José Manguinha e Beijo. Residiam na rua do Brejo, entre 13 e 15. Davam festas frequentemente.

Moradores da Vila

Rua 18

Lado Direito:

1 — João da Costa (máquina de arroz, antes da av. 5).
2 — Prof. Laurindo José de Oliveira.
3 — Carmela Januzzi.
4 — Januzzi.
5 — Casados Prados (esq. av. 7)
6 — Tiburcio.
7 — Quartel Policial.
8 — Cazequinha de Sousa.
9 — Sobrado (esq. av. 9).
10 — Cap. Jerônimo (Internato do Marden).
11 — Antônio Raimundo Gonçalves (esq. 11) — Tipo curioso aqui aparecido. Negro do olho azul, ourives, comerciante e boticário, fundador da loja maçônica «Ciência e Trabalho», velu de Santana do Paranaiba. Ali mais tarde seria o «Bazar do Povo» de Arlindo Teixeira sucedido pelo «Bon Marché».
12 — Maria Bernarda (esq. 13).
13 — Emiliana (foi de Mexicano, esq. 13 defronte de Lafaiete Vilela.
14 — Pe. Angelo (paroquial).
15 — Antônio Pedro Guimarães (Tonico Guimarães).
16 — Manuel Tavares da Silva, português (Gerônico Chaves).
17 — Tobas Junqueira (D. Augusta Resende Junqueira).
18 — Leleco (atual casa de Fausto Próspero, esq. 15).
19 — Antônio da Costa Junqueira (Gildo Cancela).
20 — Maria Davi.
21 — Um brejinho existente.
22 — Escola de João Fonseca (esq. 19 (Dr. Nicdemos Macedo).
23 — João Felicio (morfético) local da (Casa de João Coury, esq. 21).

Lado esquerdo:

1 — Horácio Martins (defronte Internato Marden, fundos da Casa de Saude S. oJaquim, local dos circos de cavalinhos, antigamente).
2 — Dr. Petraglia-médico (esq. 13 defronte de Só-Lé-Franco).
3 — João Gonçalves Dutra (Lafaiete Alves Vilela).
4 — Francisco Alves Vilela (Tita Andrade).
5 — Manuel Tavares da Silva, portugus 1.º prédio da Maçonaria, depois Colégio Chagas Leite ao lado Dr. Hélio Benicio de Paiva.
6 — João Gomes Pinheiro (esq. 15).
7 — Joaquim Taboca (defronte de Gildo Cancela).
8 — Periquita.
9 — Maria do Carmo (esq. 17, oposto ao atual sobrado de Calixtinho Féres).
10 — um Brejo.
11 — Joaquim Machado (oposto ao Dr. Nicodemos).
12 — 2.º prédio da Maçonaria (Armando Frattari).
13 — Fiuco.
14 — Maria Candida.
15 — Pe. Angelo.
16 — Salatil Moreira (defronte de Sadala Jorge).

Rua 20

Lado Direito:

1 — José Dias Ferreira (atual casa tapando a av. 11, de Otávio Frattari Sobrinho.
2 — Gabriel Velho (esq. defronte da farmácia Féres, futura sede do Banco do Brasil) Ali funcionou também o Colégio S. Luiz.
3 — João Tavares da Silva (português) atualmente Grupo Escolar Ildefonso Marcarenhas da Silva.
4 — Mariquinha Pescadeira (esq. 15, atual Pensão Amazonas).
5 — José Franco, pai de Sangote (Caixa Econômica Federal) (esq. 15).
6 — Geracina (sogra de Coleto) Padaria Aurora.
7 — Barbearia de José da Geracina.
8 — José Gordo (José Flausino Ribeiro Filho) hoje residencia de Manuel Afonso Cancela.
9 — João Campos (Abdala Moussa).
10 — José Taquaril (esq. 17, Casa Damasco).
11 — Escrivão José Candido de Sousa e onde funcionou primeiramente o grupo escolar João Pinheiro da Silva, hoje defronte) local da residência de Odilon Machado.
12 —Rancho de Capim de Chico Escuriatti (hoje escola Sta. Terezinha de D. Clorinda Junqueira).
13 — Joaquim Antônio de Silveira Garcês, sapateiro (Tomás Paranaiba, garage defronte á Caixa D'água Velha).
14 — Cerrado até Maria Candida Patricia (parda) acima da av. 23 e 15 —Severino Lemos do Prado.

Lado Esquerdo;

1 — Licas Martins (Aureliano Martins de Andrade, figura estimadissima na cidade, (esq. 13, hoje Farmácia Féres).
2 — Maria Procópio (hoje Hotel Tiradentes).
3 — Iria, mundana.
4 —Priscilliana (Dr. Cunha Campos).
5 — Madalena Velha (Selaria, esq. 15).
6 — Maria Periquita, também 1.º Quartel Policial (Casa Comercial de Nagib Yunes, esq. 15).
7 — Joaquim Vilela (D. Severiana Vilela, defronte agência Ford).
8 — Francisco Pedro de Sousa.
9 — Caixa D'água de Neco Vilela (adiante da Pensão Brasil).
No Morro: 10 — Tonico, Musico.

Rua do Brejo (atual 16)

Lado Direito:

1 — Antônio Atanásio.
2 — José Vilela.
3 — Farmácia Vitória, esq. 9 (Salim Bittar).
4 — D. Luizinha Martins (Caseca Martins).
5 — Augusto Alves Vilela (esq. 13).
6 — José Augusto Vilela.
7 — José Justino (Zé Cozinheiro).
8 — José Teodoro, ourives que fêz a coroa da Imagem de N. Sra. da Abadia.
9 — Um Brejo.
10 — Rita Pecadora (fundos do Pôsto de gasolina Minas-Goiás).
11 — Henrique Pereira dos Santos, fabricante de potes.
12 —José Gomes Machado (esq. da Praça da Abadia).

Lado Esquerdo:

1 — José Português (sua viuva Revertina), esq. av. 7.
2 — Pedro Goulart.
3 — José Fonseca (professor).
4 — Adelaide.
5 — Pio Augusto Goulart Brum (hoje de Isau Carvalho).
6 — José Quirino de Morais.
7 — Marinho Dias Ferreira (vindo de Cássia Sudoeste Mineiro).
8 — José Dias Ferreira.
9 — Um Brejo.
10 — Antônio André (defronte da av. 15).
11 — Marcolina (lado do pôsto Minas-Goiás).
12 — Vicentão Ferreira — estafeta dos Correios.
13 —Um Cerrado.
14 — Chácara de Antônio Beltrão.

Guarda Nacional

A' época da criação da Vila, a Guarda Nacional, sediada no arraial se compunha de: Comandante, Coronel Pio Augusto Goulart Brum; Tenente Coronel, Antônio Pedro Guimarães; Major Ferraz de Almeida, Capitães: Jerônimo Martins de Andrade, Pedro Alves Vilela; Tenente José Joaquim Bernardes; Furriel Antônio Joaquim Alves.

E outros. Nos dias de festa envergavam vistosa farda de flanela azul marinho, com aplicações de tiras vermelhas na tunica e calça, gola com aplicações de folhas douradas, dragonas também douradas sôbre os ombros, sopesavam espada e á cabeça a barretina republicana.

Vias de Comunicação — Estradas e Pontes

A estrada principal, a «estrada salineira» em demanda de Uberaba, se extendia na direção de Prata e Verissimo. Um carro de boi, com 8 a 10 juntas, dispendia 8 dias nessa viagem, em busca de uma carga de sal, alimento indispensável para o gado, vindo das salinas do litoral para Uberaba, centro distribuidor.

Três estradas conduziam ao Prata. A mais antiga bordejava o rio Tijuco, estrada liquida que norteou os primeiros entrantes, em busca das Três Barras, com o seguinte roteiro: Van do Horacinho (Córrego Sujo) — Ponte do S. Lourenço (acima do atual), fazenda dos Morais, Córrego do Lajeado, Emerenciano Ferreira, Ribeirão de Sta. Rita, Córrego Quebra-Dentes, Cemitério dos Tonás (Boa Vista), Fazenda do Furriel Alves, ribeirão do Fabiano Gabriel Pires Alves, Fazenda das Três Barras, Gabiru, Maria Rosália e Prata.

A segunda, pela ponte do Camarguinho (avô de João Camargos), no Córrego Sujo. Vau do Burrinho (ao lado da Chácara de José Bertolucci), Ponte da Periquita (no S. Lourenço, Candinho Felizardo (córrego da Porteira), Jonas Batista Franco, Severino Vilela, rio Douradinho, Pintassilgo, Espraiado (antiga fazenda do Pe. Gouveia), rumo ao Prata.

A terceira saia pelo alto, no córrego do Burrinho, Ponte da Periquita, Fazenda de João Miguel Franco, Gafanhoto, Lagoa Inácio Franco, no córrego das Contendas, Lobeira, João Batista Vilela nas cabeceiras do S. Lourenço (ultimamente de Totônio de Oliveira, por onde passa a atual rodovia) e dai pelo vale, rumo ao Prata.

Para Monte Alegre — Rumo a Goiás por Itumbiara ou para Uberlandia, o trajeto era: A mesma do Prata até ao Furriel. Daqui rumo ao Vau do Tijuco, por baixo da fazenda das Três Barras, Juca Vilela Velho em direção a Monte Alegre.

Para Goiás saiam 2 estradas e atravessavam o Paranaiba nas ponte de S. Jerônimo, Três Barras e Cachoeira Dourada.

Pontes

Sôbre o Córrego Sujo havia duas pontes — a do Camarguinho (José Joaquim de Camargos) na altura da Caixa D'água e mais tarde e de Salatiel Moreira.

S. Lourenço — A 1.ª, chamada ponte da Periquita (mãe de José Joaquim da Costa, famoso carpinteiro) rio acima da atual mais de 6 km. Foi construida por David Antônio da Costa (avô do atual prefeito, Dr. Davi Ribeiro de Gouvela) em 1860, mais ou menos. A segunda ainda ai está, saida da rodovia para o Prata. Por esta Periquito cobrou 7 contas pela confecção tendo uma subscrição popular completado a importancia.

Sôbre o Tijuco — A primeira de que se tem memória foi construida por João Manuel Franco (o velho), que em 1856 já era falecido. A enchente levou-a. Dela foram jogados ao rio 2 negros acorrentados, de certa feita. Por um largo periodo ficou sem ponte. O «Vau» acima da barra do Carmo dava passagem ás alimárias e carros de boi, na séca. «Chico Lenha» organizou um serviço de balsa, com correntes, auxiliado por 3 filhos; Maria Miquelina além de Guilherme. Canoas e «barcos de voga», também ai navegavam. Em 1890 Piriquito, auxiliado pelos Maltas, construiu a segunda ponte, com pilares de madeira, recebendo auxilio e cobrando pedágio de cavaleiros e carros de boi. A terceira foi Joaquim Cruz, português, quem a construiu e é a atual.

Ponte da Prata — Era o «Vau da Jacuba» a passagem antiga. João Gomes Pinheiro, mestre carpinteiro afamado construiu a 1.ª em 1900, mais ou menos. Terminada a obra, bastante sólida, exclamou orgulhoso: «Está tão sólida que nem Deus a pode arrancar».

«Cinco meses após, no mês de janeiro, uma enchente descomunal arracou-a de uma só vez.

Manuel Angelo de Sousa, mais tarde, aprazado para construir a 2.ª que ainda existe no local.

Cruzeiros, Cemitérios, Capelas e Povoações

Cruzeiros — O 1.º cruzeiro foi o da Capelinha do Córrego Sujo.

O 2.º o do Largo. O 3.º foi erguido em 1890. Destruido o 2.º por um raio, fenômeno meteorológico frequente na região, cuidou-se da construção de seu substituto. Periquito foi contratado. No momento de sua ereção, com Freis Vicente da Costa e Raimundo Leão e com «grande ajuntamento do povo», as cordas cederam e veio abaixo com grande estrondo, deixado o povo desapontado. Periquito não se deu por achado e em pouco outro surgia no mesmo local, e é o atual defronte da matriz. Interessante que até bem próximo dêle havia em 1900 algumas catacumbas, limites do cemitério, pois não existia o trecho da av. 7, defronte da matriz, como hoje.

Ao Cemitério velho, a 25 de março de 1885, por ocasião de umas Missões Apostólicas, o povo levou aos ombros um cruzeiro, em penitência lá erguendo-o.

Cemitérios da Zona Rural! — Bastante extenso o umbito da freguesia, impossivel trazer todos os defuntos para serem enterrados na sede. Assim é que encontramos o registro dos seguintes:

MINAS GERAIS

ÓRGÃO OFICIAL DOS PODERES DO ESTADO

ANO LXXIII — BELO HORIZONTE, SEXTA-FEIRA, 11 DE JUNHO DE 1965 — N. 109

a) Cemitério de S. Jerônimo (Curinhatã) — A 28 de agôsto de 1874 ali foi inumado o cadáver de um escravo dos herdeiros de José Venancio Machado; em 1884, nesse mesmo mês, o de João, escravo pertencente aos herdeiros do finado Joaquim Alves Duarte; a 6 de outubro de 1891, o da mulher de João Coelho de Morais.

b) — Cemitério da Santa Bárbara — Em 1874, a 18 de agôsto, foi enterrado José Bonifácio de Medeiros; a 17 de nov. de 1891, Vicente Gonçalves Ferreira.

c) —Cemitério da Chácara (adiante do Salto) — A 1.º de nov. de 1878 Serafim Vieira dos Santos; a 19 de janeiro de 1898, João Paula dos Santos.

d) Cemitério dos Baus (Particular) — A 2 de abril de 1887, o liberto Germano.

e) — Cemitério do Canal (Particular) — A 12 de outubro de 1889, Maria Candida, com 15 anos, mulher de João Batista Confessor.

f) — Cemitério dos Patos — A beira da estrada boiadeira, próximo do Córrego do Varião. O português José Nunes Albino teria sido o seu doador (?).

g Cemitério do Boi (Santa Vitória) — A 12 de janeiro de 1898 faleceu Joaquim Antonio da Silva e «foi sepultado o seu cadáver no Cemitério Novo do Boi, em S. Jeronimo».

h) Surgiram posteriormente os do Mosquito, o do Ferradura, no Gafanhoto e de Capinópolis.

Capelas e Povoações

Santa Vitória — Manuel Joaquim Alves (vulgo Paranaiba), natural de S. Tomé das Letras, próximo de Baependi, veio para a zona da «mata do Paranaiba» onde tornou-se grande latifundiário no ribeirão S. Jeronimo Grande.

Dai o povo mudar seu nome para «Paranaiba». Falecendo aos 72 anos de idade em 1888, pouco antes da Abolição, vindo seu corpo a ser enterrado no povoado, trazido em banguês, carregado a braços por toda escravaria que o adorava. Isso se deu a 24 de março e com a enchente, passaram o banguê sôbre duas mulas, no vau da Jatuba. Em seus negócios, muitas vezes pagava com porções de terra, numa época em que havia pouca moeda divisionária no interior. Seu guarda-sol branco era conhecido em toda a redondeza.

Foi êle o doador do patrimonio para uma Capela dedicada a N. Sra. das Vitórias, protetora da Batalha decisiva de Lepanto, entre as armas cristãs e as do Crescente, 4.700 alqueires. Morto o velho, o filho José Joaquim Alves Paranaiba convidou o agrimensor Cel. Emidio Marques do Prata para fazer a divisão e o registro da doação se fêz em cartório naquela cidade. Em 1898 foi inaugurado o Cemitério. Auxiliado por Fulano Barbosa, procurou Pe. Angelo e êste em 1904 promove um muxirão para abrir-se um rego dágua saido do Córrego do Boi, afluente do Paranaiba, junto ao Cemitério.

Isso durou vários dias. Fêz-se uma capelinha provisória e ergueu-se um cruzeiro. O local dista 36 km. das margens daquela caudal. Os 1.os moradores foram Joaquim Coelho, José Luis Custodio (Miranda-, Salustiano de Morais e os Rufinos (valentões). Em setembro de 1916 foi benzida essa capelinha, levada daqui uma imagem antiga de N. Sra. do Rosário. A festa foi bastante concorrida, com banda de musica, familias em carros de boi e muita gente a cavalo. Em 1918 passou a chamar-se Santa Vitória.

Com os Pes. Estigmatinos, Pe. Tondin em 1935 deu inicio á 2.ª igreja, que ainda lá existe. Hoje é municipio autonomo.

Capinópolis (antigo Capim) — Joaquim Maximiano de Almeida, vindo de S. Sebastião do Paraiso (sudoeste de Minas) foi casado com Maria Francisca. Aqui chegado, localizou-se á margem do Bauzinho, divisando com as terras do Cap. João José da Costa Vale (oriundo de Franca) e após a morte deste, passaram elas para Joaquim Severo da Costa. Seu filho Jeronimo Maximiano de Almeida e sua mulher foram os doadores do patrimonio para a Capela de S. Pedro, com 5 alqueires retirados da Fazenda Ideal.

Em 1927 Pe. Magalhães esteve ali realizando batizados em fazendas «no lugar do Capim». Em 1935 Pe. Tondin procedeu á benção da atual capela.

— Gurinhatã (antigo S. Jeronimo) — O nome amerindio significa «sanhaço azul», nome da Euphonia Aurea, familia dos tanagrideos. A fazenda de S. Jeronimo Pequeno, nas cabeceiras do ribeirão desse nome pertenceu a José Venancio Machado de Resende falecido antes de 1874. A' beira da estrada debaixo de frondoso jatobazeiro, ergueu-se um cemitério, o «Cemitério do Jatobá».

Sucedeu-lhe na posse José Nunes de Medeiros, que por sua vez vendeu-a a Antonio Bartolomeu, vulgo Antonio Abadia, por ser natural de Tupaciguara (antiga Abadia do Bom Sucesso). Ao fazer a divisão entre herdeiros, Hilário Guimarães foi se afazendar no perimetro do atual patrimonio da povoação. José Martins Lameu (nascido a 24 de agosto, S. Bartolomeu, dia aziago pela matança dos huguenotes na França) oriundo do Prata, foi o doador do patrimonio, inaugurado festivamente a 25 de maio de 1930. Por titulo passado em set. de 1930 oficializou-se a doação em escritura publica. Nos fundos da Capela, cerca de 200 metros, ao nascente, está o primitivo cemitério. Em nossas pesquisas fomos encontrar ao lado o cepo do jatobazeiro que o machado destruidor a pouco havia derrubado...

Na casa do Cornélio Antonio Ferreira, Pe. Magalhães realizou diversos batizados em junho de 1928.

Dedicada a S. Jeronimo, o tradutor da Vulgata, foi benzida em 1942 pelo bispo diocesano.

— Ipiaçu (antigo Fundão) — Situada á beira do Córrego do Fundão, a 12 km. do rio Paranaiba, a para o qual aflui, é de organização recente. Foi o professor de letras, o baiano Benedito Valdemar da Silva, ai residente há tempos, o seu iniciador doando o patrimonio em 1946. Proprietário do terreno, cuidou de formar a povoação. Sua capela dedicada a N. Sra. da Aparecida, está quase ultimada.

— Patuá — Não é nova a «Capela do Divino Padre Eterno», devoção divulgada em Goiás, com as festas da Trindade, 1.º domingo de junho.

— Grama — Está em construção a capela dedicada a S. João Batista.

— Mosquito — «Sapela do Divino Padre Eterno», doação feita por Gustavo (Cigano).

— Córrego da Lagoa — Capela de N. Sra. do Rosário.

— Barreirão — Capela de Santo Antônio de D. Verônica Parreira.

— Capela de Santa Madalena — A familia de Bedego Alves, num gracioso cômoro ao pé do qual passa a rodovia para Prata, cabeceiras do Sr. Lourenço e próximo da divisa dos 2 municipios, deliberou erguer ali a Capela de Sta. Madalena. Lá no alto. Uma ventania havia avariado, irremediàvelmente, a ultima vez que vimos.

— Vigários —

Pe. Angelo Tardio Bruno, agora Cônego Angelo, adoecendo em 1917, passou a ter coadjuvantes e depois sucessores. Assim, vejamos:

1906 — 1913 (24 de junho) — Pe. José Senabre, coadjutor.

1917 (10 de fevereiro) — Pe. José Bento Martins de Carvalho Ramos, idem.

1917 (2 de novembro) — Pe. Augusto César Monteiro (português).

1918 — Pe. Luis Antônio Soureiro.

5.º Vigário — 1918 (novembro) — 1926 (março) — Pe. Augusto César Monteiro.

Encarregados da Paróquia:

1926-31 (27 de junho) — Pe. Jose Magalhães Gonçalves de Sousa — veio de Monte Alegre e ainda ali se encontra.

1931-32 (10 de junho) — Pe. Cristovam Parfirio de Almeida Machado.

1932-33 (24 de outubro) — Pe. Antônio Cerbella (Italiano) — 1.ª vez.

Vigário Substituto: 1933 (outubro a dezembro) — Pe. Isaias Lagares, atualmente Cônego em Uberaba.

1933-35 — Pe. Antônio Cerbella (2.ª vez).

Padres Estigmatinos — Deriva êsse nome do Convento junto á Igreja dos Santos Estigmas de Cristo, em Verona — Italia, onde o venerável Gaspar Bertoni fundou-a.

Contrato com o bispado de Uberaba.

6.º Vigário: 1935 (10 de fevereiro) — Pe. José Tondin, tendo como coadjutor Pe. Julio Sief.

Familias Tradicionais

Em nosso trabalhos «Familias Triangulinas (Notas Genealógicas)», livro em fase de conclusão, anotamos dados genealógicos de 32 familias desta região, entre as de descendência mais numerosa e radicadas de longo tempo nos municipios de Prata e Ituiutaba. Folheando-o, podemos anotar, aqui algumas largas pinceladas:

1 — Familia Franco — Foi o casal Inácio Franco e D. Benta Francisca Romana o tronco dessa familia triangulina,

Vieram êles da fazenda do Barreiro, em Caldas (sul de Minas) cêrca de 1930, para a fazenda do Córrego dos Baus. Deixaram 12 filhos. Faleceu o genearca em 1842.

2 — Familias, Andrade e Martins — Vindos da zona de Lavras; o Alferes Antônio Joaquim de Andrade, casado com D. Candida Umbelina de Andrade, acompanhada de 2 genros, se localizou em Patrimônio, zona de Prata; Antônio José de Andrade e sua mulher Ana Candida de Andrade, com 10 filhos, em S. José do Tijuco; José Esteves de Andrade (1.º) espôso de D. Maria Candida de Andrade, com 4 filhos, também. Da fazenda do Cabaçal o Tenente Emerenciano Alves de Andrade, casado 2 vêzes e seus irmão Joaquim Alves de Andrade.

Os Martins Ferreira, da zona de Carrancas, representados pelo casal José Martins Ferreira — D. Luzia Maria de S. José e 4 filhos; José, Francisco de Paula, Joaquim e Antônio Martins Ferreira.

3 — Familia Carvalho — O Major Francisco José de Carvalho, oriundo de Manuel Tomás de Carvalho e Ana Joaquina Monteiro de Andrade, vindo em 1854 para o Triangulo, tornou-se um dos maiores proprietrios na região entre Prata e Ituiutaba. Foi casado 2 vêzes.

4 — Familia Vilela — Das mais numerosas, encontramos 2 ramos: Vilela, oriundos de Boa Esperança (sul de Minas) para o Prata; Vilela de Andrade, descendentes de Fernando Vilela dos Reis e D. Rita Porfiria de Andrade, da fazenda das Flores; Alves Vilela, tronco português, em Sabará e depois Cana Verde, Campo Belo e dali para Ituiutaba, representados pelo Cap. Pedro Alves Vilela e Augusto Alves Vilela, de projeção na Vila.

5 — Familia Morais — O doador, Joaquim Antônio de Morais deixou numerosa descendência hoje encontrada no Campo Alegre. Os Ferreiras de Meneses a ela estão ligados.

6 — Familia Morais — Guimarães — O português João Martins Guimarães casou-se no sul de Minas com Antônia Teodora de Jesus, filha do português Joaquim Antônio de Morais e de Rita de Freitas. O casal teve 7 filhos, entre os quais Antônio Pedro Guimarães, o Morais como era conhecido, de larga atuação no progresso de S. José do Tijuco. Os Valins estão entrosados aqui.

7 — Familia Alves de Gouveia — Sobrinhos do Pe. Antônio de Gouveia, vieram de Lavras para a zona.

8 — Familia Costa — Gouveia — Portugueses casados na familia Franco, vindos para aqui em 1854, da zona de Borda da Mata e Pouso Alegre.

9 — Familia Novais — O português Manuel Novais casou-se com a italiana Maria Vitória Caetano. Dos dois filhos do casal; os descendentes de Joaquim Vieram para o Prata, Monte Alegre e Ituiutaba. O Cap. José Caetano de Novais o «bravo» foi casado com D. Helena Clara de Andrade, filha do Ca. José Flausino Ribeiro.

10 — Familia Macedo — Portuguêses localizados em Patafucio (Pará de Minas) deram origem aos Rodrigues de Macedo, da fazenda dos 2 Montes, casou-se na familia Freitas Silveira, falecendo em 1854. Entre outros descendentes estão ai o Dr. Nicodemus Macedo, engenheiro e Dr. Petrônio Roiz Chaves, médico, brilhantes intelectuais triangulinos.

11 — Familia Chaves — Oriundos de Logoa Dourada zona de S. João del Rei, vieram por Bambuí para Campina Verde.

Cap. Camilo Roiz Chaves, figura singular na região é seu genearca. Esta familia está bem estudada na monumental «Gencalógica Mineira» de Artur Resende.

12 — Familia Ribeiro — Cap José Flausino Ribeiro, casado na familia Andrade; Alferes Manuel Ferreira Ribeiro, um dos primeiros posseiros, estava na fazenda da Bela Cruz em 1825, Vicente, casado com D. Leopoldina Francisca da Conceição; Antônio de Freitas Ribeiro, com D. Maria Felizarda de Jesus; Vicente Francisco Ribeiro, com D. Maria de Jesus.

13 — Familia Muniz — José Ricardo Muniz, do mesmo nome paterno, casou-se com D. Mariana Beatriz da Conceição. Vieram de Campestre (sul de Minas) para a fazenda de Sta. Rosa. Seu irmão Vicente, tornou-se famoso carimbamba na região.

14 — Familia Camargos — Antônio José da Silva Camargos, vindo de Campos Gerais (sul de Minas) em 1830, trouxe 3 sobrinhos, entre os quais Camarguinhos — José Joaquim Camargos, casado com D. Maria Joaquina de Jesus.

15 — Familia Prado — Os 7 irmãos Prado vieram da zona de Pium-i. José Joaquim do Pardo aqui faleceu em maio de 1892, era filho de José Lopes do Prado. Mariana do Prado, figura popular, conhecida pelas criticas mordazes e chistosas não perdoando os chefões do lugar.

16 — Familia Moura — Na zona entre Curvelo e Pirapora, em 1742 foi se afazendar o Alferes Manuel de Moura de Magalhães, tronco dessa geração que de Campina Verde se espalhou na região pelo casal Evaristo de Moura e D. Helena Prescilina de Magalhães, prof. em Campina Verde.

17 — Familia Pereira — Havia na zona de Monte Alegre 3 familias Pereira: João Pereira «Bravo» — na Soledade do Novo Sul; João Pereira «Rabão», em Monte Alegre e João Pereira «Teimoso» na fazenda da Babilônia, que faleceu acidentado numa derrubada, por teimosia.

O Binômio em Marcha

Obstinados adversários do governo de Minas são incapazes de negar o sentido renovador e dinamico da atual administração do Estado. A regra, no Brasil, é que os programas de ação governamental nunca saem do dominio das boas intenções de quem os organiza. A opinião publica já se habituou de tal modo á inanidade desses roteiros de trabalho, que não esconde certo espanto quando um governo realiza aquilo que promteu ao povo. Se não é esse o estado de espiritodos mineiros em face do que vem fazendo o Sr. Juscelino Kubitschek, há qualquer coisa de realmente significativo na espontaneidade e no calor das manifestações com que o governador do Estado é acolhido pelo povo em suas visitas aos municipios.

Sem nenhuma duvida, o que essas manifestações exprimem é o aplauso de Minas não só á natureza da tarefa que vem o governo executando, mas também ao exemplo de fidelidade á palavra empenhada pelo chefe do Executivo. O que concorre ainda para valorizar a ação do sr. Juscelino Kubitschek é que ela se vem desenvolvendo através de dificuldades que desencorajariam um administrador menos possuido de espirito de decisão. Para poder realizar a sua tarefa o governo começou por recrutar colaboradores á altura das responsabilidades imposta por essa especie de corrida de obstáculos a que se ia lançar. Acertando a mão na escolha desses auxiliares, o Sr. Juscelino Kubitschek está dividindo com eles a vitória da sua administração. Pode-se dizer, com efeito, que tem o binômio três executores principais, além do chefe do governo: o Sr. José Maria Alkmim, que lhe assegura apoio financeiro, através de uma luta sem trégua na sua pasta; o Sr. Lucas Lopes, que responde pelo setor da energia elétrica; e o Sr. Celso Murta, a cuja capacidade técnica foi confiado o programa das construções rodoviárias. Atuando sob as vistas do sr. Juscelino Kubitschek, sempre atento aos menores detalhes da execução do binômio, esses três colaboradores do governo apresentam entre si a afinidade da vocação realizadora. De outro modo, não seria possivel levar a efeito em tão pouco tempo as obras que já figuram no ativo da atual administração. Em tôdas as regiões do Estado sente-se hoje a presença de uma nova mentalidade de governo. Modernas rodovias rasgam em tôdas as direções o território mineiro, enquanto se constroem em vários pontos de energia elétrica. E' o binômio em marcha, o que equivale dizer — é Minas caminhando apressadamente para a recuperação total das suas fontes de vida. Dentro de dois anos, estará concluida a obra revolucionária que assinala este periodo feliz da história administrativa de Minas. E é natural que não falte ao governo, como não tem faltado até agora, a solidariedade de uma opinião publica habituada a fazer justiça aos que realmente se mostram dignos de seu apoio.

MELHORADA SENSIVELMENTE A SITUAÇÃO ECONOMICO-FINANCEIRA DO ESTADO

Bocaiuva (Do enviado especial de Asapress) — Atingimos esta cidade, viajando num «Bonanza», da OMTA, cerca das ..... Belo Horizonte. Bocaiuva, pequena, porém, importante cidade do Norte de Minas, está situada a cerca de quatrocentos quilometros de Belo Horizonte. Sua importancia internacional decorre do fato de aqui ter sido o ponto estratégico escolhido pelos astronomos e cientistas norte-americanos e finlandeses para observar o eclipse total de 1949. A importancia estadual decorre do fato de ser a terra natal do atual Secretário das Finanças do Estado, o sr. José Maria Alkmim, nome que rapidamente se projetou no cenário politico nacional por sua capacidade de ação e profundo estudioso que é dos nossos problemas juridicos e economicos.

Pilotado pelo comandante Galdino Pinheiro Junior, o «Bonanza» sobrevoou a cidade antes de descer no campo de pouso, num anteaviso inteligente de que iriamos precisar de ajuda de um carro para podermos atingir o ponto final do nosso objetivo: entrevistar o Secretário das Finanças de Minas, que aqui se encontra gozando de um merecido, porém, parcial repouso na fazenda de propriedade de um amigo. Dissemos repouso parcial porque, diariamente, o Dr. José Maria Alkmim está em contato com sua pasta, despachando os casos mais importantes. Na Secretaria, um grupo dedicado de funcionários, tendo á frente o Dr. Geraldo de Freitas, seu chefe de gabinete, prepara o expediente e vai facilitando a tarefa do Secretário, proporcionando-lhe tranquilidade no retiro onde muito trabalha, no estudo dos grandes problemas que afligem, no momento, as administrações estaduais, especialmente das grandes unidades como Minas, o Estado que mais constroi e mais realiza na hora presente.

Melhora a situação economico-financeira de Minas

Com sua cordialidade costumeira, recebeu-nos o Dr. José Maria de Alkmim e logo entreteu-se numa palestra cordial, sem o retraimento que caracteriza os homens publicos quando defrontam o jornalista.

— «A situação economico-financeira do Estado de Minas está sensivelmente melhorada, — declarou-nos inicialmente e acrescentou: — «O exercicio de 1952 foi muito sacrificado em virtude da redução da safra de café e de cereais e isto em consequencia da prolongada estiagem que também atingiu o solo mineiro. O trabalho de recuperação, entretanto, logo iniciado, está em sua fase de completo desenvolvimento».

— «Quanto á arrecadação, com as medidas adotadas pelo Governo, a perspectiva deste ano são as melhores possiveis. Os primeiros meses de 1953 foram consideravelmente melhores do que o periodo correspondente de 1952».

A uma pergunta nossa, esclareceu que a receita prevista na lei orçamentária para o próximo exercicio, está estimada em Cr$ ..... 3.100.000.000,00.

As obras do Binômio

— «As obras do binomio Energia e Transporte — explicou-nos — estão sendo financiadas através da quota da taxa de Recuperação Economica, vinculada ao plano que tem aquele nome. Os recursos que serão proporcionados pela Lei 396, que dispõe sobre a emissão de apólices, só virão mais tarde.

— «A aplicação desta lei vai caminhando normalmente bem, entrementes, essas apólices só poderão entrar no mercado depois de um prazo de 90 dias. Apenas as Coletorias Estaduais arrecadam importancias para a compra de apólices e com essas apólices os contribuintes que, porventura, estiverem em atraso, poderão pagar suas dividas ou multas ao Estado. O prazo a que aludimos acima está correndo desde o dia seis de junho. Quando terminar, então, as apólices entrarão no mercado».

Do programa de trabalho do Secretário das Finanças fazem parte as convenções fazendárias que periodicamente vem realizando. Perguntamos sobre a significação dessas convenções.

— «As convenções fazendárias têm o objetivo de uniformizar os processos de arrecadação. Tendo em vista a grande extensão do Estado, resolvemos realizar essas convenções, nas quais se reunem os funcionários que têm a seu cargo os trabalhos fazendários. Neles são dirimidas as duvidas que possam existir e estudadas as medidas destinadas aquela uniformização. O resultado desse trabalho está na melhoria da situação economica do Estado. Eles prosseguirão até que se chegue ao ponto considerado o desejado.

Empréstimos externos

Desejavamos saber se o empréstimo externo ora negociado pelo Governo do Estado com o Banco Internacional de Desenvolvimento teria outra aplicação que não a da Usina de Itutinga, gigantesca obra do atual governo; se êle se destinaria somente a Itutinga.

— «Não, — esclareceu o nosso entrevistado. — O engenheiro Lucas Lopes que viajou para os Estados Unidos foi assinar por parte da Cemig um contrato de fornecimento de equipamentos para a construção da Usina de Itutinga. Esse crédito (.... 7.300.000 dólares- será aplicado parte naquela usina e parte na aquisição de equipamentos para a lavoura. A taxa de juros combinada inicialmente estaria entre quatro e cinco por cento e o prazo de liquidação entre cinco e vinte anos. Os americanos, porém, estavam dispostos a oferecer novas vantagens sobre esse prazo. O engenheiro Lucas Lopes, entretanto, não comunicou nada ainda a respeito: mas parece ter ficado aquele prazo estipulado em vinte anos».

Perguntamos se o Govêrno do Estado pretende negociar outros empréstimos externos e assim soubemos, então, haver grupos financeiros interessados em colaborar com o governo mineiro, no fornecimento de equipamentos para a lavoura e a industria especialmente.

Cambio livre e o Café

Abordamos nosso entrevistado sobre a politica do cambio livre e seus reflexos, especialmente sobre o café.

— «A lavoura do café — disse-nos — está pleiteando a liberação do cambio para o café. Os cafeicultores estão empenhados nisto, porque, embora o preço do café esteja muito alto, êle é o mesmo já há quase três anos. Enquanto outras utilidades sobem de preço, o café tem estado estacionário.

Indagamos se esta politica de cambio livre não produziu a desvalorização indireta do cruzeiro e o Dr. José Maria de Alkmim explicou que a valorização de nossa moeda está em função da produção do pais e nossa produção não tem aumentado satisfatoriamente.

— «Enquanto não tivermos o aumento satisfatório da produção, não acredito que o cruzeiro possa melhorar no mercado de cambio.

Finalmente, disse-nos o Secretário das Finanças de Minas desconhecer os fundamentos das noticias relativas á sua ida para a diretoria do Banco do Brasil e adiantou-nos que logo que regressar a Belo Horizonte, viajará para o Rio, onde tratará com as autoridades federais de diversos problemas do seu Estado».

ATA DA 12ª REUNIÃO ORDINARIA DA COMISSÃO DE TRANSPORTES, COMUNICAÇÕES E OBRAS PUBLICAS

Aos vinte e oito dias do mês de maio do ano de mil novecentos e sessenta e cinco, ás quatorze trinta horas, na Sala José Proença, compareceram os senhores Deputados Sebastião Nascimento, Wilson Modesto e Carlos Megale, membros da Comissão de Transportes, Comunicações e Obras Publicas. O sr. Vice-Presidente, Deputado Sebastião Nascimento, assumindo a Presidência do aludido órgão técnico, verificando a existência de numero regimental, deu por aberto os trabalhos da presente reunião, fazendo-se proceder a leitura da Ata da reunião anterior, a qual, sem observações foi aprovada. Em seguida, o sr. Presidente passando-se á parte destinada á distribuição da matéria, coube ao Deputado Carlos Megale as indicações de ns. 845 e 835 e o Projeto 1.297 — 2ª discussão; ao Deputado Leão Borges as indicações de ns. 830, 828, 829, 831, 832 e 833; ao Deputado Florivaldo Dias o requerimento 930 e as indicações 841 e 837; ao Deputado Wilson Modesto o requerimento 929 e a indicação 836. Isto pôsto, passando-se á parte destinada á apreciação da matéria, lograram a aprovação aos seguintes pareceres favoráveis: os requerimentos de ns. 913 e 814 relatados pelo Deputado Carlos Megale. Nada mais havendo de que tratar, o sr. Presidente encerra a presente reunião, lavrando-se para constar a presente ata que vai assinada pelos srs. membros. Levanta-se a reunião.

Sala José Proença, 9 de junho de 1965.

(aa.) Florivaldo Dias, Presidente — Carlos Megale — Wilson Modesto.

ATA DA 17ª REUNIÃO ORDINARIA DA COMISSÃO DE REDAÇÃO

Aos três dias do mês de maio do ano de mil novecentos e sessenta e cinco, ás quinze horas, na Sala José Proença, reuniu-se a Comissão de Redação sob a Presidência do sentor deputado Ataliba Mendes e contando ainda com a presença dos senhores deputados Carlos Megale e Manoel Costa. Constatada a existência de numero regimental o senhor Presidente declara abertos os trabalhos da presente reunião, fazendo-se proceder a leitura da ata da reunião anterior, a qual, foi aprovada sem observações. Em seguida foi distribuido ao senhor deputado Manoel Costa o Projeto n. 1.091; ao senhor deputado Ataliba Mendes o Projeto n. 1.050 e ao senhor deputado Carlos Megale os Projetos ns. 1.102 e 995, aos quais apresentam pareceres de Redação Final, sendo todos aprovados por unanimidade. Verificando nada mais haver a ser tratado, o senhor Presidente encerra a presente reunião levantando-a logo após.

Sala José Proença, 3 de junho de 1965.

(aa.) Ataliba Mendes, Presidente — Manoel Costa — Cicero Dumont.

ATA DA 12ª REUNIÃO ORDINARIA DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Sob a Presidência «ad-hoc» da senhorá deputada Marta Nair e contando ainda com a presença dos senhores deputados Cicero Dumont e Lourival Brasil, ás quatorze e trinta horas do dia dois do mês de junho do ano de mil novecentos e sessenta e cinco, na Sala das Comissões dêste Legislativo, reuniu-se a Comissão de Educação e Cultura. Abertos os trabalhos foi a ata da reunião anterior aprovada sem a sua leitura, em virtude de solicitação do senhor deputado Lourival Brasil. Em seguida foram distribuidos ao senhor deputado Artur Fagundes a Indicação n. 843, á senhora deputada Marta Nair a Indicação n. 842, á senhora deputada Maria Pena a Indicação n. 850 e ao senhor Lourival Brasil o Projeto n. 1.191. Em seguida foram aprovados os seguintes pareceres favoráveis: á Indicação n. 840, relatado pela senhora deputada Marta Nair; aos Projetos ns. 1.339, 1.313 e ás Indicações ns. 816, 823, 804, 819 e 811, relatados pelo senhor deputado Lourival Brasil. Isto pôsto, constando nada mais haver a ser tratado, o senhor Presidente encerra a presente reunião, levantando-a logo após.

Sala José Proença, 2 de junho de 1965.

(aa.) Artur Fagundes, Presidente — Manoel Costa — Marta Nair Monteiro.